

CARLOS ALBERTO PLASTINO



AVENTURA FREUDIANA

ELABORAÇÃO E
DESENVOLVIMENTO DO
CONCEITO DE
INCONSCIENTE EM FREUD

... *A aventura freudiana*, título retirado de um fragmento da correspondência de Freud com Fliess, onde Freud se identifica com as figuras dos grandes descobridores e conquistadores, marcados pela tenacidade e impulsionados pelo desejo de desvendar os universos desconhecidos, para traçar então as suas fronteiras.

Joel Birman

Ficha Catalográfica elaborada pela
Divisão de Processamento Técnico SIBI/UFRJ

P715a Plastino, Carlos Alberto
A aventura freudiana, elaboração e desenvolvimento do
conceito de inconsciente em Freud. Rio de Janeiro, Editora
UFRJ/Tempo Brasileiro, 1993.

170 p.: 14 x 21 cm

Originalmente apresentado como tese (mestrado)
Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Bibliografia: pp. 159-170

ISBN: 85.7103-083-6

1. Freud. 2. Inconsciente. 3. Psicanálise. 4. Saber.
I. Título.

CDD: 150.195

CARLOS ALBERTO PLASTINO

A AVENTURA FREUDIANA
ELABORAÇÃO E DESENVOLVIMENTO
DO CONCEITO DE INCONSCIENTE EM FREUD

EDITORA UFRJ

TEMPO BRASILEIRO
Rio de Janeiro – RJ – 1993

Direitos desta edição reservados à Editora UFRJ e
TEMPO BRASILEIRO

Copyright © 1993 by Carlos Alberto Plastino

Revisão:

Daniel Camarinha da Silva

Josette Babo

Marcelo Torres

Capa:

Alice Brito

Editoração Eletrônica:

VIDA – Editoração por Computador

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Forum de Ciência e Cultura

Editora UFRJ

Conselho Editorial

Darcy Fontoura de Almeida, Gerd Bornheim, Gilberto Velho,
Giulio Massarani, José Murilo de Carvalho, Margarida de
Souza Neves, Silviano Santiago, Wanderley Guilherme dos
Santos.

Editora UFRJ

Forum de Ciência e Cultura

Av. Pasteur, 250 – 1º andar – Rio de Janeiro

CEP 22306-240

Tel.: (021) 295-1595 R. 18/19 FAX.: (021) 295-2346

EDIÇÕES TEMPO BRASILEIRO

Rua Gago Coutinho, 61 – Caixa Postal 16099

CEP 22221-070

Rio de Janeiro – RJ – Brasil

Tel.: (021) 205-5949 FAX.: (021) 225-9382

Para Eduardo y Mateus

Para María Eugênia

A la memoria de mi padre,
de mi hermano Roberto
y de mi hijito Rafael.

Sou, por temperamento, nada além de um conquistador.
Se você quiser que eu traduza, um aventureiro,
com toda a curiosidade, ousadia e tenacidade
características de um homem dessa espécie.

Sigmund Freud
(Carta a Fliess – 1/2/1900)

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO:	
A Descoberta Freudiana do Inconsciente na Aventura Psicanalítica/Joel Birman	15
INTRODUÇÃO	21
CAPÍTULO I:	
A Emergência das Noções Fundamentais	29
1.1. O valor do tratamento anímico	31
1.2. A influência de Charcot	32
1.3. Os caminhos da descoberta freudiana	35
1.4. O “núcleo” da psicanálise	37
1.5. O inconsciente	38
1.6. Defesa e resistência	39
1.7. O valor etiológico da vida sexual	40
1.8. As psiconeuroses de defesa	41
1.9. A procura do fundamento científico	42
1.10. O impasse do <i>Projeto de psicologia para neurologistas</i>	51
1.11. Realidade e fantasia	53
1.12. A descoberta do Édipo	55
1.13. O papel das fantasias	55
1.14. A preservação do real	56

1.15. O <i>insight</i> freudiano	57
1.16. Continuidade na ruptura	59

CAPÍTULO II:

Descoberta e Exploração de um Mundo Novo	71
2.1. Novidade em <i>A interpretação dos sonhos</i> . .	72
2.2. A primazia da clínica	73
2.3. A questão dos “fatores orgânicos”	75
2.4. A exploração do mundo da fantasia	76
2.5. Os sonhos na literatura científica	77
2.6. A deformação onírica	78
2.7. O simbolismo nos sonhos	80
2.8. A questão do sentido	82
2.9. A teoria sobre os sonhos e o inconsciente . .	84
2.10. O pensamento onírico e o trabalho do sonho	85
2.11. A deformação onírica	89
2.12. A elaboração secundária	92
2.13. A primeira síntese metapsicológica	94
2.14. O aparelho psíquico	97
2.15. Os desejos e a formação dos sonhos	101

CAPÍTULO III:

Desenvolvimento, Ampliação e Impasses da Teoria Freudiana	115
3.1. A concepção do inconsciente em 1915	117
3.2. Representação-coisa e representação-palavra	122
3.3. A questão do recalque	124
3.4. A problemática dos afetos	126
3.5. A segunda teoria da angústia	127
3.6. O pensar, o afeto e o sentido inconscientes .	129
3.7. Angústia e recalque	130
3.8. Defesa e recalque	134

3.9. A questão dos “fatores orgânicos”	134
3.10. O Édipo como complexo	139

CONSIDERAÇÕES FINAIS	145
Um saber novo e um novo modo de saber	146
O ego e o id	151

BIBLIOGRAFIA CITADA	159
-------------------------------	-----

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA	165
-----------------------------------	-----

APRESENTAÇÃO

A DESCOBERTA FREUDIANA DO INCONSCIENTE NA AVENTURA PSICANALÍTICA

Joel Birman

Apesar deste livro se instituir na sua primeira incursão de fôlego no campo da psicanálise, já antecipada contudo em diversos ensaios e artigos nos últimos anos, Carlos Alberto Plastino trouxe para a pesquisa da obra freudiana a maturidade intelectual conquistada nos campos das ciências sociais e política. Foi com esse legado que Plastino se debruçou sobre os textos de Freud para forjar a sua leitura sobre a constituição do conceito de inconsciente.

A sua Dissertação de Mestrado em Teoria Psicanalítica foi reconhecida unanimemente pela sua excelência, pela banca examinadora, na ocasião de sua defesa pública no Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, em dezembro de 1991. Publicada agora como livro, o leitor poderá constatar a marca inconfundível de mestria do seu autor, pois a sua escritura revela a articulação tensa entre o rigor e o vigor na investigação da teoria psicanalítica.

A obra de Plastino está à altura do seu título, aliás excelente: *A aventura freudiana*. Este título foi retirado de um fragmento da correspondência de Freud com Fliess, onde Freud se identifica com as figuras dos grandes descobridores e conquistadores ⁽¹⁾, marcados pela tenacidade e impulsionados pelo desejo de desvendar os universos desconhecidos, para traçar então as suas fronteiras. Com isso, a obra procura destacar desde o início o que existe de aventura na descoberta da psicanálise. A invenção da psicanálise implica então em ousadia e em risco existencial, já que o descobridor pode ser engolido pelos “mares nunca antes navegados” (Camões).

Evidentemente, essa aventura não se restringe apenas ao contexto histórico da descoberta, ao momento em que Freud constituiu uma nova forma de saber e de prática clínica sobre o sujeito no final do século XIX, mas é uma aventura que se renova desde então de forma incansável, quando um sujeito suposto sofrer procura um analista para decifrar os seus impasses existenciais e o congelamento do seu desejo. É para esta aventura sempre reaberta que a obra nos remete, pois ao atingir a linha tênue entre a vida e a morte, dilacerado nos seus emblemas identificatórios, a experiência psicanalítica se impõe ao sujeito como a metáfora da pulsação do seu desejo diante do seu obstáculo existencial. É tudo ou nada, ou quase isso, no paradoxo constituinte do percurso psicanalítico. Desta maneira, a experiência analítica é marcada necessariamente pelo risco, pelos acidentes de percurso e pelo insólito, já que se é o impasse entre a vida e a morte que está em pauta, a sua assunção pelo sujeito revela a sua dimensão trágica e se impõe uma aventura no universo do imprevisível.

Por isso mesmo, na sua reflexão trágica sobre a guerra e a morte, quando pôde sublinhar pela primeira vez a pregnância da morte e do risco na existência humana, Freud evocava o poeta e dizia “navegar é preciso, viver não é preciso”⁽²⁾. Portanto, existiria um momento de inflexão trágica no percurso de uma existência, em que o sujeito se defronta com a morte e a aventura se impõe de forma incontornável. Nesse momento não há mais lugar, pois, para a hipocrisia, já que se esgotaram os recursos cênicos para se salvar a face e a pele. É viver ou morrer.

É neste clima denso que a obra de Plastino nos lança neste universo trágico. Apesar de ser uma pesquisa em teoria psicanalítica, onde se tematiza o desenvolvimento do conceito do inconsciente e se empreende grandes comentários sobre a epistemologia freudiana, no seu interstício pulsam, contudo, as marcas teóricas que evidenciam o percurso do sujeito na experiência psicanalítica. No inconsciente dessa escritura elegante se revelam as lacunas da dor, da morte e do gozo impossível, que impulsionam o sujeito para a aventura psicanalítica.

Essa problemática latente do texto se revela na sua escritura por duas indicações preciosas: a maneira de desenvolver a descoberta do conceito de inconsciente e a formulação de que a regulação epistemológica da metapsicologia freudiana se realizaria pelo *a priori* da experiência analítica. Vale dizer, Plastino sustenta duas formulações importantes, que indicam o seu engajamento na aventura psicanalítica.

Assim, o conceito axial de inconsciente, como objeto teórico da psicanálise, funcionaria como instância epistemológica de regulação interna do discurso freudiano, norteador como uma bússola implacável

a própria descoberta da psicanálise. O que implica em dizer, de forma líquida e certa, que a construção do conceito teórico do inconsciente no plano do discurso metapsicológico teve como *a priori* a análise de Sigmund Freud, pelos impasses que a sua existência lhe colocou.

Com isso se pode enunciar uma outra formulação fundamental: a clínica psicanalítica regularia a construção e a desconstrução das diversas metapsicologias freudianas, ao longo da totalidade da obra psicanalítica forjada por Freud no seu percurso. Enfim, seriam as demandas de análise e os seus impasses que fundariam a construção metódica dos conceitos metapsicológicos.

Em função disso se sublinha que o agulhão das descobertas e das redescobertas teóricas na psicanálise se funda na experiência psicanalítica. O solo da metapsicologia freudiana seria a clínica analítica fundada na transferência. Por isso mesmo, Freud se vale de maneira indiferente de enunciados psicológicos e fisiológicos, sem precisão terminológica aparente, na medida em que são as oscilações e as vicissitudes da experiência psicanalítica que norteariam a enunciação dos conceitos do discurso freudiano.

Assim, Freud pode não ser talvez um autor preciso nos seus enunciados, valendo-se de diferentes campos teóricos de referência para a constituição da psicanálise, mas isso não lhe retira absolutamente o estatuto de ser um teórico rigoroso. Para isso, então, Freud precisa se debruçar sobre o inconsciente, evanescente objeto teórico, que ao mesmo tempo constrói e descobre. Entretanto, é preciso forjar ao lado disso uma nova linguagem, passando pela apropriação das antigas línguas conceituais que tem à sua disposição, para enunciar, então, de forma consistente, o que define o saber psicanalítico.

Nesta perspectiva, Freud pode ser considerado como sendo um autor paradoxal, pois se filiaria a diferentes tradições filosóficas do *empirismo* e do *racionalismo*, como já foi assinalado por diversos comentadores de sua obra. Porém, Freud se apropriou dos diferentes discursos teóricos sobre o psiquismo que encontrou à sua disposição no arquivo teórico da segunda metade do século XIX, que funcionaram como a *fonte* dos seus enunciados. Contudo, uma fonte não é uma *matriz*, pois se as fontes são diversificadas e dispersas, uma matriz é marcada pela sistematicidade e pela ordenação do conjunto, imposta por uma regra conceitual. O que implica em dizer que Freud construiu teoricamente uma nova matriz de interpretação, fundado na experiência psicanalítica.

Assim, Freud se debruçou sobre a clínica que construiu em outras bases, tecendo fragmento por fragmento as suas linhas axiais nos seus menores detalhes, pela sua *escuta*. Pôde inventar, então, o que

seria *originário* na clínica que praticava, encontrando-se aí a matéria-prima do seu empirismo radical e a sua exigência de *cientificidade*. Esta seria a matriz freudiana, o que nortearia a sua apropriação nas fontes discursivas do final do século XIX.

Desta maneira, seriam as exigências teórica e ética da clínica psicanalítica, centradas na intersubjetividade da relação analítica e fundadas na transferência, que regulariam as transformações conceituais no discurso freudiano e os diversos impasses da metapsicologia. Em decorrência deste solo epistemológico, Freud podia enunciar, portanto, que os conceitos metapsicológicos seriam *convencionais*, pois poderiam ser perfeitamente descartados e redefinidos conforme as vicissitudes impostas pela experiência psicanalítica. Nesta estaria ancorada a positividade da psicanálise, a sua condição de possibilidade para se enunciar como metapsicologia.

Neste contexto, podemos compreender a relação do discurso freudiano com a idéia de *especulação*, apesar da ojeriza paradoxal de Freud pela filosofia. Com efeito, Freud se aventurou bastante no exercício da especulação, principalmente nos momentos mais fecundos de sua obra. A especulação freudiana se apresenta sempre como uma ruptura, como o estabelecimento de uma descontinuidade no registro do discurso freudiano. Por isso mesmo a descontinuidade enunciada no discurso teórico tem como um dos seus efeitos a produção de um impacto nos seus discípulos, justamente porque esses se adequaram aos significados já instituídos pelo mestre e ficaram então desorientados com a inovação conceitual. Assim se realizou com a constituição do conceito de pulsão de morte, anunciado inicialmente como sendo do registro da especulação. Entretanto, a inovação conceitual enunciada como sendo da ordem da especulação e que se descolava do discurso teórico estabelecido até então, se forja no diapasão da experiência psicanalítica, sendo essa o seu espelho. Enfim a especulação freudiana indica o esforço teórico de Freud para restaurar, no registro do discurso metapsicológico, o que se indicava na experiência psicanalítica.

Com isso, podemos destacar uma outra dimensão dessa reflexão sobre a metapsicologia freudiana que, se estava presente desde os primórdios da investigação freudiana, se enunciou com mais vigor e liberdade retórica nos momentos tardios do discurso freudiano. Nessa outra dimensão a metapsicologia psicanalítica se identifica com o conceito de *fantasiar*, nos registros teóricos e clínicos, e nas perspectivas tópica, dinâmica e econômica da leitura dos processos psíquicos. A feiticeira metapsicológica, como a ela se refere Freud evocando Goethe, considerando-se pois que a metapsicologia se identifica com

a concepção de teoria em psicanálise, se desdobra na possibilidade de produção de fantasia pelo sujeito.

Paradoxo teórico? Não acreditamos nisso, não existindo então para nós qualquer paradoxo em pauta. Que a metapsicologia se identifique com a feitiçaria e com a bruxaria, é a evidência cabal de que a especulação freudiana se funda na experiência psicanalítica, sendo essa o solo trágico que funciona como sendo a condição de possibilidade do discurso da metapsicologia.

Enfim, para que se possa percorrer os universos desconhecidos com a bússola do desejo, para que se possa aventurar nas rotas do imprevisível, é preciso que o sujeito navegue com as suas fantasias, condição fundamental para que se norteie no seu percurso acidentado.

NOTAS

- ¹ Carta de Freud a Fliess, 1/2/1900. In: Masson, J. M. *A correspondência completa de S. Freud a W. Fliess (1887 - 1904)*. Rio de Janeiro, Imago, 1986.
- ² Freud, S. "Considérations actuelles sur la guerre et sur la morte" (1915). In: *Essais de Psychanalyse*. Paris, Payot, 1981, p. 28f
- ³ Freud, S. "Pulsions et destins de pulsions" (1915). In: Freud, S. *Métapsychologie*. Paris, Gallimard, 1968.
- ⁴ Freud, S. "Au-delà du principe du plaisir" (1920). In: Freud, S. *Essais de Psychanalyse*. Op. cit.

INTRODUÇÃO

O objeto teórico deste trabalho é o conceito de inconsciente na obra de Freud. Trata-se de um objeto construído pelo discurso da psicanálise, razão pela qual a compreensão de sua elaboração e desenvolvimento exige a intelecção da formulação e das transformações sofridas por outros conceitos, com os quais se articula. Esta concepção do objeto assinala as características do método utilizado. Com efeito, visando a apreender nosso objeto e considerando-se, ao mesmo tempo, as vicissitudes de sua emergência, de suas transformações e das articulações que mantém com a teoria como conjunto, o método indicado parece-nos ser o que definimos como histórico-estrutural.

Proceder à abordagem histórica de um conceito supõe acompanhar o processo de sua emergência e transformações, respeitando as peculiaridades do trabalho teórico, do qual ele emana, sem minimizar os movimentos de ruptura nem dissimular seus impasses e contradições. Proceder a uma abordagem estrutural significa pôr a análise do conceito no quadro conceitual global no qual aquele se insere, constituindo uma teoria. Esta abordagem estrutural não deve ser confundida com uma abordagem sistêmica, se por esta se entende a construção de um quadro teórico, realizada a partir de um princípio unificador. Nesta última perspectiva, a lógica constitutiva do sistema impõe-se como critério central na determinação dos conceitos que integram o quadro teórico e em sua articulação, decidindo, inclusive, se determinado conceito deve ou não ser integrado à teoria. Para a metodologia aqui proposta todas as formulações freudianas têm uma razão de ser no interior de sua obra, mesmo aquelas consideradas insustentáveis no nível atual de nossos conhecimentos. A perspectiva histórico-estrutural não ignora estas formulações, mas se propõe a elucidar seu significado na obra freudiana, isto é, o movimento pelo qual tais formulações se tornaram necessárias na articulação do pensamento de Freud.

As considerações precedentes permitem compreender o que se pretende ao se apresentar como objeto teórico o conceito de

inconsciente em Freud. Não se trata, obviamente, de reproduzir escolasticamente o discurso freudiano, sustentando-nos na autoridade de sua palavra, mas – convém insistir – de acompanhar as vicissitudes de produção e remanejamento do conceito, no bojo da produção e das transformações sofridas pelo discurso no qual esse conceito se insere. Trata-se, ainda, de respeitar a metodologia freudiana, na qual a produção conceitual emerge e se reordena sob o impacto conjugado, tanto de seu permanente confronto com a experiência clínica, quanto das exigências da coerência interna do discurso.

Não pretendemos afirmar, obviamente, que a leitura a que nos propomos seja a única pertinente. Nosso objetivo é o de compreender o processo de formulação teórica, através do qual Freud apreendeu o objeto novo por ele descoberto. Nada impede, é claro, que esse mesmo objeto seja utilizado por perspectivas diversas à seguida por Freud, ou a partir de pressupostos epistemológicos diferentes dos seus. Este caminho, que não é o nosso, é sem dúvida legítimo, competindo, a quem o empreender, a responsabilidade de demonstrar a pertinência de seus pressupostos epistemológicos.

Convém, ainda, neste ponto, esclarecer o sentido que presidiu à escolha da bibliografia utilizada na elaboração deste trabalho, limitada quase exclusivamente às obras do próprio Freud. Procuramos, com esta opção, favorecer a leitura adequada à aplicação do método histórico-estrutural. Este consiste, como foi salientado, em acompanhar a emergência de cada conceito e de suas diversas articulações, bem como os movimentos da estrutura teórica no seu conjunto, no quadro dos pressupostos epistemológicos e do instrumental teórico utilizados por Freud. As contribuições de outros autores, às vezes de grande significação, ter-nos-iam desviado desse objetivo, à medida que suas leituras se articulam a partir de perspectivas epistemológicas que lhes são próprias e se utilizam de instrumental teórico também específico a cada caso ou escola de interpretação. Distinguimos, acima, o objeto teórico construído por Freud das reconstruções desse objeto a partir de outras perspectivas. Seria, sem dúvida, de grande importância proceder-se a um estudo comparativo dessas perspectivas, entre si e com as do próprio Freud. Possivelmente um procedimento desse tipo contribuiria para evitar polêmicas que se tornam estéreis, precisamente por não explicitarem os pressupostos sobre os quais se sustentam as diversas posições. Este empreendimento, entretanto, excederia os limites desta pesquisa.

Não temos a ingenuidade de acreditar que nosso próprio trabalho está isento de interpretações. Também não ignoramos que estas são, em algum grau, tributárias do muito que aprendemos na leitura de

outros autores, sejamos ou não disso conscientes. No intuito de sinalizar, mesmo que de forma difusa, essas fontes, indicamos, na bibliografia, além das obras citadas, outras que denominaremos de autores consultados. Entretanto, durante a elaboração deste trabalho, as leituras que fizemos das obras de autores outros que Freud foram escassíssimas. Assim procedendo, visamos a evitar o risco de, inspirados por leituras sustentadas em escolhas epistemológicas específicas, afastarmos-nos do procedimento que é próprio ao método que adotamos. Um exemplo contribuirá para esclarecer nossa compreensão desta questão. Como é sabido, a afirmação de conteúdos psíquicos transmitidos por via hereditária constitui um elemento central na teoria freudiana. Essa hipótese assinala a necessidade teórica de Freud de postular a existência de conteúdos psíquicos anteriores ao processo de recalque, exigência esta que levou a um impasse na teoria do recalque, na segunda síntese metapsicológica e teve importante participação na inspiração da segunda tópica. Ela não pode, pois, ser desconsiderada, mesmo que a via de transmissão pensada por Freud seja inaceitável. A leitura que assinala – na hipótese freudiana de conteúdos psíquicos herdados – a indicação de uma estrutura pré-subjetiva, é sem dúvida pertinente. No contexto da concepção de Freud, todavia, ela é insuficiente. Com efeito, a preocupação de Freud não é apenas a de assinalar o lugar desse elemento pré-subjetivo na estrutura teórica, mas a de explicar sua emergência. Esta perspectiva diacrônica é inquestionavelmente importante na obra freudiana, não podendo, em consequência, ser ignorada na leitura aqui proposta.

Na hipótese central de nosso trabalho, o discurso freudiano funda um novo campo de saber e, ao mesmo tempo, uma epistemologia que lhe é específica. Ele constitui, em consequência, uma ruptura não apenas com os saberes de sua época, mas com a própria concepção do fenômeno humano. Entretanto, esse saber se insere na continuidade de um processo de produção de conhecimentos, manifestada de um lado nos pressupostos materialistas, empiristas e racionalistas de Freud, e, de outro, no instrumental teórico utilizado por este para construir sua teoria. Os momentos de ruptura, cujos limites discutiremos, tanto em relação aos pressupostos mencionados como ao instrumental teórico, resultam, no nosso entender, da compreensão freudiana da intervenção do próprio objeto – o inconsciente – na produção do saber.

A concepção freudiana do homem insere-se no pensamento da modernidade. Esta, como se sabe, considera o homem – sustentado por sua capacidade de imaginar, explicar e agir – como artífice do mundo, isto é, como sujeito da modificação da natureza e da construção da sociedade. Nesta concepção – sintetizada no célebre apotegma de

Goethe, segundo o qual “no princípio era a ação” – inscreve-se Freud, que conclui seu *Totem e tabu* com o mencionado apotegma. Filia-se, todavia, incorporando a marca do saber por ele produzido. Assim, na perspectiva freudiana, a ação não é considerada como a obra de um indivíduo autônomo, senhor de sua vontade racional, mas como o produto de um sujeito dividido, impulsionado também pelo inconsciente. A participação de algo não racional na construção do mundo humano caracteriza, assim, a especificidade do discurso freudiano, erodindo o otimismo existente no pensamento da modernidade.

Como é sabido, Freud considerava-se um empirista, o que exige uma adequada compreensão. Seu empirismo representa mais uma atitude em relação ao homem, à natureza e, sobretudo, aos métodos de investigação, do que a adesão a uma determinada escola de pensamento. Em Freud, o empirismo, em consequência, se define seja negativamente pela rejeição do idealismo filosófico, seja positivamente, pela concepção da ciência como construção conceitual, realizada a partir da descrição dos fenômenos e de seu posterior ordenamento e articulação. Todavia, o empirismo freudiano não significa a adesão a uma concepção ingênua, segundo a qual a percepção seria idêntica ao percebido. Assim, na sua obra *A pulsão e seus destinos*, Freud salienta que, desde o início, a atividade científica exige que se apliquem idéias abstratas aos fenômenos que busca descrever. Em um trabalho pioneiro, acrescenta, essas idéias devem ser recolhidas em outras regiões do saber.

Assinalamos, no parágrafo anterior, que o empirismo freudiano significava a rejeição do idealismo filosófico ou, para dizê-lo com as palavras do próprio Freud, a “aversão às metafísicas grandiosas”. Esta aversão à filosofia, na acepção assinalada, não deve, contudo, ser confundida com oposição à especulação. Neste tema, do qual nos ocupamos na parte final deste trabalho, cristalizam-se, a nosso ver, de um lado, a insuficiência – crescentemente verificada por Freud – do instrumental teórico tomado de empréstimo a outras áreas do conhecimento e, de outro, as descobertas dos poderes do próprio objeto captado por Freud. Como veremos nas considerações finais deste trabalho, no cerne desta problemática insere-se a questão dos limites da razão, que se constitui na evolução do pensamento epistemológico freudiano, um tema não resolvido.

Também no sentido positivo, isto é, quanto à atitude frente aos métodos de investigação, o empirismo freudiano possui um sentido que lhe é específico. Ele se define pela prioridade outorgada à clínica – entendida como relação intersubjetiva, sustentada na transferência e na vivência da resistência – na hierarquia epistemológica da psicanálise.

Esta definição da clínica não constitui, por sua vez, pressupostos da teoria, mas descobertas realizadas na própria prática clínica. Assim, a especificidade da epistemologia psicanalítica reside no fato de que os fundamentos da experiência psicanalítica só podem ser produzidos no interior da própria experiência. Noutro registro, o papel atribuído por Freud à especulação na construção de seu saber constitui o reconhecimento da participação do inconsciente na produção teórica forjada para a apreensão do próprio inconsciente.

A primazia da experiência clínica, entendida na especificidade indicada, determina a significação das construções metapsicológicas na obra freudiana. Elas constituem, como mostraremos, superestruturas teóricas, erigidas sobre aquela experiência e marcadas pelo caráter provisório. Nesta ótica, assinalaremos a defasagem existente na obra de Freud entre, de um lado, os conhecimentos mais ligados à prática clínica e, de outro, a tradução desses conhecimentos no registro metapsicológico. Essa defasagem testemunha as dificuldades enfrentadas por Freud para construir uma explicação metapsicológica de um objeto radicalmente novo. Para superá-las, teve de utilizar, nessa construção, instrumentos teóricos tomados de outras áreas do conhecimento. É preciso, entretanto, salientar as diferenças existentes entre a primeira acepção da metapsicologia – na qual se inserem as perspectivas econômica, tópica e dinâmica – e a segunda acepção, centrada na especulação como produto da fantasia. Ocupar-nos-emos deste tema na parte final de nosso trabalho.

As breves considerações contidas nos parágrafos precedentes não pretendem constituir uma apresentação da epistemologia freudiana. Elas visam, apenas, a evidenciar que, tendo sido esta construída ao mesmo tempo que seu objeto, para compreendê-la, a melhor maneira é acompanhar o processo de elaboração teórica empreendido por Freud, assinalando oportunamente o impacto das novas descobertas no registro epistemológico.

Acompanhando esse processo, mostraremos, no primeiro capítulo, a emergência do que Freud considerará, mais tarde, como as doutrinas fundamentais do edifício teórico da psicanálise. Discutiremos a progressiva compreensão, sustentada na prática clínica, da existência de processos inconscientes e de mecanismos psíquicos de resistência, bem como da significação das vivências infantis e da vida sexual. Nesse contexto, abordaremos a evolução do pensamento freudiano, desde os textos em que informa sobre sua experiência com Charcot, até aqueles em que expõe suas primeiras teorias sobre as neuroses.

Concluiremos este primeiro capítulo discutindo a significação do duplo fracasso constituído pelo abandono da teoria do trauma e da

tentativa contida no *Projeto de psicologia para neurologistas*. Indicaremos, também, a mudança qualitativa operada por Freud a partir do *insight* do qual nasce *A interpretação dos sonhos* e são ressignificados os conhecimentos antes adquiridos.

No segundo capítulo, acompanharemos o pensamento freudiano na exploração daquilo que ele denominara “mundo novo”. Veremos assim que a obra de Freud se processa em dois registros, cuja articulação, como já assinalamos, consideramos problemática. O primeiro deles, mais diretamente tributário das práticas clínicas e da interpretação de sonhos, parece-nos apresentar importantes pontos de contradição com o segundo registro, no qual Freud oferece sua primeira síntese metapsicológica. Estas dificuldades de articulação teórica se cristalizam, a nosso ver, na concepção dos pensamentos oníricos como pensamentos pré-conscientes, concepção esta que obriga Freud a sugerir a existência de uma segunda censura, situada entre o pré-consciente e a consciência, erodindo-se assim o critério central sobre o qual constrói sua primeira tópica.

Seguimos, portanto, nos dois primeiros capítulos, a totalidade da obra de Freud referente ao período histórico considerado, tentando mostrar a articulação existente entre os diversos caminhos por ele tentados para apreender seu objeto. As limitações decorrentes das circunstâncias em que este trabalho foi elaborado impedem-nos de seguir um procedimento similar para a discussão da obra freudiana após 1900. A opção foi, em consequência, limitarmos-nos, no terceiro capítulo, a discutir a evolução da concepção freudiana do inconsciente, assinalando a passagem de uma perspectiva que privilegia o processo para outra que pensa o inconsciente como real. Neste contexto, discutiremos a concepção da segunda síntese metapsicológica, assinalando a riqueza e os impasses que caracterizam os artigos *O inconsciente* e *O recalque*. Mostraremos que, se de um lado esses textos de 1915 antecipam a problemática que derivará na formulação da segunda tópica, de outro explicitam o impasse do pensamento freudiano em torno da concepção do recalque. Atribuímos esse impasse à persistência, na metapsicologia freudiana, dos pressupostos racionalistas que balizam a compreensão da emergência do saber e da consciência.

A abordagem freudiana dos processos psíquicos – primeiramente dos fenômenos psiconeuróticos e depois da constituição do psiquismo – processa-se, no nosso entender, a partir da consideração de dois fatores, aqui denominados, respectivamente, “internos” e “externos”. Os fatores externos, caracterizados antes de 1900 no trauma sofrido pelo sujeito, cristalizam-se depois no processo de recalque, conforme o sentido dado no parágrafo anterior. Correlativamente, os fatores

internos aludem a tudo aquilo que no sujeito é ativo e eficiente, antes de se verificar o processo de recalque. Nesta concepção, Freud assimila, em diversos textos, os fatores que denomina orgânicos a outros que, constituindo nitidamente conteúdos psíquicos, chegam até o sujeito transmitidos por via filogenética. Esta assimilação parece-nos obedecer à função que Freud atribui aos fatores internos, na sua estrutura teórica. Com efeito, entendendo o recalque como produto da atividade do pré-consciente – ou, na segunda tópica, da parte pré-consciente do ego – e afirmando, ao mesmo tempo, que essas instâncias emergem do próprio recalque, Freud é obrigado a sustentar a existência de conteúdos inconscientes anteriores ao recalque. Outrossim, na medida em que percepção e saber supõem a atividade pré-consciente, esses conteúdos só podem ser atribuídos a uma herança transmitida por via filogenética. Esta última hipótese, cuja inverossimilhança não escapava a Freud, ocupa, em sua concepção teórica, um lugar que não pode ser ignorado. Ela enfatiza a existência, no sujeito, de conteúdos psíquicos anteriores à sua inserção na cultura, mediada pela atividade da razão conceitual.

Discutiremos essa questão no terceiro capítulo e em nossas considerações finais, mostrando que a formulação da segunda tópica insere-se num processo que, visando a superar os impasses da síntese metapsicológica precedente, produz uma significativa mudança no próprio processo de construção do saber freudiano. Salientamos, neste ponto – em que pese a vinculação da segunda tópica à experiência clínica – que esta segunda tópica não constitui a superestrutura de saberes vinculados a essa experiência, mas o resultado do que Freud denomina uma intuição ou, ainda, uma visão. Assinalaremos a formulação, neste contexto, de uma segunda acepção da metapsicologia, entendida como um imaginar e um fantasiar metapsicológicos. Este rico e complexo processo vincula-se, no nosso entender, à nova compreensão freudiana dos afetos. No texto em que formula sua segunda teoria sobre a angústia, estes deixam de ser apresentados como obrigatoriamente atrelados ao sentido de uma representação pré-consciente, para se erigirem no ponto de partida da constituição do psiquismo.

Entretanto, se de um lado sublinharemos a importância fundamental que, a nosso ver, deve ser atribuída ao texto *Inibição, sintoma e angústia* no percurso teórico freudiano, por outro indicaremos que o novo saber que ele veicula não é articulado por Freud à sua concepção tópica, obrigando-o, portanto, a continuar sustentando a existência de conteúdos psíquicos herdados. Neste último ponto, encontramos fundamento para discutir a concepção epistemológica freudiana. Se em sua progressiva compreensão do inconsciente Freud descobriu a exis-

tência de comunicação entre inconscientes e, de maneira mais geral, a existência de uma transmissão de saber não mediada pela razão conceitual, mostraremos que este saber não foi articulado com o que denominamos a epistemologia oficial de Freud.

No final deste percurso, parece-nos que a obra freudiana constitui um sistema aberto, construído a partir do respeito intransigente às descobertas, muitas vezes desorientadoras, de seu próprio objeto e de seus poderes. Mudando radicalmente a concepção do próprio fenômeno humano, a construção da teoria sobre o inconsciente é inseparável da compreensão dos poderes do inconsciente. As dificuldades desta empresa, na qual o saber procurado pela psicanálise pode ser comparado a uma chave encerrada num cofre que só pode ser aberto com esta mesma chave, ilustram as dimensões do gênio criador de Freud e da aventura emocional e intelectual por ele protagonizada.

CAPÍTULO I

A EMERGÊNCIA DAS NOÇÕES FUNDAMENTAIS

A formulação do conceito de realidade psíquica, no capítulo VII de *A interpretação dos sonhos*, tem sido, com frequência, considerada como um momento de ruptura na obra freudiana. Tratar-se-ia, segundo essa leitura, de uma ruptura fundadora, através da qual o abandono do realismo do período precedente teria tornado possível o nascimento da psicanálise.

Esta interpretação, necessária para inserir a psicanálise no quadro de uma epistemologia exógena ao empreendimento freudiano, não corresponde ao processo histórico de produção da teoria psicanalítica ⁽¹⁾. É esse processo histórico que procuraremos recuperar neste trabalho. Assim, é de continuidade na ruptura que falaremos neste primeiro capítulo, dedicado a acompanhar a emergência das noções fundamentais da teoria psicanalítica, sua conceituação e articulação teórica. Seguindo o caminho aconselhado por Freud ⁽²⁾, daremos ênfase particular àquelas noções que o próprio Freud considerou sempre as peças centrais de sua teoria: “Las doctrinas de la resistencia y de la represión de lo inconsciente, del valor etiológico de la vida sexual y de la importancia de las vivencias infantiles son los principales componentes del edificio doctrinal del psicoanálisis” ⁽³⁾.

Na leitura da obra freudiana avaliaremos a significação dos conceitos cunhados pelas ciências naturais e utilizados por Freud na construção de sua teoria. Tentaremos distinguir, de um lado, a relevância desses conceitos enquanto premissas filosóficas e, de outro, sua utilização como instrumentos para explicar, figuradamente, a partir do conhecido, o desconhecido contido nas descobertas freudianas. Neste segundo sentido, enfatizaremos que, através do recurso a categorias das ciências naturais, Freud refere-se a uma dimensão cuja postulação considera essencial à construção de sua teoria e que essa dimensão não será abandonada, mas sim reformulada no contexto da descoberta da realidade psíquica ⁽⁴⁾.

Insistir na continuidade da obra freudiana não significa ignorar a relevância dos momentos fortes dessa obra, aqueles que sintetizam uma nova – e por vezes revolucionária – compreensão. Podem ser vistos como momentos de ruptura, se considerarmos este termo não como expressão do abandono dos conhecimentos anteriormente produzidos, mas como a instância de sua ressignificação e rearticulação. Neste último sentido, de continuidade na ruptura, convém – a nosso ver – entender a relação existente entre a *A interpretação dos sonhos* e as obras que a precederam e a tornaram possível.

Todavia, antes de iniciar nosso percurso, convém responder a uma possível objeção: é pertinente afirmar a continuidade da obra freudiana, quando o próprio Freud, avaliando retrospectivamente o significado de *A interpretação dos sonhos*, afirma que ela contém “a mais valiosa das descobertas que tive a fortuna de fazer”? ⁽⁵⁾ E ainda mais, que no mesmo texto nos apresenta sua descoberta como sendo o fruto de um *insight* que só acontece uma vez na vida? O termo *insight* ⁽⁶⁾, utilizado por Freud, parece evocar uma súbita inspiração, a aquisição intuitiva de uma verdade a partir da qual a teoria pode ser deduzida. Entretanto, é o próprio Freud quem desautoriza essa interpretação. Com efeito, ao referir-se, em 1932, à gênese de sua descoberta ⁽⁷⁾, não apenas descreve as etapas sucessivas, mas assinala expressamente a decisiva incidência da prática clínica na evolução de sua teoria. Lembra como, na condição de especialista em doenças nervosas, chegou à conclusão de que as neuroses constituíam doenças psíquicas que deviam ser tratadas por meios psíquicos. Explica a seguir que, ao centrar seu interesse na psicologia, foi importante descobrir tanto os métodos de tratamento quanto suas premissas teóricas, sublinhando entre aqueles a técnica da associação livre. O interesse pelos sonhos, contínua, nasceu da comunicação livre dos pacientes, da qual os sonhos faziam parte. Enfrentando o desafio de entendê-los, Freud encontrou facilmente algumas respostas, confirmando opiniões por ele anteriormente exteriorizadas. Outras respostas exigiram pressupostos inteiramente novos sobre o edifício e o modo de trabalho de nosso aparelho anímico.

Assim, Freud parece oferecer duas versões contraditórias sobre as origens de *A interpretação dos sonhos*. Na primeira, a obra seria fruto de um *insight* e, na outra, o resultado de um longo trabalho de acumulação. Entretanto, a contradição é só aparente. Cada uma das versões privilegia um aspecto de um rico processo de criação, no qual a lenta acumulação de experiências e ensaios de explicação teórica preparam o terreno para a emergência do *insight*. Este, por sua vez, permite uma nova compreensão da antiga problemática, ensejando assim a rearticulação e a ressignificação dos conhecimentos precedentes. Do lento processo de acumulação e ensaios de teorização, falaremos ao longo deste capítulo, reservando, para sua conclusão, o aprofundamento dos conceitos de continuidade e ruptura que aqui utilizamos.

Antes, porém, convém entender melhor o significado desse momento de compreensão a que Freud chama de *insight*. Ele remete a uma questão que é central à própria descoberta freudiana. Com efeito, ao postular a existência da realidade psíquica, Freud atribui ao inconsciente a capacidade de proceder a operações intelectuais que se processam sem que a consciência delas tenha conhecimento. Adiantando-se ao que estudará mais tarde na sua obra sobre a criação literária e o fantasiar ⁽⁸⁾, o autor atribui a esse pensamento inconsciente uma participação fundamental na produção intelectual e artística. Citando Goethe e Helmholtz, Freud afirma que o essencial e realmente novo nas suas criações “les fué dado a la manera de ocurrencias y advino a la percepción casi listo” ⁽⁹⁾. Assim, Freud reitera a participação do pensar inconsciente na gênese dos grandes *insights* que balizam a evolução do conhecimento.

1.1. O VALOR DO TRATAMENTO ANÍMICO

Um artigo de 1890, denominado *Tratamento Psíquico (tratamento da alma)*, ilustra a evolução seguida por Freud desde seu encontro com Charcot até a elaboração de *A interpretação dos sonhos*. Publicado no primeiro volume do Manual de Medicina *Die Gesundheit*, este pequeno trabalho é significativo por diversos aspectos: em primeiro lugar, pela própria inserção na publicação, na qual integra os artigos dedicados a métodos terapêuticos. E, finalmente, por seu conteúdo. O objetivo de Freud é salientar o valor do tratamento anímico, definido por ele como tratamento que se exerce a partir da alma, tanto sobre perturbações corporais como anímicas, através de recursos que influem sobre o anímico no homem ⁽¹⁰⁾.

Historiando brevemente o processo que tornara a “medicina científica” refratária a aceitar “certa autonomia da vida anímica”, Freud atribui à prática clínica o mérito de ter modificado a orientação unilateral que apresentava sempre o anímico como comandado pelo corporal e dependendo deste ⁽¹¹⁾.

Reafirmando a posição que adotara desde seu período parisiense, Freud sustenta que numerosos sintomas orgânicos são provocados por “perturbações do sistema nervoso no seu conjunto” ⁽¹²⁾, sem que, no entanto, o estudo do cérebro e dos nervos do doente permitam distinguir alterações visíveis. Freud cita explicitamente a neurastenia e a histeria, mas amplia suas considerações a outras afecções que apresentam apenas sinais patológicos anímicos (idéias obsessivas e delirantes). Com as afirmações precedentes, Freud indicava sua posição com relação à polêmica da época em torno da etiologia neuropatológica ou funcional das doenças psíquicas, situando-se do lado dos “fisiologistas”. Entretanto, é importante salientar que de imediato abandona este terreno, para desenvolver o que apresenta como uma descoberta

recente da medicina: a influência da vida anímica sobre o corpo. Isto significa que Freud aceita a etiologia, em última instância fisiológica, das doenças a que se refere. Entretanto, ele o faz de maneira genérica (alterações do sistema nervoso no seu conjunto), omitindo-se expressamente de discutir “as causas mais remotas da perturbação que afeta o anímico”⁽¹³⁾. A prioridade que Freud outorga à abordagem psicológica se torna ainda mais evidente quando, nas últimas linhas do artigo, discorre sobre o progresso que é possível esperar nesse terreno. Sintetizando a problemática a que dedicaria toda sua obra, afirma que esses progressos deverão advir de “uma inteligência mais profunda da vida anímica”⁽¹⁴⁾. Nesta perspectiva, antecipando-se ao que seria uma constante na sua reflexão posterior, engloba no psíquico tanto os estados patológicos quanto os normais, salientando em ambos a influência dos afetos. Estes, por sua vez, não se limitam às “grandes emoções”, mas incluem também os “processos de pensamento igualmente dotados da capacidade de alterar processos físicos”⁽¹⁵⁾.

Postulando a existência de doenças do corpo e da alma que resultam do influxo alterado da vida anímica, Freud conclui coerentemente que os recursos terapêuticos apropriados são os que, de maneira primária e imediata, influem sobre o anímico, assinalando ser a palavra o elemento essencial do tratamento anímico⁽¹⁶⁾.

No “tratamento psíquico (tratamento da alma)”, – o poder terapêutico da palavra é analisado no quadro da técnica hipnótica, cujas limitações, entretanto, já são ressaltadas por Freud⁽¹⁷⁾.

De fato, a compreensão por ele demonstrada sobre a significação da palavra e das relações pessoais no tratamento anímico é bem mais abrangente que o circunscrito pelas experiências hipnóticas. Assim, referindo-se à influência que a pessoa do médico exerce sobre o doente, salienta a significação dos afetos envolvidos nessa relação, evidenciando uma sensibilidade que ressoa como um eco antecipado e remoto da problemática da transferência⁽¹⁸⁾.

Este pequeno texto de Freud, situado cronologicamente a meio caminho entre seu encontro com Charcot e o início do processo de elaboração de *A interpretação dos sonhos*, sintetiza o percurso realizado e assinala as orientações centrais do caminho a percorrer. É disto que trataremos a seguir, tentando compreender a evolução do pensamento freudiano na sua inserção na problemática da época e na originalidade de suas contribuições.

1.2. A INFLUÊNCIA DE CHARCOT

Como vimos, as posições defendidas por Freud no artigo que acabamos de comentar coincidem com a mudança das concepções do que denomina a “medicina”. A inserção de Freud nesse movimento determina uma profunda transformação de suas posições iniciais. Com

efeito, sua formação científica na Universidade de Viena tinha se desenvolvido inicialmente no laboratório de fisiologia de Ernst Brucke e, posteriormente, no Instituto de Anatomia do Cérebro⁽¹⁹⁾. Nesse período, impulsionado por imperativos econômicos, inicia-se também na clínica das doenças nervosas⁽²⁰⁾. Seu interesse pela neuroanatomia, nesse período, é testemunhado numa carta enviada em 1885 a Martha Bernays. Nela, confessando seu desejo de “resolver o enigma da estrutura do cérebro”, Freud diz a sua noiva que “a anatomia cerebral é o único rival legítimo que tens ou que terás jamais”⁽²¹⁾. Os trabalhos científicos publicados por Freud na época confirmam essa orientação: dos 15 trabalhos elaborados antes de 1886, nove são dedicados à neuroanatomia⁽²²⁾. Nesse período, reconhece Freud, “sobre neuroses eu nada sabia”⁽²³⁾.

O contato com Charcot teve assim, para Freud, a significação de uma profunda mudança. Tendo escolhido “La Salpêtrière” para prosseguir seus estudos neuropatológicos⁽²⁴⁾, Freud tencionava dedicar seu estágio em Paris a pesquisar as atrofia e degenerações secundárias provocadas por afecções encefálicas infantis⁽²⁵⁾. Todavia, como diz no seu Informe⁽²⁶⁾ – argüindo insuficiências organizativas do laboratório – viu-se “obrigado a renunciar ao trabalho anatômico”, limitando-se a seguir os ensinamentos de um único homem, Charcot, de quem se declara admirador incondicional⁽²⁷⁾.

No seu Informe, Freud sublinha a significação dos ensinamentos de Charcot sobre a histeria, “destacada do caos das neuroses” e sobre o hipnotismo⁽²⁸⁾. De fato, a posição de Charcot ultrapassava a problemática específica da histeria, para abranger uma questão central no debate científico da época. Com efeito, ao sustentar que, em linhas gerais, a anatomia “ha consumado su obra y la doctrina de las afecciones orgánicas del sistema nervioso está, por así decir, acabada”, Charcot enunciava a orientação de seu trabalho, influenciando decisivamente o de Freud. “Agora” – continua Charcot – “é a vez das neuroses”⁽²⁹⁾.

Freud aceitou o modelo fisiológico de Charcot embora, como salientamos acima, tenha evitado aprofundar-se na pesquisa das alterações fisiológicas, preferindo a abordagem psicológica. Manifestava-se nesta atitude uma orientação – já assinalada acima – que seria central no seu trabalho posterior: a primazia da clínica no processo de elaboração teórica. Também nisto é possível detectar a influência de Charcot. Assim, ao referir-se a seu mestre no prólogo da tradução de *Leçons sur les maladies du système nerveux* Freud o define logo no primeiro parágrafo como “um grande clínico”⁽³⁰⁾, tornando a sublinhar este aspecto no prólogo à tradução das *Leçons du mardi de la Salpêtrière*⁽³¹⁾. Pouco depois, ao escrever em 1893 o necrológico de Charcot, lembra com destaque a prioridade que este outorgava à clínica, face à medicina teórica. “La théorie, c’est bon, mais ça n’empêche pas

d'existir" ⁽³²⁾. "Esta frase de Charcot" – escreveria Freud 38 anos mais tarde – "ficou gravada em mim de maneira inesquecível" ⁽³³⁾.

A influência de Charcot sobre Freud não pode ser subestimada. No estilo apaixonado que caracteriza sua correspondência com Martha, Freud escreve que Charcot "está simplesmente demolindo todas as minhas metas e opiniões (...) depois de estar com ele já não tenho nenhuma vontade de trabalhar nas minhas próprias besteiras" ⁽³⁴⁾. Todavia, se suas metas e opiniões anteriores foram demolidas pelo contato com Charcot, no seu trabalho posterior Freud se diferenciaria progressivamente do mestre, num processo no qual a experiência clínica e a reflexão teórica irão se cristalizando no *insight* contido em *A interpretação dos sonhos*.

A comparação de um artigo de 1888 ⁽³⁵⁾ com outros trabalhos do início da década seguinte ⁽³⁶⁾ permite acompanhar a evolução do pensamento de Freud, após seu retorno de Paris. No artigo de 1888, ele expõe sinteticamente uma concepção sobre a histeria que é ainda tributária em alto grau dos ensinamentos de Charcot. Freud atribui a histeria a modificações fisiológicas do sistema nervoso central, excluindo assim a existência de alterações anatômicas. As anomalias do sistema nervoso central são, por sua vez, atribuídas a uma mudança na distribuição de excitações, provavelmente com a formação de um excedente de estímulo no interior do organismo ⁽³⁷⁾. Assim sendo, afirma Freud, "a essência da histeria deveria poder ser expressa através de uma fórmula que explicasse as relações de estabilidade entre as diversas partes do sistema nervoso" ⁽³⁸⁾. Todavia, e dado que essa fórmula não foi ainda encontrada, continua o autor, "é preciso conformar-se em definir a neurose em termos nosográficos, atendendo ao conjunto de sintomas que nela aparecem" ⁽³⁹⁾. No entanto, embora aderindo à posição teórica sustentada por Charcot na polêmica com os neuropatologistas, Freud, após enunciar as hipóteses de base dessa posição, procurará extrair, da experiência clínica, os argumentos para contrapor a histeria a outras doenças de base orgânica. Assim, ele assinala que os sintomas histéricos se caracterizam pela "ignorância da anatomia", demonstrando, com isso, não possuir origem orgânica. "As constelações histéricas", diz, "de modo algum oferecem um reflexo das constelações anatômicas do sistema nervoso" ⁽⁴⁰⁾. É também da clínica que Freud extrai outra conclusão que orienta posteriormente seu trabalho teórico: analisando os sintomas histéricos, salienta que, "além dos sintomas físicos, é necessário anotar uma série de perturbações psíquicas, nas quais", acrescenta, "certamente algum dia se descobriram as alterações características desta doença" ⁽⁴¹⁾. Neste tema, como em outros que mencionaremos a seguir, manifesta-se o duplo movimento teórico freudiano: de um lado, a afirmação de que, em última instância, a causa da histeria seria fisiológica; de outro, a definição de sua especificidade no terreno psicológico. Assim, após afirmar que a

causa última dos sintomas psíquicos é constituída por uma modificação na distribuição normal das magnitudes de excitação no sistema nervoso, descreve as perturbações psíquicas como "alterações no decurso e na associação de representações, de inibição da atividade voluntária e de acentuação e sufocação de sentimentos" ⁽⁴²⁾. Assim, ao tratar da etiologia da histeria, Freud retoma a matriz teórica charcoteana, afirmando a exclusividade da herança na origem da doença, relegando os outros fatores à categoria de causas ocasionais e criticando a supervalorização do fator sexual ⁽⁴³⁾. Entretanto, insiste de imediato na importância das "constelações funcionais" relativas à vida sexual na etiologia da histeria, "em virtude da elevada significância psíquica desta função, em particular no sexo feminino" ⁽⁴⁴⁾.

A aparente contradição destas afirmações pode ser superada, ao nosso ver, pelas seguintes considerações: ao criticar a supervalorização das anormalidades sexuais na questão da causa da histeria, Freud alude a perturbações de tipo anatômico, nas quais a escola neuropatológica pretendia fundamentar a origem da histeria. Contra essa leitura, Freud argúi assinalando a existência de crianças histéricas sexualmente imaturas e, ainda, de adultos que não apresentam qualquer alteração anatômica nos órgãos sexuais ⁽⁴⁵⁾. Por outro lado, ao insistir no papel etiológico dos aspectos funcionais da vida sexual, ele está de fato reafirmando a significação já assinalada dos processos psíquicos ⁽⁴⁶⁾.

Posteriormente, o desenvolvimento das considerações funcionais levará Freud a modificar sua posição a respeito da etiologia da histeria, separando-se de Charcot. Assim, nas notas que redige anexas à tradução alemã das *Leçons du mardi de la Salpêtrière* ⁽⁴⁷⁾, o autor afirma ter chegado, na sua prática clínica, a resultados novos a partir dos quais lhe é possível superar o nível descritivo. Esses resultados são expressos por Freud em uma fórmula que assumirá no futuro um lugar de relevo no seu pensamento: "O núcleo do ataque histérico é uma lembrança, a revivência alucinatória de uma cena significativa para contrair a doença" ⁽⁴⁸⁾. Coerentemente, e a partir desses resultados novos, Freud modifica sua posição anterior a respeito da etiologia da histeria, afirmando agora a existência de afecções nervosas adquiridas, admitindo ainda que essas afecções são mais intensas em presença de lastro hereditário ⁽⁴⁹⁾. Esta concessão ao pensamento de Charcot não impede Freud, entretanto, de rejeitar enfaticamente o conceito de Charcot de "famille névropathique", o qual, diz Freud, "difícilmente resiste a uma crítica séria" ⁽⁵⁰⁾.

1.3. OS CAMINHOS DA DESCOBERTA FREUDIANA

Charcot "conseguiu demonstrar uma regularidade e uma lei onde a observação clínica deficiente ou desatenta de outros só tinha visto simulação ou enigmática arbitrariedade. Pode-se dizer que a

incitação dele remonta, de maneira direta ou indireta, a todo o novo que nos últimos tempos temos averiguado sobre a histeria". É com esta frase que, numa conferência pronunciada em janeiro de 1893 no Clube Médico de Viena⁽⁵¹⁾, Freud reconhece o papel de Charcot na nova concepção da histeria e sua própria dívida para com ele. "Dentre os múltiplos trabalhos de Charcot", continua Freud, "o que eu mais aprecio é aquele em que nos ensinou a compreender as paralisias traumáticas que aparecem na histeria". Freud reconhece sua dívida, sublinhando a inspiração de seu próprio trabalho e assinalando os limites da reflexão de Charcot, enunciando assim a originalidade de sua própria contribuição. "Sua análise", retoma Freud, "termina com isto; não averiguamos como se geram outros sintomas nem, sobretudo, como se produzem os sintomas histéricos na histeria comum, não traumática"⁽⁵²⁾.

Procurando respostas para estas questões, Freud amplia o conceito de trauma, afirmando que "toda histeria pode conceber-se como uma histeria traumática no sentido de trauma psíquico"⁽⁵³⁾. O procedimento seguido por Freud, desta vez com Breuer, é o de teorizar os fenômenos observados na clínica: do "caso Anna O" – segundo Freud, o primeiro caso de histeria que se tornou transparente – e "de uma grande série de doentes histéricos". "Nestes casos de neuroses não traumáticas, averiguamos", diz Freud, "que por trás dos fenômenos da histeria se esconde uma vivência tingida de afeto (...) e que essa vivência é de tal ordem que permite compreender, sem mais, o sintoma a ela referido"⁽⁵⁴⁾. Tal experiência é comparada por Freud ao choque das neuroses traumáticas, já que também nestas o fator eficaz não está constituído pelo trauma mecânico mas sim pelo psíquico⁽⁵⁵⁾. Assim, o sintoma é determinado pelo trauma psíquico, embora essa determinação não seja sempre transparente, consistindo por vezes numa referência simbólica. Nestes casos, a determinação a partir do trauma psíquico opera através da "ponte" tornada possível pelos usos lingüísticos. A significação atribuída aos afetos é ainda sublinhada por Freud, ao abordar o método da ab-reação. Através dele, diz Freud, consegue-se levar o doente até a lembrança bem vivida, percebendo-se "que ele está governado por um afeto".

Convém insistir na *démarche* freudiana. O ponto de partida é uma constatação: "Temos descoberto que no histérico há, simplesmente, impressões que não se despojaram do afeto e cuja lembrança permanece vívida"⁽⁵⁶⁾. Depois, ensaia-se a explicação teórica, construída com o instrumental então disponível. Nesta linha, a conservação do afeto vinculado ao trauma psíquico resultaria da falta de escoamento através de uma reação adequada, seja por via motora, ou pela palavra⁽⁵⁷⁾. A pesquisa freudiana, no trabalho que tornará possível sua grande descoberta, percorrerá duas grandes vias: de um lado, observação clínica e teorização da observação e, de outro, ensaios de

explicação mais abrangente, inserindo as descobertas no campo da psicologia e no âmbito da concepção científica dominante. À primeira via pertencem os "Estudos sobre a histeria" e os dois artigos sobre as psiconeuroses de defesa; à segunda, além de alguns desenvolvimentos contidos nesses trabalhos, a frustrada tentativa de elaborar uma psicologia de base neurológica. Desde seu encontro com Charcot, Freud tinha aderido à doutrina da etiologia fisiológica dos distúrbios psíquicos sem, no entanto, se aprofundar no desenvolvimento desta hipótese de base. Neste período, todavia, seus estudos sobre as psiconeuroses e as neuroses atuais e, ainda, sua ambição de elaborar uma teoria geral das neuroses inspiram a tentativa contida no "Projeto de uma psicologia para neurologistas". A seguir, acompanharemos a emergência, nestes trabalhos, das noções fundamentais que balizam a descoberta caracterizada pela produção do conceito de realidade psíquica.

1.4. O "NÚCLEO" DA PSICANÁLISE

"Um leitor atento" – escreve Freud no Prólogo da segunda edição dos "estudios sobre la histeria" – "poderá encontrar já no presente livro os germes de todos os posteriores acréscimos à doutrina da catarse: por exemplo, o papel dos fatores psicosssexuais e do infantilismo, a significação dos sonhos e o simbolismo do inconsciente"⁽⁵⁸⁾. Quase duas décadas mais tarde, em 1924, ratificará essa afirmação sustentando que "o método catártico é o precursor imediato da psicanálise que, apesar de todas as ampliações da experiência e as modificações da teoria, contém naquele o seu núcleo"⁽⁵⁹⁾. Precursor da psicanálise, da qual contém o núcleo, o método catártico é apresentado por Freud como tendo derivado diretamente da clínica: ele nada mais era, escreve, que um novo caminho para o tratamento médico de certas doenças nervosas. Com efeito, a própria estrutura da obra ilustra o método de trabalho seguido por Freud. Assim, além da *Comunicação Preliminar*, transformada no primeiro capítulo, os capítulos II e IV – de autoria de Freud – abordam, respectivamente, casos clínicos e a psicoterapia da histeria. O capítulo III contém um ensaio de Breuer sobre a teoria da histeria, na sua correspondência privada, declara dissociar-se inteiramente⁽⁶⁰⁾. Esta derivação da teoria a partir da prática clínica, expressa na própria estrutura da obra, permite compreender o significado da afirmação freudiana segundo a qual os *Estudos sobre a histeria* conteriam o germe do desenvolvimento da teoria psicanalítica. Não é intenção de Freud, acreditamos, minimizar a importância de suas descobertas posteriores. A avaliação que faz sobre o *insight* contido em *A interpretação dos sonhos* seria suficiente para afastar tal leitura. Porém, embora a descoberta da realidade psíquica seja significativa, a ponto de fundar um novo objeto e um novo saber, ela possui uma gênese constituída de passos sucessivos, alguns

dos quais podem ser encontrados já nos “estudos sobre a histeria”. Estes contêm assim opiniões iniciais, “valiosas primeiras aproximações a umas intelecções que só após longo e denodado esforço se puderam obter mais completas” ⁽⁶¹⁾. A avaliação que Freud faz retrospectivamente dos “Estudos sobre a histeria” deve, pois, ser entendida no contexto do método de trabalho utilizado para a construção de sua teoria.

Os componentes essenciais desta teoria são explicitados diversas vezes pelo próprio Freud. Assim, no já citado parágrafo de sua *Apresentação autobiográfica*, dirá: “As doutrinas da resistência e da repressão, do inconsciente, do valor etiológico da vida sexual e da importância das vivências infantis são os principais componentes do edifício doutrinário da psicanálise” ⁽⁶²⁾. É da emergência destes componentes centrais da teoria psicanalítica nos “Estudos sobre a histeria” que nos ocuparemos a seguir.

1.5. O INCONSCIENTE

Como é sabido, no momento em que elabora os *Estudos sobre a histeria*, Freud ainda não possui o conceito de inconsciente. As representações não conscientes constatadas na clínica são explicadas através de um processo pelo qual a ação defensiva do ego provoca o divórcio entre representações intoleráveis e os afetos que lhes correspondem. Privada de intensidade por esse divórcio, a representação se enfraquece, permanecendo então como grupo psíquico separado ⁽⁶³⁾. Entretanto, essa representação – vinculada ao trauma psíquico – não é substituída pelo sintoma físico resultante da conversão do afeto. Ela permanece como um corpo estranho dotado de eficácia presente” ⁽⁶⁴⁾. A postulação de um grupo psíquico cindido, corpo estranho dotado de eficácia, do qual o doente nada sabe, parece prenunciar o conceito de inconsciente. E de fato, várias vezes no texto, Freud parece chegar ao limiar desse conceito e, ao mesmo tempo, resistir a aceitá-lo. Assim, ao comentar o caso de “Emmy von N”, fala de “representações que já estavam prontas e formadas no inconsciente”. Não se trata, porém, do conceito de inconsciente sistemático, de vez que, em outro parágrafo dedicado ao mesmo caso e ao mesmo tema, utiliza a expressão “subconsciente” ⁽⁶⁵⁾. Todavia, ao comentar outros casos, aproxima-se de tal maneira da apreensão do conceito de inconsciente, que este se insinua como uma necessidade de coerência da própria teoria. Assim, na exposição do caso “Lucy R.”, fala não apenas de uma representação reprimida e enfraquecida, mas de um centro nuclear capaz de atrair tudo o que se vincule à representação rejeitada ⁽⁶⁶⁾. Esta noção de organização do inconsciente é retomada por Freud na exposição do caso Elizabeth von R., utilizando a metáfora arqueológica para referir-se aos diversos estratos nos quais se ordena o material inconsciente ⁽⁶⁷⁾.

Também no capítulo IV, dedicado à psicoterapia da histeria, Freud se ocupa deste problema, distinguindo uma tripla estratificação do material psíquico inconsciente ⁽⁶⁸⁾. Estes desenvolvimentos o levam a criticar a expressão “corpo estranho” utilizada para designar as representações não conscientes. “O grupo psíquico patógeno”, escreve, “em verdade pertence ao eu não menos que à organização patógena” ⁽⁶⁹⁾. A complexidade das representações que constituem o núcleo psíquico separado parece, em alguns momentos, pôr em xeque a explicação que as considera representações conscientes, porém enfraquecidas pela separação do afeto. “De todos esses resultados do **pressionar**”, escreve Freud, “se obtém a enganosa impressão de uma inteligência superior que estaria fora da consciência do doente, manteria coeso, com determinados fins, um grande material psíquico e instauraria um ordenamento pleno de sentido para seu retorno à consciência” ⁽⁷⁰⁾. A mesma idéia é expressa em outra parte do texto: “Em ocasiões, os informes que se recebem através do **pressionar** se conseguem em forma assombrosa e sob circunstâncias que tornam ainda mais atrativo o suposto de uma inteligência inconsciente” ⁽⁷¹⁾. E ainda: “...o material psíquico patógeno aparece como a propriedade de uma inteligência que não necessariamente é inferior à do eu normal. Com frequência, a aparência de uma segunda personalidade nos atrai da maneira mais enganosa” ⁽⁷²⁾. Entretanto, Freud resiste a aceitar a idéia que se insinua nesses textos: “conjecturo que essa inteligência segunda, inconsciente, é apenas uma aparência” ⁽⁷³⁾. Porém, se ainda não aceita a idéia da existência do inconsciente, Freud percebe as limitações das explicações que oferece nesta obra. Constatando na clínica a existência de pensamentos inconscientes, se pergunta como integrá-los no quadro da psicologia então aceita, concluindo que é impossível enunciar algo sobre isso até que se tenham esclarecido a fundo as visões psicológicas básicas, “antes de mais nada acerca da essência da consciência” ⁽⁷⁴⁾. Assim, ainda ausente enquanto conceito sistemático, o inconsciente se insinua decididamente na reflexão freudiana contida nos *Estudos sobre a histeria*. Finalmente, como dirá Freud mais tarde, “através do estudo das repressões patógenas (...) a psicanálise se viu compelida a levar a sério o conceito de inconsciente” ⁽⁷⁵⁾.

1.6. DEFESA E RESISTÊNCIA

Dois outros conceitos centrais da obra freudiana ocupam lugar de destaque nos *Estudos sobre a histeria*: o da defesa e o da resistência que dele deriva. Embora não seja citada na *Comunicação preliminar*, Freud já tinha se utilizado da noção de defesa num artigo anterior aos *Estudos sobre a histeria* ⁽⁷⁶⁾. Na verdade, a emergência dessa noção pode ser encontrada num período ainda anterior da obra freudiana. Assim, no artigo já citado sobre os mecanismos psíquicos dos fenômenos históricos, ao considerar as condições sob as quais

determinadas lembranças se tornam patógenas, Freud se refere às noções de estados hipnóides e de defesa⁽⁷⁷⁾. Nos *Estudos sobre a histeria*, o desenvolvimento da noção de defesa e do papel que lhe será posteriormente atribuído na elaboração freudiana é prejudicado pela explicação alternativa decorrente da noção de Breuer sobre “estados hipnóides”. Com relação a esta hipótese, Freud passará progressivamente da aceitação renitente ao ceticismo, e deste à rejeição⁽⁷⁸⁾. Entretanto, e apesar das concessões que lhe impunha a parceria com Breuer, a noção de defesa é central, tanto na análise dos casos clínicos apresentados por Freud quanto no capítulo dedicado à psicopatologia da histeria. No caso Lucy R., ele aborda a modalidade histérica da defesa, fazendo-a derivar da inconciliabilidade entre o ego e determinada representação. A mesma idéia é exposta ao discutir o caso de Elizabeth von R.⁽⁷⁹⁾. Todavia, é no capítulo IV que Freud avança na teorização desta noção, vinculando a defesa – quando oposta a uma idéia inconciliável, concebida como o mecanismo psíquico gerador da histeria – à resistência das pacientes a lembrar, constatada por ele em seus casos clínicos. Transpondo essas experiências para a teoria – a frase é de Freud – ele conclui que a mesma força que rejeita a representação inconciliável é responsável pela resistência do paciente a lembrar⁽⁸⁰⁾. Esta descoberta abre para Freud uma “nova compreensão”⁽⁸¹⁾ do problema, levando-o, em seguida, a abordar, conjuntamente, os dois mecanismos, situando em primeiro plano a idéia de resistência⁽⁸²⁾. Na leitura dos textos onde Freud expõe e comenta sua descoberta é difícil não compará-la às exposições posteriores do autor sobre o recalque.

1.7. O VALOR ETIOLÓGICO DA VIDA SEXUAL

A significação da sexualidade na etiologia da histeria é outra idéia-chave presente nos *Estudos sobre a histeria*. Como se sabe, este tema foi ponto de importante desacordo com Breuer, mesmo tendo este último sustentado a significação da sexualidade como a fonte mais poderosa de aumento de excitação⁽⁸³⁾. Todavia, o mesmo Breuer, ao apresentar o “caso Anna O.”, salienta que nesta “o elemento sexual estava surpreendentemente pouco desenvolvido”⁽⁸⁴⁾. O contraste entre a posição de Breuer e aquela sustentada por Freud na exposição de seus casos clínicos e no capítulo IV, sugere um sério desacordo teórico, explicitado por Freud em suas obras posteriores e na correspondência com Fliess⁽⁸⁵⁾. Convém salientar, entretanto, que o papel etiológico da sexualidade na histeria é apresentado no prólogo dos *Estudos sobre a histeria* como uma tese insuficientemente comprovada⁽⁸⁶⁾. O próprio Freud, comentando seu trabalho de 1895, afirma que nessa época não sustentava ainda a tese da exclusividade dos fatores sexuais na etiologia da histeria⁽⁸⁷⁾. Como compatibilizar esta última afirmação com as idéias desenvolvidas nos *Estudos sobre a*

histeria, tanto na exposição dos casos clínicos quanto no capítulo IV? A nosso ver, essa aparente contradição desaparece se considerarmos o já comentado método de trabalho de Freud. Não é *a priori* que Freud postulará a existência de fatores sexuais na etiologia da histeria, mas *a posteriori*, como uma conclusão que se lhe impõe a partir da prática clínica. Assim, nas *Conferências de introdução à psicanálise*, já citadas, ele declara não se opor às hipóteses que procuram em excitações de natureza não erótica a etiologia da histeria. Salienta, no entanto, que segundo sua própria experiência, esses outros fatores não possuem a significação que se lhes pretende atribuir, podendo reforçar os efeitos dos fatores sexuais, porém nunca substituí-los⁽⁸⁸⁾. E nos próprios *Estudos sobre a histeria* comenta que, ao iniciar o tratamento de Emmy von N., não esperava encontrar-se com uma neurose sexual, atribuindo sua expectativa à ainda forte influência de Charcot, que considerava a vinculação da histeria ao tema da sexualidade “como uma sorte de insulto”⁽⁸⁹⁾. É, pois, da *escuta* freudiana que emerge a concepção do valor etiológico da sexualidade na histeria, mesmo se, em 1895, sua articulação teórica não atinja ainda a centralidade adquirida posteriormente⁽⁹⁰⁾.

Nos “Estudos sobre a histeria”, escreve Freud em 1910, “estávamos em vias de obter uma teoria puramente psicológica da histeria, na qual atribuíamos o primeiro lugar aos processos afetivos”⁽⁹¹⁾. É nessa perspectiva, a nosso ver, que deve ser entendida sua afirmação já citada, segundo a qual os *Estudos sobre a histeria* continham o “núcleo” da psicanálise. As noções sobre inconsciente, defesa, resistência e valor etiológico da sexualidade ocupam nesta obra um papel central, conservadas e redimensionadas em elaborações teóricas posteriores. Entretanto, se na “psicologia clínica”⁽⁹²⁾ existe uma inegável continuidade, na elaboração dos fundamentos “científicos” das descobertas clínicas, o trabalho freudiano sofrerá rupturas por vezes dolorosas. Nesta perspectiva inserem-se os trabalhos de Freud sobre a origem fisiológica das neuroses, suas tentativas de formular uma teoria geral das neuroses sobre essa base e seu frustrado *Projeto de uma psicologia para neurologistas*. Ocupar-nos-emos desta problemática ainda neste primeiro capítulo. Antes, todavia, convém que nos detenhamos brevemente na consideração dos artigos dedicados às psiconeuroses de defesa. Contemporâneos dos *Estudos sobre a histeria*, estes artigos descrevem a experiência clínica de Freud com outras psiconeuroses além da histeria. Eles contêm não apenas uma visão mais geral do conceito de defesa, mas sobretudo o desenvolvimento da teoria do trauma, momento estratégico da reflexão freudiana.

1.8. AS PSICONEUROSES DE DEFESA

Ampliando o critério sustentado nos *Estudos sobre a histeria*, Freud procura a etiologia de todas as psiconeuroses num conflito

psíquico originado em uma experiência traumática. O ponto de partida do primeiro trabalho sobre as psiconeuroses ⁽⁹³⁾ é, de acordo com a já assinalada metodologia freudiana, a experiência clínica. “Após o estudo de numerosos neuróticos”, escreve Freud, “se me impôs certo ensaio explicativo” posteriormente aplicado com sucesso a outros casos novos ⁽⁹⁴⁾. Este ensaio, além de estabelecer pontos comuns entre a histeria, a neurose obsessiva e a fobia, permitiu a Freud modificar pontos importantes da teoria sobre a histeria. Esta última, como já foi mencionado, se baseava no pressuposto da cisão da consciência, fenômeno para o qual nos *Estudos sobre a histeria* se ofereciam duas explicações alternativas: os estados hipnóides e os mecanismos de defesa ⁽⁹⁵⁾. A idéia central continua sendo a da inconciliabilidade entre uma representação de natureza sexual – capaz de provocar um afeto doloroso – e o ego do paciente. Confrontado com essa representação inconciliável, o paciente, diz Freud, decide, deliberadamente, sufocá-la. É importante salientar que Freud atribui assim a exclusão da representação a um ato de vontade do doente. É na natureza consciente desse ato que ele acredita encontrar uma explicação para a eficiência do método catártico, baseado na hipnose. Com efeito, se a cisão de consciência resulta de um ato voluntário e dado que a hipnose cancela a vontade consciente, então estaria explicada a capacidade demonstrada pela hipnose de ampliar a consciência, nela reincorporando a representação cindida. Entenda-se bem: Freud não postula que o doente provoque voluntariamente a cisão do conteúdo da consciência. O propósito consciente se limita a excluir a representação inconciliável; seu fracasso é que resulta na cisão da consciência e na neurose. A explicação que Freud propõe para este processo é ainda semelhante à que oferece nos *Estudos sobre a histeria*, caracterizando a ausência de uma concepção sistemática do inconsciente. A cisão da representação é assim explicada em termos de intensidade de investimento do afeto. Diminuído este, a representação rejeitada permanece na consciência, porém, enfraquecida, é isolada e divorciada do trabalho associativo ⁽⁹⁶⁾. O destino do afeto assim liberado é que decidirá, segundo Freud, a modalidade da neurose. Escreve ele a Fliess: “Conheço três mecanismos, o da transformação do afeto (histeria conversiva), o do deslocamento do afeto (idéias obsessivas) e o da troca de afetos (neuroses de angústia e melancolia)” ⁽⁹⁷⁾.

O traço mnêmico da representação reprimida, privada do comércio associativo, constitui um núcleo psíquico segundo. É importante sublinhar neste ponto uma idéia de Freud destinada a ter uma importante significação no posterior desenvolvimento de sua teoria do inconsciente: trata-se da “estratificação” do núcleo psíquico segundo, constituído em virtude de uma vivência ou momento traumático. De acordo com Freud, esse núcleo se ampliaria após sua constituição, como consequência do que denomina “momentos traumáticos

auxiliares” ⁽⁹⁸⁾ entendidos como todas as experiências capazes de provocar uma impressão semelhante à que constituiu o trauma inicial. Os “momentos traumáticos auxiliares” trariam nova carga de afeto à representação cindida, determinando assim um novo movimento de defesa.

Este primeiro trabalho publicado por Freud sobre as psiconeuroses de defesa oferece uma interessante perspectiva, tanto por seu método de trabalho, como pelas diversas hipóteses alternativas com as quais tentava explicar teoricamente os fenômenos constatados na clínica. Assim, por exemplo, distingue no esquema teórico que elabora as peças que podem ser imediatamente demonstradas, daquelas que precisam ser supostas ⁽⁹⁹⁾. Conclui o trabalho enunciando como uma “representação auxiliar” o núcleo de uma idéia que mais tarde desempenharia uma função central na sua teoria: a distinção, nas funções psíquicas de “algo” dotado de todas as propriedades de uma quantidade (montante) de afeto, que se difunde pelos traços mnêmicos, como o faria uma carga elétrica pela superfície dos corpos ⁽¹⁰⁰⁾. Esta referência a um fenômeno físico não é apenas uma comparação, e isso o demonstra uma outra consideração de Freud incluída no texto. Ao analisar o divórcio da representação e do afeto na neurose obsessiva, ele se pergunta se não seria mais correto dizer que não se trata de fenômenos psíquicos, mas de processos físicos, cujas consequências são expressas figuradamente na linguagem da psicologia ⁽¹⁰¹⁾. Entretanto, se na formulação de seus ensaios de explicação teórica, Freud ainda demonstra dúvidas, a prioridade outorgada à experiência clínica orienta sua busca decididamente para o campo da psicologia, no qual se situa seu segundo trabalho sobre as psiconeuroses de defesa, escrito dois anos após o primeiro. Assinalando mais uma vez a base clínica de seu trabalho ⁽¹⁰²⁾, Freud reitera ser a defesa o ponto nuclear do mecanismo psíquico das neuroses, fornecendo assim uma base clínica à teoria psicológica ⁽¹⁰³⁾. Os progressos teóricos por ele realizados se referem à natureza do trauma sexual e ao período da vida de sua ocorrência. A questão preocupava Freud, pois, se de um lado a experiência clínica demonstrava que o evento traumático remontava à infância, de outro a ausência de uma teoria sobre a sexualidade infantil tornava aquele evento inexplicável. A solução encontrada por Freud, como se sabe, repousa na suposição de uma experiência infantil sexual pré-sexual ⁽¹⁰⁴⁾. Experiência pré-sexual, porque protagonizada por uma criança, e sexual, porque provocada pela atividade sexual de um adulto. É pois, na teoria da sedução, que Freud encontra a solução para o enigma de um trauma infantil de natureza sexual. Todavia, a idade do sujeito passivo da sedução colocava ainda o problema da explicação das consequências traumáticas de uma atividade sexual, uma vez que se supunha, na criança, a ausência da necessária capacidade de compreensão. Freud resolve este problema através do mecanismo das duas

cenar. “Para causar a histeria”, diz Freud, “é preciso que o trauma tenha acontecido na infância e seu conteúdo deve corresponder a uma efetiva irritação dos genitais. Em todos os casos que analisei”, continua, “constatei a passividade sexual em períodos pré-sexuais”⁽¹⁰⁵⁾. Não são, porém, estas experiências as que possuem eficácia traumática, mas a sua reanimação como lembranças após a maturidade sexual. Entretanto, se a primeira cena é constituída necessariamente por um evento traumático de natureza sexual, a segunda pode consistir em simples percepções de atos sexuais de terceiros ou apenas em informações referentes à sexualidade⁽¹⁰⁶⁾. A reanimação da experiência traumática da infância não a torna consciente, mas provoca, pela cisão do afeto e da representação, a produção de um núcleo psíquico segundo.

A explicação baseada na combinação das duas cenas permite a Freud superar um hiato teórico existente no artigo de 1894. Com efeito, confrontado com o problema de saber por que algumas pessoas reagiam a um evento traumático empenhando-se em esquecê-lo, enquanto com outras isto não acontecia, Freud supunha uma predisposição indeterminada, na qual situava os remanescentes das teorias que atribuíam a histeria a causas hereditárias. Agora, de posse do mecanismo das duas cenas, Freud pode prescindir dessa predisposição hereditária indeterminada, substituindo-a pelo evento caracterizado pela primeira cena. Assim, as pessoas que na idade adulta vivenciaram um trauma, só contraíam uma neurose se esse trauma reanimasse outra experiência, ocorrida na primeira infância. Todavia, não é apenas este ponto cego da teoria da defesa que o mecanismo das duas cenas permite superar. Também a concepção da qualidade do ato de defesa muda radicalmente. No artigo de 1894, Freud falava de um empenho voluntário em esquecer⁽¹⁰⁷⁾; agora, fala de um “mecanismo psíquico de defesa inconsciente”⁽¹⁰⁸⁾, afirmando que “os traumas infantis produzem efeitos retardados como vivências frescas porém, produzem-nos inconscientemente”⁽¹⁰⁹⁾.

O mecanismo proposto por Freud para explicar a etiologia da neurose obsessiva é similar, em sua especificidade, ao que postula para a histeria. Se, nesta, a primeira cena consistia num choque “sexual pré-sexual”, naquela Freud fala de um prazer “sexual pré-sexual”. Se na histeria se postula a passividade, na neurose obsessiva propõe-se a atividade. Todavia, supor um sujeito infantil sexualmente ativo exige que se explique a origem dessa erotização prematura. Freud o faz, sugerindo a existência de um momento ainda anterior, no qual o sujeito infantil sexualmente ativo do segundo momento foi objeto passivo da sedução de um adulto. “Nos casos de neurose obsessiva”, diz ele, “encontrei sempre um fundo de sintomas histéricos”⁽¹¹⁰⁾.

O segundo artigo sobre as psiconeuroses de defesa – essencialmente um texto de “psicologia clínica” – contém os desenvolvimentos iniciais de alguns conceitos que se tornaram centrais na teorização

freudiana posterior. É o já mencionado caso do mecanismo das duas cenas, que tanta incidência terá na posterior teorização do processo de recalque, do retorno do reprimido e das formações de compromisso expressas nos sintomas. Estes fenômenos, detectados clinicamente, extrapolam o quadro teórico utilizado por Freud, apontando insistentemente para a significação do inconsciente. Já salientamos que, na concepção do ato de defesa, Freud abandona a postulação de uma decisão deliberada do ego consciente, substituindo-a por um mecanismo inconsciente. A constatação clínica de outros processos, também inconscientes, indicava a necessidade de prosseguir nesse caminho teórico. Freud não o fará neste artigo, contentando-se apenas em assinalá-lo: “Para descrever (...) com acerto provável os processos da repressão, do retorno do reprimido e a formação de representações patológicas de compromisso, seria preciso decidir-se por algumas suposições muito precisas sobre o substrato do acontecer psíquico e da consciência. Enquanto se queira evitá-los, haverá que se limitar (...) a pontualizações, entendidas (...) figuradamente (...)”⁽¹¹¹⁾. A teoria do inconsciente sistemático se insinua nessas linhas, não ainda na sua positividade, mas como uma postulação necessária, chamada a preencher um vazio teórico claramente sentido por Freud.

1.9. A PROCURA DO FUNDAMENTO CIENTÍFICO

“Pois a verdade é que não sou, de modo algum, um homem de ciência, nem um observador, nem um experimentador, nem um pensador. Sou, por temperamento, nada além de um conquistador – um aventureiro, se você quiser que eu traduza – com toda a curiosidade, ousadia e tenacidade que são características de um homem dessa espécie”⁽¹¹²⁾. Esta singular auto-avaliação de Freud, inserida numa carta escrita no início de 1900, define bem o essencial de sua obra, caracterizada pela conquista de um mundo novo, o da realidade psíquica. Ela deve, porém, ser situada historicamente, já que reflete o estado de espírito de Freud no período imediatamente posterior à conclusão de *A interpretação dos sonhos*, obra na qual, como veremos, veicula descobertas cuja elaboração não raro se afastou dos cânones consagrados do trabalho científico. Antes, porém, de lançar-se nesta aventura genial, e embora já demonstrando a curiosidade e tenacidade às quais se refere nessa carta, Freud desenvolveu, paralelamente a seus trabalhos em psicologia clínica, um intenso esforço para inserir suas descobertas clínicas na matriz da ciência tal como era entendida no seu tempo. Centrada em torno de uma concepção materialista, esta matriz se exprimia, no campo de trabalho de Freud, no compromisso assumido pelos fundadores da “Berliner Physikalische Gesellschaft”. Seus membros tiveram, direta ou indiretamente, grande influência nos anos de formação de Freud. Convém citar, nas palavras de Du Bois-Reymond,

as idéias centrais dessa escola. “Brücke e eu nos comprometêramos solenemente a impor esta verdade, a saber, que somente as forças físicas e químicas, com exclusão de qualquer outra, agem no organismo. No caso dessas forças não conseguirem ainda explicar, precisamos nos empenhar em descobrir o modo específico ou a forma de sua ação, utilizando o método físico-matemático, ou então postular a existência de outras forças, equivalentes em dignidade às físico-químicas, inerentes à matéria, redutíveis à força de atração e repulsão”⁽¹¹³⁾. Procurar, em última instância, os fundamentos materiais dos fenômenos psíquicos foi uma preocupação de Freud, na qual trabalhou durante o período aqui analisado, paralelamente a suas pesquisas psicológicas. Dessa preocupação ele nos fala explicitamente, na introdução do *Projeto de psicologia para neurologistas*, de 1895, ao declarar ser seu propósito “brindar uma psicologia de ciência natural, a saber, apresentar processos psíquicos como estados quantitativamente comandados de umas partes materiais comprováveis”⁽¹¹⁴⁾. É verdade que, como salientaremos mais tarde, Freud abandonou o *Projeto de psicologia para neurologistas* face à impossibilidade de tornar seu conteúdo logicamente coerente com suas descobertas clínicas. Porém, isto não significa que tenha abandonado, ao mesmo tempo, a “hipótese de fundo” que postulava um fundamento, em última instância fisiológico, para os fenômenos psíquicos. Entretanto, se Freud mantém a “hipótese de fundo”, o mesmo não acontece com a tentativa de fazer derivar diretamente os fenômenos psíquicos de forças físicas. Assim, a abordagem da energia psíquica como uma quantidade – o que Freud reconhece ter-se constituído num hábito de pensar desde que começara a tentar explicar os fenômenos psicopatológicos em termos filosóficos – é utilizada no trabalho sobre *O chiste e sua relação com o inconsciente* apenas como uma figuração, uma ilustração, para falar do desconhecido⁽¹¹⁵⁾. Uma evolução similar e igualmente ilustrativa pode ser apreciada com relação ao conceito central de “investidura”, que já no capítulo VII de *A interpretação dos sonhos* possui um significado estritamente psíquico, alheio à conotação fisicalista que possuía no *Projeto de psicologia para neurologistas* e em outros textos contemporâneos deste. Como veremos ao analisar o impasse ao qual Freud chega nesta obra, a mudança na perspectiva freudiana deve ser atribuída à impossibilidade de reduzir a quantidades fenômenos que são do registro da qualidade. Mais uma vez é necessário insistir em que a prioridade na démarche freudiana é experiência clínica. As tentativas de explicação filosófica, como diz Freud referindo-se a seus esforços para inserir os fatos da psicologia na perspectiva filosófica materialista, vêm depois. Ora, na clínica, Freud se deparava com emoções e é precisamente pela impossibilidade de reduzi-las ao jogo de quantidades que Freud dirá, por exemplo, referindo-se aos *Estudos sobre a histeria*, que estava em vias de obter uma teoria puramente psicológica, na qual atribuía o primeiro lugar aos processos afetivos⁽¹¹⁶⁾.

Entretanto, é conveniente frisar que a postulação freudiana de um fundamento das neuroses, em última instância, fisiológico, representa nesse período muito mais que uma adesão geral aos princípios da filosofia materialista. É verdade que, como salientamos no início deste capítulo, nos primeiros trabalhos realizados após seu retorno de Paris, Freud optara por privilegiar a observação clínica, limitando-se a sustentar uma alteração do sistema nervoso no seu conjunto como causa última das perturbações anímicas e omitira-se de analisar as causas mais remotas dessas perturbações. Todavia, é da própria observação clínica que Freud extrairá duas vias de pesquisa, uma das quais – a dedicada à problemática das neuroses atuais – o levará a estudar as causas últimas das perturbações observadas na neurastenia e na neurose de angústia.

Todos os tipos de neuroses observadas clinicamente, Freud comprova, nascem num terreno específico, o da sexualidade. “Os *Estudos sobre a histeria* tinham apenas se aproximado do problema da etiologia, isto é, da pergunta sobre o terreno no qual nasce o fenômeno patógeno”, rememora Freud em 1925. “Porém, uma experiência que se acumulava rapidamente”, continua, “demonstrava que na origem das neuroses não exerciam uma ação eficaz excitações afetivas de qualquer ordem mas regularmente excitações de natureza sexual: conflitos sexuais atuais ou repercussões de experiências sexuais anteriores”⁽¹¹⁷⁾. Assim, Freud declara ter encontrado, sem que a isso o movesse qualquer predisposição, a etiologia sexual, não apenas nas psiconeuroses, mas também nas neuroses que inicialmente denominará de simples e posteriormente de atuais. Esta perspectiva não era na verdade nova⁽¹¹⁸⁾ porém, ao adotá-la, Freud se sente isolado. “Estou bastante sozinho aqui”, escreve a Fliess, “sou encarado como uma espécie de monomaniaco, embora tenha a nítida sensação de haver tocado num dos grandes segredos da natureza”⁽¹¹⁹⁾.

Entretanto, não é apenas a etiologia sexual de todas as neuroses que Freud encontra na clínica. Ao organizar sistematicamente suas observações, ele encontra critérios de classificação que lhe permitem dividir as neuroses em dois grandes grupos: o das psiconeuroses e o das neuroses atuais⁽¹²⁰⁾. A diferença capital entre estas duas grandes categorias Freud a constrói sobre a natureza da fonte da excitação responsável pela perturbação observada na clínica. Nas neuroses simples ou atuais, a fonte de excitação “reside no âmbito somático e não, como na histeria e na neurose obsessiva, no âmbito psíquico”⁽¹²¹⁾. Portanto, nas neuroses atuais há acúmulo de excitação somática. Elas resultam imediatamente de fatores sexuais, enquanto as psiconeuroses são conseqüências mediatas de influxos sexuais anteriores à maturidade sexual e, portanto, conseqüência dos traços mnêmicos psíquicos desses influxos⁽¹²²⁾. Convém não confundir a ausência de mediação simbólica⁽¹²³⁾, que é comum às duas neuroses atuais, com o

processamento psíquico da excitação sexual orgânica, que Freud postula para a neurastenia e nega na neurose de angústia. Esta distinção foi estabelecida por Freud pela primeira vez no manuscrito E, dedicado à origem da angústia⁽¹²⁴⁾. Seguiremos a ordem da escrita freudiana, já que, além de nos permitir acompanhar o processo de emergência do mencionado critério de diferenciação, ilustrar-nos-á sobre o processo de elaboração teórica seguido por Freud. O ponto de partida é a observação clínica de manifestações de angústia⁽¹²⁵⁾. A seguir vem a tentativa de abstrair, nos casos observados, alguma característica comum: Freud encontra a abstinência sexual. O terceiro passo é a formulação de uma hipótese explicativa, assim formulada por Freud: o acúmulo de tensão sexual física endógena, que só é percebido quando atinge determinado limiar, desperta em condições normais a libido psíquica. Nesse caso, aquela entra em contato com determinados grupos de idéias, provocando uma reação específica de descarga. Quando esta última não se produz, a tensão se acumula, mas este fato ainda não determina a emergência da angústia. Para esta emergência é necessário que, por determinadas razões, a ligação psíquica não se produza. Nesse caso, o afeto sexual não se forma por deficiência dos determinantes psíquicos e a tensão física, não ligada psiquicamente, se transforma em angústia. Portanto, a neurose de angústia resulta do represamento da tensão física e de sua transformação⁽¹²⁶⁾. Ela é produzida por tudo o que afasta a tensão sexual somática do psíquico, perturbando seu processamento⁽¹²⁷⁾. Também na origem da neurastenia encontra-se um acúmulo de tensão sexual física. Neste caso, porém, o processamento psíquico existe. Todavia, como a ação de descarga é inadequada (por exemplo, a masturbação), a tensão sexual psíquica gerada não é descarregada na sua totalidade, produzindo-se um excesso ou acúmulo. “Pode-se discernir”, escreve Freud, “certa relação de oposição entre os sintomas da neurastenia e os da neurose de angústia, que talvez se poderia expressar sob estes títulos: acúmulo de excitação, empobrecimento da excitação”⁽¹²⁸⁾.

Nas duas classes de neuroses atuais, entretanto, os distúrbios observados resultam de fatores sexuais contemporâneos. Imediatos, diz Freud, tanto por serem atuais e não passados, como por não requererem intermediação simbólica para se manifestarem. Nas psiconeuroses, ao contrário, Freud tinha descoberto que o fator sexual se situava na infância do paciente e que sua eficácia patogênica, numa etapa posterior da vida, dependia da mediação psíquica. Nesta mediação, Freud cedo descobrirá a participação da fantasia, na qual se expressa, através da elaboração simbólica, o trauma inicial. Resultando as psiconeuroses da rejeição pelo ego da representação vinculada ao fato sexual traumático, Freud lhes acrescentará a especificação “de defesa”.

Referimo-nos anteriormente às psiconeuroses de defesa. A ordem de nossa exposição não é arbitrária nem pautada na cronologia

das obras freudianas dedicadas a uma ou outra classe de neurose. Como se sabe, todas elas foram elaboradas no mesmo período, entre 1894 e 1896. Ao nos ocuparmos primeiro das psiconeuroses, seguimos uma ordem assinalada pelo interesse prioritário de Freud, tornado exclusivo na sequência de sua obra⁽¹²⁹⁾. Guia-nos também a preocupação de evitar – na ordem com que analisamos a obra freudiana – dar a falsa imagem de um processo no qual Freud teria iniciado sua reflexão, privilegiando o registro energético, para posteriormente romper com seu trabalho anterior e, renegando-o, abandonar sua preocupação pela incidência dos fatores econômicos nos processos psíquicos. O processo de elaboração teórica seguido por Freud é bem mais complexo e de forma alguma linear. A problemática abordada nos textos dedicados às neuroses atuais – por exemplo – não pode ser considerada um momento da reflexão freudiana, posteriormente desautorizado. Na verdade, embora seu interesse tenha sido atraído, apenas marginalmente, pela problemática das neuroses atuais, na sequência de sua obra, Freud não renegará nunca os trabalhos sobre este tema, de 1894 e 1896. Assim, referindo-se a eles na sua *Apresentação autobiográfica*, depois de salientar que não tivera oportunidade de tornar a se ocupar da problemática das neuroses atuais, os avalia como esquematizações iniciais de coisas provavelmente muito mais complexas, declarando, no entanto, continuar a considerá-las corretas, no seu conjunto⁽¹³⁰⁾. É verdade que nesse mesmo texto toma o cuidado de insistir que não desconhece a existência de conflitos psíquicos na neurastenia. Reafirma, porém, sua tese de que os sintomas dos neurastênicos não estão determinados psiquicamente e que a análise não pode resolvê-los, devendo-se concebê-los como conseqüências tóxicas diretas do quimismo sexual. Mais tarde ainda, em 1932, afirma que “a experiência clínica nos há ensinado um nexo regular com a economia da libido na vida sexual. A causa mais comum da neurose de angústia é a excitação sexual frustrânea”⁽¹³¹⁾.

Portanto, a predominância da “psicologia clínica” na obra freudiana não tem como contrapartida o abandono da preocupação em relação aos fatores orgânicos que entram na constituição dos distúrbios psíquicos e, de maneira mais ampla, na vida anímica. A correspondência para Fliess, na segunda parte da década de 1890, é eloqüente a esse respeito. Assim, mesmo após ter abandonado o *Projeto de uma psicologia para neurologistas* e desautorizado seu conteúdo⁽¹³²⁾, Freud declara enfaticamente ter sempre entendido “os processos das neuroses de angústia, bem como das neuroses em geral, como uma intoxicação”⁽¹³³⁾. Essa frase não pode ser entendida como referência ao passado. Um mês mais tarde, Freud a confirmará vigorosamente, ao escrever que acredita “com firmeza cada vez maior, na teoria química dos neurônios”⁽¹³⁴⁾. No mesmo período, solicita o auxílio de Fliess para descobrir “a fundamentação sólida que me permita parar de dar

explicações psicológicas e começar a descobrir uma base fisiológica” (135).

Certamente, a descoberta da realidade psíquica absorverá o interesse de Freud, cuja obra se orientará de maneira cada vez mais decisiva para o estudo dos fenômenos propriamente psíquicos. Não se trata, porém, de uma mudança de convicções teóricas, que se caracterizaria pelo abandono de toda e qualquer postulação sobre os fundamentos orgânicos dos fenômenos psíquicos. Trata-se, melhor, de uma profunda mudança na atitude de Freud que, como se verá, está estreitamente vinculada a sua auto-análise. Assim, enquanto trabalha na elaboração de *A interpretação dos sonhos*, queixa-se do total desinteresse que experimenta pela “ciência”: “a ciência não me diz absolutamente nada”, escreve a Fliess, em meados de 1898 (136). Todavia, se os problemas da “ciência” não lhe dizem absolutamente nada, Freud quer dizer algo sobre o registro dessa ciência. “Não tenho a menor inclinação”, continua, “a deixar a psicologia suspensa no ar, sem uma base orgânica. No entanto, à parte essa convicção, não sei como prosseguir, nem teórica nem terapeuticamente, de modo que preciso comportar-me como se apenas o psicológico estivesse em exame. Porque não consigo encaixá-los (o orgânico e o psicológico) é algo que nem sequer comecei a imaginar” (137). Esse “hiato na psicologia”, escreverá pouco depois, “é um obstáculo à conclusão” (de *A interpretação dos sonhos*) “que não consegui superar até agora” (138).

Como é sabido, Freud resolveu esse obstáculo desistindo de encontrar um fundamento “científico” para o psicológico, substituindo-o por sua primeira síntese metapsicológica. Que este capítulo era necessário para cobrir o vazio provocado pelo “hiato na psicologia”, que ele se referisse a um tema no qual Freud se sentia menos seguro e que sua elaboração o afastava do interesse que o dominava, é o que surge claramente na correspondência com Fliess. Entre agosto e setembro de 1899, em cartas sucessivas, Freud comenta que está trabalhando sobre “o último capítulo, o psicológico” (139). Aparentemente, o resultado não o satisfaz, já que poucas semanas depois informa que planeja começar “o último capítulo, o filosófico, que me apavora” (140). Uma semana mais tarde, retorna ao tema para dizer que ainda não sabe como esboçar e organizar “o último e mais espinhoso capítulo, o psicológico” (141). E, finalmente, comunica ter ultrapassado o pior da psicologia: “foi mortificante”, escreve, “não quero nem sequer pensar em como ficou” (142).

Assim, a metapsicologia substitui, na elaboração freudiana, o fundamento científico que, conforme a filosofia materialista, Freud tentara, em vão, encontrar na fisiologia, física e química. Esta substituição, todavia, não significa o abandono do objetivo de articular teoricamente o orgânico e o psíquico. Voltaremos a esta questão no início do capítulo seguinte.

O fracasso do *Projeto de psicologia para neurologistas* foi motivado fundamentalmente pela impossibilidade de fazer derivar os fatos da consciência dos processos do registro da física e da biologia. Convm agora que nos aprofundemos neste ponto.

1.10. O IMPASSE DO “PROJETO DE PSICOLOGIA PARA NEUROLOGISTAS”

Esta obra constitui o esforço mais profundo desenvolvido por Freud para construir, sobre fundamentos físico e biológico, os alicerces de uma teoria geral das neuroses e do próprio funcionamento psíquico. Com esse empreendimento, pretendia Freud inserir no campo das ciências – entendidas aqui na perspectiva do “juramento de Berlim”, já comentado – as descobertas realizadas na clínica e elaboradas na “psicologia clínica”. O objetivo de Freud era, pois, o de encontrar um fundamento para conhecimentos já produzidos: “Tudo o que eu estava tentando fazer”, escreve a Fliess, “era explicar a defesa; mas experimente só tentar explicar algo que vem do âmago da natureza. Tive que abrir caminho palmo a palmo através do problema da qualidade, do sono e da memória, em suma, a psicologia inteira” (143). Este esforço lhe parecia necessário, já que acreditava “ser impossível ter uma concepção geral satisfatória dos distúrbios neuropsicóticos, se não se puder vinculá-la a pressupostos claros sobre os processos mentais normais” (144). Esses pressupostos, por sua vez, Freud os procurará no registro que lhe é indicado pela filosofia materialista e eles se concretizam pela introdução de “considerações quantitativas, uma espécie de economia das forças nervosas” (145).

Sintetizemos o percurso freudiano: na psicologia clínica, Freud tinha desenvolvido uma teorização cujo bojo era o conceito de defesa. Nesse trabalho, o fundamento em última instância fisiológico, dos fenômenos psíquicos, é apenas postulado como hipótese de fundo. Nesse ponto, movido pelo intuito de elaborar uma teoria geral dos distúrbios psíquicos, Freud considera necessário teorizar o funcionamento psíquico normal, sendo-lhe, em consequência, inevitável ultrapassar o nível da simples afirmação de uma hipótese de fundo para tentar construir um modelo de derivação do psíquico a partir da física e da biologia. Assim, o *Projeto de uma psicologia para neurologistas* está construído sobre um *a priori* e desenvolvido pela dedução exercida a partir desses pressupostos apriorísticos (146). Esses pressupostos, que Freud enuncia logo no início da primeira parte de sua obra, postulam que o que diferencia a atividade do repouso depende de uma quantidade (Q) submetida às leis gerais do movimento, e que esses processos quantitativos operam no interior dos neurônios concebidos como partículas materiais (147). O sistema neuronal concebido por Freud possui, como se sabe, três tipos diversos de neurônios, cuja diferenciação é

explicada pela função biológica que cada tipo deve cumprir. Portanto, as do primeiro sistema, que denominará “fi”, estando em contato com o mundo exterior e recebendo, em consequência, grandes quantidades de energia, tornam-se permeáveis a essa energia, estando assim a serviço da função primária, que Freud define através do princípio da inércia neuronal, segundo o qual os neurônios procuram aliviar-se da quantidade. Entretanto, dado que o sistema neuronal recebe também estímulos endógenos que só podem ser eliminados por uma ação específica, torna-se necessário que acumule quantidade para utilizá-la no exercício dessa ação. A resposta aos estímulos endógenos constitui a função secundária. Esta é a origem dos neurônios “psi” que, como os “fi”, extraem sua especificidade de seu destino e de seu meio⁽¹⁴⁸⁾. Não é nossa intenção acompanhar os complexos raciocínios desenvolvidos por Freud nesta obra singular. Pretendemos, apenas, pôr em evidência a utilização de “argumentações darwinistas” sobre as quais Freud pretende deduzir o valor biológico originário dos neurônios “fi” e “psi”. Mas se, pressupondo estes dois tipos de neurônios, Freud considerava possível explicar, por considerações quantitativas, a percepção e a memória, não parecia igualmente possível explicar o fenômeno da consciência”, que nos dá o que se chama de qualidades, sensações que são algo outro, dentro de uma grande diversidade, e cuja alteridade é distinguida segundo nexos com o mundo exterior”⁽¹⁴⁹⁾. Mas, dado que “a ciência tem se fixado como tarefa reconduzir todas as nossas qualidades de sensações a uma quantidade externa”⁽¹⁵⁰⁾, Freud postula a existência de um terceiro tipo de neurônios, a que denominará “ômega” (“W”). Estes são capazes de registrar como qualidade o movimento descontínuo das quantidades nos outros dois sistemas (períodos). Dois problemas se colocam aqui para Freud, cuja não resolução o levará finalmente a abandonar o *Projeto de uma psicologia para neurologistas*. Em primeiro lugar, não lhe é possível indicar o valor biológico originário deste terceiro tipo de neurônios⁽¹⁵¹⁾, o que significa não poder fundamentar sua existência em princípios darwinistas. Em segundo lugar, os pressupostos construídos para explicar os processos de excitação nos neurônios “W” em nada contribuíram para explicar o fenômeno da consciência. Esta, contudo, constituía um fato não apenas da psicologia clínica mas simplesmente da vida quotidiana⁽¹⁵²⁾. É neste ponto, precisamente, que fracassa o empenho freudiano de reduzir “os processos psíquicos a estados quantitativamente comandados por partes materiais comprováveis”⁽¹⁵³⁾. Freud reconhece explicitamente ser esse o motivo de seu fracasso. Na carta a Fliess, à qual anexa a primeira e terceira partes do *Projeto de uma psicologia para neurologistas*, escreve: “Ainda não está e talvez nunca fique coerente. O que ainda não está coerente não é o mecanismo – posso ser paciente quanto a isso – e sim a elucidação do recalamento, cujo conhecimento clínico fez grandes progressos em outros aspectos”⁽¹⁵⁴⁾. Não se trata, pois, de falta de

coerência nos processos quantitativos imaginados por Freud, mas da articulação de fenômenos de outro registro, que Freud não consegue reduzir aos processos quantitativos. Como, com efeito, deduzir do jogo das quantidades fenômenos de ordem emocional que, segundo se constata na clínica, estão na origem da defesa? Temporariamente, após reconhecer esta incoerência, Freud tentará superar o impasse, acreditando por um momento tê-lo conseguido⁽¹⁵⁵⁾, para depois duvidar e, finalmente, abandonar seu empenho, declarando-se “irritado, confuso e incapaz de dominar tudo aquilo”⁽¹⁵⁶⁾. O fracasso do *Projeto de uma psicologia para neurologistas* é assim o fracasso da tentativa de reduzir os fenômenos psíquicos a fundamentos físicos e biológicos.

1.11. REALIDADE E FANTASIA

A frustrada tentativa do *Projeto de uma psicologia para neurologistas* desenvolveu-se paralelamente a significativos progressos na psicologia clínica, na qual Freud enriquecera a teoria do trauma construindo a hipótese das duas cenas, ao mesmo tempo em que sublinhava com ênfase crescente o papel da fantasia nos processos psíquicos inconscientes. Freud chegara a convencer-se de que “o aspecto essencial da histeria é que ela decorre da perversão por parte do sedutor, e [parece] cada vez mais que a hereditariedade é a sedução pelo pai”⁽¹⁵⁷⁾. Todavia, também neste registro Freud experimentará logo um impasse. Por uma série de razões que expõe na conhecida carta para Fliess, de 21-09-1897, decide abandonar a hipótese da etiologia traumática das psicose. Entre essas razões, Freud sublinha que a teoria traumática obrigava a supor uma generalização da perversão paterna, o que lhe parecia insustentável⁽¹⁵⁸⁾. Entretanto, na mesma carta na qual reconhece a impossibilidade de postular a sedução paterna como causa regular das psicose, Freud oferece um outro argumento: “... não há indicações de realidade no inconsciente”, escreve, “de modo que não se pode distinguir entre a verdade e a ficção que foram catequizadas pelo afeto”. Este segundo argumento contra a teoria oferece, na verdade, a via de sua própria superação: “Por conseguinte”, continua Freud, “restaria a solução de que a fantasia sexual se prende invariavelmente ao tema dos pais”. Esta frase poderia ser entendida no sentido de que Freud abandona a teoria do trauma, substituindo-a imediatamente pela articulação do papel das fantasias e o da sexualidade infantil na Teoria do Édipo. Assim, o momento do abandono da teoria do trauma seria também o da ruptura de Freud com o realismo de sua concepção anterior e, pela substituição do trauma real pela fantasia, o momento inaugural da afirmação da realidade psíquica. Todavia, esta leitura não corresponde ao movimento real de construção da teoria freudiana. Com efeito, ela supõe em primeiro lugar que, quando Freud abandona, por inverossímil, a teoria do

trauma, o Édipo já se tinha constituído na pedra angular de sua teorização. Supõe ainda que o papel das fantasias nos processos psíquicos passa a ocupar apenas então um papel fundamental na teoria freudiana. Supõe, por fim, que essa transformação do papel da fantasia significa, por parte de Freud, o abandono de todo “realismo”. Ora, como se verá, nenhuma dessas três suposições é sustentável, seja à luz da correspondência com Fliess ou da própria apresentação da teoria, em *A interpretação dos sonhos*, ou ainda, em outros textos imediatamente posteriores.

1.12. A DESCOBERTA DO ÉDIPPO

A descoberta do Édipo por Freud é, antes de mais nada, resultado de sua auto-análise, que no mesmo momento em que abandona a teoria do trauma, considera ser a coisa mais essencial⁽¹⁵⁹⁾. “Descobri também, em meu próprio caso, [o fenômeno de] me apaixonar por mamãe e ter ciúme de papai, e agora o considero um acontecimento universal do início da infância, mesmo que não ocorra tão cedo quanto nas crianças que se tornam histéricas. Cada pessoa foi, um dia, na fantasia, um Édipo em potencial e recua, horrorizada, diante da realização do sonho ali transplantado para a realidade, com toda a carga de recalçamento que separa seu estado infantil do estado atual”⁽¹⁶⁰⁾. Esta carta certamente demonstra um progresso na compreensão freudiana da importância do drama edípico. Poucos meses antes, Freud já tinha vislumbrado que “os impulsos hostis contra os pais (o desejo de que morram) são também um elemento integrante das neuroses”⁽¹⁶¹⁾. Considera agora que esses sentimentos hostis constituem um acontecimento universal do início da infância. Porém, nem por isso estamos autorizados a postular que a partir desse momento Freud rearticula sua teoria em torno do Édipo. Com efeito, mesmo intuindo que seus próprios sonhos incestuosos mostram a realização do desejo de encontrar um “Pater” originador das neuroses, Freud não articula teoricamente sua descoberta com o recalçamento: “eu gostaria”, escreve, “que em vez do conceito de recalçamento, eu já dispusesse também do que se oculta por trás dele”⁽¹⁶²⁾.

Esta ausência de articulação do Édipo se evidencia também em *A interpretação dos sonhos*, na qual este se apresenta apenas como um exemplo entre os sonhos típicos⁽¹⁶³⁾. Mais ilustrativo ainda da não-articulação teórica da teoria do Édipo neste período da obra freudiana é sua total ausência nos *Três ensaios de teoria sexual*. Nesta obra central, o Édipo só será citado em nota de rodapé, incorporada em posteriores edições⁽¹⁶⁴⁾. Voltaremos a este tema no segundo capítulo, no intuito de demonstrar a importância que o Édipo – entendido como complexo – adquirirá na seqüência da obra freudiana.

1.13. O PAPEL DAS FANTASIAS

A importância do papel da fantasia foi compreendida por Freud antes de concluir sobre a inverossimilitude da teoria do trauma. Assim, referindo-se à histeria, afirma Freud em maio de 1897 ter adquirido uma noção segura sobre sua estrutura: “Tudo se remonta à reprodução de cenas do passado”, escreve. A algumas pode-se chegar diretamente e, a outras, por meio de fantasias que se erguem à frente delas. “As fantasias provêm”, acrescenta, “de coisas que foram ouvidas, mas só posteriormente entendidas, e todo o material delas, é claro, é verdadeiro”⁽¹⁶⁵⁾. Há, pois, cenas reais na base das psicose, mas sobre elas, como “fachadas psíquicas produzidas com a finalidade de impedir o acesso a essas recordações”⁽¹⁶⁶⁾, Freud encontra as fantasias. “Elas emergem”, diz ele, “de uma combinação inconsciente de coisas vivenciadas e ouvidas, de acordo com certas tendências (...) as fantasias são formadas por amálgama e distorção, de modo análogo à decomposição de um composto químico que esteja combinado com outro (...) um fragmento da cena visual combina-se então com um fragmento da cena auditiva, formando a fantasia...”⁽¹⁶⁷⁾. Como se vê, ao mesmo tempo em que progride no conhecimento do mundo da fantasia, o que considera “um grande avanço da compreensão”⁽¹⁶⁸⁾, Freud ancora firmemente a emergência desse mundo na realidade. Assim, falando a Fliess sobre suas próprias fantasias, queixa-se de não ter descoberto “nada sobre as cenas propriamente ditas que estão na origem dessa história”, condicionando a essa eventual descoberta a solução de sua própria histeria⁽¹⁶⁹⁾. É importante salientar que esta última citação, na qual Freud insiste em postular uma base real para a fantasia, pertence a uma carta posterior ao abandono da teoria do trauma, o que não deve surpreender, na medida em que, como se verá no capítulo II, a exigência de pelo menos indícios de realidade na base das fantasias, continuará sendo sempre defendida por Freud. Contudo é indiscutível que, após o abandono da teoria do trauma, a problemática da fantasia adquire uma significação cada vez maior na reflexão de Freud, levando-o, por exemplo, a ampliar sua concepção da etiologia da histeria, na qual conclui haver maior participação da fantasia. “Nela, a parcela de fantasia”, escreve em 1898, “é muito maior do que eu havia pensado no começo”⁽¹⁷⁰⁾. Um momento importante neste processo parece ter sido vivido por Freud nos primeiros dias de 1899 quando, como consequência de sua auto-análise, parece convencer-se de que as fantasias são produto de períodos posteriores projetadas para épocas mais remotas da infância através de um elo verbal⁽¹⁷¹⁾. “Na infância”, continua no mesmo texto, “não aconteceu nada, mas existia o germe de um impulso sexual”. Com esta intuição, Freud acredita ter posto o dedo num ponto nodal⁽¹⁷²⁾, ao haver encontrado o que passará a denominar a “chave da fantasia”. Pouco depois, entretanto, torna a duvidar de sua descoberta,

chegando a se propor como projeto de trabalho para o ano de 1899 “a superação das fantasias que de fato me atraíram para muito longe do que é real”⁽¹⁷³⁾. Desse trabalho, as fantasias parecem surgir vitoriosas: “...a conquista do ano passado, as fantasias”, relata em novembro desse mesmo ano, “resistiu esplendidamente ao teste”. Mas se com esta afirmação Freud reafirma a importância da fantasia nos processos psicopatológicos, ao mesmo tempo insiste em postular alguma base no real, o que, como se verá em seguida, atribui ao maior alcance dado à predisposição⁽¹⁷⁴⁾. Lembre-se finalmente que no seu pequeno trabalho *Sobre los recuerdos encubridores*, escrito de 1899, Freud propõe a existência de matéria-prima no real para a construção das fantasias⁽¹⁷⁵⁾.

1.14. A PRESERVAÇÃO DO REAL

Assim, apesar da significação que a problemática da fantasia adquire na reflexão freudiana nos últimos anos do século XIX, a análise cuidadosa de sua correspondência desautoriza qualquer leitura que pretenda interpretar esse movimento como uma ruptura de Freud com o seu realismo do período anterior. Com efeito, os progressos significativos que obteve no terreno das fantasias não resultam na independência do registro dessa fantasia face ao real. Este era postulado tanto na existência de cenas reais, sobre as quais as fantasias eram construídas, como numa predisposição orgânica e hereditária, na qual Freud vislumbra, por um momento, a sexualidade infantil. A significação das descobertas realizadas por Freud neste período é indiscutível. Elas balizam o terreno no qual se firmará a especificidade da realidade psíquica, postulada explicitamente no capítulo VII de *A interpretação dos sonhos*. Porém, como se viu, essa realidade não é teoricamente articulada, seja com o Édipo, ou com a teoria da sexualidade infantil. Como afirmam Laplanche e Pontalis, a descoberta do Édipo não é a causa do abandono da teoria da sedução nem aquilo que a substitui⁽¹⁷⁶⁾. Na verdade, o resultado imediato do abandono da teoria do trauma foi para Freud “um período de desconcerto total”, provocado pela perda “do apoio na realidade”⁽¹⁷⁷⁾. Ao abandonar, por inverossímil, a teoria traumática, viu-se obrigado a reconhecer no “fator de predisposição hereditária (...) uma esfera de influência da qual eu me incumbira de desalojar, em prol do esclarecimento da neurose”⁽¹⁷⁸⁾. Ao questionar sua “exagerada insistência nos influxos acidentais que afetavam a sexualidade”, Freud reafirma a primazia dos fatores constitucionais e hereditários⁽¹⁷⁹⁾. Como se sabe, na sequência da teorização freudiana esta influência dos fatores constitucionais deixou de indicar uma “predisposição neuropática geral”, para referir-se à constituição sexual, apreendida por Freud através do conceito de pulsão, cujo vínculo com o orgânico, entretanto, manterá através do conceito de apoio⁽¹⁸⁰⁾.

Na verdade, a descoberta da realidade psíquica jamais significou, no pensamento freudiano, a constituição de um campo inteiramente divorciado do registro corporal. Nesse sentido, vale a pena lembrar que, ainda em 1923, no contexto de sua análise mais completa sobre a problemática do Édipo, Freud apresenta a possibilidade de que “a ambivalência comprovada na relação com os pais pudesse referir-se, por inteiro, à bissexualidade e, não como antes expus, que se desenvolvesse pela atitude de rivalidade a partir da identificação”⁽¹⁸¹⁾.

O momento em que abandona a teoria do trauma não é, para Freud, um momento de reconstrução teórica, mas de desconcerto. Mas será também um período de intenso processo pessoal, centrado na sua auto-análise. É no bojo desse processo que emergem, na obra freudiana, tanto a descoberta do Édipo como a da realidade psíquica. Este processo, testemunhado pela correspondência com Fliess, antes e depois da famosa carta na qual comunica o abandono da teoria do trauma, possui características específicas que só podem ser adequadamente compreendidas no contexto do objeto que esse mesmo processo permitirá descobrir: o inconsciente. São precisamente tais características que permitem compreender, *a posteriori*, que Freud, mesmo sem poder entender por que, ao reconhecer o fracasso de sua teoria experimentalmente “antes um sentimento de vitória que de derrota”. É das características deste processo que nos ocuparemos a seguir.

1.15. O INSIGHT FREUDIANO

Referimo-nos ao abandono da teoria do trauma como um momento de perplexidade, e não um novo encaminhamento teórico. Na perspectiva da trabalhosa elaboração teórica a que vinha se dedicando, Freud confessa não ter a mínima idéia de onde se situar⁽¹⁸²⁾. Entretanto, esse momento é também o da elaboração de *A interpretação dos sonhos*, vale dizer, do *insight* freudiano, que culmina na descoberta da realidade psíquica. Como assinalamos, esta descoberta não resultou da desistência, por parte de Freud, de seus pressupostos ontológicos e epistemológicos anteriores, conforme comprova a já citada carta, que convém relembra: “Não tenho a menor inclinação de deixar a psicologia suspensa no ar, sem uma base orgânica. No entanto, à parte essa convicção, não sei como prosseguir, nem teórica nem terapêuticamente, de modo que preciso comportar-me como se apenas o psicológico estivesse em exame. Por que não consigo encaixá-los [o orgânico e o psicológico], é algo que sequer comecei a imaginar”⁽¹⁸³⁾. Na verdade, como já foi dito, a descoberta freudiana constitui o fruto de um intenso processo pessoal, centrado na sua auto-análise. Uma conquista resultante de uma aventura, na qual Freud investiu com a ousadia, tenacidade e curiosidade que, segundo afirma⁽¹⁸⁴⁾, caracterizavam seu temperamento.

A experiência vital que esteve no centro desse processo foi, como se sabe, a morte de Jacob Freud. “Por um daqueles caminhos por trás da consciência oficial”, diz Freud, “a morte de meu velho me afetou profundamente (...) Na ocasião em que morreu, sua vida estava há muito terminada mas, em meu íntimo, todo o passado foi reavivado por esse acontecimento”⁽¹⁸⁵⁾. Anos depois, Freud compreendeu a influência desse acontecimento na sua grande descoberta: “É que, para mim, este livro possui outro significado, subjetivo, que só depois de concluí-lo, pude compreender”, relata no prólogo da segunda edição de *A interpretação dos sonhos*. “Adverti que era parte de minha auto-análise, que era minha reação frente à morte de meu pai, quer dizer, frente ao acontecimento mais significativo e à perda mais terrível na vida de um homem”⁽¹⁸⁶⁾. Neste processo, a descoberta freudiana parece percorrer antes o caminho da intuição inconsciente do que do raciocínio lógico. Assim, na carta em que se refere pela primeira vez ao Édipo, inicia suas comunicações com uma advertência: “Sei que se trata apenas de premonições, mas sempre surgiu algo de todas as coisas desse tipo; só tive que voltar atrás, aos conhecimentos que quis acrescentar ao Pcs. Outro pressentimento me diz, como se eu já soubesse – embora não saiba absolutamente nada – que desvendarei, dentro de muito pouco tempo, a origem da moralidade”⁽¹⁸⁷⁾. A importância desse processo para Freud⁽¹⁸⁸⁾ é explicada pelo fato de, no momento mesmo em que abandona a teoria do trauma e confessa sua desorientação, afirmar que “neste colapso de tudo o que é valioso, apenas o psicológico permaneceu inalterado. O livro sobre o sonho continua inteiramente seguro e os primórdios do trabalho metapsicológico só fizeram crescer em meu apreço”⁽¹⁸⁹⁾. “Esse vivo interesse pelo ‘sonho’”, declara Freud nesse período, “é paralelo a um total desinteresse pela ciência”⁽¹⁹⁰⁾. Não se trata apenas de uma questão referida ao objeto de interesse, mas ainda à maneira segundo a qual o objeto é abordado: “A psicologia vai prosseguindo de maneira estranha: está quase concluída, composta como num sonho e, certamente com essa forma, nem adequada para publicação, nem feita com esse fim, como mostra o estilo. Todos os seus temas provêm do trabalho com a neurose, e não do trabalho com os sonhos”⁽¹⁹¹⁾. Pouco depois, Freud esclarece ainda mais o processo de criação que presidiu a elaboração de sua obra fundamental: “Ele segue completamente os ditames do inconsciente, segundo o célebre princípio de Itzig, o viajante dominical:

- Itzig, para onde você vai?
- E eu sei? Pergunte ao cavalo.

Não iniciei um só parágrafo sabendo onde ele iria terminar. É claro que o livro não foi escrito para o leitor; depois das duas primeiras páginas, desisti de qualquer tentativa de cuidar do estilo. Por outro

lado, é claro que acredito nas conclusões. Ainda não tenho a mínima idéia da forma que finalmente assumirá o conteúdo”⁽¹⁹²⁾. Dificilmente Freud poderia ter sido mais explícito com relação ao processo pelo qual chegou a descobrir a realidade psíquica. Não seria exagero, à luz desta citação e de outras similares, afirmar que Freud descobriu o Inconsciente com o seu inconsciente.

É verdade que, nesta aventura, Freud se preocupava com a inserção de seu trabalho nos cânones da “ciência”. Já nos referimos à sua inquietação face ao “hiato psicológico”, assim como a sua referência à leitura especializada sobre o sonho (capítulo I). Entretanto, a esta parte de seu trabalho – que lhe era tediosa⁽¹⁹³⁾ e lhe demandava um esforço particular – Freud não atribuía importância. “Não há nada de importante aí”. Acrescenta, todavia, ser necessário suportá-la, “se não quisermos entregar aos ‘cientistas’ um machado para massacrar o pobre livro”⁽¹⁹⁴⁾.

Assim, a descoberta de uma nova realidade e a criação de um novo campo do saber resultam de uma singular aventura pessoal de Freud, na qual se prenuncia um elemento central do método psicanalítico. “Encontrei uma saída”, comenta, referindo-se a suas dificuldades terapêuticas – “renunciando a qualquer atividade mental consciente, de modo a tatear às cegas entre meus enigmas. Desde então, estou trabalhando, talvez com mais habilidade do que nunca, mas realmente não sei o que estou fazendo”⁽¹⁹⁵⁾. Foi este processo, caracterizado pela escuta do próprio objeto descoberto, que distinguiu a elaboração da obra que Freud considerava a mais inteiramente sua, construída sobre “meu próprio monte de esterco”⁽¹⁹⁶⁾.

1.16. CONTINUIDADE NA RUPTURA

Convém agora retomar, como conclusão deste capítulo, a problemática da continuidade e da ruptura na obra freudiana. Acreditamos ter demonstrado que, nesta primeira etapa, a construção da teoria freudiana se processou em registros diferentes: o da psicologia clínica, no qual Freud realiza suas descobertas, e o da “ciência”, no qual ele tenta fundamentar essas descobertas nos cânones do materialismo naturalista. Neste último, Freud sustenta, desde seu encontro com Charcot, a etiologia em última instância fisiológica dos fenômenos psicopatológicos, muito embora até o “Projeto de uma psicologia para neurologistas” esta opção constituísse apenas a afirmação de um princípio geral, deslocado na pesquisa freudiana pelo interesse devotado à psicologia clínica.

É a este registro que pertence também a frustrada tentativa do “Projeto de uma psicologia para neurologistas” de encontrar um fundamento quantitativo para os fenômenos psíquicos, subordinando assim a psicologia à física, química e biologia. Mostramos também que

o fracasso desse empreendimento foi motivado pela impossibilidade de fazer derivar, do movimento das quantidades e dos pressupostos biológicos que estruturam o *Projeto de uma psicologia para neurologistas*, os fenômenos da "Consciência". A impossibilidade de articular logicamente os fenômenos constatados na clínica, numa perspectiva quantitativa, convencem Freud da inviabilidade de seu esforço.

O primeiro nível no qual se desenvolve a pesquisa freudiana, dizíamos, é o da psicologia clínica. Neste, Freud sublinha desde cedo o conceito capital de defesa, vinculado a outro elemento também central, o da sexualidade. Mostramos como neste registro Freud descobre a questão da fantasia e seu papel vertebral nos fenômenos psicopatológicos, formulando sobre essas bases sua teoria do trauma. Mostramos ainda que a inverossimilhança dessa teoria não conduz à sua substituição pela teoria do Édipo, mas significa um momento de desconcerto teórico.

Salientamos que, paralelamente a este processo, desenvolve-se outro, no qual a auto-análise de Freud o leva a descobrir o complexo de Édipo e a realidade psíquica. Sublinhamos, entretanto, que esta aventura freudiana e a descoberta capital que dela resulta não redundaram na desistência, por parte de Freud, de afirmar o fundamento, em última instância material, dos fenômenos psíquicos.

Certamente, há ruptura na obra freudiana, mas ela foi produzida em outro registro que não o dos cânones científicos. Caracteriza-se pela descoberta da realidade psíquica como objeto específico e irreduzível da prática clínica e da teoria psicanalítica, sem que, no entanto, se abandonem as teses que postulavam um fundamento material para essa realidade.

No próximo capítulo mostraremos que a contradição presente nessa perspectiva se dissolve, ao se considerar o singular processo de construção da teoria psicanalítica, presidida pela preeminência da experiência clínica. Nessa ruptura, alguns elementos, já descobertos e que depois adquirem um papel central na teoria, não são ainda teoricamente articulados. É o caso do Édipo. Outros elementos, formulados ou descobertos num período anterior, têm seus significados revistos. É o caso também das fantasias, do conceito de defesa, do mecanismo das duas cenas, da teoria da sedução, da perspectiva energética. Estas ressignificações serão operadas não de uma vez, mas ao longo de toda a obra freudiana, à medida que a experiência clínica exige a reformulação do que, na *Apresentação autobiográfica*, Freud denominará a superestrutura especulativa da psicanálise, isto é, a metapsicologia.

Assim, a ruptura caracterizada pela descoberta da realidade psíquica, não pode ser entendida como o abandono de uma via "errada", como se a emergência da fantasia determinasse, na obra freudiana, o abandono do realismo.

Ao acompanhar, no trabalho e na correspondência de Freud a emergência do *insight*, do qual resulta a descoberta da realidade psíquica, mostramos que o autor atribui esse fenômeno ao trabalho de seu próprio inconsciente. Sentimo-nos assim autorizados a dizer que Freud descobriu o Inconsciente com seu próprio inconsciente.

Convém agora que nos aprofundemos no significado dessa afirmação: não se trata de atribuir a descoberta freudiana a uma súbita intuição, capaz de revelar, sem mais, um mundo novo. Trata-se, isto sim, de um trabalho de inteligência inconsciente, realizado sobre um longo caminho prévio de acumulação de conhecimentos e experiências conscientes. Como salientamos no início deste capítulo, Freud atribui ao trabalho do inconsciente importante papel na elaboração intelectual.

Este singular processo vivido por Freud permite, acreditamos, caracterizar sua descoberta ao mesmo tempo como produto de um *insight* e de um lento trabalho de reflexão e acumulação.

Tal processo permite também postular a continuidade da obra freudiana e, ao mesmo tempo, radicalizar o significado da ruptura nela operada. É que, na ótica assinalada, ela abrange não apenas o objeto, mas o próprio processo de conhecimento, durante o qual Freud passa a atribuir um papel central à fantasia, a partir de sua experiência pessoal⁽¹⁹⁷⁾.

NOTAS

- ¹ BIRMAN, Joel. "Fantasma, verdade e realidade". In: *Psicanálise, ofício impossível?*. Rio de Janeiro, Editora Campus, 1991, pp. 158-159.
- ² FREUD, Sigmund. Prólogo à segunda edição dos "Estudios sobre la histeria". In: *Obras Completas*. Buenos Aires, Amorrortu Editores, vol. II, p. 25.
- ³ FREUD, S. "Presentación autobiográfica". In: *Obras Completas*, ed. cit., vol. XX, p. 39.
- ⁴ Esta forma de raciocinar de Freud, construindo noções e conceitos que representam na teoria aspectos imprescindíveis para a apreensão do objeto, orientará mais tarde a elaboração do conceito fundamental de pulsão. Cf. Freud, S., "Pulsiones y destinos de pulsión". In: *Obras Completas*, ed. cit., vol. XIV, p. 113.
- ⁵ FREUD, "Prólogo a la tercera edición inglesa", "Interpretación de los sueños". In: *Obras Completas*, ed. cit., vol. IV, p. 27.
- ⁶ Em outro texto, referindo-se ao mesmo tema, Freud fala em "revelação". Cf. "A correspondência completa de S. Freud para W. Fliess. (1887-1904)". Jeffrey M. Masson Editor, Rio de Janeiro, Imago, 1986, pp. 419-420.
- ⁷ FREUD, S. "Mi contacto con Josef Popper-Lynkeus". In: *Obras Completas*, ed. cit., vol. XXII, pp. 203-204.
- ⁸ FREUD, S. "El criador literario y el fantaseo". In: *Obras Completas*, ed. cit., vol. IX, p. 123.
- ⁹ FREUD, S. "La interpretación de los sueños". In: *Obras Completas*, ed. cit., vol. V, pp. 600-601.

- ¹⁰ FREUD, S. "Tratamiento anímico (Tratamiento del alma)". In: **Obras Completas**, ed. cit., vol. I, p. 115.
- ¹¹ Id., p. 116.
- ¹² Ib., p. 117.
- ¹³ FREUD, S. "Tratamiento anímico (Tratamiento del alma)". In: **Obras Completas**, ed. cit., vol. I, p. 118.
- ¹⁴ Ib., p. 132.
- ¹⁵ Ib., p. 119.
- ¹⁶ Ib., p. 115.
- ¹⁷ Ib., pp. 125-132.
- ¹⁸ FREUD, S. "Tratamiento anímico (Tratamiento del alma)". In: **Obras Completas**, ed. cit., vol. I, p. 124.
- ¹⁹ FREUD, S. "Presentación autobiográfica", In: **Obras Completas**, ed. cit., vol. XX, pp. 9-10.
- ²⁰ Ib., p. 11.
- ²¹ "Letters of S. Freud", ed. Ernest Freud, p. 126, citado por LEVIN, Kennet In: **Freud y su primera psicología de las neurosis. Una perspectiva histórica**. F.C.E., México, 1985, p. 45.
- ²² LEVIN, K., op. cit., pp. 44-45.
- ²³ FREUD, S. "Presentación autobiográfica", ed. cit., p. 11.
- ²⁴ FREUD, S. "Informe sobre mis estudios en Paris y Berlín", In: **Obras Completas**, ed. cit., vol. I, p. 5.
- ²⁵ Ib., p. 8.
- ²⁶ Ib.
- ²⁷ FREUD, S. "Informe sobre mis estudios en Paris y Berlín", In: **Obras Completas**, ed. cit., vol. I, p. 10.
- ²⁸ Ib., p. 22.
- ²⁹ O acirrado debate da época versava sobre a causa da histeria em particular e das doenças psíquicas em geral, procurada em alterações anatómicas do cérebro pelos anatomopatologistas e em alterações difusas do sistema nervoso por outros. A concepção da histeria como doença funcional, sem alteração anatómica, é anterior a Charcot. Já no século XVIII, William Cullem, o criador do termo "neurosis", sustentava essa posição, conhecida na França através da tradução da obra de Cullem feita por Pinel. Todavia, foi necessária a autoridade de um neuropatologista famoso como Charcot, para que a teoria das anormalidades funcionais sem afecções orgânicas ganhasse força no meio científico europeu. Cf. sobre este ponto LEVIN, K. op. cit., capítulos II y III.
- ³⁰ FREUD, S. "Prólogo a la traducción de J.-M. Charcot. Leçons sur les maladies du système nerveux", In: **Obras Completas**, ed. cit., vol. I, p. 21.
- ³¹ FREUD, S. "Prólogo y notas de la traducción de J.-M. Charcot, Leçons de Mardi de la Salpêtrière" In: **Obras Completas**, ed. cit., pp. 167-170.
- ³² FREUD, S. "Charcot", In: **Obras Completas**, ed. cit., vol. III, p. 15.
- ³³ FREUD, S. "Presentación autobiográfica". In: **Obras Completas**, ed. cit., vol. XX, p. 13.
- ³⁴ Cf. "Letters of S. Freud". In: LEVIN, K., op. cit., p. 69.
- ³⁵ Artigo não assinado, da Encic. de Medicina Villaret. J. Strachey atribui, com argumentos convincentes, a autoria deste trabalho a Freud. Cf. "Nota Introdutória". FREUD, "Histeria", In: **Obras Completas**, ed. cit., vol. I, pp. 43-44.

- ³⁶ Em particular, "Prólogo y notas de la traducción de J.-M. Charcot, Leçons du mardi de la Salpêtrière". In: **Obras Completas**, ed. cit., vol. I e "Estudios sobre la histeria". In: **Obras Completas**, ed. cit., vol. II.
- ³⁷ FREUD, S. "Histeria". In: **Obras Completas**, ed. cit., pp. 662-63.
- ³⁸ FREUD, S. "Histeria". In: **Obras Completas**, ed. cit., p. 45.
- ³⁹ Ib., p. 45.
- ⁴⁰ Ib., p. 53.
- ⁴¹ Ib., p. 54.
- ⁴² FREUD, S. "Histeria". In: **Obras Completas**, ed. cit., p. 54.
- ⁴³ Ib., pp. 55-56.
- ⁴⁴ Ib., p. 56.
- ⁴⁵ Ib., p. 56.
- ⁴⁶ FREUD, S. "Histeria". In: **Obras Completas**, ed. cit., p. 54.
- ⁴⁷ FREUD, S. "Prólogo y notas de la traducción de J.-M. Charcot "Leçons de Mardi de la Salpêtrière". In: **Obras Completas**. ed. cit., vol. III, p. 163 e seg.
- ⁴⁸ Ib., p. 171.
- ⁴⁹ Ib., pp. 173-174.
- ⁵⁰ Ib., p. 177.
- ⁵¹ FREUD, S. "Sobre el mecanismo psíquico de los fenómenos histéricos". In: **Obras Completas**, ed. cit., vol. III, pp. 24 e seg.
- ⁵² Ib., pp. 30-32.
- ⁵³ FREUD, S. "Sobre el mecanismo psíquico de los fenómenos histéricos". In: **Obras Completas**, ed. cit., vol. III, p. 36.
- ⁵⁴ Ib., p. 31 e 32.
- ⁵⁵ Ib., pp. 32-33. A diferença, que não anula a semelhança indicada, é a seguinte: enquanto na histeria traumática o trauma psíquico resulta do afeto que acompanha um único e grande acontecimento, na neurose não traumática o trauma psíquico deriva de "uma série de sucessos plenos de afetos".
- ⁵⁶ FREUD, S. "Sobre el mecanismo psíquico de los fenómenos histéricos". In: **Obras Completas**, ed. cit., vol. III, p. 39.
- ⁵⁷ pp. 37-38.
- ⁵⁸ BREUER, J. e FREUD, S. "Estudios sobre la histeria". In: **Obras Completas**, ed. cit., vol. II, p. 25.
- ⁵⁹ FREUD, S. "Breve informe sobre el psicoanálisis". In: **Obras Completas**, ed. cit., vol. XIX, p. 206.
- ⁶⁰ "A correspondência completa de S. Freud e W. Fliess - 1887/1904". Ed. Jeffrey Moussaieff Masson. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1986, p. 83. As desavenças entre os dois autores, mencionadas por Freud esporadicamente em suas obras posteriores, são explicitadas na correspondência com Fliess. Ver sobre este tema as cartas de 12-07-1892 (p. 32); 11-12-1893 (p. 63); 21-05-1894 (p. 74) e 8-11-1895 (p. 152).
- ⁶¹ FREUD, S. "Prólogo a la segunda edición" de los "Estudios sobre la histeria", ed. cit., p. 25.
- ⁶² FREUD, S. "Presentación autobiográfica". In: **Obras Completas**, ed. cit., vol. XX, p. 38.
- ⁶³ BREUER, J. e FREUD, S. "Estudios sobre la histeria". In: **Obras Completas**, ed. cit., p. 180.
- ⁶⁴ Ib., p. 32.

- ⁶⁵ BREUER, J. e FREUD, S. "Estudios sobre la histeria". In: **Obras Completas**, ed. cit., pp. 86-89.
- ⁶⁶ *Ib.*, p. 139.
- ⁶⁷ *Ib.*, p. 155.
- ⁶⁸ *Ib.*, pp. 293-295.
- ⁶⁹ BREUER, J. e FREUD, S. "Estudios sobre la histeria". In: **Obras Completas**, ed. cit., p. 295.
- ⁷⁰ *Ib.*, p. 279.
- ⁷¹ *Ib.*, p. 281.
- ⁷² *Ib.*, p. 293.
- ⁷³ *Ib.*, p. 279.
- ⁷⁴ BREUER, J. e FREUD, S. "Estudios sobre la histeria". In: **Obras Completas**, ed. cit., pp. 304-305.
- ⁷⁵ FREUD, S. "Presentación autobiográfica". In: **Obras Completas**, ed. cit., p. 30.
- ⁷⁶ FREUD, S. "Las Neuropsicosis de defensa (Ensayo de una teoría psicológica de la histeria adquirida, de muchas fobias y representaciones obsesivas y de ciertas psicosis alucinatorias)". In: **Obras Completas**, ed. cit., vol. III.
- ⁷⁷ A idéia de duas condições, nas quais a reação face ao evento traumático é bloqueada, é reiterada na "Comunicação Preliminar" (ed. cit., vol. II, p. 35 a 37). A noção de defesa não recebe porém esse nome.
- ⁷⁸ Para a aceitação desta hipótese, ver "Estudios sobre la histeria", cap. II, p. 144. Para a apreciação cética, o capítulo IV, p. 291 da mesma obra, no qual Freud declara não ter encontrado nunca na clínica uma histeria hipnóide genuína. Finalmente, no "Fragmento de análise de um caso de histeria" (Dora), atribui a hipótese dos estados hipnóides a Breuer, declarando considerá-la ociosa e desnorteante. (Cf. ed. cit., vol. VII, p. 25, nota 14).
- ⁷⁹ BREUER, J. e FREUD, S. "Estudios sobre la Histeria", ed. cit., pp. 138-171.
- ⁸⁰ BREUER, J. e FREUD, S. "Estudios sobre la histeria". In: **Obras Completas**, ed. cit., p. 275.
- ⁸¹ *Ib.*
- ⁸² *Ib.*, p. 290.
- ⁸³ BREUER, J. e FREUD, S. "Estudios sobre la histeria". In: **Obras Completas** p. 211.
- ⁸⁴ *Ib.*, p. 47.
- ⁸⁵ Cf. Cartas do 18-12-1892; 21-05-1894 e 8-11-1895. In: **A correspondência completa de S. Freud para W. Fliess – 1887/1904**, ed. cit., pp. 36, 74 e 152, respectivamente.
- ⁸⁶ BREUER, J. e FREUD, S. "Estudios sobre la histeria", ed. cit., p. 23.
- ⁸⁷ FREUD, S. "Cinco conferencias sobre psicoanálisis". In: **Obras Completas**, ed. cit., p. 36.
- ⁸⁸ FREUD, S. "Cinco conferencias sobre psicoanálisis". In: **Obras Completas**, ed. cit., p. 36.
- ⁸⁹ BREUER, J. e FREUD, S. "Estudios sobre la histeria", ed. cit., p. 267.
- ⁹⁰ A origem clínica da tese freudiana da etiologia sexual das neuroses foi – clara e surpreendentemente – exposta por Breuer numa conferência pronunciada a 4 de novembro de 1895 no Colégio de Medicina de Viena. Cf. **A correspondência completa de S. Freud e W. Fliess – 1887/1904**, ed. cit., p. 152.

- ⁹¹ FREUD, S. "Cinco conferencias sobre psicoanálisis", ed. cit., p. 15.
- ⁹² Na sua correspondência com Fliess, Freud se refere aos desenvolvimentos contidos nos "Estudios sobre la histeria" como "psicologia clínica", reservando para a problemática dos fundamentos fisiológicos de suas descobertas o termo psicologia. Cf. Carta do 30-01-1899. In: **A correspondência completa de S. Freud para W. Fliess – 1887/1904**, ed. cit., p. 343.
- ⁹³ FREUD, S. Las psiconeurosis de defensa (Ensayo de una teoría psicológica de la histeria adquirida, de muchas fobias y representaciones obsesivas, y de ciertas psicosis alucinatorias), ed. cit., vol. III.
- ⁹⁴ *Ib.*, p. 47.
- ⁹⁵ Neste artigo de 1894, elaborado ainda no período de sua colaboração com Breuer, Freud não rejeita, como o fará mais tarde, a hipótese dos estados hipnóides. Todavia, é apenas o mecanismo da defesa que será considerado no trabalho.
- ⁹⁶ FREUD, S. Las psiconeurosis de defensa, pp. 49, 50 e 59.
- ⁹⁷ Carta de 21 de maio de 1894. In **A correspondência completa de S. Freud para W. Fliess – 1887/1904**, ed. cit., p. 74. Repare-se que Freud mistura um caso de neurose atual com as psiconeuroses. Contudo, excluída a alusão à neurose de angústia, as idéias contidas na carta citada são seguidas no texto que comentamos (p. 50 e seg.).
- ⁹⁸ FREUD, S. "Las psiconeurosis de defensa", ed. cit., p. 51 (histeria) e 56 (neuroses obsessivas).
- ⁹⁹ FREUD, S. Las psiconeurosis de defensa p. 53.
- ¹⁰⁰ *Ib.*, p. 61.
- ¹⁰¹ *Ib.*, p. 54.
- ¹⁰² FREUD, S. "Nuevas puntualizaciones sobre las neuropsicosis de defensa". In: **Obras Completas**, ed. cit., vol. III. Freud sublinha que os acréscimos teóricos contidos neste artigo resultam, para a histeria, da experiência acumulada na análise de treze casos. Cf. p. 164.
- ¹⁰³ *Ib.*, p. 163. Assinalemos, de passagem, que num trabalho escrito em francês e situado cronologicamente entre os dois dedicados às psiconeuroses de defesa, Freud utiliza a expressão "état émotif", para referir-se ao que denomina de "afeto", no primeiro dos artigos mencionados. Com o primeiro termo, são enfatizados os fenômenos constatados na clínica. Com o segundo, a explicação teórica, tributária dos princípios gerais aceitos por Freud. Cf. FREUD, S., "Obsesiones y fobias, su mecanismo psíquico y su etiología". In: **Obras Completas**, ed. cit., vol. III, p. 76.
- ¹⁰⁴ Cf. Cartas de 15 e 16 de outubro de 1895. In: **A correspondência completa de S. Freud para W. Fliess – 1887/1904**, ed. cit., pp. 145-146. Note-se que a segunda das cartas citadas ilustra com clareza o esforço desenvolvido por Freud para integrar suas descobertas clínicas numa teoria mais abrangente de base fisiológica. Declarando sua quase certeza de ter resolvido os enigmas da histeria e da neurose obsessiva, manifesta preocupação pelo "hiato psicológico", ou seja, pela ausência de uma explicação fisiológica para esse fenômeno clínico.
- ¹⁰⁵ FREUD, S. "Nuevas puntualizaciones sobre las neuropsicosis de defensa", ed. cit., p. 164.
- ¹⁰⁶ *Ib.*, pp. 165-167.

- ¹⁰⁷ FREUD, S. "Las neuropsicosis de defensa (Ensayo de una teoría psicológica de la histeria adquirida, de muchas fobias y representaciones obsesivas, y de ciertas psicosis alucinatorias)", ed. cit., p. 54.
- ¹⁰⁸ FREUD, S. "Nuevas puntualizaciones sobre las psiconeurosis de defensa", ed. cit., p. 163.
- ¹⁰⁹ *Ib.*, nota 12, pp. 167-168.
- ¹¹⁰ FREUD, S. "Nuevas puntualizaciones sobre las psiconeurosis de defensa", p. 169.
- ¹¹¹ FREUD, S. "Nuevas puntualizaciones sobre las psiconeurosis de defensa", pp. 170-171.
- ¹¹² **A correspondência completa de S. Freud para W. Fliess – 1887/1904**, ed. cit., p. 399.
- ¹¹³ Citado por Assoun Paul-Laurent, *Introdução à epistemologia freudiana*, Rio de Janeiro, 1983, pp. 53-54.
- ¹¹⁴ FREUD, S. "Proyecto de Psicología". In: **Obras Completas**, ed. cit., vol. I, p. 339.
- ¹¹⁵ FREUD, S. "El chiste y su relación con lo inconsciente", In: **Obras Completas**, ed. cit., pp. 140-141.
- ¹¹⁶ FREUD, S. "Cinco conferencias sobre psicoanálisis". In: **Obras Completas**, ed. cit., vol. XI, p. 15.
- ¹¹⁷ FREUD, S. "Presentação autobiográfica". In: **Obras Completas**, ed. cit., vol. XX, p. 23.
- ¹¹⁸ Sé muy bien que con la "etiología sexual" de las neurosis no es producido nada nuevo; que en la bibliografía médica nunca faltaron corrientes subterráneas que dieran razón de estos hechos, y aún la medicina oficial de las academias tuvo noticia de ellos. Sólo que esta última hizo como si nada supiera; no dió empleo alguno a esa noticia, no extrajo de ella ninguna conclusión. Cf. FREUD, S. "A propósito de las críticas de la "neurosis de angustia". In: **Obras Completas**, ed. cit., vol. III, p. 124.
- ¹¹⁹ **A correspondência completa de S. Freud para W. Fliess – 1887-1904**, ed. cit., p. 74.
- ¹²⁰ A expressão "neuroses atuais" foi introduzida por Freud em 1898, no artigo "La sexualidad en la etiología de las neurosis". Porém, os dois tipos de neuroses que compõem esta categoria foram estudados por ele desde 1894. Cf. "Manuscritos A e B", In: FREUD, S., **Obras Completas**, ed. cit., vol. I, pp. 215 e 217, respectivamente, e "Sobre la justificación de separar de la neurastenia un determinado síndrome en calidad de neurose de angustia" e "A propósito de las críticas a la neurosis de angustia". In: op. cit., vol. III, p. 85 e 117, respectivamente.
- ¹²¹ FREUD, S. "Sobre la justificación de separar de la neurastenia un determinado síndrome en calidad de neurose de angustia". ed. cit., p. 114. Ver, no mesmo sentido, Freud, S., "La herencia y la etiología de las neurosis", In: **Obras Completas**, ed. cit., vol. III, p. 149.
- ¹²² FREUD, S. "Nuevas puntualizaciones sobre las psiconeurosis de defensa", ed. cit., vol. III, p. 168.
- ¹²³ FREUD, S. "Sobre la justificación de separar de la neurastenia un determinado síndrome en calidad de neurosis de angustia", ed. cit., p. 107.

- ¹²⁴ O manuscrito E não está datado. Supõe-se que seja de 6 de junho de 1894. Cf. **A correspondência completa de S. Freud para W. Fliess – 1887/1904**, ed. cit., p. 78.
- ¹²⁵ Freud lista casos em que a angústia emerge de uma causa sexual, em: a) pessoas virgens; b) pessoas intencionalmente abstinentes; c) pessoas obrigatoriamente abstinentes; d) mulheres que convivem com o coito interrompido; e) homens que o praticam. Cf. FREUD, S., "Sobre la justificación de separar de la neurastenia un determinado síndrome en calidad de neurosis de angustia", p. 79.
- ¹²⁶ FREUD, S., "Sobre la justificación de separar de la neurastenia un determinado síndrome en calidad de neurosis de angustia", pp. 79-81.
- ¹²⁷ *Id.*, "A propósito de las críticas a la "neurosis de angustia", ed. cit., p. 124.
- ¹²⁸ *Id.*, "Sobre la justificación de separar de la neurastenia un determinado síndrome en calidad de neurosis de angustia". ed. cit., p. 114.
- ¹²⁹ Ao comunicar a Fliess, em 1896, sua intenção de elaborar uma teoria sobre as grandes neuroses (incluindo nela as duas classes consideradas), Freud enfatiza que, ao fundo dessa obra paira outra mais bela, dedicada à Psicologia e à Psicoterapia das neuroses de defesa, para a qual, acrescenta, "tenho me proporcionado anos de preparação e na qual colocarei toda a minha alma" Cf. **A correspondência completa de S. Freud para W. Fliess – 1887-1904**, ed. cit., p. 179.
- ¹³⁰ FREUD, S. "Presentación autobiográfica". In: **Obras Completas**, ed. cit., vol. XX, p. 25. Convém salientar, ainda, que Freud, em 1898, ocupa-se longamente da problemática das neuroses atuais, no seu trabalho "La sexualidad en la etiología de las neurosis" e, de maneira mais sumária, em 1905, em "Mis tesis sobre el papel de la sexualidad en la etiología de las neurosis".
- ¹³¹ FREUD, S. "Nuevas conferencias de introducción al psicoanálisis". In: **Obras Completas**, ed. cit., vol. XXII, p. 76.
- ¹³² A 29 de novembro de 1895, Freud escreve a Fliess: "Não entendo mais o estado mental em que maquinei a psicologia; não consigo conceber como posso tê-lo infligido a você...; para mim, parece ter sido uma espécie de loucura". In: **A correspondência completa de S. Freud para W. Fliess – 1887/1904**, ed. cit., p. 153.
- ¹³³ Carta de 2 de abril de 1896. In: op. cit., p. 181.
- ¹³⁴ Carta de 4 de maio de 1896. In: *Id.*, p. 186.
- ¹³⁵ Carta de 30 de junho de 1896. In: *Ib.*, p. 194.
- ¹³⁶ Carta de 3 de junho de 1898. In: FREUD, S., **A correspondência completa de S. Freud para W. Fliess – 1887/1904**, ed. cit., pp. 307-308.
- ¹³⁷ Carta de 22 de setembro de 1898. In: *Id.*, p. 327.
- ¹³⁸ Carta de 23 de outubro de 1898. In: *Ib.* p. 333.
- ¹³⁹ Carta de 1 de agosto de 1899. In: **A correspondência completa de S. Freud para W. Fliess – 1887/1904**, ed. cit., p. 364.
- ¹⁴⁰ Carta de 20 de agosto de 1899. In: *Id.*, p. 368.
- ¹⁴¹ Carta de 27 de agosto de 1899. In: *Ib.*, p. 369.
- ¹⁴² Carta de 6 de setembro de 1899. In: *Ib.*, p. 370.
- ¹⁴³ Carta de 16 de agosto de 1895. In: **A correspondência completa de S. Freud para W. Fliess – 1887/1904**, ed. cit., p. 137.
- ¹⁴⁴ Carta de 25 de maio de 1895. In: *Id.*, p. 130.

- ¹⁴⁵ Carta de 25 de maio de 1895. In: A correspondência completa de S. Freud para W. Fliess – 1887/1904. ed. cit., p. 130.
- ¹⁴⁶ FREUD, S. “Proyecto de una psicología para neurologistas”, In: **Obras Completas**. ed. cit., vol. I, p. 394.
- ¹⁴⁷ Id., p. 339.
- ¹⁴⁸ FREUD, S. “Proyecto de una psicología para neurologistas”, In: **Obras Completas**. ed. cit., vol. I, p. 348.
- ¹⁴⁹ Id. p. 352. Convém salientar que “consciência”, aqui, não deve ser entendida no sentido da primeira tópica – ainda não formulada nessa época – mas como uma noção referente precisamente à qualidade, ou seja, àquilo que é algo mais que quantidade, incluindo o que Freud denomina “sensações”.
- ¹⁵⁰ FREUD, S. “Proyecto de una psicología para neurologistas”, In: **Obras Completas**. ed. cit., vol. I, p. 353.
- ¹⁵¹ Idem, p. 356.
- ¹⁵² Ibidem, p. 355.
- ¹⁵³ Ibidem, p. 339.
- ¹⁵⁴ Carta de 8 de outubro de 1895. In: A correspondência completa de S. Freud para W. Fliess – 1887/1904. ed. cit., p. 142.
- ¹⁵⁵ “...os véus caíram e tudo se tornou transparente, desde os detalhes das neuroses até os determinantes da consciência”. Carta de 20 de outubro de 1895, id., p. 147.
- ¹⁵⁶ Carta de 8 de novembro de 1895. ib., p. 151.
- ¹⁵⁷ Carta de 6 de dezembro de 1896. In: A correspondência completa de S. Freud para W. Fliess – 1887/1904, ed. cit., p. 213.
- ¹⁵⁸ Carta de 21 de setembro de 1897. Id., p. 265.
- ¹⁵⁹ Carta de 15 de outubro de 1897. In: A correspondência completa de S. Freud para W. Fliess – 1887/1904, ed. cit., p. 271.
- ¹⁶⁰ Id., p. 273.
- ¹⁶¹ Rascunho N, anexo à carta de 31 de maio de 1897. Ibidem, p. 251.
- ¹⁶² Carta de 27 de outubro de 1897. In: A correspondência de S. Freud para W. Fliess – 1887/1904, ed. cit., p. 275.
- ¹⁶³ Freud, S. “La interpretación de los sueños”. In: **Obras Completas**, ed. cit., vol. IV, cap. V, pp. 258 e seg.
- ¹⁶⁴ Freud, S. “Tres ensayos de teoría sexual”. In: **Obras Completas**. ed. cit., vol. VII, p. 148 (nota 37, de 1920).
- ¹⁶⁵ Carta de 2 de maio de 1897. In: A correspondência completa de S. Freud para W. Fliess – 1887/1904, ed. cit., p. 240.
- ¹⁶⁶ Rascunho L, anexo à carta de 2 de maio de 1897. Id., p. 241.
- ¹⁶⁷ Rascunho M, anexo à carta de 25 de maio de 1897. Ibidem, p. 247.
- ¹⁶⁸ Carta de 2 de maio de 1897. Ibidem, p. 240.
- ¹⁶⁹ Carta de 3 de outubro de 1897. Ibidem, pp. 269-270.
- ¹⁷⁰ Carta de 27 de abril de 1898. In: A correspondência de S. Freud para W. Fliess – 1887/1904, ed. cit., p. 310.
- ¹⁷¹ Carta de 3 de janeiro de 1899. Id., p. 339.
- ¹⁷² Carta de 16 de janeiro de 1899. Ibidem, p. 341.
- ¹⁷³ Carta de 2 de março de 1899. In: A correspondência de S. Freud para W. Fliess – 1887/1904, ed. cit., p. 348.
- ¹⁷⁴ Carta de 7 de novembro de 1899. Id., p. 384.

- ¹⁷⁵ FREUD, S. “Sobre los recuerdos encubridores”. In: **Obras Completas**. ed. cit., vol. III, p. 311.
- ¹⁷⁶ Laplanche e Pontalis, “Fantasía originaria, fantasía de los orígenes e origen de la fantasía”. In: **El inconsciente freudiano y el psicoanálisis francés contemporáneo**. Ediciones Nueva Visión, Buenos Aires, 1976, p. 118.
- ¹⁷⁷ FREUD, S. “Contribución a la historia del movimiento psicoanalítico”, ed. cit., vol. XIV, p. 17. O desconcerto freudiano provocado pelo abandono da teoria da etiologia traumática das psicose neuroses é testemunhada ainda na já referida carta de 21/09/1897 e, quase três décadas mais tarde, na sua “Presentación autobiográfica”, ed. cit., vol. XX, p. 33.
- ¹⁷⁸ Carta de 21 de setembro de 1897, In: A correspondência completa de S. Freud para W. Fliess – 1887/1904, ed. cit., p. 266.
- ¹⁷⁹ FREUD, S. “Mis tesis sobre el papel de la sexualidad en la etiología de las neurosis”. In: ed. cit., vol. VII, p. 267.
- ¹⁸⁰ Convém salientar que, ainda em 1925, Freud continuava a sustentar a teoria do apoio da pulsão no instinto. (Cf. “Presentación autobiográfica”, ed. cit., vol. XX, pág. 33).
- ¹⁸¹ FREUD, S. “El yo y el ello”. In: **Obras Completas**, ed. cit., vol. XIX, p. 35.
- ¹⁸² Carta de 21 de setembro de 1897. In: A correspondência completa de S. Freud para W. Fliess – 1887/1904, op. cit., p. 304.
- ¹⁸³ Carta de 22 de setembro de 1898. In: A correspondência de S. Freud para W. Fliess – 1887/1904, ed. cit., p. 327.
- ¹⁸⁴ Carta de 1 de fevereiro de 1900. Idem, p. 399.
- ¹⁸⁵ Carta de 2 de novembro de 1896. Ibidem, p. 203.
- ¹⁸⁶ FREUD, S. “La interpretación de los sueños”, In: **Obras Completas**, ed. cit., vol. IV, p. 20.
- ¹⁸⁷ Carta de 31 de maio de 1897. In: A correspondência completa de S. Freud, ib.
- ¹⁸⁸ Carta de 15 de outubro de 1897. Ibidem, p. 271.
- ¹⁸⁹ Carta de 21 de setembro de 1897. Ibidem, p. 267.
- ¹⁹⁰ Carta de 3 de abril de 1898. Ibidem, p. 308.
- ¹⁹¹ Carta de 20 de junho de 1898. Ibidem, p. 319.
- ¹⁹² Carta de 7 de julho de 1898. In: A correspondência de S. Freud para W. Fliess – 1887/1904, ed. cit., p. 320.
- ¹⁹³ Carta de 7 de dezembro de 1898. Id., p. 337.
- ¹⁹⁴ Cartas de 6 de agosto de 1899 e 28 de maio de 1899. In: A correspondência de S. Freud para W. Fliess – 1887/1904, ed. cit., pp. 366-354.
- ¹⁹⁵ Carta de 11 de março de 1900, idem, p. 405.
- ¹⁹⁶ Carta de 28 de maio de 1899, ibidem.
- ¹⁹⁷ Referimo-nos a uma das acepções que Freud outorga à metapsicologia, definida como “um especular, um teorizar metapsicológicos – a ponto este de dizer um fantasiar”. (Cf. FREUD, S., “Análisis terminable e interminable”. In: **Obras Completas**, ed. cit., vol. XXIII, p. 228. Voltaremos a este tema na sequência deste trabalho.

CAPÍTULO II

DESCOBERTA E EXPLORAÇÃO DO MUNDO NOVO

Os últimos anos do século XIX foram para Freud, ao mesmo tempo, de fracassos e descobertas. Os fracassos consistiram, como se viu, não só na frustração da tentativa contida em *Projeto de uma psicologia para neurologistas*, mas também, no terreno da psicologia clínica, na impossibilidade de sustentar a teoria do trauma real como explicação regular para a etiologia das psiconeuroses. As descobertas se expressam na postulação da realidade psíquica, em torno da qual Freud redimensiona os achados do período anterior. Em certo sentido, este movimento constitui um momento de ruptura na obra freudiana. Convém, entretanto, insistir que, se com a teoria do trauma Freud abandona uma tentativa de explicação da gênese dos processos psiconeuróticos, mantém, entretanto, as descobertas clínicas que realizara sobre esses processos. A sexualidade e a defesa continuam como peças centrais de sua compreensão das psicose e, na progressão de seu trabalho teórico, da própria constituição do inconsciente. A resignificação desses conceitos centrais será operada por uma nova compreensão das fantasias. Estas, todavia, não constituem a novidade contida em *A interpretação dos sonhos*. Como demonstramos no capítulo anterior, mesmo antes de comunicar a Fliess ter desistido da teoria do trauma, Freud tinha compreendido a importância da participação das fantasias nos processos psicopatológicos. Nessa época, Freud postulava que na histeria a representação reprimida constituía a base a partir da qual se elevava um vasto e complexo sistema de fantasias.

A novidade de *A interpretação dos sonhos* reside na descoberta do inconsciente não apenas como um conjunto de representações não conscientes dos neuróticos, mas como um sistema constitutivo do aparelho psíquico. A partir de *A interpretação dos sonhos*, diz Freud, "é possível inferir a estrutura do aparelho psíquico, obtendo-se informações até então esperadas em vão da especulação filosófica. Com relação a esse aparelho, a consciência é apenas um ato psíquico

particular, resultante da atividade de um órgão sensorial que percebe um conteúdo dado em outra parte ⁽¹⁾. Doravante, Freud pensará o inconsciente como um “mundo subterrâneo” ⁽²⁾, um “mundo novo”, cuja descoberta e exploração lhe valerão “longos anos de solidão honrada, mas penosa” ⁽³⁾.

Na continuidade de sua obra, Freud conserva os conceitos centrais da sexualidade e da defesa, mas provoca uma ruptura na ressignificação destes no quadro da descoberta da realidade psíquica. Esta descoberta, como salientamos no capítulo anterior, está intimamente vinculada à auto-análise do autor. Assim, *A Interpretação dos sonhos* nasce da confluência de duas fontes: a da prática clínica, que fundamenta a racionalidade do empreendimento freudiano, e a da auto-análise de Freud, que outorga a essa racionalidade sua especificidade.

É o próprio Freud quem sublinha esta dupla fonte de sua obra fundadora, de um lado indicando que seu interesse pelos sonhos se originou na sua prática clínica e na experiência da associação livre e, de outro, enfatizando que aquela obra era parte de sua auto-análise ⁽⁴⁾. Antecipando um tema que nos ocupará posteriormente, salientamos, de passagem, que a significação do Édipo em *A interpretação dos sonhos* não deriva de sua articulação teórica com a problemática desta, mas da significação da descoberta por Freud de seu próprio complexo no processo do qual emerge a obra. Foi nesse processo que Freud fez a experiência pessoal do inconsciente, convencendo-se de seu poder e influência na vida anímica. A partir desta experiência pessoal e de sua prática clínica, postula Freud a significação dos sentimentos amorosos e hostis dirigidos aos pais na vida infantil dos psiconeuróticos, sugerindo que não se trataria de uma especificidade da vida anímica destes, mas de uma experiência comum a muitos homens ⁽⁵⁾. Antecipa-se aqui a concepção freudiana do Édipo como complexo. Porém, mesmo constatando-o reiteradamente em sua clínica, Freud não o universaliza ainda. Na articulação teórica de *A interpretação dos sonhos*, o Édipo ocupará, como se sabe, o modesto lugar de um exemplo de sonho da morte de pessoas queridas.

2.1. A NOVIDADE EM A INTERPRETAÇÃO DOS SONHOS

A ressignificação da resistência e do valor etiológico da vida sexual no contexto de um sistema inconsciente pleno de sentido; eis, em síntese, a novidade contida em *A interpretação dos sonhos*. Junto à doutrina do recalque e da sexualidade infantil, esta tríade se constituirá no principal componente do edifício conceitual da psicanálise. Assim, Freud afirma no capítulo VII de *A interpretação dos sonhos* a existência da realidade psíquica, que “não deve ser confundida com a realidade material” ⁽⁶⁾.

Na mesma obra, entretanto, postula a fundamentação orgânica do psíquico, salientando que essa fundamentação não pode ser demonstrada “no estágio atual dos nossos conhecimentos” ⁽⁷⁾. Como explicar esta contradição? Na verdade, a contradição entre o sustentar um fundamento – em última instância orgânico – do psíquico e, ao mesmo tempo, abordar este último na sua especificidade irreduzível, só existe se se pretende ler a obra freudiana como um sistema ordenado logicamente, a partir de um princípio unificador. Isto é, uma obra construída a partir de premissas teóricas fundadoras. Não era esta a perspectiva de Freud. Desde *A interpretação dos sonhos* ele opõe-se aos psiquiatras. Acusa-os de manter a psique “sob caução”, de ignorar a eficácia de sua ação e de se assustar com fenômenos reveladores da autonomia da vida anímica, relativos a alterações orgânicas demonstráveis ⁽⁸⁾.

Em franca oposição a essa atitude, a pesquisa freudiana se aprofunda no estudo dos fenômenos cuja primeira ocasião demonstrável é psíquica. Neste trabalho, marcado pelo respeito intransigente aos fenômenos observados na clínica, Freud é impelido a “descobrir integralmente tanto os métodos [terapêuticos] quanto suas premissas teóricas” ⁽⁹⁾, sendo levado a adotar posições inesperadas e, por vezes, contrárias a suas concepções gerais. É o caso, em particular, do papel da sexualidade nas perturbações psíquicas e, sobretudo, da afirmação de um sistema inconsciente. Este último exemplo é ilustrativo do processo seguido por Freud. Mostramos, no primeiro capítulo, que nos *Estudos sobre a histeria*, analisando os casos clínicos aí expostos, por diversas vezes Freud chega a refletir sobre a existência de “uma inteligência inconsciente”, de “uma inteligência superior que estaria fora da consciência do doente”. Assinalamos, também, que o autor resistira a afirmar essa existência, considerando-a “enganosa” ou, ainda, “mera aparência” ⁽¹⁰⁾. Finalmente, porém, as reiteradas experiências clínicas e sua própria vivência pessoal o obrigaram a “levar a sério o conceito de inconsciente”, como lembra no texto já citado de sua “Apresentação autobiográfica” ⁽¹¹⁾.

2.2. A PRIMAZIA DA CLÍNICA

Assim, tendo fracassado com o *Projeto de uma psicologia para neurologistas*, na sua tentativa de fundamentar os fenômenos psíquicos nas ciências da matéria, Freud não nega, entretanto, a existência destes. Outorgando à clínica a primazia na edificação do novo saber, constrói, a partir dela, seu quadro teórico.

A metapsicologia substitui, neste empreendimento teórico, os fundamentos antes procurados nas ciências da matéria. A metapsicologia, porém, não será a base sobre a qual se constrói o novo saber, mas sua “superestrutura” ⁽¹²⁾. A metáfora escolhida por Freud é

significativa: não é na metapsicologia que se originam os fundamentos do saber psicanalítico, mas na clínica. Porém, em troca, a especulação metapsicológica enriquece esse saber através da maior abrangência do trabalho dedutivo, que ela torna possível. Esta primazia da clínica torna-se evidente no caráter sempre provisório atribuído por Freud a suas construções metapsicológicas, permanentemente suscetíveis de modificação, quando novas descobertas clínicas tornam evidente sua inadequação ou insuficiência.

Quanto à problemática das relações entre o orgânico e o psíquico no pensamento freudiano, consideramos conveniente proceder ainda a uma rápida consideração. É que essas relações se referem, de fato, a duas questões que, embora próximas, são, no entanto, diferentes. A primeira diz respeito à derivação das perturbações anímicas de processos físico-químicos. Freud considera certa essa derivação em *A interpretação dos sonhos* ⁽¹³⁾ e apenas possível trinta e nove anos mais tarde, no *Esboço de Psicanálise* ⁽¹⁴⁾. A segunda questão refere-se à participação do somático na conformação da vida anímica. Freud irá sustentá-la ao longo de toda a sua obra, através dos conceitos de pulsão e do apoio desta no instinto – no quadro da primeira teoria pulsional – e das pulsões orgânicas no quadro da segunda teoria pulsional ⁽¹⁵⁾. Ainda em relação à primeira questão, e embora nosso trabalho nesta dissertação não inclua a última parte da obra freudiana, é conveniente proceder a algumas considerações, mesmo que sumárias.

Ressaltamos que o fundamento físico-químico das perturbações anímicas foi sustentado como princípio por Freud, em *A interpretação dos sonhos*, e considerado apenas como provável no *Esboço da psicanálise*. Este último texto, escrito por Freud aos 82 anos de idade, constitui, na opinião de Strachey, não um texto de divulgação, mas uma obra de aprofundamento de problemas centrais da teoria psicanalítica. Freud retoma nele a problemática que determinara o fracasso do *Projeto de uma psicologia para neurologistas*, isto é, a questão da Consciência, entendida como a faculdade humana de outorgar qualidade ao vivenciado. Nesta perspectiva, a consciência não se limita ao que a tradição filosófica entende como tal, mas à vida anímica, na acepção freudiana do termo. Ora, assim definida, a consciência é caracterizada por Freud como fato sem comparação “que desafia toda tentativa de explicá-lo e descrevê-lo” ⁽¹⁶⁾. Se fosse possível estabelecer uma referência precisa sobre o “cenário” orgânico – desses processos, diz Freud, no máximo obteríamos sua localização precisa, sem no entanto progredir na sua compreensão ⁽¹⁷⁾. Coerentemente com esta afirmação, Freud reivindica a autonomia da psicologia face a outras ciências, citando explicitamente a física e a química ⁽¹⁸⁾. O “real-objetivo”, diz Freud, permanecerá sempre não discernível ⁽¹⁹⁾ e esta afirmação é válida tanto para a psicologia quanto para a física e a química. Em consequência, as ciências devem contentar-se em estabelecer as

leis a que obedecem os processos de que se ocupam. É isto o que a psicanálise faz, com respeito à vida anímica, criando para tanto novos pressupostos e novos conceitos. Estas construções teóricas são certamente aproximações, porém possuem o mesmo valor das construções intelectuais auxiliares das outras ciências ⁽²⁰⁾. Este texto de Freud, comentado sumariamente, apresenta, sem dúvida, riqueza e complexidade não passíveis de abordagem aqui. Todavia, as breves referências precedentes são suficientes para indicar o movimento de relativização por Freud de suas posições iniciais, segundo as quais o progresso do conhecimento haveria de descobrir os fundamentos físico-químicos dos fenômenos anímicos.

2.3. A QUESTÃO DOS “FATORES ORGÂNICOS”

Retornemos agora ao período da obra freudiana marcado pela publicação de *A interpretação dos sonhos*. Vimos que o fracasso na tentativa de encontrar uma base material para a vida anímica não impede Freud de dedicar-se ao estudo desta. Consideremos agora o segundo fracasso a que aludíamos no início deste capítulo, fracasso este situado no terreno da psicologia clínica e referente ao abandono da teoria do trauma.

Este abandono tinha privado Freud da base real sobre a qual tentara fundar a etiologia das psicose e o desenvolvimento do complexo mundo da fantasia. Como se viu, impelido a desistir do fator acidental representado pelo trauma, Freud acredita ter que aceitar a influência de fatores orgânicos e hereditários como causa das psicose, fazendo então das fantasias uma realidade segunda, isto é, desenvolvida a partir desse fundamento. Todavia, também neste caso é a fantasia que lhe interessa, a ponto de sua mudança de opinião – comunicada a Fliess em 1897 – não ser tornada pública até 1905, já no contexto da teoria da sexualidade infantil.

Os “fatores constitucionais e hereditários” serão apresentados então não como uma disposição neuropática geral, mas como “constituição sexual”. Nos *Três ensaios sobre teoria sexual*, escreve Freud em 1905, “tentei descrever os múltiplos aspectos desta constituição sexual, bem como a composição interna da pulsão sexual e das diversas fontes orgânicas que contribuem para originá-la” ⁽²¹⁾. A constituição pulsional substitui assim o trauma na teorização freudiana, porém, nos mesmos *Três ensaios sobre teoria sexual*, Freud reintroduz o fator externo, desta vez através da sedução materna ⁽²²⁾. Voltaremos sobre este tema posteriormente.

Assim, colocando entre parênteses a questão da derivação do anímico a partir de fatores físico-químicos e o problema dos fatores orgânicos dos distúrbios neuróticos, Freud empreende a exploração do mundo novo da fantasia, mundo entendido agora como constituindo

uma realidade específica, a realidade psíquica. Esse mundo novo, Freud irá explorá-lo através de suas manifestações: os sonhos – a via real – mas também os chistes, atos falhos e sintomas.

2.4. A EXPLORAÇÃO DO MUNDO DA FANTASIA

Foi na clínica que Freud se deparou com a interpretação dos sonhos. Um dia – rememora Freud em 1916 – descobriu-se que os sintomas patológicos possuem um sentido, sobre o qual se baseou o procedimento da cura psicanalítica. Nesse tratamento, percebeu-se que os doentes também revelavam sonhos – continua Freud. Nasceu assim a suspeita de que igualmente esses sonhos possuíam um sentido⁽²³⁾. Narrados pelos pacientes através da associação livre, os sonhos foram percebidos por Freud como inseridos no encadeamento psíquico, dotados de sentido e, em consequência, interpretáveis.

O método de interpretação aplicado por Freud aos sonhos era o mesmo que o elaborado para os sintomas. Como estes, os sonhos possuíam um sentido. Como estes, ainda, esse sentido se ocultava como consequência dos mecanismos de defesa que operavam na sua produção. No curso de seu trabalho clínico, Freud analisou mais de mil sonhos. Porém não é este o material que utilizara para expor a técnica e a doutrina sobre a interpretação dos sonhos⁽²⁴⁾. É que se os sonhos e os sintomas eram ambas manifestações do inconsciente, os primeiros tinham a vantagem de constituir uma experiência de todos os homens. Nessa medida, eram aptos para demonstrar a existência do inconsciente, concebido agora não apenas como representações não conscientes de pessoas consideradas doentes, mas como uma instância específica, constitutiva do psiquismo humano.

Portanto, o livro “dos sonhos” – assim denominado por Freud em sua correspondência com Fliess – foi construído sobre dois eixos fundamentais. O primeiro demonstrava que os sonhos eram produtos psíquicos providos de sentido; o segundo tinha como objetivo expor os processos de deformação que ocultavam esse sentido⁽²⁵⁾. A estratégia freudiana – comentada na correspondência com Fliess e resenhada por nós no capítulo precedente – aconselhava, entretanto, fazer preceder essa problemática da discussão das abordagens dos autores que estudaram antes de Freud a questão dos sonhos. Quase sem exceção, considerando o sonho como produto de um processo somático, esses autores negavam-lhe a natureza de ato anímico e, com isso, a existência de um sentido e a possibilidade de interpretá-lo⁽²⁶⁾.

O capítulo VII da obra – “o filosófico”, o “psicológico” ou ainda “o metapsicológico”, como o denomina Freud em sua correspondência com Fliess – expõe uma concepção do aparelho psíquico e de seu modo de funcionamento construída por inferência a partir da análise dos sonhos. Estabelecendo uma série de pressupostos novos,

aproxima-se, por conjecturas, dessa concepção de edifício daquele aparelho e das forças que nele atuam. Esta construção deverá, diz Freud, ser confirmada pelo estudo comparativo das outras operações psíquicas⁽²⁷⁾. Com esta afirmação, Freud traça o plano de trabalho que seguirá na sua exploração do mundo inconsciente: a interpretação dos sonhos será seguida da interpretação dos atos falhos e dos chistes.

A breve exposição que antecede guiará a elaboração desta parte de nosso trabalho. Assim, trataremos inicialmente das considerações desenvolvidas por Freud sobre os autores que o precederam na discussão da problemática dos sonhos, abordando posteriormente sua aproximação e diferenciação com respeito às opiniões populares sobre o assunto. A importante questão do simbolismo nos sonhos será seguida pela análise freudiana das forças psíquicas que atuam no processo de formação dos sonhos, para encerrar com a discussão do capítulo VII. Neste percurso, tentaremos assinalar as dificuldades encontradas por Freud no seu esforço de articulação teórica, dificuldades estas que, a nosso modo de ver, evidenciam as insuficiências da primeira tópica.

2.5. OS SONHOS NA LITERATURA CIENTÍFICA

A concepção freudiana sobre os sonhos tinha sido elaborada à margem do pensamento da denominada “ciência estrita”. Todavia, na sua estratégia de apresentação, Freud optou por iniciar *A interpretação dos sonhos* resenhando a bibliografia científica sobre o problema do sonho. Esta bibliografia, comenta Freud, embora valiosa em alguns pontos, não conseguira construir uma infra-estrutura segura sobre a qual se pudesse continuar construindo um pesquisar que viesse depois. Em consequência, continua Freud, cada autor devia retomar o trabalho, por assim dizer, desde o começo⁽²⁸⁾.

A razão deste resultado insatisfatório da pesquisa de seus antecessores reside, na opinião de Freud, no fato de tomarem do sonho apenas seu conteúdo manifesto, ignorando não só o conteúdo latente mas também o processo psíquico através do qual se opera a transformação do conteúdo latente em manifesto. Centrando suas considerações no conteúdo manifesto do sonho e confrontados com a ausência de racionalidade deste último, os autores resenhados por Freud negam ao sonho o estatuto de produto psíquico. Mais precisamente, consideraram que na sua produção as operações intelectuais superiores estão suspensas ou, pelo menos, gravemente deterioradas⁽²⁹⁾. Assim, representam o sonho não como um fenômeno anímico provocado por motivos psíquicos, mas como o resultado de estímulos fisiológicos que se exteriorizam em uma sintomatologia psíquica. Isto se dá porque o aparelho atingido pelo estímulo não é capaz de outra exteriorização⁽³⁰⁾.

Como exceção a essa postura quase unânime, Freud sublinha a posição de Scherner, que situa a essência do sonhar no anímico⁽³¹⁾,

considerando o sonho um produto da atividade simbolizadora da fantasia ⁽³²⁾.

Embora criticando neste autor sua despreocupação com relação às regras que se deve observar em qualquer pesquisa ⁽³³⁾, Freud considera conveniente não desestimar sua contribuição, toda vez que nesta se vislumbra “uma aparência de sentido” ⁽³⁴⁾. Se Freud considera necessário não subestimar a teoria de Scherner, apesar das críticas que lhe dirige, é porque nelas vê um “núcleo de verdade”, caracterizado precisamente por sua concepção do sonho como um produto psíquico dotado de sentido. Esta afirmação – como se viu – constitui a pedra angular da concepção freudiana sobre o sonho.

2.6. A DEFORMAÇÃO ONÍRICA

O segundo elemento central da concepção freudiana sobre o sonho era – como salientamos – o processo de deformação onírica resultante do processo de censura, entendido como manifestação do mecanismo de defesa. É este processo que determina a transformação do conteúdo latente do sonho no conteúdo manifesto, provocando a aparente falta de sentido dos fenômenos oníricos.

A partir desta concepção, Freud recupera e harmoniza as descobertas de seus antecessores em relação aos sonhos: a preferência pelo acessório passava a ser explicada pela ação da censura, enquanto a marca do recente e do infantil devia ser tributado à forma de funcionamento do aparelho anímico, inferida por Freud ⁽³⁵⁾. As fontes somáticas também encontram seu lugar na concepção freudiana. Elas participam da formação do sonho de maneira comparável às impressões diurnas, isto é, como incitadoras do próprio sonho ⁽³⁶⁾.

Ao afirmar o sentido do sonho, Freud situa-se próximo à tradição popular ⁽³⁷⁾, embora dela se afaste decisivamente no procedimento postulado para sua interpretação. Com efeito, a tradição popular afirmava que o sonho tinha um sentido oculto, sendo necessário, para sua compreensão, substituir por outro o processo de pensamento expresso no sonhar ⁽³⁸⁾. Em outras palavras, era necessário interpretar o sonho. Com este objetivo, dois métodos diferentes tinham sido desenvolvidos pela tradição popular: o simbólico e o do deciframento. O primeiro, baseado na interpretação em bloco do sentido do sonho, não indicava o caminho que levava a essa interpretação, exigindo, em consequência, dons particulares do intérprete e constituindo-se, assim, em uma arte reservada a poucos. O segundo método concebia o sonho como escrito em outro código, postulando o deciframento do sentido de cada fragmento conforme uma chave fixa.

O procedimento elaborado por Freud era diferente. Não exigia, de parte do intérprete, dons particulares intuitivos. Tampouco supunha a validade de códigos pré-estabelecidos de tradução dos símbolos

presentes nos sonhos. Levava as marcas do terreno onde nascera, que não era outro – mais uma vez – que o da prática clínica. Com efeito, no curso da associação livre praticada pelos pacientes no tratamento das psicose, estes contavam sonhos que Freud começou a tratar como se fora um sintoma, aplicando assim o método para estes elaborado. Todavia, este procedimento se fundava num pressuposto: o de que, no processo de associação livre, o abandono das representações meta-conscientes não era substituído por associações totalmente arbitrárias, mas por associações guiadas por representações-meta inconscientes.

Dito de outra forma, o procedimento criado por Freud supunha o determinismo psíquico. Ciente da necessidade deste fundamento para seu método, Freud se empenha em prová-lo. Assim, reconhecendo não existir qualquer outra maneira de chegar ao conteúdo “traduzido” (pensamento onírico latente) através da associação livre – o que impediria verificar a correção da interpretação – argüi, entretanto, com a identidade dos procedimentos utilizados para interpretar os sonhos e os sintomas histéricos, sublinhando que, neste último caso, a correção do procedimento é assegurada pelo desaparecimento dos sintomas. Além disso, escreve, é improvável que algo que se ajusta ao sonho e o esclarece de maneira tão exaustiva como nossas interpretações, possa ser atingido se não houvessem conexões psíquicas já existentes.

O centro da questão residia, finalmente, em saber se existe ou não um pensar sem representações-meta. Em apoio à primeira alternativa, tem-se argüido, diz Freud, que as representações (ou imagens) emergentes aparecem unidas apenas pela denominada associação superficial. Estas seriam as associações por consonância das palavras ou por coincidência no tempo. Estas associações superficiais, segundo os que sustentam a existência de um pensar sem representações-meta, não possuiriam qualquer relação interna de sentido. Freud contesta energicamente essa afirmação: toda vez que um elemento psíquico se enlaça a outro por uma associação superficial, surge também, entre ambos, um enlace correto e mais profundo, submetido à resistência e à censura ⁽³⁹⁾. Voltaremos a este tema, central para a compreensão da concepção freudiana do inconsciente.

Assim, para sua “grande surpresa”, Freud descobre que não era a concepção dos médicos relativa a sonhos a que se aproximava da verdade, mas a dos leigos, embora esta fosse ainda prisioneira da superstição ⁽⁴⁰⁾. Se, para aqueles, o sonho não podia reivindicar mais sentido ou significado que a série de notas produzidas pelos dez dedos de um homem totalmente ignorante em música, ao percorrer o teclado ⁽⁴¹⁾, para os leigos, o sonho possuía um sentido e era interpretável. Entretanto, esse sentido só era conhecido pelo “sonhador” – embora ele não soubesse que o conhecia – ⁽⁴²⁾, o que tornava inaplicáveis os métodos populares de interpretação. Sendo o sonho produto da

atividade simbolizadora da fantasia ⁽⁴³⁾ do “sonhador”, só este podia fornecer a chave para a interpretação de seu sentido. Era preciso, pois, interrogar o “sonhador” sobre o sentido de seu sonho ⁽⁴⁴⁾, e era possível obter-se uma resposta através da utilização do procedimento da associação livre, tornada viável pela existência de representações-meta nos processos inconscientes.

2.7. O SIMBOLISMO NOS SONHOS

O elemento onírico é, para Freud, um símbolo do pensamento onírico ⁽⁴⁵⁾. Na primeira edição de *A interpretação dos sonhos*, como se viu, o símbolo era pensado por Freud exclusivamente como criação da fantasia do “sonhador”. Todavia, como se sabe, a problemática do simbolismo nos sonhos ganhou progressivamente importância no pensamento freudiano, determinando, a partir da quarta edição da obra (1914), a inclusão da letra E do capítulo VI dedicada à figuração por símbolos no sonho e aos sonhos típicos. Entretanto, é na décima Conferência de Introdução à Psicanálise, denominada precisamente *O simbolismo no sonho*, que Freud desenvolve sua análise mais profunda sobre o tema.

As importantes modificações introduzidas por Freud nesta problemática vinculam-se à descoberta da existência de dois tipos de símbolos presentes nos sonhos. Além dos símbolos que resultam da atividade da fantasia de cada “sonhador” e cujo sentido só pode ser conhecido através da associação livre, Freud postula agora outros símbolos possíveis de serem encontrados em “sonhadores” do mesmo círculo de língua e de cultura ⁽⁴⁶⁾ e, com idêntico significado em “sonhadores” de comunidades lingüísticas diferentes ⁽⁴⁷⁾. Por outro lado, a problemática do simbolismo – a mais surpreendente da doutrina dos sonhos ⁽⁴⁸⁾ – não pertence com exclusividade ao sonho nem foi descoberta inicialmente pela psicanálise ⁽⁴⁹⁾. Na verdade, ela preside a figuração nos contos tradicionais, nos mitos e sagas, nos chistes e no folclore ⁽⁵⁰⁾. Entretanto, sua utilidade para a interpretação dos sonhos é indiscutível, a ponto de Freud postular – para o progresso da psicanálise – a necessidade de apropriar-se desse rico material simbólico ⁽⁵¹⁾.

A existência de símbolos universais nos sonhos apresenta questões de grande importância para a compreensão do inconsciente. Com efeito, os símbolos universais presentes nos sonhos resistem à técnica de livre associação. Não se trata – comprova Freud – de um eventual fracasso da técnica, mas de “uma nova legalidade” ⁽⁵²⁾. A associação fracassa porque o “sonhador” desconhece o significado dos símbolos universais que utiliza em seu sonho ⁽⁵³⁾. Os símbolos particulares utilizados pelos “sonhadores” são criações de sua própria fantasia. Produzidos através de um processo inconsciente, facilmente se explica

que o “sonhador” não conheça conscientemente seus significados; entretanto, a compreensão destes através da técnica da associação livre demonstra que o “sonhador” conhece inconscientemente não apenas o significado do sonho, mas o processo de sua criação.

A questão é, porém, inteiramente diferente com relação aos símbolos universais utilizados pelo “sonhador”. Eles não são criação pessoal deste – não constituem uma produção de seu inconsciente – mas possuem uma existência universal, como o comprova sua ocorrência em diversas pessoas, oriundas inclusive de comunidades lingüísticas diferentes ⁽⁵⁴⁾. O “sonhador”, embora não conhecendo o significado do símbolo universal que utiliza no sonho, no entanto o utiliza. É, portanto, necessário aceitar que, de algum modo, o conhece. A única resposta possível para este enigma está em que o conhecimento do simbolismo é inconsciente para o “sonhador”. Esta resposta, todavia, exige o modificar da concepção sobre o inconsciente. É que, diz Freud, até agora, só tínhamos que supor a existência de aspirações temporárias ou permanentemente inconscientes, enquanto agora é preciso postular “conhecimentos inconscientes, conexões conceituais, comparações entre objetos diversos, que levam a que seja possível substituir, de maneira constante, um pelo outro”. Estas comparações, acrescenta, não se estabelecem como algo novo a cada vez, mas já estão disponíveis, estão prontas de uma vez para sempre ⁽⁵⁵⁾.

Com relação à origem desse conhecimento inconsciente do significado dos símbolos – que nos sonhos são utilizados quase exclusivamente para expressar objetos e referências sexuais – Freud conjectura a existência de uma íntima relação entre os símbolos e a sexualidade. Assim, citando Sperber ⁽⁵⁶⁾, sugere a tese que faz derivar a gênese da linguagem das necessidades sexuais. Os sons iniciais da linguagem teriam servido para comunicar-se com o parceiro sexual para chamá-lo. Posteriormente, as raízes lingüísticas assim formadas teriam sido vinculadas ao trabalho coletivo, que passou a ser acompanhado por manifestações lingüísticas repetidas ritmicamente. Desta forma, inserindo no trabalho um interesse sexual, o homem primitivo teria convertido aquele em algo agradável, tratando-o como equivalente e substituto da atividade sexual.

Sempre seguindo essa tese, a palavra passou a ter dois significados, designando tanto o ato sexual quanto a atividade de trabalho a ele equiparada. Posteriormente, a palavra se desvinculou do primitivo significado sexual, fixando-se no trabalho. Formaram-se assim diversas raízes lingüísticas, cuja origem sexual foi perdida com o tempo. Assim, conclui Freud, se esta tese fosse pertinente, poder-se-ia entender o simbolismo onírico universal. A referência simbólica expressaria a antiquíssima identidade lingüística; coisas que alguma vez foram designadas pela mesma palavra que os genitais – por exemplo – poderiam agora substituí-los, na qualidade de símbolos. Os símbolos universais

seriam, assim, os resíduos de um modo de expressão antiga, conservada parcialmente em diversas expressões: o sonho, o mito, o folclore etc.

A teoria de Sperber – sumariamente resenhada anteriormente – é apresentada por Freud como uma especulação. Não convém, em consequência, exagerar sua significação na teoria freudiana. Todavia, ela exprime uma perspectiva evolucionista da linguagem, presente em Freud desde o *Projeto de uma psicologia para neurologistas* ⁽⁵⁷⁾ até o *Esboço de Psicanálise* ⁽⁵⁸⁾.

Desta concepção é tributária ainda a opinião de Freud, segundo a qual o poder humano de gerar símbolos não está extinto, nem para os símbolos particulares – o que é óbvio – nem para os universais ⁽⁵⁹⁾.

A crescente importância atribuída por Freud à problemática do simbolismo não deve, entretanto, ser entendida no sentido de uma modificação radical de sua primeira posição com referência à questão da interpretação dos sonhos. A interpretação baseada no conhecimento dos símbolos não substitui, para Freud, a técnica associativa, nem pode comparar-se com esta ⁽⁶⁰⁾. Acreditar nisso seria incorrer num “erro pernicioso” ⁽⁶¹⁾, já que a interpretação a partir de símbolos universais só deve ser considerada como um método auxiliar ⁽⁶²⁾. Todavia importa sublinhar que, nos casos em que o “sonhador” se utiliza de símbolos universais, a tarefa do intérprete se torna independente das associações do “sonhador”. Isto é válido para a compreensão de elementos singulares do sonho ou de alguns de seus fragmentos ⁽⁶³⁾ e, excepcionalmente, de sonhos completos ⁽⁶⁴⁾, se, além do significado dos símbolos usais, o intérprete conhece o “sonhador”, as circunstâncias de sua vida e as impressões que lhe incitaram o sonho ⁽⁶⁵⁾.

2.8. A QUESTÃO DO SENTIDO

O sonho possui um sentido – afirma Freud – e é possível interpretá-lo através de um procedimento científico, que não dependa do arbítrio do intérprete nem de qualidades específicas deste. Para sustentar esta afirmação, Freud adota a estratégia de analisar um sonho paradigmático – o sonho da injeção dada a Irma – reconduzindo seu conteúdo manifesto ao conteúdo latente, através da elucidação do mecanismo de desfiguração onírica, que abordará posteriormente com maior detalhe. Ao concluir essa análise e, sem pretender ter descoberto o sentido integral do sonho ⁽⁶⁶⁾, Freud se considera autorizado a afirmar que, após uma interpretação, o sonho se dá a conhecer como sendo o cumprimento de um desejo, uma aspiração realizada ⁽⁶⁷⁾.

Esta última afirmação, entretanto, vai além da concepção que vê no sonho um produto psíquico provido de sentido. O sonho analisado constituía certamente o cumprimento de um desejo. O sentido de outros sonhos, porém, poderia ser de outro tipo, como, por exemplo,

o de realização de um temor, o de desenvolvimento de uma reflexão ou apenas de uma lembrança. Ficava assim aberta a possibilidade de que o sentido dos sonhos não fosse necessariamente o cumprimento de um desejo.

A existência de sonhos punitivos – que em uma consideração inicial dificilmente poderiam ser vistos como o cumprimento de um desejo – contribuía para reforçar a pertinência da questão. Como se verá, Freud resolve esta objeção através da postulação das diferentes instâncias psíquicas. Os sonhos punitivos figurariam como o cumprimento do desejo de uma instância enquanto, ao mesmo tempo, seriam penosos para outra ⁽⁶⁸⁾. Esta explicação que, no quadro da primeira tópica, levou Freud a invocar as tendências masoquistas presentes na vida anímica ⁽⁶⁹⁾, ganhou posteriormente – no contexto da segunda tópica – maior poder de convicção: os sonhos punitivos passaram a ser considerados como sonhos de cumprimento de desejo do superego ⁽⁷⁰⁾.

Afastada desse modo a objeção de que, a partir da existência dos sonhos punitivos, poder-se-ia argüir contra a concepção do sonho como realização de desejos, Freud passa a analisar diversos sonhos, no intuito de confirmar tal concepção. Uma questão importante se apresenta aqui: o desejo – cujo cumprimento o sonho figura – seria sempre um desejo sexual ou seria também de outro tipo? Nos sonhos infantis – na época em que *A interpretação dos sonhos* foi elaborada – a primeira alternativa estava excluída, na medida em que as crianças “não conhecem ainda o apetite sexual”. Nelas, eram outras as grandes pulsões vitais que, ao serem frustradas, podiam se converter em fonte de estimulação onírica ⁽⁷¹⁾.

Obviamente a posterior ⁽⁷²⁾ descoberta da sexualidade infantil modifica os pressupostos desta questão. Doravante, Freud passa a considerar que, sendo a pulsão sexual a mais sufocada das pulsões já na infância, deixa mais que qualquer outro desejos inconscientes, capazes de produzir sonhos ⁽⁷³⁾. Esta importante correção, todavia, não leva Freud a afirmar, como foi a ele atribuído, que o sentido de todos os sonhos fosse o de realização de um desejo sexual. Freud se defende vigorosamente desta interpretação em posteriores edições de *A interpretação dos sonhos* ⁽⁷⁴⁾, em nota incorporada em 1925 ⁽⁷⁵⁾ e nas *Conferências de Introdução à Psicanálise* ⁽⁷⁶⁾.

Entretanto, esta insistência de Freud não nos deve levar a minimizar a importância dos desejos eróticos nos sonhos. Com efeito, ele próprio escreve que os sonhos de adultos, “na sua maior parte”, tratam de material sexual e expressam desejos eróticos, embora acrescente a seguir que não convém desconhecer a existência de numerosos sonhos que satisfazem desejos não eróticos, propondo como exemplo os sonhos de fome, sede e comodidade ⁽⁷⁷⁾.

Assim, o pensamento freudiano evolui progressivamente no sentido de outorgar crescente importância à participação dos desejos

eróticos na formação dos sonhos sem, no entanto, “exagerar” essa participação até a exclusividade⁽⁷⁸⁾.

Esta evolução deve ser compreendida no interior das transformações operadas no pensamento de Freud em torno da concepção da sexualidade. Assim, a formulação da teoria da sexualidade e a consequente diferenciação entre o sexual e o genital⁽⁷⁹⁾ ampliaram o leque dos desejos considerados de natureza sexual. Porém, mesmo outorgando à sexualidade essa acepção mais ampla, não se deve – insiste Freud – desconsiderar as evidências demonstrativas da existência de sonhos que satisfazem desejos não eróticos⁽⁸⁰⁾.

Finalmente, a questão é posta sob nova perspectiva no quadro da segunda teoria pulsional, no qual o “sexual” é assimilado a Eros. Neste contexto, o problema passa a ser o de saber “se todos os sonhos são criados por forças libidinosas” ou se, na sua formação, intervêm também forças destrutivas⁽⁸¹⁾.

2.9. A TEORIA SOBRE OS SONHOS E O INCONSCIENTE

Como se viu, o interesse de Freud pelos sonhos surgiu no contexto da prática clínica, no quadro da associação livre praticada por seus pacientes. Aplicando a eles o método interpretativo elaborado para elucidar o sentido dos sintomas, Freud descobre não apenas que os sonhos possuem um sentido, mas também que este permanece oculto, por obra de um processo de deformação, cuja motivação deve ser atribuída à resistência. Assim, a afirmação da existência de pensamentos inconscientes plenos de sentido – tornados incompreensíveis pela ação de processos também inconscientes, motivados pela resistência – constitui a pedra angular da concepção freudiana sobre os sonhos e sobre o inconsciente.

É importante insistir sobre este ponto, já que as descobertas sobre os sonhos adquirem, na obra de Freud, uma dimensão que vai além da compreensão dos fenômenos oníricos. E isto não apenas porque – como lembra o próprio Freud⁽⁸²⁾ – ela serviu de auxílio para uma melhor compreensão das psiconeuroses, mas sobretudo porque tornou possível ensaiar uma primeira síntese metapsicológica sobre a estrutura do aparelho anímico e das forças que nele atuam. Ao compreender o trabalho do sonho, Freud individualiza pela primeira vez um processo psíquico que, por constituir parte de uma série maior, ilumina os processos que intervêm não apenas na produção dos sintomas, mas também dos atos falhos e dos lapsos. Isto é, a descoberta freudiana ultrapassa os limites dos estados patológicos, para iluminar processos psíquicos universais.

No período anterior a *A interpretação dos sonhos*, Freud atribuía ao inconsciente uma conotação apenas descritiva, indicando a existência de representações não conscientes em determinados estados

patológicos. Já em *A interpretação dos sonhos*, o conceito de inconsciente passa a indicar um sistema constitutivo do psiquismo humano, sistema cuja organização podia ser inferida a partir de operações psíquicas que apresentavam uma “constância necessária”.

É, pois, a partir da compreensão de diversas operações psíquicas produtoras de fenômenos até então atribuídos a processos orgânicos (sintomas, sonhos) ou simplesmente não explicados (atos falhos, chistes), que o edifício do aparelho anímico e seus modos de funcionamento podem ser inferidos. A compreensão do trabalho do sonho constituía o primeiro passo nesse processo de construção teórica, passo esse cujas conclusões deveriam ser testadas à luz dos conhecimentos produzidos pelo estudo das outras operações psíquicas. Estas conjecturas sobre o aparelho anímico – escreve Freud em *A interpretação dos sonhos* – deverão ser confirmadas pela comparação com os resultados da análise de outras operações psíquicas⁽⁸³⁾.

Assim, o conhecimento do processo do sonho torna possível uma nova doutrina psicológica⁽⁸⁴⁾, cuja pertinência não se esgota na explicação das doenças psíquicas, nem do sonhar, mas se refere ao funcionamento do próprio aparelho anímico. O essencial neste funcionamento, diz Freud, não está constituído nem pelo estado de dormir nem pelo de doença, já que processos similares são verificados na vida de vigília e em pessoas sadias. O essencial reside no deslocamento, operação psicológica cuja motivação são a resistência e a repressão⁽⁸⁵⁾. Deste modo, Freud ressignifica, no contexto de sua primeira síntese metapsicológica, os conceitos centrais de defesa e resistência que descobrira no seus trabalhos anteriores sobre as neuropsicoses de defesa.

2.10. O PENSAMENTO ONÍRICO E O TRABALHO DO SONHO

A doutrina freudiana sobre os sonhos se sustenta, portanto, em duas afirmações centrais: a existência de um pensar não consciente e a deformação desse pensar por obra da repressão. A primeira questão ultrapassa largamente o campo dos fenômenos oníricos. O estatuto propriamente inconsciente (no sentido dinâmico) ou pré-consciente (inconsciente no sentido descritivo) desses pensamentos, ocupará duradouramente a reflexão freudiana, constituindo posteriormente uma das questões que evidenciam a insuficiência da primeira tópica. Voltaremos ao tema no final deste capítulo.

Retomemos agora a problemática dos sonhos. Os fenômenos oníricos, afirma Freud, devem ser compreendidos como resultado de um trabalho da alma, no qual se deve distinguir duas operações: a produção dos pensamentos oníricos e sua transformação, por obra do trabalho do sonho⁽⁸⁶⁾. Os pensamentos oníricos se formam de maneira inteiramente correta, utilizando toda a capacidade de que a alma do

“sonhador” é capaz e constituindo ilações de pensamentos, plenas de afeto e ricas de sentido⁽⁸⁷⁾. Eles pertencem ao pensar não consciente, do mesmo modo que os pensamentos de vigília que, mediando um certo processo, se tornam posteriormente conscientes⁽⁸⁸⁾.

Já o trabalho do sonho, que transforma os pensamentos oníricos em seu conteúdo manifesto, é específico da vida onírica, embora compartilhe com outros processos psíquicos algumas de suas características principais. Constitui um processo inconsciente, cuja forma – tornada possível pelas condições do estado de dormir – afasta-se do modelo do pensamento de vigília, além do que os autores que desqualificavam o sonho como fenômeno psíquico suspeitaram⁽⁸⁹⁾. O trabalho do sonho se limita a remodelar os pensamentos oníricos através de operações de condensação, deslocamento, tradução de conceitos em imagens e – em alguns sonhos – elaboração secundária. Ele se esgota nestas quatro operações: nada cria, não incorpora nenhuma fantasia que lhe seja própria, não julga nem infere. Todas as operações intelectuais, que é possível nele discernir, já estavam presentes nos pensamentos oníricos⁽⁹⁰⁾. Portanto, o pensamento onírico e o conteúdo manifesto do sonho devem ser considerados como duas versões do mesmo conteúdo, o segundo sendo a transferência do primeiro a outra forma de expressão, cujos signos e leis de articulação é preciso aprender a discernir pela via da comparação entre o original e a tradução. O conteúdo do sonho é dado, por assim dizer, numa pictografia, cada um de seus signos devendo ser transferido à linguagem dos pensamentos oníricos⁽⁹¹⁾.

A distinção entre os pensamentos oníricos e o trabalho do sonho, e a que dela deriva entre os conteúdos latente e manifesto, é essencial para a superação do falso problema que é saber se, na formação do sonho, a alma usa todas ou parte de suas capacidades⁽⁹²⁾. Os autores que precederam Freud no estudo dos sonhos os desqualificam como fenômenos psíquicos, porque limitavam suas considerações ao conteúdo manifesto. No entanto, diz Freud, este conteúdo é algo não genuíno, substituído de outra coisa, de algo desconhecido pelo “sonhador”, ou melhor, de algo cujo saber está presente no “sonhador” mas lhe é inacessível⁽⁹³⁾.

O caráter incompreensível e confuso do sonho, tal como ele se apresenta no conteúdo manifesto, é superado tão logo esse substituto não genuíno seja reconduzido àquilo que ele substituiu: o pensamento onírico. Entre esses caracteres e as dificuldades que oferece o pensamento onírico para sua comunicação, existe um nexo íntimo, diz Freud, que é possível referir a uma lei⁽⁹⁴⁾. Dito de outra forma: o pensamento onírico é submetido a um processo de deformação que o torna incompreensível e confuso, porque inaceitável para o “sonhador”. A transformação do conteúdo latente do sonho no seu conteúdo manifesto é obra da resistência, que opera através do trabalho do sonho.

Portanto, o conceito de resistência é essencial para a compreensão dos processos oníricos. Todavia, não é suficiente. Aspectos importantes deste processo – embora úteis aos objetivos da resistência – não devem ser por esta explicados, mas sim pelas peculiaridades da linguagem onírica. Outros aspectos derivam da própria função do sonho, que Freud sintetiza na fórmula “o sonho é o guardião do dormir”⁽⁹⁵⁾, que indica o motivo da formação do sonho. Este é, sempre, o desejo de dormir. Para realizar este desejo – que Freud atribui ao ego consciente⁽⁹⁶⁾ – o sonho é compelido a elaborar como uma unidade todas as fontes de estímulo, que se apresentam ao mesmo tempo⁽⁹⁷⁾. Ele é uma reação face a tudo o que, na psique do “sonhador”, apresenta-se como atual. Assim, o trabalho onírico incorpora não apenas os desejos inconscientes, mas também os estímulos orgânicos e os restos da atividade psíquica da vigília (restos diurnos). O fato de estímulos orgânicos poderem participar como fonte dos sonhos não altera, todavia, a essência destes. Eles continuam sendo a figuração do cumprimento de um desejo. De outro lado, nem sempre os estímulos somáticos experimentados durante o dormir são elaborados dentro do cumprimento de um desejo. Para que isto aconteça, é necessário que se encontre, para o conteúdo do sonho, um material de representações capaz de sub-rogar tanto as fontes psíquicas quanto as somáticas⁽⁹⁸⁾.

Ao afirmar que o trabalho do sonho é compelido a elaborar, em uma unidade, todos os estímulos que se apresentam como contemporâneos, Freud sublinha uma característica essencial de sua compreensão dos processos psíquicos: a econômica. Como se verá, os desejos inconscientes podem se tornar presentes no sonho em virtude da carga afetiva – certa intensidade ou energia psíquica⁽⁹⁹⁾ – que carregam consigo. Também os restos diurnos recebem sua capacidade de se constituírem em elementos formadores do sonho, de sua intensidade. O fato de serem recentes, diz Freud, outorga-lhes um valor psíquico que deve ser considerado equivalente à carga afetiva de que são portadoras as ilações de pensamentos inconscientes⁽¹⁰⁰⁾.

A relação dos sonhos com impressões recentes da vida de vigília tinha sido assinalada por autores que precederam Freud no estudo da problemática onírica. Limitando suas considerações ao conteúdo manifesto do sonho, no qual o nexo com a impressão diurna resulta muitas vezes evidente⁽¹⁰¹⁾ e desconhecendo, em consequência, o mecanismo do deslocamento, ditos autores se apoiavam na insignificância das impressões de vigília para denegar ao sonho a natureza de um ato psíquico, ou ao menos de um ato psíquico completo. Também neste tema a compreensão do mecanismo da resistência permite a Freud postular uma posição radicalmente diferente. Os pensamentos oníricos, escreve, nunca se ocupam de coisas sem importância e nem são excitados por impressões diurnas que não nos ocupariam durante a

vigília. Quando o conteúdo manifesto do sonho aparece vinculado a acontecimentos ínfimos da vigília, deve-se supor um deslocamento a partir de um resto diurno importante para outro insignificante⁽¹⁰²⁾. De outra parte, combinando o processo de deslocamento com o critério econômico, Freud assinala que, enquanto a impressão diurna indiferente deve ter acontecido no dia do sonho, a impressão diurna genuína – que por ser importante possui maior intensidade psíquica – não está submetida a esta condição⁽¹⁰³⁾.

Também a participação nos sonhos de lembranças remotas, inacessíveis para o “sonhador” na vigília, tinha sido assinalada pelos autores resenhados por Freud. Igualmente neste caso o conceito de resistência e a perspectiva econômica permitem a Freud incorporar a participação do infantil em uma compreensão abrangente e coerente do sonho. A análise dos sonhos ensina que o desejo, cuja realização o sonho figura, emerge de uma fonte infantil. No sonho, acrescenta, encontramos a criança que continua vivendo com seus impulsos⁽¹⁰⁴⁾. Todavia, a participação do desejo infantil como fonte do sonho só é verificável no conteúdo latente deste. No conteúdo manifesto, essa participação está, com frequência, completamente ausente⁽¹⁰⁵⁾. O desejo é, porém, o verdadeiro capitalista do sonho, de maneira que, mesmo nos casos em que o desejo excitador é atual, ele recebe um poderoso reforço das lembranças infantis⁽¹⁰⁶⁾.

O desejo de dormir é, então, o motivo do sonhar. Todavia, ele não explica o complexo processo de formação do sonho, processo para cuja compreensão torna-se necessário postular pressupostos sobre o edifício do aparelho anímico e seu funcionamento. Entre estes pressupostos – que discutiremos em detalhe posteriormente – deve-se privilegiar o que indica, em todo indivíduo, a existência de dois poderes psíquicos, dos quais um forma o desejo que se expressa no sonho e o outro censura esse desejo, impondo, para sua irrupção à consciência uma desfiguração que o torna irreconhecível⁽¹⁰⁷⁾.

Assim, pode-se constatar mais uma vez que o conceito de resistência é essencial à concepção freudiana do sonho e do funcionamento do aparelho psíquico. A censura – que é sua obra – deve ser computada como o fator mais importante da desfiguração onírica e o deslocamento, como sua operação psíquica essencial. Entretanto, a censura não possui a exclusividade na responsabilidade pela deformação onírica⁽¹⁰⁸⁾. Para esta, contribuem outras operações que, impostas pelas peculiaridades da linguagem do sonho, tornam também a tradução dos pensamentos oníricos confusa e incompreensível. Os trabalhos de condensação e de tradução dos conceitos em imagens são as duas operações que se deve atribuir às peculiaridades da linguagem onírica. Finalmente, uma outra operação – cuja presença não é constante⁽¹⁰⁹⁾ – é atribuída por Freud ao ego consciente. Trata-se da elaboração secundária, que juntamente com o desejo de dormir e a censura onírica,

constituem as três formas de participação do ego consciente na formação dos sonhos⁽¹¹⁰⁾.

2.11. A DEFORMAÇÃO ONÍRICA

Como salientamos acima, os pensamentos oníricos apresentam todas as características de um rendimento intelectual normal, mantendo entre seus vários fragmentos as mais diversas relações lógicas. Lembramos também que, na concepção freudiana, o trabalho do sonho nada cria, contentando-se em expressar na sua linguagem o que já estava presente nos pensamentos oníricos. Entretanto, não é todo o conteúdo dos pensamentos oníricos que pode ser traduzido na linguagem do sonho. Perdem-se, quase completamente, as relações lógicas que unem o material psíquico constitutivo dos pensamentos oníricos, já que o trabalho do sonho consegue, com bastante frequência, substituí-los por caracteres formais⁽¹¹¹⁾. Assim, por exemplo, alguns sonhos vertem na sua linguagem plástica: relações de contradição⁽¹¹²⁾; de simultaneidade⁽¹¹³⁾; de semelhança⁽¹¹⁴⁾; e de causalidade⁽¹¹⁵⁾. Portanto, o sonho recolhe parte das relações lógicas presentes nos pensamentos oníricos, embora não possa reproduzi-las todas, em virtude dos limites que são próprios à sua forma de expressão⁽¹¹⁶⁾, composta predominantemente de situações e imagens sensoriais, na sua maior parte visuais⁽¹¹⁷⁾.

O trabalho realizado pelo sonho, traduzindo os pensamentos oníricos nas imagens plásticas de conteúdo manifesto, pode ser reconstruído pelo trabalho de interpretação, que percorre o mesmo caminho no sentido inverso, isto é, do conteúdo manifesto ao latente. A comparação entre os dois conteúdos demonstra que o sonho cumpriu um grande trabalho de condensação, de tal maneira que a extensão do conteúdo manifesto é sempre muito menor que a dos pensamentos oníricos⁽¹¹⁸⁾. Aquele é, então, uma espécie de tradução resumida deste⁽¹¹⁹⁾.

A condensação das idéias contidas nos pensamentos oníricos resulta da soma de vários processos: alguns elementos do pensamento onírico são diretamente excluídos, outros parcialmente figurados, outros ainda (vinculados por algum laço associativo) são fundidos num único elemento no conteúdo manifesto⁽¹²⁰⁾.

Como assinalamos acima, a associação livre do “sonhador” vincula cada fragmento do sonho com uma extensa série de idéias, permitindo assim identificar o processo de condensação⁽¹²¹⁾. Isto significa que, pela associação livre, recuperam-se os pensamentos intermediários através dos quais cada fragmento do conteúdo manifesto se vincula a vários fragmentos do conteúdo latente. Todavia, será pertinente afirmar que todos os pensamentos produzidos na associação livre já estavam presentes no trabalho do sonho? Não seriam estes

engendrados, em parte, no próprio processo de análise? E, neste último caso, é válido pretender reconstruir os laços associativos entre fragmentos do conteúdo latente e manifesto, seguindo-se elos intermediários que não fazem parte do trabalho do sonho? Freud responde positivamente à segunda pergunta, sem aceitar, no entanto, que a produção de novas idéias intermediárias, durante o processo de análise, inviabilize o trabalho de interpretação. O argumento de Freud é o seguinte: todas as vezes que determinadas conexões de pensamento são engendradas na análise, é possível convencer-se de que elas se estabelecem apenas entre pensamentos que, no conteúdo latente, já estavam de outro modo vinculados.

As novas conexões só se tornam possíveis porque outras existem num estrato mais profundo ⁽¹²²⁾. O tema é importante, porque permite aprofundar a questão das relações existentes entre os trabalhos do sonho e de interpretação. Como vimos, Freud representa este último como o caminho, em sentido contrário, percorrido por aquele. Entretanto, acrescenta Freud, não é provável que tal caminho possa ser refeito na direção oposta. Isto porque, de um lado, material novo do dia da interpretação se mistura nas séries interpretativas e, de outro, é possível que o aumento das resistências, após o despertar, obriguem a novos e mais longos rodeios ⁽¹²³⁾. Contudo, é possível sustentar que esses novos caminhos levam ao mesmo ponto de partida, isto é, aos pensamentos oníricos. Basta, para isso, lembrar dois enunciados básicos da teoria freudiana, por ele também considerados como pilares da técnica psicanalítica: a existência de representações-meta inconscientes e de associações profundas entre idéias inconscientes, das quais as associações superficiais constituem um substituto ⁽¹²⁴⁾. Esta discussão é também importante num outro sentido: ela supõe a existência real – como realidade psíquica – de representações profundamente ancoradas no inconsciente, existência esta que, por oposição, deve ser negada aos pensamentos intermediários produzidos durante a análise ⁽¹²⁵⁾.

A discussão dos motivos pelos quais o trabalho do sonho utiliza a operação de condensação deve ser adiada até o momento em que abordemos a síntese metapsicológica elaborada por Freud no capítulo VII de *A interpretação dos sonhos*. No momento, convém apenas insistir que, embora contribua consideravelmente para o caráter confuso e incompreensível dos sonhos, o trabalho de condensação não parece ser obra da censura, mas deve ser atribuído a fatores econômicos ⁽¹²⁶⁾. Tampouco deve ser considerada obra da censura uma segunda operação, realizada pelo trabalho do sonho: a transposição de pensamentos em imagens visuais. Na verdade, nem todos os pensamentos do conteúdo latente são submetidos a este processo. Muitos conservam a forma de pensamento também no conteúdo manifesto. Entretanto, a tradução de palavras ⁽¹²⁷⁾ e pensamentos em imagens visuais é uma peça essencial do trabalho do sonho ⁽¹²⁸⁾.

Por outro lado, a figuração onírica não se limita a traduzir o conteúdo substantivo do pensamento onírico. Como se viu, também pode expressar, através de sua forma, relações lógicas existentes entre os pensamentos oníricos. Assim, por exemplo, o número de sonhos parciais que constituem um sonho possui relação com o número de temas principais que compõem o conteúdo latente. Em consequência, a forma dos sonhos é também importante e exige interpretação ⁽¹²⁹⁾.

A consideração sobre as razões desta operação do sonho deverá, também, ser adiada. Convém, entretanto, registrar uma tese freudiana à qual deveremos voltar posteriormente: o material primeiro do nosso pensamento, segundo Freud, foram as imagens mnêmicas de impressões sensoriais. Só mais tarde estas se conectaram com palavras e, ainda posteriormente, se associaram em pensamentos. Assim, o trabalho do sonho é aplicar aos pensamentos um tratamento regressivo, fazendo-os reverter na sua evolução ⁽¹³⁰⁾.

Nos parágrafos precedentes, analisamos duas operações do trabalho do sonho que, mesmo contribuindo para seu caráter confuso, não devem ser vistas como obra da censura. Consideremos agora, brevemente, outra peça do trabalho onírico, esta sim, obra da censura: o deslocamento. Na comparação entre os pensamentos oníricos e o conteúdo manifesto, escreve Freud, é possível observar que elementos que neste se impõem como centrais, naqueles têm pouca importância. O contrário também é verificado, sendo inclusive possível que elementos que nos pensamentos oníricos constituem o conteúdo essencial, sequer estejam presentes no conteúdo manifesto do sonho ⁽¹³¹⁾.

Assim, conteúdo latente e conteúdo manifesto estão diferentemente centrados, ocorrendo na passagem de um ao outro um deslocamento de intensidade psíquica. O que o conteúdo manifesto apresenta como importante não é o que nos pensamentos oníricos também é importante, mas o que nestes está contido de maneira múltipla ⁽¹³²⁾. Esta distinção, diz Freud, pode parecer desnecessária à primeira vista, sempre que se supõe razoável pensar que as idéias de maior intensidade nos pensamentos oníricos são as que ocorrem com maior frequência. Intensidade psíquica e múltipla determinação coincidiriam, assim, nas mesmas representações, não sendo possível ao trabalho do sonho, conseqüentemente, privilegiar idéias pouco investidas, embora reiteradas. Todavia, a análise mostra que o trabalho do sonho despreza os pensamentos que, ao mesmo tempo em que são repetidos nos pensamentos oníricos, possuem nestes intenso interesse psíquico, privilegiando outros pensamentos que só apresentam esta segunda característica. Em outras palavras, o sonho privilegia pensamentos múltiplamente determinados, porém portadores de pouca intensidade psíquica. Como explicar isto? É que, diz Freud, a múltipla determinação não deve ser considerada, em todos os casos, como um fator primário da formação dos sonhos. Entre os pensamentos

descobertos através da análise, há muitos que se afastam do núcleo dos pensamentos oníricos, aparecendo como interpolações artificiais. Sua participação no trabalho do sonho persegue um objetivo que está a serviço da censura: estabelecem uma conexão, freqüentemente forçada, com os pensamentos oníricos centrais, ao mesmo tempo em que, devido exatamente à sua artificialidade, contribuem para o ocultamento destes. Assim, os pensamentos multiplamente determinados e presentes no conteúdo manifesto não integram os pensamentos oníricos, mas sim, refletem a ação da censura no trabalho do sonho⁽¹³³⁾.

2.12. A ELABORAÇÃO SECUNDÁRIA

Desta forma, o caráter confuso e incompreensível do conteúdo manifesto do sonho deve ser atribuído à ação conjunta do deslocamento, da condensação e da tradução de pensamentos em imagens. O trabalho de interpretação, desfazendo o do sonho, permite descobrir nos pensamentos oníricos a origem daquilo que, no conteúdo manifesto, se apresenta como sua tradução. Entretanto, no conteúdo manifesto de muitos sonhos, encontram-se fragmentos cuja origem não pode ser atribuída aos pensamentos oníricos. O exemplo escolhido por Freud é a frase – não rara nos sonhos – “isto é apenas um sonho”, considerada por ele como inserida no sonho por obra da censura. O objetivo desta frase seria aliviar a rejeição provocada pelos conteúdos inaceitáveis dos pensamentos oníricos, numa tentativa de conservar o estado de dormir⁽¹³⁴⁾. O exemplo citado demonstra então a existência de partes do conteúdo manifesto que não derivam dos pensamentos oníricos, mas que se originam numa instância psíquica cuja forma de atividade não se diferencia do pensamento de vigília⁽¹³⁵⁾. Essa instância – o eu consciente⁽¹³⁶⁾ – participa assim na formação do sonho, não apenas impondo restrições, mas também introduzindo intercalações e acréscimos⁽¹³⁷⁾. A elaboração secundária constitui esta segunda modalidade de participação do eu consciente na formação dos sonhos. Ela resulta da tendência a retirar do sonho seu caráter incoerente e absurdo, aproximando-o do modelo de vivência inteligível⁽¹³⁸⁾. Através dela, o eu consciente se comporta com relação à percepção do material do sonho, conforme o faz o pensamento desperto: estabelecendo ordem nesse material, instituindo relações e adequando-o à expectativa de uma trama inteligível⁽¹³⁹⁾. Quando este empenho é bem-sucedido, o sonho ganha uma “fachada” que lhe outorga coerência e aparência de um sentido imediatamente perceptível. Entretanto, a análise demonstra que esse sentido não corresponde ao real significado do sonho⁽¹⁴⁰⁾, já que a elaboração secundária – obra da instância censora – realizou uma seleção do material presente nos pensamentos oníricos, omitindo assim não apenas partes deste, mas também das relações existentes entre suas partes. Portanto, os sonhos que apresentam

uma elaboração secundária bem-sucedida escamoteiam mais o verdadeiro sentido dos pensamentos oníricos do que aqueles nos quais essa elaboração fracassa. Na análise desses sonhos – escreve Freud – temos que nos desfazer primeiro dessa falsa tentativa de interpretação⁽¹⁴¹⁾.

Constitui a elaboração secundária a quarta operação do trabalho do sonho, ou não deve ser considerada como parte integrante desse trabalho? O pensamento de Freud oscila neste ponto. Em *A interpretação dos sonhos*, ele adota a primeira posição, enquanto em trabalhos de 1913⁽¹⁴²⁾ e 1922⁽¹⁴³⁾, afirma que ela não pertence propriamente ao trabalho do sonho. Talvez não seja conveniente afastar rapidamente esta questão como sendo sem importância, na medida que a dúvida freudiana pode ser interpretada como reflexo de uma maior complexidade do chamado processo de elaboração secundária. Com efeito, a própria expressão parece indicar uma operação desenvolvida num segundo momento, com o objetivo de outorgar alguma coerência a um material previamente deformado pelas três operações do trabalho do sonho anteriormente indicadas. Essa parece ser também a perspectiva adotada por Freud no trabalho de 1922, acima citado. Entretanto, já em *A interpretação dos sonhos*, ao analisar as relações existentes entre a elaboração secundária e as outras três operações, o autor se inclina a considerar que a exigência de inteligibilidade, que se exprime na elaboração secundária, atua ao mesmo tempo que as outras, que motivam as demais operações, sendo todas elas condições que o sonho está obrigado a satisfazer⁽¹⁴⁴⁾.

Esta oscilação em torno do momento em que se efetua a elaboração secundária talvez expresse uma questão mais importante, vinculada com o próprio estatuto da mesma. Com efeito, na perspectiva apresentada até aqui, ela aparece como obra da instância censora e, embora sua ação se manifeste por acréscimos, a tendência censuradora não está, como vimos, excluída. Contudo, Freud assinala uma outra questão vinculada à elaboração secundária, densa em consequências não apenas para a problemática dos sonhos, mas também para a da concepção do inconsciente. Procurando determinar se a elaboração secundária contribui para o sonho com criações novas, ou se ela se contenta apenas em utilizar material já existente nos pensamentos oníricos⁽¹⁴⁵⁾, Freud assinala a participação dos denominados sonhos diurnos na formação desses pensamentos. Há casos, escreve, em que o trabalho de construir uma fachada para o sonho pode ser poupado, porque esta já está pronta dentro do material dos pensamentos oníricos. Esses elementos dos pensamentos oníricos são as fantasias diurnas que, como os sonhos, constituem realização de desejos, sustentam-se principalmente sobre impressões de vivências infantis e se beneficiam de certa tolerância por parte da censura. Algumas vezes são conscientes, porém geralmente permanecem inconscientes, em virtude de sua relação com o material recalcado⁽¹⁴⁶⁾.

Essas fantasias diurnas participam da formação dos pensamentos oníricos e, embora sofram o processo deformador do trabalho do sonho, são muitas vezes reconhecíveis como um todo, no conteúdo manifesto ⁽¹⁴⁷⁾. O destino destas fantasias pré-formadas – sua transferência completa para conteúdo manifesto ou a utilização neste de apenas um fragmento – depende, segundo Freud, das vantagens com relação às exigências da censura e da compulsão à condensação ⁽¹⁴⁸⁾. No primeiro caso, constituem uma espécie de “novela” coerente, em torno da qual se organiza o material onírico, sendo assim poupado o trabalho da elaboração secundária.

Portanto, Freud sustenta a existência de fantasias inconscientes, organizadas como se fossem novelas. A importância desta concepção, que a nosso ver já assinala as insuficiências da primeira tópica, não deve ser minimizada. Ainda mais que, na seqüência da obra freudiana, a existência de fantasias inconscientes organizadas será crescentemente enfatizada. Assim, numa longa nota incorporada em 1920 aos *Três ensaios sobre teoria sexual* ⁽¹⁴⁹⁾, Freud afirma que as fantasias do período da puberdade, conservadas inconscientes na sua totalidade ou em grande parte, possuem grande importância na gênese de diversos sintomas e constituem os moldes das fantasias noturnas que se tornam conscientes, na qualidade de sonhos. Estas fantasias inconscientes, assinala Freud, já estão prontas, o que explicaria o enigma colocado por sonhos extremamente complexos e extensos e, ao mesmo tempo, indiscutivelmente incitados por um estímulo que provoca também o despertar do “sonhador” ⁽¹⁵⁰⁾.

2.13. A PRIMEIRA SÍNTESE METAPSICOLÓGICA

Com a descoberta do processo de formação dos sonhos, Freud tinha encontrado a “via real” para o conhecimento do inconsciente dentro da vida anímica ⁽¹⁵¹⁾. Entretanto, esse novo saber não podia se sustentar em nenhum dos conhecimentos até então produzidos pela psicologia. Em outras palavras, não existia nenhum conhecimento psicológico ao qual fosse possível subordinar – como princípio explicativo – os processos anímicos descobertos através da análise dos sonhos ⁽¹⁵²⁾. Este vazio teórico será preenchido por Freud através da formulação de uma série de conjecturas, capazes de fornecer uma concepção do aparelho anímico e das forças que nele atuam. Na perspectiva freudiana, estas conjecturas deveriam ser consideradas provisórias, suscetíveis de confirmação ou de modificação, à luz do resultado de outras pesquisas, que enfocassem o mesmo problema a partir de outras abordagens. Todavia, embora considere importante não ocultar o caráter tentativo e inseguro dessas elucidações metapsicológicas ⁽¹⁵³⁾, obtidas a partir do estudo dos sonhos, Freud acha possível fornecer esclarecimentos, até então esperados em vão da filosofia, sobre o edifício do aparelho anímico ⁽¹⁵⁴⁾.

A formulação da primeira síntese metapsicológica ilustra bem as características do processo de formação do saber freudiano. Já salientamos que, nesse processo, o ponto de partida deve ser atribuído à experiência clínica e que a metapsicologia ocupa nesse saber o lugar de uma superestrutura. Acrescentemos agora que, com essa afirmação, não se pretende minimizar a importância desta superestrutura, mas sublinhar a complexidade e riqueza do processo de formulação de um novo saber, feito de múltiplas articulações. Como lembra Freud ⁽¹⁵⁵⁾, a constituição do saber se inicia pela descrição dos fenômenos que pertencem a seu campo específico, e não pela formulação de conceitos claros e precisamente definidos. Entretanto, já a própria descrição supõe a utilização de certas idéias abstratas, que devem ser extraídas de outras áreas do conhecimento. Daí, a relativa indeterminação e necessária interinidade das formulações teóricas iniciais.

Na formulação da primeira síntese metapsicológica, todos os aspectos deste complexo processo podem ser verificados. Assim, se as categorias metapsicológicas são inferidas – como necessidades teóricas – dos processos descobertos nos estudos dos sonhos, estes últimos requereram, para sua elucidação, concepções cuja origem deve ser procurada em outro lugar. O próprio Freud nos assinala o caminho por ele percorrido, segundo o qual, os pontos de vista para a concepção do sonho lhe foram dados pelo trabalho prévio em torno da psicologia das neuroses ⁽¹⁵⁶⁾. Assim, se é correto afirmar que Freud obtém pela primeira vez a elucidação de um processo inconsciente no estudo dos sonhos, é importante não esquecer que mecanismos psíquicos tais como o deslocamento e a resistência, já tinham sido descobertos em estudos anteriores do próprio Freud. É ainda, nas tentativas de explicação desses mecanismos, que Freud utilizará princípios extraídos de outras áreas científicas, escolhidas com base em determinadas concepções gerais. Além disso, convém sublinhar que, se na construção do novo saber Freud trabalha em diversos níveis, cada um desses níveis está submetido às limitações do instrumental teórico nele utilizado. Disso resultam não apenas as dificuldades constatáveis na articulação da teoria em seu conjunto, como a própria estrutura do texto no qual essa teoria é apresentada.

A estrutura de *A interpretação dos sonhos*, e mais especificamente o capítulo VII, evidenciam a complexidade deste processo. Nela, os mesmos problemas são abordados reiteradamente, seja do ponto de vista da análise dos sonhos, da experiência clínica com as psicose neuroses, ou ainda na ótica da metapsicologia. Tudo isto se dá não de maneira linear, mas numa oscilação em que um raciocínio colocado num desses níveis é reforçado, e por vezes corrigido, sob a perspectiva de outro. Este processo, inevitável na abordagem de um novo objeto de saber, gera limitações e contradições também inevitáveis.

É nessa perspectiva, a nosso ver, que convém analisar as questões centrais que ocupam Freud no capítulo VII de *A interpretação dos sonhos*. Aí, a apresentação esquemática da primeira tópica do aparelho psíquico é construída no contexto de uma discussão que retoma, sob diversos ângulos, questões já analisadas nos capítulos precedentes. Assim, a discussão da resistência, abordada a partir da questão do esquecimento dos sonhos na ótica fornecida pelo trabalho interpretativo, precede a exposição do esquema da primeira tópica⁽¹⁵⁷⁾. Esta, por sua vez, é seguida por uma nova análise sobre o papel do desejo nos sonhos, e a partir dela, da questão da formação dos pensamentos oníricos. No bojo desta questão está a problemática da relação entre pensamentos pré-conscientes e desejos inconscientes, cuja solução, implicando os três registros da metapsicologia – o tópico, o econômico e o dinâmico – é central para a concepção do aparelho psíquico e de seu funcionamento. Freud discute isso em dois níveis diferentes, chegando, em cada um deles, a conclusões nem sempre coincidentes.

Numa primeira abordagem, fundamentada no trabalho de interpretação dos sonhos, e auxiliada pela experiência com psiconeuroses, adquirida na clínica, Freud sustenta que a atração exercida pelos desejos inconscientes é uma condição necessária para o recalque dos pensamentos originados no pré-consciente. Esta idéia de Freud, que precede cronologicamente sua preocupação com os sonhos, constituir-se-á, posteriormente, em uma peça chave para a compreensão do processo do recalque. No período da “teoria do trauma”, Freud apresentava uma estratificação de representações inconscientes, construída a partir da representação inicialmente impugnada pela atração por esta exercida sobre outras representações que de algum modo se associassem a ela⁽¹⁵⁸⁾. O que importa sublinhar aqui é que, trabalhando no nível tributário da experiência de interpretação de sonhos e da clínica das neuroses, Freud postula uma atração exercida por representações inconscientes, o que supõem nestas representações um conteúdo de sentido.

Esta relação entre pensamentos pré-conscientes e desejos inconscientes, detectada por Freud a partir da prática interpretativa, perde boa parte de sua riqueza e complexidade quando o mesmo processo é considerado no registro metapsicológico. Neste, como se sabe, Freud trabalha utilizando o instrumental fisicalista, de tal maneira que os desenvolvimentos contidos na parte específica do capítulo VII seguem de perto as idéias vertidas no *Projeto de uma psicologia para neurologistas*.

Nesta perspectiva, o afeto só pode ser pensado como quantidade e o aporte do inconsciente à formação dos sonhos se limita a contribuir com sua força pulsionante. Fica então evidente que o instrumental teórico utilizado por Freud na construção de sua primeira síntese metapsicológica é incapaz de exprimir a riqueza e complexidade de

processos captados a nível da clínica e do trabalho interpretativo. Dessa insuficiência, surgiram impasses teóricos que determinaram, mais tarde, em diferentes momentos da elaboração freudiana, importantes modificações. A formulação da segunda tópica e, posteriormente, da segunda teoria da angústia, constituem dois momentos centrais desse processo.

Com as considerações acima, pretendemos apenas tornar mais clara a complexidade do processo de formulação da metapsicologia, indicando as razões sobre as quais se fundamenta o caráter provisório – tantas vezes sublinhado por Freud – de suas construções. Prosseguindo agora com a discussão do capítulo VII de *A interpretação dos sonhos*, tentaremos acompanhar as múltiplas articulações que comandam sua construção.

2.14. O APARELHO PSÍQUICO

Ao abordar a problemática da desfiguração onírica, no capítulo IV de *A interpretação dos sonhos*, Freud tinha se referido a dois sistemas, correntes ou poderes, um dos quais forma o desejo que se exprime no sonho e o outro, o censura, obrigando-o a deformar-se⁽¹⁵⁹⁾. Assim, esta primeira e sumária formulação da tópica se impunha como uma necessidade teórica para explicar a deformação onírica. Entretanto, não é nesta parte de sua obra que Freud desenvolverá suas hipóteses sobre o aparelho psíquico, preferindo concluir primeiro a discussão sobre o trabalho do sonho⁽¹⁶⁰⁾. Esta ordem da exposição freudiana ilustra o processo seguido na produção de seu saber. Em determinado momento de sua análise dos processos de formação dos sonhos, torna-se necessário introduzir um pressuposto teórico. Entretanto, o desenvolvimento deste pressuposto, para além de sua formulação sumária, exigirá a prévia elucidação do trabalho do sonho, em seu conjunto. Concluído este, e de posse das informações dele decorrentes, Freud retoma a problemática do aparelho psíquico para, após aprofundar-se nos pressupostos quanto à sua constituição e modo de funcionamento, retornar para elucidar as questões vinculadas ao trabalho do sonho.

Antes de proceder a sua exposição metapsicológica, Freud considera necessário retomar um problema fundamental, o da resistência, desta vez a partir do fenômeno do esquecimento dos sonhos. Para os críticos de Freud, o esquecimento dos sonhos inviabilizaria qualquer tentativa de interpretá-los, dado que parte dele, possivelmente a mais significativa, sucumbiria ao esquecimento. O processo associativo criado por Freud não garantiria, na opinião desses críticos, a correta reconstrução do processo do sonho, uma vez que as associações seguiriam laços superficiais, sem referência alguma a relações internas de sentido. Respondendo a estas objeções, Freud retoma questões

fundamentais, não apenas para a teoria da interpretação dos sonhos, mas para a própria concepção do inconsciente. Trata-se do problema do determinismo psíquico, das relações de associação entre as representações recalçadas e, conseqüentemente, do estatuto do recalçado.

Os desejos inconscientes formados no primeiro sistema ao qual Freud se refere no capítulo IV de *A interpretação dos sonhos*, são considerados não apenas como tendo existido no passado, mas como existindo no presente⁽¹⁶¹⁾. Eles possuem intensidade psíquica, mas são impedidos de chegar à consciência pela ação da censura, de tal maneira que a formação do sonho resulta da ação dessas duas forças, constituindo assim uma formação de compromisso, pela qual a figuração do cumprimento do desejo inconsciente deve submeter-se à deformação imposta pela censura. A existência real dos desejos inconscientes é reiterada por Freud na primeira parte do capítulo VII, respondendo às objeções a seu método interpretativo. Com efeito, a possibilidade de interpretar processos psíquicos dos quais apenas se conhece uma versão deformada (o relato do conteúdo manifesto), supõe a existência de representações-meta inconscientes, que guiam o processo de formação do sonho. Esta afirmação, na qual Freud baseava a validade do método da associação livre, era refutada por seus objetores a partir da constatação de associações unidas apenas por laços superficiais. Nesse caso, sustentavam eles, a ligação entre as associações se realiza pela consonância, pela ambigüidade das palavras ou ainda pela coincidência no tempo, constituindo, assim, cadeias associativas isentas de representação-meta e, em conseqüência, de uma relação interna de sentido. Freud rejeita vigorosamente esta objeção, afirmando que, toda vez que um elemento psíquico se enlaça com outro por uma associação superficial, existe também entre ambos um enlace correto e mais profundo, submetido à ação da censura⁽¹⁶²⁾.

Insistamos neste ponto: a existência de representações-meta inconscientes e de relações profundas de sentido das quais as representações superficiais devem ser consideradas um substituto, constituem a base da concepção freudiana sobre o aparelho psíquico e seu funcionamento, e são também os pilares da técnica psicanalítica⁽¹⁶³⁾. Sobre esta base, Freud empreende a tarefa de construir as hipóteses de sua primeira versão do aparelho psíquico. Começa lembrando duas características – reiteradamente comprovadas – do sonhar. A primeira se refere à forma adotada pelo pensamento onírico: na maior parte dos casos, segundo Freud, este é figurado como cena vivenciada. A segunda é que, nessa figuração, o cumprimento do desejo é posto no tempo presente⁽¹⁶⁴⁾. Para explicar estas características do sonhar, Freud utiliza uma conjectura de Fechner, segundo a qual o cenário dos sonhos é diferente daquele da vida de representações da vigília⁽¹⁶⁵⁾. A questão da localidade psíquica – isto é da tópica – é assim introduzida por Freud, com a ressalva de que se trata de uma “localidade psíquica”, que não deve ser confundida com uma localidade anatômica.

Introduzida a perspectiva tópica, Freud supõe que o aparelho psíquico é composto por instâncias ou sistemas diferentes, e que entre esses sistemas as excitações percorrem uma seqüência fixa, conforme uma determinada série temporal. Retomando uma hipótese já apresentada no *Projeto de uma psicologia para neurologistas*, Freud supõe que toda atividade psíquica inicia-se pela ação de estímulos (internos ou externos) e conclui pela descarga da excitação provocada por esses estímulos. Conforme essa hipótese, postula então a existência, no aparelho psíquico, de um extremo sensorial e de um extremo motor. O sistema situado no extremo sensorial recebe as percepções, enquanto o localizado no extremo motor comanda a motilidade. Assim, o processo psíquico transcorre geralmente segundo uma seqüência que se inicia no extremo da percepção para terminar no da motilidade. As percepções que chegam ao aparelho psíquico provocam alterações permanentes em seus elementos constitutivos, configurando traços mnêmicos, cujo aspecto funcional é a memória. Neste ponto, retomando uma idéia expressa nos *Estudos sobre a histeria*, Freud considera necessário estabelecer uma diferenciação entre o sistema que recebe a percepção e outro que registra as alterações permanentes (traços mnêmicos) provocadas pela percepção, fornecendo a base para as associações entre os traços mnêmicos das representações.

Existem, porém, diversas modalidades de associação (de simultaneidade, de semelhança etc.), de maneira que se torna necessário supor não apenas um, mas vários sistemas de memória. Assim, Freud postula a existência de um sistema perceptivo (P) e de vários sistemas de memória (M). O primeiro, que, como se viu, não possui qualquer memória, fornece à consciência toda a diversidade de qualidades sensoriais, enquanto os segundos conservam os traços mnêmicos das percepções. Estes traços – é importante sublinhar este ponto – são, a princípio, inconscientes e, nessa condição, capazes de produzir todos os seus efeitos. Algum deles – como se verá – podem tornar-se conscientes, enquanto outros nunca atingem esse estado. Freud ilustra este segundo caso com os traços mnêmicos derivados de impressões de infância que, enfatiza, constituem o que denominamos o caráter.

Os conhecimentos extraídos do estudo dos sonhos permitem a Freud supor mais uma peça no edifício do aparelho psíquico. Como já se viu, o processo de deformação onírica não podia ser explicado sem postular duas instâncias psíquicas, uma das quais censurava a outra. A instância que exerce a censura – infere Freud – deve manter com a consciência uma relação mais íntima que a censurada. Deve, pois, estar situada entre esta e a consciência, como se fosse uma pantalha. Esta instância é ainda identificada como aquela que guia a vida de vigília, cabendo a ela as decisões conscientes e voluntárias. Assim, no extremo oposto ao da percepção, deve situar-se o pré-consciente, assim denominado porque as excitações que nele se processam podem se tornar

imediatamente conscientes, sendo suficiente para isso que possuam certa intensidade, que Freud denomina atenção. Diferente é o caso dos traços mnêmicos contidos no sistema situado entre os dois extremos. Eles são, a princípio, inconscientes e, para tornar-se conscientes, devem atravessar a censura situada entre o sistema inconsciente, que as contém, e o pré-consciente.

De posse do esquema do aparelho psíquico, Freud retoma a questão da formação dos sonhos, ensaiando agora sua explicação metapsicológica. Como todas as outras formações de pensamentos, segundo Freud, os pensamentos oníricos pugnam por ascender à consciência. Entretanto, durante a vigília, a ação da censura barra esse caminho a determinados desejos. Como explicar, então, que eles consigam seu objetivo durante o sono? A hipótese mais simples, que consiste no cancelamento da censura durante o sono, não é sustentável. Se assim fosse, os sonhos não apresentariam o caráter alucinatório que singulariza os produtos oníricos⁽¹⁶⁶⁾. Torna-se, pois, necessário introduzir um novo pressuposto, vinculado à orientação de que estariam dotadas as excitações que percorrem o aparelho anímico. Durante o sono, afirma Freud, o percurso das excitações é invertido pela ação da censura, tomando o caminho regressivo que leva até o extremo perceptivo. Este novo pressuposto explicaria um fato empiricamente comprovado: as relações lógicas existentes entre os pensamentos oníricos se perdem no processo de formação dos sonhos. É que, diz Freud, essas relações não estão contidas nos primeiros sistemas M (os mais próximos do sistema P), mas em outros, situados nas proximidades do pré-consciente. Assim sendo, ao percorrer o aparelho psíquico em sentido regressivo, os pensamentos oníricos se transformam em imagens, regredindo ao material bruto que constitui sua origem e perdendo as relações lógicas incorporadas posteriormente a esse material⁽¹⁶⁷⁾.

Introduzida a hipótese da regressão, torna-se necessário explicá-la. Inicialmente se sustentava na suspensão do fluxo normal progressivo, provocada pelo estado de dormir. Nesse caso, seria a clausura do mundo exterior que deixaria livre o caminho, permitindo que este fosse percorrido no sentido regressivo. Freud considera esta explicação insuficiente, assinalando a existência de regressões no estado de vigília – isto é, quando o fluxo progressivo não está suspenso – inclusive em pessoas normais. Entretanto, se as regressões ocorridas no estado de vigília invalidam a explicação anterior, baseada na clausura do mundo exterior, elas contribuem para a formulação de uma segunda hipótese. Os pensamentos que se transformam em imagens durante a vigília, diz Freud, são aqueles que mantêm íntima relação com lembranças inconscientes⁽¹⁶⁸⁾. Conclui-se então que tanto no sonho quanto na vigília a regressão é um efeito da censura, que inibe a via normal pela qual um pensamento se torna consciente. Assim, é a rejeição exercida pela censura que impõe a uma representação o caminho regressivo. Neste

processo, acrescenta Freud, antecipando um elemento central da doutrina do recalque, intervém também a atração exercida sobre a representação censurada por lembranças inconscientes, que subsistem com vivacidade temporal⁽¹⁶⁹⁾. No caso específico dos sonhos, a regressão é facilitada pela interrupção da corrente progressiva.

Antes de concluir esta parte da exposição sobre a regressão, consideramos conveniente registrar as idéias incorporadas por Freud num parágrafo acrescentado em 1919. Estas se inscrevem num registro diferente daquele que norteia o texto original. Ele é relevante, porque sinaliza uma orientação do pensamento freudiano destinada a adquirir crescente importância na última parte de sua obra. Sem dúvida, essas concepções de Freud entram em choque com outros aspectos de sua obra, mostrando assim que a teoria freudiana não constitui um sistema fechado, isento de contradições, ao mesmo tempo que evidencia a riqueza e a audácia do pensamento de Freud. O sonhar, no seu conjunto, escreve nesse parágrafo, é uma regressão à infância do “sonhador”, uma reanimação das moções pulsionais que o governaram nesse período de sua vida e aos modos de expressão de que então dispunha. Por trás dessa infância individual, continua Freud, pode-se esperar obter uma perspectiva sobre a infância filogenética, isto é, sobre o desenvolvimento do gênero humano, do qual o do indivíduo é de fato uma repetição abreviada. Podemos esperar, acrescenta, que através da análise dos sonhos seja possível obter o conhecimento da herança arcaica do homem, do que existe de inato na sua alma⁽¹⁷⁰⁾.

2.15. OS DESEJOS E A FORMAÇÃO DOS SONHOS

Após desenhar o esquema do aparelho psíquico, Freud passa a reexaminar a questão do papel dos desejos na formação dos sonhos. O enlace deste tema com o anterior é pertinente, de vez que a resposta que se obtém sobre a origem tópica desses desejos tem importantes consequências sobre a concepção dos modos de funcionamento das instâncias psíquicas, bem como sobre o estatuto das representações nelas existentes. Esclareçamos melhor este último ponto. O conteúdo manifesto dos sonhos, como se viu, é o resultado do processo de deformação que o trabalho do sonho realiza sobre os pensamentos oníricos. Estes, por sua vez, são considerados por Freud como possuindo todas as características próprias dos pensamentos de vigília, isto é, são constituídos conforme as regras do processo secundário. Assim sendo – e dado que esse tipo de processo é o que caracteriza a atividade do pré-consciente – deve-se concluir que os pensamentos oníricos são gerados no pré-consciente. Por outro lado – e tendo em vista que os pensamentos pré-conscientes não estão submetidos à ação da censura e que o exercício da atenção é suficiente para que eles se tornem conscientes – os pensamentos oníricos tampouco deveriam sofrer a

ação da censura. O que pretendemos demonstrar é que a localização dos pensamentos oníricos no pré-consciente conduz a um impasse cuja solução não é possível, nos limites da primeira tópica.

Correndo o risco de sermos reiterativos, repitamos os dados do impasse: por apresentarem as características próprias do pensamento de vigília, os pensamentos oníricos devem ser localizados no pré-consciente. Mas por estarem aí localizados, deveriam ser imediatamente suscetíveis de consciência, o que não acontece. Este impasse só poderia ser resolvido postulando-se a existência de conteúdos psíquicos organizados de acordo com as regras do processo secundário – e no entanto inconscientes no sentido sistemático – conforme sugere Freud no texto de 1914 sobre *O inconsciente* e de acordo com o que argüi ao formular a segunda tópica.

Em *A interpretação dos sonhos*, Freud inicia seu raciocínio questionando-se sobre os elementos que contribuem para a formação dos pensamentos oníricos, mais precisamente sobre a pertinência de se reduzir o sentido dos sonhos ao cumprimento de um desejo. Se, como dizia Aristóteles, o sonho é o pensar que se prolonga no dormir, como, pergunta Freud, excluir dele atos psíquicos que, como os desígnios, juízos ou raciocínios, fazem parte do pensar da vigília? A resposta a esta questão implica a solução prévia de outro interrogante, referido à origem tópica – isto é, pré-consciente ou inconsciente – do desejo cuja realização o sonho figura.

Inicialmente, Freud considera três possibilidades para a origem desses desejos⁽¹⁷¹⁾. Eles podem ter nascido durante a vigília, e terem sido admitidos, porém não processados, devido a impedimentos externos. Neste primeiro caso, sua origem se situa no pré-consciente. Em segundo lugar, pode se tratar de desejos também originados durante a vigília, porém sufocados. Tendo nascido no pré-consciente, estes desejos teriam sido expulsos para o inconsciente. A terceira possibilidade é constituída por desejos que carecem de relação com a vida diurna, manifestando-se apenas durante o estado de dormir a partir do sufocado. Sua origem tópica está no inconsciente, sendo eles totalmente incapazes de ascender ao pré-consciente. Destes três tipos de desejos, diz Freud, os gerados no pré-consciente não são capazes, isoladamente, de originar um sonho, embora possam contribuir para sua formação. Para isto, no entanto, precisam ganhar um reforço a partir do inconsciente. Este reforço lhes é fornecido pelos desejos inconscientes que, sendo indestrutíveis, estão sempre dispostos a aproveitar a possibilidade de se exprimirem⁽¹⁷²⁾. Estes desejos estão em estado de repressão e, como ensina o estudo das psiconeuroses, são de procedência infantil. Assim, conclui Freud, o desejo que figura no sonho tem que ser um desejo infantil. No adulto, ele provém do inconsciente. Na criança – em quem a separação entre o inconsciente e o pré-consciente não existe ainda ou está se formando progressivamente – é um desejo nascido na vida de vigília e admitido, embora não cumprido⁽¹⁷³⁾.

Os desejos que restam da vida da vigília possuem, pois, na formação dos sonhos, um papel secundário, similar ao atribuído às sensações percebidas durante o dormir. Com esta conclusão, Freud se considera em condições de responder à questão inicial destas considerações, referente à exclusão de atos psíquicos diferentes de desejos, no sentido dos sonhos. Estes atos, afirma, participam dos sonhos de maneira equivalente aos desejos pré-conscientes da vigília. Podem estar presentes na sua formação, porém não possuem força suficiente para engendr-los nem para determinar seu sentido. Para que participem na formação do sonho, é suficiente que o investimento da energia pré-consciente não seja totalmente interrompido. Nesse caso, as intensidades psíquicas remanescentes da vida diurna tentam expressar-se durante o dormir, devendo para isto seguir o caminho que tomam as excitações originadas no inconsciente, procurando nestas um reforço. Assim, estes restos diurnos, que podem não ser um desejo, participam da formação dos sonhos, porém associados a desejos inconscientes que determinam o seu sentido⁽¹⁷⁴⁾. Destes últimos, provém sempre a força impulsionadora do sonho, embora a incitação para o sonhar possa originar-se, de maneira predominante ou exclusiva, nos restos da vigília⁽¹⁷⁵⁾. Freud sintetiza sua conclusão estabelecendo uma analogia com as práticas comerciais. É possível, diz, que o pensamento onírico desempenhe, na formação do sonho, o papel do empresário. Como este, possui a idéia, porém não o capital para realizá-la. Precisa de um capitalista que aporte os recursos, ou seja, no caso do sonho, o gasto psíquico, que em todos os casos provém de um desejo inconsciente. Outras vezes, afirma, prolongando a analogia, o próprio capitalista é o empresário, sendo então o desejo inconsciente incitado pela atividade diurna – que cria o sonho⁽¹⁷⁶⁾. Neste caso, que Freud considera ser o mais habitual, o pensamento onírico se originaria a partir do desejo inconsciente, sendo então, desde sua formação, insuscetível de consciência.

Reencontramos aqui o impasse a que nos referimos acima. Segundo afirma Freud⁽¹⁷⁷⁾, durante o sono ou na vida de vigília, os desejos inconscientes facilitam o caminho até os restos diurnos. Engendra-se, assim, um desejo transferido ao material recente ou, alternativamente, o desejo recente sufocado cobra nova vida pelo reforço que ganha do inconsciente. O pensamento onírico assim formado, que por um de seus componentes pertence ao pré-consciente, pugna por chegar à consciência pelas vias normais, isto é, através do pré-consciente. É, porém, impedido de fazê-lo pela ação da censura. Repare-se que isto equivale a afirmar que eles não estão localizados no pré-consciente, posto que lutam, sem sucesso, por ascender a ele.

Assim, a formação dos pensamentos oníricos, resultante da associação dos desejos inconscientes com os restos diurnos, não pode ser localizada no pré-consciente. E, no entanto, Freud atribui a eles

qualidades em tudo semelhantes às que caracterizam os pensamentos de vigília. Teríamos então que os pensamentos oníricos se constituem obedecendo às regras do sistema secundário, sendo ao mesmo tempo inconscientes no sentido sistemático do termo. Esta incompatibilidade – que acreditamos existir entre as concepções básicas da primeira tópica e a concepção da formação dos pensamentos oníricos – expressa-se na imprecisão do texto freudiano, no qual é dito que os pensamentos oníricos progridem do inconsciente até ao pré-consciente e regredem dos limites da censura às percepções⁽¹⁷⁸⁾. Se eles regredem desde a censura, então ainda não penetraram no pré-consciente. Similar contradição pode ser verificada quando Freud discute o que denomina propriedades temporais dos processos oníricos⁽¹⁷⁹⁾. Rejeitando a possibilidade de limitar o tempo de formação do sonho ao momento do despertar, Freud afirma que a formação do sonho começa durante o dia, ainda sob o império do pré-consciente, enquanto a alteração pela censura e a regressão ocorrem durante o sono. Neste caso – lembrando que, na maior parte dos sonhos, o desejo inconsciente, totalmente incapaz de ascender à consciência, é ao mesmo tempo o incitador e o impulsor do sonho, a menção ao império do pré-consciente não pode ser entendida no sentido da primeira tópica. Se o fosse, seria necessário que esses desejos constitutivos dos pensamentos oníricos fossem imediatamente suscetíveis de consciência.

As dificuldades encontradas por Freud para articular sua explicação sobre a formação do sonho com sua concepção da primeira tópica o fazem retomar o tema algumas páginas depois, numa tentativa de superar o que considera uma contradição atormentadora. Começa lembrando que afirmara que os pensamentos oníricos nasceram de um trabalho mental inteiramente normal, mas também que descobrira entre eles uma série de processos de pensamentos anormais, que atribui ao trabalho do sonho⁽¹⁸⁰⁾. Freud considera que, dado que esses pensamentos oníricos estão dotados de perfeito entrosamento lógico, não podem existir dúvidas de que eles foram engendrados na vida mental normal, possivelmente durante a vigília. Embora não fossem advertidos pela consciência, Freud afirma não serem esses pensamentos oníricos insuscetíveis de consciência, atribuindo o fato de não terem chegado à consciência à ausência da função psíquica que denomina atenção. Todavia, no parágrafo seguinte, considera outra possibilidade, segundo a qual o pensamento onírico não chegaria à consciência por ter sido rejeitado pela crítica, ou seja, por ter sido sufocado. Neste último caso, ele não teria atravessado a barreira da censura, o que significa que não pode ser situado no pré-consciente.

O paralelismo que traça com os processos psíquicos verificáveis na histeria ou na neurose obsessiva confirma, a nosso ver, esta conclusão. Com efeito, os rendimentos intelectuais mais complexos verificáveis nessas psiconeuroses não são apenas processados sem

participação da consciência. Eles são inconscientes no sentido sistemático do termo. As dificuldades encontradas por Freud tornam-se evidentes quando tenta resumir suas idéias sobre a formação dos pensamentos oníricos. Uma ilação de pensamento iniciada no pré-consciente, escreve, pode ter sido descuidada ou sufocada. Nos dois casos, ela fica desvinculada da representação-meta original e entregue a si mesma. Entretanto, acrescenta, existem no pré-consciente outras representações-meta que se originam nos desejos inconscientes e que se apropriam daquelas ilações de pensamento originadas no pré-consciente. Assim, estas se alastram para o inconsciente⁽¹⁸¹⁾.

Observe-se que Freud situa no pré-consciente as representações-meta originadas nos desejos inconscientes, o que, se de um lado é coerente com a concepção que situa os pensamentos logicamente ordenados exclusivamente no pré-consciente, de outro é contraditório com a origem dessas representações-meta, que por derivarem de desejos inconscientes, são insuscetíveis de consciência. A superação desta contradição requereria situar estas representações-meta no inconsciente, ou seja, postular a existência de pensamentos logicamente ordenados e, ao mesmo tempo, inconscientes no sentido sistemático. É esta precisamente a solução encontrada mais tarde por Freud, ao afirmar que no inconsciente não existem apenas aspirações, mas também conhecimentos, conexões conceituais e comparações entre objetos diversos⁽¹⁸²⁾.

Freud realiza esta correção de seu pensamento pouco antes de formular sua segunda tópica, quando as insuficiências da primeira já se tinham tornado evidentes. No capítulo VII de *A interpretação dos sonhos*, entretanto, os processos secundários são atribuídos com exclusividade ao pré-consciente, obrigando Freud a postular que a contribuição do inconsciente à formação dos sonhos se limita ao aporte da força pulsionante para o cumprimento de um desejo⁽¹⁸³⁾. A pertinência desta afirmação, esclarece Freud, só pode ser obtida com o auxílio do esquema sobre o aparelho psíquico. A seguir, Freud retoma idéias já vertidas no seu *Projeto de Psicologia*, que contém as teses freudianas sobre os processos que caracterizam as instâncias psíquicas.

A concepção freudiana sobre o aparelho psíquico é evolutiva. Inicialmente, diz, este obedecia ao objetivo de se manter isento de estímulos. Na sua primeira construção, adotou o esquema do aparelho reflexo, procedendo à imediata descarga – por via motora – das excitações que o atingissem. Entretanto, essa descarga se mostrará ineficiente para cancelar as excitações provenientes do interior do organismo, o que só poderá ocorrer quando, por intervenção de outra pessoa, a criança obtiver uma experiência de satisfação ou, precisamente, o cancelamento da excitação. O essencial desta experiência é o aparecimento de uma certa representação – como, por exemplo, no caso da nutrição – cuja imagem mnêmica fica então associada ao traço

deixado na memória pela excitação produzida pela necessidade. O reaparecimento desta última vai suscitar uma moção psíquica que procurará reinvestir a imagem mnêmica da percepção associada à satisfação, numa tentativa de reproduzir a experiência de satisfação. A esta moção, escreve Freud, denominamos desejo e, ao reaparecimento da percepção, cumprimento do desejo.

Esta primeira atividade psíquica consiste então em uma regressão ao interior do aparelho psíquico. Todavia, ela não cancela a necessidade nem a excitação que dela deriva, tornando-se necessário – num doloroso processo de aprendizagem – inibir a regressão, de maneira que, a partir da imagem mnêmica, busque-se outro caminho que permita estabelecer, com origem no mundo exterior, a identidade perceptiva desejada. Esta inibição da regressão, bem como o desvio da excitação que dela resulta, constituem a atividade de um segundo sistema ao qual corresponde também o governo da motilidade. O estabelecimento da identidade perceptiva entre a imagem mnêmica e um objeto do mundo exterior constitui uma complexa atividade de pensar, que aparece assim como um rodeio – tornado necessário pela experiência – para o cumprimento de um desejo. Portanto, o pensar deve ser considerado como o substituto de um desejo alucinatório, tornando-se também evidente que só um desejo tem a capacidade de impulsionar o trabalho do aparelho psíquico. O sonho cumpre os desejos, percorrendo o antigo caminho regressivo, caminho este que na vigília fica impedido pela ação da censura. Devemos reconhecer nessa censura, acrescenta Freud, o guardião de nossa saúde mental ⁽¹⁸⁴⁾.

Neste ponto de sua arguição, Freud considera poder responder à questão com que inicia estas considerações: o sonho, diz, é uma operação do sistema inconsciente. Dado que a única meta que este possui é a de cumprir desejos e visto que as únicas forças de que dispõe são as moções de desejos, sua contribuição à formação dos sonhos só pode ser a de aportar a força pulsionante para o cumprimento de desejos. Voltaremos a esta tese, cujas insuficiências, a nosso ver, contribuíram para a crise da primeira tópica.

Retornando à sua concepção de aparelho psíquico, inicialmente constituído como um aparelho reflexo, Freud lembra que a frustração, provocada pela incapacidade do primeiro sistema de cancelar a necessidade, impôs a constituição de um segundo sistema, capaz de impedir que o investimento dos restos mnêmicos da experiência de satisfação culminasse na percepção alucinada. Este segundo sistema, recapitula, conduz a excitação por um rodeio pelo qual – através da motilidade – torne-se possível a modificação do mundo exterior e a percepção real do objeto de satisfação. Esses dois sistemas, acrescenta Freud, são o germe do que – no aparelho psíquico plenamente desenvolvido – se constituiu no Inconsciente e no Pré-consciente. Assim, o processo psíquico inconsciente – o processo primário – caracteriza-se pela

tendência ao livre escoamento da excitação, enquanto o do pré-consciente – processo secundário – inibe esse escoamento. O processo primário é assim denominado por Freud atendendo a sua precedência cronológica. Um aparelho psíquico que possua unicamente o processo primário, diz, é uma ficção teórica ⁽¹⁸⁵⁾. É um fato, porém, que os processos primários o integram desde o começo, enquanto os secundários só se constituem pouco a pouco. Como consequência deste advento tardio dos processos secundários, o núcleo do ser, que consiste em moções de desejos inconscientes, não é inibível pelo pré-consciente. Esta demora causa também o fato de grande parte do material mnêmico permanecer inacessível à investidura pré-consciente.

Resumamos, para concluir esta difícil questão, as considerações contidas nas páginas precedentes. Nelas salientamos que – atribuindo aos pensamentos oníricos as características lógicas que definem os pensamentos da vigília e limitando os processos secundários ao pré-consciente – Freud é obrigado a situar topicamente esses pensamentos no pré-consciente. Assinalamos que esta concepção colide com a participação reconhecida dos desejos inconscientes na formação dos pensamentos oníricos. Se, na formação destes pensamentos, intervêm representações-meta, inconscientes no sentido sistemático, por derivarem de desejos inconscientes, é inevitável reconhecer a existência de processos secundários inconscientes. Isto é perfeitamente coerente com a concepção do ego inconsciente da segunda tópica, porém não se harmoniza com a definição da primeira tópica. O processo primário caracteriza certamente o trabalho do sonho. Porém, como afirma Freud, este se limita a traduzir os pensamentos oníricos ⁽¹⁸⁶⁾. Assim, se os desejos inconscientes participam da formação desses pensamentos e se o fazem não apenas trazendo sua força pulsionante, é necessário reconhecer a existência de conhecimentos e de conexões conceituais, ambos inconscientes, isto é, de processos secundários inconscientes no sentido sistemático. Em apoio a esta afirmação, convém lembrar que no artigo *Sobre o sonho*, escrito por Freud poucos meses depois de *A interpretação dos sonhos*, como versão abreviada desta, Freud sustenta a existência de pensamentos oníricos insuscetíveis de consciência ⁽¹⁸⁷⁾. A esta categoria pertencem também as fantasias diurnas, a que se refere Freud na nota incorporada em 1920 aos *Três ensaios de teoria sexual* ⁽¹⁸⁸⁾ – e que são mantidas inconscientes na sua totalidade ou em parte. A participação dessas fantasias diurnas na formação dos sonhos, como se verá, foi analisada por Freud ao discutir o processo de elaboração secundária.

A existência de pensamentos oníricos e de fantasias diurnas – insuscetíveis de consciência e, no entanto, construídos conforme as regras do processo secundário – leva Freud a sugerir uma maior complexidade na organização do aparelho psíquico, apresentada na primeira tópica. Postulando a existência de uma segunda censura entre

o pré-consciente e a consciência – semelhante à situada entre o inconsciente e o pré-consciente⁽¹⁸⁹⁾, explicaria que pensamentos construídos conforme as regras do sistema secundário não pudessem ascender à consciência. Esta solução, contudo, não se harmoniza com a concepção geral da primeira tópica, segundo a qual a função psíquica denominada atenção é suficiente para fazer com que os conteúdos pré-conscientes possam chegar à consciência. A solução desta questão, reiteremos, será dada com a postulação, na segunda tópica, de um ego inconsciente. A evolução do pensamento freudiano nessa direção foi progressiva. Assim, num parágrafo incorporado ao texto de *A interpretação dos sonhos* em 1919, dedicado a discutir a questão dos sonhos punitivos, Freud afirma a conveniência de substituir a oposição entre o consciente e o inconsciente por outra, entre o ego e o recalado. Nesta nova concepção, sustenta a existência de desejos inconscientes que não pertencem ao recalado mas ao ego⁽¹⁹⁰⁾. Entretanto, convém salientar que este parágrafo precede no tempo à formulação da segunda tópica, sofrendo, em consequência, as limitações emergentes da primeira. Assim, após afirmar que nos sonhos punitivos o desejo formador do sonho não procede do recalado (ou seja do sistema inconsciente), mas do ego, Freud escreve que esse desejo também é inconsciente, acrescentando, entre parênteses, pré-consciente. Esta contradição é finalmente superada em uma nota incorporada em 1930, na qual esses desejos inconscientes, formadores dos sonhos punitivos, são atribuídos ao superego⁽¹⁹¹⁾.

Certamente não escapavam à percepção de Freud as limitações que caracterizavam sua primeira elaboração metapsicológica, às quais atribuía um caráter tentativo e inseguro⁽¹⁹²⁾. Já na própria *A interpretação dos sonhos*, considerava possível ter apreciado deficientemente as questões vinculadas às constelações psíquicas, à censura e aos modos de trabalho dos diferentes sistemas psíquicos. Ao iniciar a última seção do capítulo VII, Freud demonstra, mais uma vez, o caráter tentativo que atribui a suas elucidações metapsicológicas. Substituindo a representação tópica abordada nas seções anteriores por uma representação dinâmica, sugere ser possível entender os processos psíquicos não em termos de sistemas mas de processos. Nestes, o caráter inconsciente ou consciente das representações não dependeria de sua situação tópica mas da investitura energética que recebem. Na opinião de Freud, trata-se de duas representações auxiliares, igualmente válidas⁽¹⁹³⁾. Como se verá, se de um lado a concepção tópica será reforçada no contexto de sua segunda formulação, a perspectiva dinâmica será modificada pela confirmação de uma antiga postulação freudiana. Segundo esta, o caráter essencial de uma representação pré-consciente é constituída pelo seu enlace com as representações-palavra, enquanto a representação inconsciente se constitui apenas por representações-coisa. Esta concepção, desenvolvida por Freud no artigo sobre *O*

inconsciente, de 1914, possui antecedentes na própria *A interpretação dos sonhos*⁽¹⁹⁴⁾ e ainda antes, no *Projeto de uma psicologia para neurologistas*⁽¹⁹⁵⁾. Desta idéia fundamental, em torno da qual se rearticulam descobertas freudianas de diversas épocas, tornaremos a nos ocupar no próximo capítulo.

Embora declarando-se sempre disposto a substituir – quando pareça possível – as representações auxiliares da metapsicologia, por outras que se aproximem melhor da realidade desconhecida⁽¹⁹⁶⁾, Freud enfatiza a importância de sua descoberta. O novo, aquilo que aprendemos com a análise das formações psicopatológicas e do sonho, consiste em que o inconsciente ocorre como função de dois sistemas separados; e que isso acontece na vida normal da alma⁽¹⁹⁷⁾. O que pode ser alterado é a interpretação outorgada ao modo de funcionamento dos dois sistemas psíquicos, do recalque e da censura. Continua sendo válido, entretanto, que todos esses processos intervêm na produção da vida da alma⁽¹⁹⁸⁾, provando assim que esses mecanismos psíquicos não são produzidos por afecções patológicas, mas existem dentro da constituição normal da alma.

Assim, o provisório da construção metapsicológica não relativiza o que Freud considera uma aquisição plenamente assegurada do saber: o que o sonho prova é que o sufocado persiste também nos homens normais e continua sendo capaz de operações psíquicas. A descoberta do inconsciente, inferido a partir de efeitos suscetíveis de observação, permitira a Freud rearticular outras descobertas precedentes, constituindo, ao mesmo tempo, a base para novas elucidações. Esta tarefa, que de modo nenhum será concluída em *A interpretação dos sonhos*, incluíra a articulação do inconsciente com o “orgânico” – no contexto da teoria pulsional – bem como a ressignificação da estratificação do inconsciente, intuída esta desde os *Estudos sobre a histeria* e retomada, no artigo de 1914, sobre *O inconsciente*.

O inconsciente é a base universal da vida psíquica. Todo o consciente – diz Freud, e esta afirmação é importante – possui uma etapa prévia inconsciente, enquanto muito do inconsciente permanece nessa condição, revestindo-se, entretanto, do valor íntegro de uma operação psíquica. O papel da consciência, nesta perspectiva, limita-se ao de um órgão sensorial para a percepção das qualidades psíquicas. Assim, o inconsciente é o psíquico verdadeiramente real. Na sua natureza interna, ele é tão desconhecido como o real do mundo exterior, e o que dele sabemos é trazido pelos dados da consciência, de maneira tão incompleta como se dá com o mundo exterior em relação às indicações de nossos órgãos sensoriais⁽¹⁹⁹⁾. Todavia, conclui Freud, é preciso esclarecer que a realidade psíquica é uma forma particular de existência que não se deve confundir com a realidade material. Desta concepção do inconsciente real, adotada progressivamente por Freud⁽²⁰⁰⁾, ocupar-nos-emos no próximo capítulo.

NOTAS

- ¹ FREUD, S. "La interpretación de los sueños", ed. cit., vol. IV, pp. 162-164.
- ² Id., p. 1.
- ³ FREUD e JUNG. "Correspondência completa", Rio de Janeiro, Imago Editora, 1976, p. 124.
- ⁴ Ver, entre as numerosas citações de Freud a este respeito, as páginas 20, 125, 126, 475 e 606 de "La interpretación de los sueños". Cf. FREUD, S. "La interpretación de los sueños", ed. cit., vol. IV e V.
- ⁵ FREUD, S. "La interpretación de los sueños", ed. cit., vol. IV, pp. 269 e 272.
- ⁶ FREUD, S. "La interpretación de los sueños", vol. V, p. 607. Na verdade, como esclarece a nota 11, a frase reproduzida no texto não constava da primeira edição de *A interpretação dos sonhos*, sendo incorporada na edição de 1909 e, na forma citada, na de 1919.
- ⁷ Id., vol. IV, p. 67.
- ⁸ FREUD, S. "La interpretación de los sueños", vol. IV, pp. 66-67.
- ⁹ Id., "Mi contacto con Josef Popper-Lynkeus". In: **Obras completas**, vol. XXII, p. 203.
- ¹⁰ BREUER, J. e FREUD, S. "Estudios sobre la histeria", ed. cit., vol. II, pp. 279, 281, 293 e 295.
- ¹¹ FREUD, S. "Presentación autobiográfica", ed. cit., vol. XX, p. 30.
- ¹² Id., p. 31.
- ¹³ FREUD, S. "La interpretación de los sueños", ed. cit., vol. IV, p. 67.
- ¹⁴ Id., "Esquema del psicoanálisis", ed. cit., vol. XXIII, p. 182.
- ¹⁵ Id., p. 199.
- ¹⁶ FREUD, S. "Esquema del psicoanálisis", ed. cit., vol. XXIII, p. 155.
- ¹⁷ Id., p. 143.
- ¹⁸ Id., p. 156.
- ¹⁹ Id., p. 198.
- ²⁰ FREUD, S. Esquema del psicoanálisis, ed. cit., vol. XXIII, p. 156.
- ²¹ FREUD, S. "Mis tesis sobre el papel de la sexualidad en la etiología de las neurosis", ed. cit., vol. VII, p. 267.
- ²² Id., "Tres ensayos de teoría sexual", ed. cit., vol. VII, p. 203.
- ²³ FREUD, S. "La interpretación de los sueños", ed. cit., vol. IV, p. 122; vol. V, pp. 619-620. Ver ainda "Conferencias de Introducción al psicoanálisis", vol. XV, pp. 75 e 167.
- ²⁴ Id., vol. IV, p. 125.
- ²⁵ FREUD, S. "La interpretación de los sueños", vol. IV, p. 29.
- ²⁶ Id., pp. 87, 109 e 118.
- ²⁷ FREUD, S. "La interpretación de los sueños", p. 506.
- ²⁸ FREUD, S. "La interpretación de los sueños", vol. IV, p. 33.
- ²⁹ Id., p. 78.
- ³⁰ Id., p. 235.
- ³¹ FREUD, S. "La interpretación de los sueños", vol. IV, p. 237.
- ³² Id., pp. 107 e 108.
- ³³ Id., p. 109.
- ³⁴ Id., p. 106.
- ³⁵ FREUD, S. "La interpretación de los sueños", vol. IV, p. 232.
- ³⁶ Id., p. 249.

- ³⁷ Id., pp. 118 e 121.
- ³⁸ Id., p. 118.
- ³⁹ FREUD, S. "La interpretación de los sueños", vol. V, pp. 521-524.
- ⁴⁰ Id., p. 619.
- ⁴¹ FREUD, S. "La interpretación de los sueños", vol. V, p. 618. Freud recorre a esta metáfora, retirada de Strümpell, diversas vezes. Ver, por exemplo, a quinta "Conferencia de introducción al psicoanálisis", ed. cit., vol. XV, p. 78.
- ⁴² Id., "Conferencias de introducción al psicoanálisis", ed. cit., vol. XV, pp. 91-92.
- ⁴³ Id., "La interpretación de los sueños", ed. cit., vol. IV, pp. 106 e 108.
- ⁴⁴ Id., "Conferencias de introducción al psicoanálisis", ed. cit., vol. XV, p. 91.
- ⁴⁵ Id., p. 137.
- ⁴⁶ FREUD, "Sobre el sueño", ed. cit., vol. V, p. 666.
- ⁴⁷ Id., "Conferencias de introducción al psicoanálisis", ed. cit., vol. XV, p. 149.
- ⁴⁸ Id., p. 138.
- ⁴⁹ Id.
- ⁵⁰ Id., "La interpretación de los sueños", ed. cit., vol. V, p. 667.
- ⁵¹ FREUD, S. "La interpretación de los sueños", vol. IV, p. 21.
- ⁵² Id., "Conferencias de introducción al psicoanálisis", ed. cit., vol. XV, p. 137.
- ⁵³ Id., p. 151.
- ⁵⁴ Id.
- ⁵⁵ FREUD, S. "Conferencias de introducción al psicoanálisis", ed. cit., vol. XV. Esta problemática, juntamente com a que se vincula ao estatuto dos pensamentos oníricos, que abordaremos posteriormente, sinaliza as insuficiências da primeira tópica.
- ⁵⁶ Id., pp. 151-152.
- ⁵⁷ FREUD, S. "Proyecto de una psicología para neurologistas", ed. cit., vol. I, pp. 413-415.
- ⁵⁸ Id., "Esquema del psicoanálisis", ed. cit., vol. XXI-II, p. 164.
- ⁵⁹ Id., "Sobre el sueño", ed. cit., vol. V, p. 666.
- ⁶⁰ Id., "Conferencias de introducción al psicoanálisis", ed. cit., vol. XV, p. 138.
- ⁶¹ Id., p. 170.
- ⁶² Id., "La interpretación de los sueños", ed. cit., vol. IV, p. 252, nota 1 de 1925.
- ⁶³ Id., "Sobre el sueño", ed. cit., vol. V, p. 665.
- ⁶⁴ Id.
- ⁶⁵ FREUD, S. "Conferencias de introducción al psicoanálisis", ed. cit., vol. XV, p. 138.
- ⁶⁶ Id., "La interpretación de los sueños", ed. cit., vol. IV, p. 141.
- ⁶⁷ Id., p. 143.
- ⁶⁸ FREUD, S. "La interpretación de los sueños", ed. cit., vol. IV, p. 164.
- ⁶⁹ Id., vol. V, p. 473.
- ⁷⁰ Id., p. 473, nota 19, de 1930.
- ⁷¹ FREUD, S. "La interpretación de los sueños", vol. IV, pp. 149-150.
- ⁷² Id., p. 21. Cf. nota 10 da p. 150 do vol. IV, acrescentada em 1911.
- ⁷³ Id., vol. V, p. 399.
- ⁷⁴ Id., vol. V, p. 399.
- ⁷⁵ Id., vol. IV, p. 177, nota 10.
- ⁷⁶ Id., "Conferencias de Introducción al psicoanálisis", ed. cit., vol. XV, p. 176.
- ⁷⁷ FREUD, S. "La interpretación de los sueños", ed. cit., vol. V, pp. 398-399.

- 78 Id.
 79 Ib., "Esquema del psicoanálisis", ed. cit., vol. XXIII, p. 150.
 80 Ib., "La interpretación de los sueños", vol. V, p. 399.
 81 Ib., vol. IV, pp. 177-178, nota 28, de 1925.
 82 FREUD, S. "La interpretación de los sueños", vol. IV, p. 21.
 83 FREUD, S. "La interpretación de los sueños", vol. V, p. 506.
 84 FREUD, S. "La interpretación de los sueños", vol. V, p. 19.
 85 Ib., vol. V, pp. 653-654.
 86 FREUD, S. "La interpretación de los sueños", vol. V, p. 502.
 87 Id., "Sobre el sueño", ed. cit., vol. V, p. 624.
 88 Ib., "La interpretación de los sueños", ed. cit., vol. V, p. 502 e nota 25, de 1925.
 89 Ib., p. 502.
 90 FREUD, S. "Sobre el sueño", ed. cit., vol. V, pp. 649-650.
 91 Id., "La interpretación de los sueños", ed. cit., vol. IV, p. 285.
 92 Ib., vol. V, p. 501.
 93 Ib., "Conferencias de introducción al psicoanálisis", ed. cit., vol. XV, p. 103.
 94 FREUD, S. "Sobre el sueño", ed. cit., vol. V, p. 627.
 95 Id. "La interpretación de los sueños", ed. cit., vol. IV, p. 245 e "Sobre el sueño", ed. cit., vol. V, p. 660.
 96 Ib., vol. IV, p. 246.
 97 Ib., pp. 194, 195 e 240.
 98 FREUD, S. "La interpretación de los sueños", vol. IV, pp. 240-241.
 99 Id., "Sobre el sueño", ed. cit., vol. V, p. 654.
 100 Ib., "La interpretación de los sueños", ed. cit., vol. IV, pp. 196-197.
 101 FREUD, S. "La interpretación de los sueños", vol. IV, p. 190.
 102 Id., pp. 190-193 e 196. Ver também o exemplo de deslocamento no resto diurno na análise do sonho de Freud sobre a "monografía botânica", vol. IV, capítulo V, pp. 186 e seguintes.
 103 Ib., "Sobre el sueño", ed. cit., vol. V, pp. 639-640.
 104 FREUD, S. "La interpretación de los sueños", ed. cit., vol. IV, p. 206.
 105 Id., p. 205.
 106 Ib., p. 208.
 107 FREUD, S. "La interpretación de los sueños", vol. IV, p. 162.
 108 Id., "Conferencias de introducción al psicoanálisis", ed. cit., vol. XV, p. 136.
 109 Ib., "Sobre el sueño", ed. cit., vol. V, p. 649.
 110 Ib., "La interpretación de los sueños", ed. cit., vol. IV, p. 246.
 111 FREUD, S., "Sobre el sueño", ed. cit., vol. V, p. 642.
 112 Id. "La interpretación de los sueños", ed. cit., vol. IV, pp. 331-341.
 113 Ib., p. 320.
 114 Ib., p. 325.
 115 Ib., pp. 320-322.
 116 Ib., p. 318.
 117 Ib., "Sobre el sueño", ed. cit., vol. V, p. 631.
 118 FREUD, S., "La interpretación de los sueños", ed. cit., vol. IV, p. 287.
 119 Id., "Conferencias de introducción al psicoanálisis", ed. cit., vol. XV, p. 156.
 120 Ib.
 121 Ib., "La interpretación de los sueños", ed. cit., vol. IV, p. 288.
 122 FREUD, S. "La interpretación de los sueños", vol. IV, p. 288.
 123 Id., vol. V, p. 526.
 124 FREUD, S. "La interpretación de los sueños", vol. IV, p. 525.

- 125 Id., p. 607.
 126 Ib., "Conferencias de introducción al psicoanálisis", ed. cit., vol. XV, pp. 157-158.
 127 Ib., p. 110.
 128 Ib., p. 160.
 129 FREUD, "Conferencias de introducción al psicoanálisis", ed. cit., vol. XV, pp. 161-162.
 130 Id., p. 165.
 131 FREUD, S. "La Interpretación de los sueños", ed. cit., vol. IV, p. 311.
 132 Id., p. 312.
 133 FREUD, S. "La interpretación de los sueños", ed. cit., vol. IV, p. 313.
 134 FREUD, S., "La interpretación de los sueños", vol. IV, p. 285.
 135 Id., p. 286.
 136 Ib., p. 246.
 137 Ib., p. 268.
 138 Ib., p. 487.
 139 Ib., p. 495.
 140 Ib., p. 487.
 141 FREUD, S. "La interpretación de los sueños", ed. cit., vol. IV, p. 496 e "Sobre el sueño", ed. cit., vol. V, p. 648.
 142 Id., "Un sueño como pieza probatoria", ed. cit., vol. XII, p. 288.
 143 Id., "Psicoanálisis", ed. cit., vol. XVIII, p. 237.
 144 FREUD, S. "La interpretación de los sueños", ed. cit., vol. V, p. 495.
 145 Id., pp. 486-487.
 146 FREUD, S. "La interpretación de los sueños", ed. cit., vol. V, p. 488.
 147 Id., p. 489.
 148 Ib., pp. 489-490.
 149 FREUD, S. "Tres ensayos de teoría sexual", ed. cit., vol. VII, p. 206, nota 28.
 150 FREUD, S. "La interpretación de los sueños", ed. cit., vol. V, pp. 492, 493 e 494. Freud exemplifica com o conhecido sonho de Maury que, golpeado na nuca, sonha, no brevíssimo lapso entre esse estímulo e o despertar provocado por este, uma longa história desenvolvida durante a Revolução Francesa.
 151 Id., p. 597.
 152 Ib., p. 506.
 153 FREUD, S. "Complemento metapsicológico a la doctrina de los sueños", ed. cit., vol. XIV, p. 233, nota 38.
 154 Id., "La interpretación de los sueños", ed. cit., vol. IV, pp. 163-164.
 155 Id., "Pulsiones y destinos de pulsión", ed. cit., vol. XIV, p. 113.
 156 FREUD, S. "La interpretación de los sueños", ed. cit., vol. V, p. 578.
 157 FREUD, S. "La interpretación de los sueños", ed. cit., vol. V, p. 507.
 158 FREUD, S. "Estudios sobre la histeria", ed. cit., vol. II, pp. 139, 155, 293 e 295; e "Las neuropsicosis de defensa", ed. cit., vol. III, pp. 51-56.
 159 FREUD, S. "La interpretación de los sueños", ed. cit., vol. IV, p. 162.
 160 Id., p. 164.
 161 FREUD, S. "La interpretación de los sueños", ed. cit., vol. IV, p. 247.
 162 FREUD, S. "La interpretación de los sueños", ed. cit., vol. V, pp. 523-524.
 163 Id., p. 525.
 164 FREUD, S. "La interpretación de los sueños", ed. cit., vol. IV, pp. 527-528.
 165 Id., p. 529.

- 166 FREUD, S. "La interpretación de los sueños", ed. cit., vol. IV, p. 535.
 167 Id., p. 537.
 168 FREUD, S. "La interpretación de los sueños", ed. cit., vol. IV, p. 538.
 169 Id., p. 541 e nota 21.
 170 FREUD, S. "La interpretación de los sueños", ed. cit., vol. IV, p. 542.
 171 FREUD, S. "La interpretación de los sueños", ed. cit., vol. IV, p. 544.
 172 FREUD, S. "La interpretación de los sueños", ed. cit., vol. IV, p. 546 e nota 3.
 173 Id., p. 546. Repare-se, neste parágrafo, a concepção evolutiva sobre a formação do aparelho psíquico, concepção esta que abre importantes interrogantes em torno da problemática do recalque. Tal concepção é reafirmada por Freud no texto metapsicológico de 1914 sobre o inconsciente, no qual diz que a divisão definitiva dos conteúdos dos dois sistemas não se estabelece até a puberdade. Cf. "Lo inconsciente", ed. cit., vol. XIV, pp. 186 e 192.
 174 FREUD, S. "La interpretación de los sueños", ed. cit., vol. IV, p. 548.
 175 Id., p. 552.
 176 FREUD, S. "La interpretación de los sueños", ed. cit., vol. IV, p. 553.
 177 Id., p. 565.
 178 FREUD, S. "La interpretación de los sueños", ed. cit., vol. IV.
 179 Id..
 180 FREUD, S. "La interpretación de los sueños", ed. cit., vol. IV, p. 582.
 181 FREUD, S. "La interpretación de los sueños", ed. cit., vol. IV, p. 184.
 182 FREUD, S. "El simbolismo en el sueño", "Décima conferencia de introducción al psicoanálisis", ed. cit., vol. XV, p. 151.
 183 Id., "La interpretación de los sueños", ed. cit., vol. V, p. 557.
 184 FREUD, S. "La interpretación de los sueños", ed. cit., vol. V, p. 559.
 185 FREUD, S. "La interpretación de los sueños", ed. cit., vol. V, p. 592.
 186 FREUD, S. "La interpretación de los sueños", ed. cit., vol. V, p. 443.
 187 Id., "Sobre el sueño", ed. cit., vol. V, p. 654.
 188 Id., "Tres ensayos de teoría sexual", ed. cit., vol. VII, p. 206, nota 28.
 189 FREUD, S. "La interpretación de los sueños", ed. cit., vol. V, pp. 602 e 605.
 190 Id., p. 550.
 191 FREUD, S. "La interpretación de los sueños", ed. cit., vol. V, nota 7.
 192 Id. "Complemento metapsicológico a la doctrina de los sueños", ed. cit., vol. XIV, p. 233, nota 38.
 193 Id. "La interpretación de los sueños", ed. cit., vol. V, p. 598.
 194 FREUD, S. "La interpretación de los sueños", ed. cit., vol. V, p. 556.
 195 Id. "Proyecto de una psicología para neurologistas", ed. cit., vol. I, p. 408.
 196 Id., "La interpretación de los sueños", ed. cit., vol. V, p. 598.
 197 Id., p. 602.
 198 FREUD, S. "La interpretación de los sueños", ed. cit., vol. V, p. 596.
 199 FREUD, S. "La interpretación de los sueños", ed. cit., vol. V, p. 600.
 200 Id., p. 607. O parágrafo no qual Freud afirma a existência da realidade psíquica foi incorporado, em sua forma atual, em 1914. Comparado com um parágrafo anterior, no qual Freud manifesta dúvidas sobre a realidade dos desejos inconscientes, o parágrafo acrescentado em 1914 indica a crescente convicção freudiana sobre a existência de um inconsciente real.

CAPÍTULO III

DESENVOLVIMENTO, AMPLIAÇÃO E IMPASSES DA TEORIA FREUDIANA

Conforme já foi assinalado, na apreciação do próprio Freud, as doutrinas da resistência e do recalque, do inconsciente, do valor etiológico da vida sexual e da importância das vivências infantis, constituem os principais componentes da teoria psicanalítica ⁽¹⁾. Nas páginas precedentes, aplicando a metodologia definida na nossa Introdução, acompanhamos a emergência dessas doutrinas, mostrando sua origem na observação clínica e discutindo o instrumental utilizado por Freud para teorizar a referida observação. Nessa perspectiva, a formulação do conceito de realidade psíquica em *A interpretação dos sonhos* caracterizou para nós o ponto de convergência de múltiplas observações e tentativas de teorização, articuladas em torno do genial *insight* freudiano.

Entretanto, neste ponto de seu percurso, Freud não havia ainda atingido o ponto de elaboração teórica a que se refere no citado texto, incluído na sua *Apresentação autobiográfica*, de 1925. Os conceitos de resistência e recalque, embora constituindo já uma noção fundamental, não tinham ainda sido tematizados na época de *A interpretação dos sonhos*, integrando-se na teoria através da expressão "processo defensivo" ⁽²⁾. A doutrina sobre o inconsciente, embora constituindo-se no cerne da descoberta freudiana, apresentava impasses e contradições a cuja solução Freud dedicaria importantes trabalhos na sequência de sua obra. O valor etiológico da vida sexual e a importância das vivências infantis, embora sublinhados nas teorias sobre as psiconeuroses e sobre os sonhos, não estavam ainda articulados entre si, colocando-se a necessidade de explicar a introdução da sexualidade no sujeito infantil. Desta necessidade se originou, como foi visto, a teoria do trauma e, do fracasso desta, o desconcerto freudiano em torno da significação dos "fatores orgânicos".

O processo de transformação, ampliação e enriquecimento da teoria freudiana, após a publicação de *A interpretação dos sonhos*, seguiu trilha similar à que tinha balizado sua emergência. Primazia da observação clínica, crescentemente inserida na experiência da relação intersubjetiva, caracterizada pela transferência e a resistência; teorização dessa experiência e construção de hipóteses metapsicológicas, constitutivas de uma superestrutura teórica e referidas a constelações insuscetíveis de observação direta ⁽³⁾. Assim, a introdução de novos conceitos e a redefinição de outros, determinaram sucessivas rearticulações da teoria. É importante assinalar, todavia, a participação central da especulação nas rearticulações teóricas operadas nos textos inseridos na denominada “virada dos anos vinte”. Voltaremos a este tema ainda neste capítulo e em nossas considerações finais.

A continuidade do estudo da obra freudiana implicaria, no contexto metodológico definido em nossa Introdução, o acompanhar as novas descobertas clínicas, sua teorização e seu impacto rearticulador sobre a superestrutura metapsicológica. Não o faremos, contudo, neste trabalho. Tal empenho ultrapassaria as possibilidades e exigências de uma dissertação de mestrado.

Nosso objetivo é mais modesto. Limitar-nos-emos a indicar os grandes movimentos teóricos operados por Freud em torno do que considera os principais componentes da teoria psicanalítica, tentando discernir sua significação para a compreensão freudiana do inconsciente. Com esse intuito, assinalaremos os progressos do pensamento de Freud no conhecimento do mundo da fantasia, sintetizados provisoriamente no texto metapsicológico *O inconsciente*, em 1915. Ocupar-nos-emos também da problemática do recalque, conceito central em uma teoria que sustenta a universalidade do inconsciente.

Nos impasses das elaborações dedicadas a este conceito, nos referidos textos metapsicológicos, evidenciam-se, a nosso ver, as limitações impostas a Freud pelo instrumental teórico que utilizou. Neste contexto, assinalaremos a centralidade adquirida pela problemática dos afetos, num percurso teórico que se cristaliza na inversão da teoria da angústia em *Inibição, sintoma e angústia*, texto fundamental de 1926.

Embora não empreendamos a tarefa de analisar a segunda tópica – limitando-nos a assinalar a sua antecipação nos impasses a que chegam e nas modificações que introduzem os textos de 1915 – tentaremos mostrar a articulação possível, porém não realizada por Freud, entre ela e a segunda teoria da angústia. A concepção do aparelho psíquico como resultado de um processo de diferenciação do ego e do superego com relação a isso guarda, a nosso ver, estreita relação com a compreensão do recalque como uma modalidade particular dos processos de defesa utilizados pelo ego ⁽⁴⁾. Nesse contexto, consideraremos sumariamente a significação do Édipo na construção metapsicológica freudiana.

A articulação da realidade psíquica com o “fator orgânico” constitui, como se viu, uma permanente preocupação de Freud. A desorientação, que lhe provocara o abandono da teoria do trauma e a conseqüente revalorização das causas orgânicas, encontrará sua via de superação através da descoberta da sexualidade infantil e da formulação da teoria pulsional. Esta, articulada com o “externo” através da reformulação do conceito de sedução, ancora no corpo através da teoria do apoio. Como se verá, esta articulação entre o corpo e suas funções e o mundo da fantasia se constituirá num elemento central para a compreensão da emergência da angústia e, a partir dela, dos processos de defesa.

A teoria pulsional, como se sabe, era considerada por Freud a região mais obscura da teoria psicanalítica, ao mesmo tempo que uma de suas peças essenciais ⁽⁵⁾. Contudo, ao considerá-la neste trabalho, não ultrapassaremos as questões referidas à sua articulação com os outros componentes centrais da teoria psicanalítica. Não nos omitiremos, entretanto, em assinalar a especificidade do processo de formulação da segunda teoria pulsional. Este se diferencia, com efeito, daquele que baliza a construção teórica freudiana, constituído, como se viu, pela teorização das observações clínicas e a posterior articulação dessas teorias no registro metapsicológico. A segunda teoria pulsional, embora articulável com importantes conceitos da teoria, não emerge deles, mas da especulação freudiana ⁽⁶⁾. Assim, para além de sua significação no quadro do conjunto da estrutura teórica, a segunda teoria pulsional representa, pelo seu processo de formulação, um notável movimento teórico de Freud com referência ao próprio processo de produção de conhecimentos. Este movimento, que implica uma segunda concepção da metapsicologia, enlaça-se a idéias sustentadas por Freud em diversos momentos de sua obra, nutridas de sua própria experiência na elaboração de *A interpretação dos sonhos* e na sua apreciação em torno do saber contido nos mitos, no folclore e nas criações dos poetas.

A parte final deste trabalho será dedicada a indicar a articulação existente entre as diversas regiões da teoria freudiana, mencionadas nos parágrafos precedentes.

3.1. A CONCEPÇÃO DO INCONSCIENTE EM 1915

A segunda síntese metapsicológica, elaborada por Freud nos textos de 1915, acolhe as conseqüências teóricas das novas descobertas clínicas, reformulando a concepção do inconsciente apresentada no capítulo VII de *A interpretação dos sonhos*. Não se trata ainda da virada teórica que ocorrerá anos depois, com a publicação da segunda tópica, sumariamente apresentada em *Além do princípio do prazer* e desenvolvida em *O ego e o id*. Entretanto, os textos metapsicológicos de 1915,

particularmente *O recalque* e *O inconsciente*, assinalam já, com os impasses que explicitam e as soluções que antecipam, o contexto no qual se desenvolverá posteriormente a reflexão freudiana.

Apresentaremos, a seguir, o que, a nosso ver, constitui as principais modificações introduzidas na metapsicologia freudiana na sua segunda síntese. Com esse intuito, consideramos conveniente sublinhar três aspectos. O primeiro refere-se à consolidação da perspectiva tópica, que em *A interpretação dos sonhos* fora apresentada apenas como alternativa à perspectiva centrada no processo ⁽⁷⁾. O segundo aspecto, que supõe o primeiro e antecipa de perto a concepção da segunda tópica, é a postulação de uma segunda censura, situada entre a consciência e o pré-consciente. Esta idéia, já sugerida em *A interpretação dos sonhos*, não tinha sido entretanto articulada nesse texto fundamental. Estas duas modificações da teoria freudiana convergem em uma terceira, de grande significação, consistente na relativa independência postulada por Freud entre os processos psíquicos e os lugares que constituem a tópica.

Acompanhemos agora esses movimentos da teoria freudiana. A apresentação das propriedades particulares do sistema inconsciente no capítulo V do artigo sobre *O inconsciente* reproduz inicialmente a concepção já expressa em *A interpretação dos sonhos*. O núcleo do inconsciente, diz Freud, consiste em agências representantes de pulsões que procuram descarregar sua investidura. Consiste, portanto, em moções de desejo. Estas não se coordenam entre si, nem se influenciam mutuamente, porque no inconsciente não existe negação ou qualquer grau de certeza. Seus processos são primários, atemporais e isentos de contradição. Tanto a negação quanto os diversos graus de certeza e a relação com o tempo, características do sistema secundário, resultam da inibição da proclividade à descarga própria do sistema primário, sendo introduzidas no psiquismo pela censura gerada entre o inconsciente e o pré-consciente ⁽⁸⁾. No processo secundário, a energia se desloca de uma representação para outra sem abandonar completamente qualquer representação e determinando, em consequência, uma ligação entre elas. A vinculação assim estabelecida entre o conteúdo das diversas representações permite que estas se influenciem entre si, tornando possível a contradição e graus diversos de certeza. Destas características do processo secundário, origina-se a capacidade do sistema pré-consciente de introduzir no psiquismo uma ou várias censuras ⁽⁹⁾.

Assim, o capítulo V de *O inconsciente* privilegia a perspectiva do processo na distinção entre as instâncias psíquicas. Todavia, Freud enfatiza a necessidade de não se generalizar este critério, por consistir apenas na descrição da situação, tal como se apresenta nos adultos. O conteúdo e os vínculos deste sistema, acrescenta, não devem derivar-se dessa descrição, sendo necessário pesquisá-los em separado ⁽¹⁰⁾. A

nosso ver, esta advertência – assim como a afirmação de que o sistema inconsciente funciona somente como etapa prévia de uma organização mais alta – evidencia as dificuldades enfrentadas por Freud para articular, na metapsicologia, os conhecimentos produzidos em outros registros de seu trabalho teórico.

O enfoque freudiano muda significativamente desde as primeiras linhas do capítulo seguinte. Com efeito, contradizendo a afirmação precedente, Freud apresenta o inconsciente como algo vivo, suscetível de desenvolvimento e mantendo com o pré-consciente toda uma série de relações, inclusive de cooperação. Portanto, seria um erro imaginar que essas relações se limitam ao recalque ou que o inconsciente é algo periclitado ou que permanece em repouso ⁽¹¹⁾. No seu desenvolvimento, o inconsciente produz derivados, que apresentam formas particulares de organização. Esta afirmação é importante. Ela assinala um movimento teórico pelo qual a reflexão freudiana relativizará as relações de pertença entre sistemas e processos. Com efeito, Freud nos diz que o estudo desses derivados do inconsciente impede o continuar sustentando uma separação esquematicamente límpida entre os dois sistemas. Alguns desses derivados, acrescenta, apresentam características opostas. Tendo aproveitado todas as aquisições do sistema pré-consciente ⁽¹²⁾, possuem alto grau de organização. Mas, ao mesmo tempo, são inconscientes e insuscetíveis de consciência.

Portanto, Freud afirma a existência de representações inconscientes no sentido sistemático, organizadas conforme as leis do sistema secundário.

Assim, o estudo dos derivados do inconsciente introduz uma mudança de peso na concepção freudiana sobre o aparelho psíquico, o que parece sugerido no comentário que Freud faz a estas reflexões. Antecipando-se às possíveis críticas que esta mudança poderia provocar, ele afirma que seu objetivo não é outro que o de trasladar à teoria os resultados obtidos na observação, não tendo assumido, desde o início, qualquer obrigação de atingir uma formulação teórica clara e simples. Este tipo de comentário é habitual nos textos freudianos que, incorporando novas e significativas descobertas, expõem uma modificação substancial na sua teoria.

A análise dos derivados do inconsciente, por outra parte, permite a Freud elevar ao nível da metapsicologia uma idéia presente em sua obra desde a época da correspondência com Fliess. Trata-se da concepção evolutiva do inconsciente, em torno da qual centrar-se-á, posteriormente, a formulação da segunda tópica. Entretanto, a concepção de conteúdos inconscientes organizados conforme as normas do processo secundário não pode ser apreendida teoricamente nos limites da primeira tópica. Freud percebe essa limitação e, na tentativa de superá-la, postula a existência não apenas de uma censura engendrada pelo recalque entre o inconsciente e o pré-consciente, mas de duas ou

mais censuras. A todo progresso da organização psíquica, de um sistema a outro superior, corresponde, diz, uma nova censura⁽¹³⁾. Nesta perspectiva, uma primeira censura atua contra o próprio inconsciente, enquanto uma segunda censura o faz contra seus derivados⁽¹⁴⁾, eles mesmos inconscientes no sentido sistemático.

O desenvolvimento da reflexão freudiana resenhada nos parágrafos anteriores, constitui, a nosso ver, uma mudança significativa com relação à primeira síntese metapsicológica. Nesta, Freud se inclinava – conforme foi salientado – a favor do critério que diferenciava o inconsciente do pré-consciente pelas modalidades de seus respectivos processos. Esta mudança, por outro lado, já fora antecipada em *Notas sobre o conceito do inconsciente na psicanálise*. Neste trabalho, publicado originalmente em língua inglesa, Freud traça a distinção entre as acepções descritiva, dinâmica e sistemática do inconsciente, afirmando ser esta última a mais importante⁽¹⁵⁾.

Convém insistir sobre a significação da aludida transformação teórica. Ela assinala, a nosso ver, o movimento da reflexão freudiana no sentido de uma concepção do inconsciente como realmente existente. Enfatizada no percurso que leva à formulação da segunda tópica, esta concepção já está presente nos trabalhos dedicados por Freud à exploração do mundo da fantasia, após a publicação de *A interpretação dos sonhos*. Assim, no estudo dedicado à *Psicopatologia da vida cotidiana*, analisando o esquecimento dos nomes, Freud postula a necessidade de um nexos profundo de sentido existente entre o esquecido e o complexo recalçado. A este nexos profundo de conteúdo se acrescentaria, se bem que não em todos os casos, uma associação externa através da palavra⁽¹⁶⁾. Na verdade, na questão do inconsciente concebido como realmente existente, é possível verificar o processo habitualmente seguido por Freud na formulação de suas hipóteses teóricas. As descobertas surgidas na observação clínica e relativas à vida cotidiana são pensadas teoricamente sem, no entanto, encontrarem, inicialmente, um lugar na metapsicologia. Esta, pelo instrumental utilizado na sua construção, é incapaz de integrar tais descobertas. O caminho seguido por Freud na suas reformulações metapsicológicas nos parece pautado precisamente na primazia por ele outorgada àquelas descobertas e por sua firme decisão de não afastá-las da apreciação teórica nem de se omitir em analisar seu impacto na articulação metapsicológica. Entre estas descobertas – e isto foi fundamental para a criatividade da teoria freudiana – estão as que, por sua própria condição, não eram apreensíveis com o instrumental teórico disponível e utilizado na produção da síntese metapsicológica.

A concepção do inconsciente como realmente existente, e não apenas como um processo particular caracterizado pela falta da ligação com a representação-palavra, deve ser entendido, a nosso ver, como a consolidação, no registro da metapsicologia, de hipóteses sustentadas

por Freud desde *A interpretação dos sonhos*. Como mostramos nos capítulos precedentes, ao analisar o processo de formação dos sonhos, Freud postula a derivação das representações constitutivas dos pensamentos oníricos a partir de representações de imagens, que assim constituiriam a forma bruta daquelas⁽¹⁷⁾. Esta idéia, central para o próprio conceito de regressão, é posteriormente confirmada por Freud em nota acrescentada ao texto citado em 1914. Distinguindo a regressão tópica da formal e da temporal, Freud afirma que o mais antigo é, ao mesmo tempo, o mais primitivo, do ponto de vista formal e o mais próximo do extremo perceptivo, dentro da tópica psíquica⁽¹⁸⁾. Na mesma perspectiva, no já citado artigo de 1912, Freud afirma ser o inconsciente uma fase regular e inevitável dos processos que fundam a atividade psíquica⁽¹⁹⁾. Assim, o desenvolvimento da reflexão freudiana nos mostra a progressiva superação da dúvida com que, em 1899, encerrara o capítulo VII de *A interpretação dos sonhos*. Como se verá, na primeira edição desta obra, Freud expressava suas dúvidas em torno da realidade dos desejos inconscientes. O acréscimo incorporado ao mesmo texto a partir de 1909, no qual Freud sustenta a existência da realidade psíquica como diferente da material, resolve essa dúvida em sentido positivo⁽²⁰⁾.

A concepção tópica não alude, obviamente, a uma localização anatômica, mas a uma forma de existência eficiente, que não caracteriza um processo incompleto, mas um processo específico. Por isso, parece-nos pertinente interpretar a importância atribuída por Freud à perspectiva tópica, como uma expressão da consolidação teórica do inconsciente pensado como real. Com efeito, se no capítulo VII de *A interpretação dos sonhos* Freud tinha tratado como equivalentes processo e tópica, isto era possível na medida em que, na sua concepção dessa época, a cada perspectiva tópica correspondia um processo específico. Entretanto, os progressos de sua observação clínica não lhe permitiam, já em 1915, continuar sustentando relações de exclusividade entre determinadas instâncias e processos. Tinha conferido na clínica a existência de pensamentos organizados segundo as regras do processo secundário e, no entanto, inconscientes, no sentido sistemático. Superava assim a contradição que indicamos ao analisar sua teoria sobre os sonhos, no quadro da primeira tópica porém, ao mesmo tempo, separava processos e instâncias. O processo secundário operava tanto representações pré-conscientes, no sentido da primeira tópica – isto é, em sentido apenas descritivo – mas também inconscientes no sentido sistemático, como era o caso, por exemplo, das fantasias diurnas de origem infantil.

Todavia, esta evolução do pensamento freudiano não prossegue em 1915 até o ponto de determinar a substituição da primeira tópica. Embora se torne evidente a contradição implícita na postulação de representações inconscientes, no sentido sistemático, situadas no

pré-consciente, é isto o que Freud sustenta, tentando superar o impasse, ao imaginar uma segunda censura, a dividir o pré-consciente da consciência. Nesta solução, que do ponto de vista formal privilegia a perspectiva que identifica processo com instância, quebra-se a concepção do pré-consciente como diferenciando-se da consciência apenas pela falta do investimento da atenção. A postulação de uma parte inconsciente do ego superará, finalmente, esta contradição, privilegiando definitivamente a perspectiva tópica e a concepção do inconsciente real.

3.2. REPRESENTAÇÃO-COISA E REPRESENTAÇÃO-PALAVRA

A exposição metapsicológica sobre o inconsciente, sintetizada por Freud nos seis primeiros capítulos do artigo de 1915, constituíam o resultado de uma reflexão cuja fonte exclusiva consistia no estudo dos processos oníricos e das neuroses de transferência. O resultado obtido, embora constituindo um progresso com relação à primeira síntese metapsicológica, continuava apresentando aspectos pouco claros ou mesmo confusos. Sobretudo, enfatiza Freud, não permite coordenar os conhecimentos obtidos sobre o inconsciente numa concatenação já conhecida⁽²¹⁾. Os progressos neste último aspecto advieram dos conhecimentos possibilitados por outra experiência clínica, a das psiconeuroses narcísicas.

A nova via de reflexão situa no seu centro a questão da relação com o objeto. Nas neuroses de transferência, escreve Freud, a denegação do objeto gera frustração e determina o estalido da neurose. A libido é então retirada do objeto real e deslocada para o objeto fantasiado. Persiste, portanto, investimento libidinal de objeto, investimento este que, devido ao recalque, processa-se no sistema inconsciente. Nas psiconeuroses narcísicas, pelo contrário, a libido afastada do objeto real não é investida num objeto novo (fantasiado), mas se recolhe no ego. Por outro lado, a observação mostra que nas neuroses narcísicas exterioriza-se como consciente muito do que, nas neuroses de transferência, só pode ser pesquisado no inconsciente, através da psicanálise. E a observação revela ainda que nessas afecções dá-se uma alteração da linguagem pela qual as palavras são submetidas ao processo primário, isto é, são condensadas e, por deslocamento, transferem completamente suas investidas mútuas⁽²²⁾. Desse modo, uma única palavra pode sub-rogar uma cadeia íntegra de pensamentos. Nesse processo, as substituições se operam segundo a semelhança lingüística, em vez de se aterem ao parecido das coisas designadas, caracterizando assim o predomínio da referência à palavra sobre a referência à coisa.

Articulando o conjunto de conhecimentos resenhados no parágrafo precedente, Freud corrige sua afirmação anterior, segundo a qual as psiconeuroses narcísicas se caracterizam pelo abandono das

investiduras de objeto. Afirmando agora que nelas a investidura das representações-palavra dos objetos é conservada, Freud é levado a introduzir uma distinção fundamental. No que denominávamos representação-objeto, escreve, devem agora ser diferenciadas a representação-palavra e a representação-coisa. Esta última, acrescenta, consiste na imagem mnêmica da coisa ou de traços mnêmicos dela derivados⁽²³⁾. Estas elucidações permitem uma nova concepção da diferença existente entre representações pré-conscientes e representações inconscientes. As primeiras abrangem a representação-coisa mais a correspondente representação-palavra, enquanto as representações inconscientes se limitam à representação-coisa. Assim sendo, o recalque nas neuroses de transferência consiste em privar a representação recalçada de sua tradução em palavras. A concepção freudiana, entretanto, é evolutiva. O sistema inconsciente contém as investidas de coisa dos objetos, que são as investidas de objeto primeiras e genuínas. O sistema pré-consciente, por sua vez, nasce quando essa representação-coisa é sobreinvestida pelo enlace com as representações-palavra que lhe correspondem.

A relação existente entre o enlace dos traços mnêmicos com a palavra e a capacidade de devir consciente constituía uma idéia antiga de Freud. Como ele mesmo lembra em 1915⁽²⁴⁾, já em *A interpretação dos sonhos* os processos de pensamento são vistos em si mesmos como carentes de qualidade e inconscientes, ganhando sua capacidade de devir consciente por seu enlace com as palavras. Todavia, se já em 1899 Freud possuía este saber, ele não tinha sido articulado com sua concepção metapsicológica, na qual a diferenciação entre representações pré-conscientes e inconscientes era procurada ora no critério tópico, ora no funcional. Assim, o importante avanço teórico do capítulo VII de *O inconsciente* recolhe, de fato, no nível metapsicológico, um saber que lhe precede de longa data. Chamamos a atenção para a defasagem existente entre a produção de determinados conhecimentos e sua articulação metapsicológica, porque ela nos parece caracterizar a obra freudiana. E ainda, porque ela é constatável no próprio texto que estamos analisando. Com efeito, a frase de *A interpretação dos sonhos*, citada por Freud no artigo de 1915 já não corresponde aos conhecimentos acumulados por Freud até esta última data. Com efeito, ao sustentar, como mostramos acima, a existência de pensamentos inconscientes em sentido sistemático, porém organizados conforme as normas do processo secundário, a ligação-palavra já não pode ser apresentada em todos os casos como sendo suficiente para um pensamento ganhar a capacidade de devir-consciente. A segunda afirmação contida na frase que comentamos, na qual os processos de pensamento inconscientes são apresentados como carentes de qualidade, embora se harmonizasse com a concepção freudiana em 1915, deverá ser revista, a nosso ver, no contexto da posterior teoria da angústia. Voltaremos a nos

ocupar deste tema que, como mostraremos, se situa no centro do impasse a que chega Freud na teoria do recalque, de 1915.

3.3. A QUESTÃO DO RECALQUE

Como afirmamos acima, a crescente importância atribuída por Freud à concepção sistemática do inconsciente reforçara, na sua teorização, a perspectiva evolutiva da formação do aparelho psíquico. Este duplo movimento, antecipando aquele que na segunda tópica apresentará uma divisão estrutural do psiquismo, enfatiza a importância da defesa, concebida como um conceito referido a um processo geral, do qual o recalque constitui uma modalidade específica. Entretanto, esta distinção entre recalque e defesa, recuperada explicitamente por Freud em 1926⁽²⁵⁾, não foi tematizada na segunda síntese metapsicológica. Sem dúvida a existência de modalidades de defesa diferentes e anteriores ao recalque era reconhecida por Freud já nos escritos metapsicológicos de 1915⁽²⁶⁾, permitindo-lhe, assim, afirmar muito mais tarde nunca ter duvidado de que, além do recalque, o ego possuía outros mecanismos de defesa⁽²⁷⁾. Contudo, como reconhece em 1926 ao enfatizar o estatuto teórico do conceito de defesa, em determinado momento de sua obra substituíra esta noção pela de recalque, não determinando o nexos existente entre ambos⁽²⁸⁾. Como se verá depois, esse nexos, cuja determinação Freud deixara de considerar em 1915, seria estabelecido no contexto da segunda teoria da angústia, reconhecendo, em processos defensivos anteriores ao recalque, uma condição de possibilidade para este último. Na ausência desse nexos, entretanto, a teoria do recalque, desenvolvida nos textos metapsicológicos de 1915, deságua num impasse, obrigando Freud a limitar-se a um tratamento puramente descritivo do tema, inspirado na experiência clínica.

Acompanhemos o raciocínio freudiano nesse período de sua obra. A distinção entre as atividades pré-consciente e inconsciente, diz Freud, não é primária. Ela se estabelece depois da entrada em jogo da "defesa"⁽²⁹⁾. Só então, acrescenta, ganha valor teórico e prático a distinção entre pensamentos pré-conscientes que surgem na consciência e a ela podem retornar a qualquer momento, e pensamentos inconscientes, que são proibidos de fazê-lo. Por outro lado, o recalque não é um mecanismo de defesa presente no sujeito desde a origem. Ele só pode engendrar-se, diz Freud, após ter-se estabelecido uma clara distinção entre atividade consciente e atividade inconsciente da alma, já que sua essência consiste em rejeitar algo da consciência e mantê-lo afastado dela⁽³⁰⁾. Portanto, o recalque supõe a atividade do pré-consciente, cuja diferenciação a respeito do inconsciente não é primária, mas consequência da "defesa". Assim, na ausência da articulação metapsicológica de uma defesa, diferente e anterior ao recalque, o pensamento freudiano deriva num impasse.

Obviamente este não existiria, na perspectiva de uma diferenciação progressiva do aparelho psíquico e no contexto de uma compreensão do processo defensivo anterior e mais amplo que o caracterizado pelo recalque. Essa perspectiva e esta compreensão estão presentes na obra freudiana no período da segunda síntese metapsicológica. A perspectiva no capítulo V do artigo *O inconsciente*⁽³¹⁾ e no relatório sobre a análise do "homem dos lobos"⁽³²⁾. A compreensão, como se viu, no próprio texto sobre *O recalque*. Todavia, no registro metapsicológico, Freud não articula essas afirmações com a problemática do recalque. Pelo contrário, é precisamente porque afirma a correlação entre o recalque e o inconsciente, que conclui não poder apreender a essência daquele, adiando essa operação até o momento em que seja possível conhecer melhor a composição do itinerário de instâncias psíquicas e a diferenciação entre o inconsciente e a consciência⁽³³⁾. Como já foi indicado, Freud se limita a uma "tímida tentativa de descrição metapsicológica" do processo de recalque nas três neuroses de transferência conhecidas, tentativa centrada na análise dos destinos da pulsão sexual⁽³⁴⁾.

A distinção estabelecida por Freud, entre recalque originário e recalque propriamente dito, sugere que, na sua concepção, nenhum processo defensivo anterior ao recalque é considerado. Por outra parte, na medida em que sua reflexão parece inspirar-se largamente na análise do *Homem dos lobos*, cuja redação terminara pouco antes de escrever o texto sobre o recalque, é pertinente concluir que o recalque originário alude ao contexto do drama edípico, não podendo ser entendido como uma referência a inscrições derivadas da atuação de outros mecanismos prévios de defesa. Isto, aliás, Freud o afirma explicitamente, sustentando que o único mecanismo do recalque originário é o contra-investimento operado pelo pré-consciente⁽³⁵⁾.

A questão central nesta problemática alude obviamente à força impulsiva do processo defensivo. Como Freud reconhecerá explicitamente mais tarde⁽³⁶⁾, as suas tentativas de elucidação teórica desse tema foram diretamente inspiradas na experiência com os processos defensivos que operavam na psicose, consistentes em o recalque de moções sexuais no contexto do drama edípico. Por outro lado, na medida em que na primeira teoria a angústia era vista como derivada do próprio recalque, estavam fechadas as vias capazes de permitir a postulação de mecanismos de defesa prévios ao recalque. A reflexão freudiana ficava assim presa numa contradição. Ao postular a correlação entre recalque e inconsciente, e ao fazer do contra-investimento pré-consciente o único mecanismo do recalque originário, Freud referia a diferenciação do aparelho psíquico a um processo centrado na atividade recalcante de uma instância que, na sua concepção, devia originar-se no próprio processo.

3.4. A PROBLEMÁTICA DOS AFETOS

A superação do mencionado impasse exigia postular a existência de uma força impulsora de processos defensivos que, operando antes do recalque, o tornassem possível. Freud descobrira mais tarde, na angústia, essa força impulsora que, na segunda teoria, precede e explica o recalque. A descoberta contida nesta teoria é de importância capital. De fato, a reflexão freudiana tinha sublinhado a significação dos afetos nos processos psíquicos, desde a sua origem. Essa importância, todavia, não tinha sido acolhida em toda a sua dimensão na superestrutura metapsicológica. É verdade que Freud insistira em que a sufocação dos afetos constituía o objetivo genuíno do recalque⁽³⁷⁾ e que o destino do montante de afeto da agência representante importava muito mais que o destino da representação⁽³⁸⁾. Entretanto, embora inserida num texto metapsicológico, esta parte da teorização freudiana não pretendia ultrapassar o nível puramente descritivo. No registro da metapsicologia, o instrumental teórico utilizado por Freud impedia-o de pensar o afeto de outra maneira a não ser como uma quantidade investida numa representação ou, quando cindido desta pelo recalque, como a transformação de determinado afeto em angústia. Nesta concepção, poder-se-ia dizer que a angústia é pensada como um afeto derivado. Convém lembrar, neste ponto, que a concepção de Freud sobre o recalque foi inspirada, no mesmo período da segunda síntese metapsicológica, no modelo elaborado à época dos *Estudos sobre a histeria*. Este, por sua vez, nada mais era que a expressão teórica da experiência obtida na análise dos neuróticos, sem o auxílio da hipnose⁽³⁹⁾.

Na primeira época, como se verá, Freud atribuía a existência de representações não conscientes nos psiconeuróticos à cisão provocada pela defesa entre essa representação e seu correspondente afeto. Supunha assim a pré-existência de uma representação consciente, tornando não consciente pela mencionada cisão. Portanto, todo o processo era pensado a partir da rejeição de uma representação, no sentido de representação-palavra posteriormente desenvolvido pela teorização freudiana.

Assim, neste período, a problemática dos afetos na metapsicologia freudiana – inspirada ainda nos moldes dos primeiros estudos sobre a histeria e pensada com o auxílio de um instrumental teórico tomado de empréstimo às ciências naturais – não se harmoniza com a experiência clínica de Freud e com a teorização dessa experiência. As dificuldades encontradas por Freud na abordagem deste tema aparecem com clareza no artigo *O inconsciente*, capítulo III, dedicado precisamente aos sentimentos inconscientes. Atribuindo implicitamente à consciência a exclusividade da capacidade de sentir, Freud parece postular inicialmente a impossibilidade de existência de sentimentos, afetos ou sensações inconscientes⁽⁴⁰⁾. Contudo, a referência à prática

clínica impede Freud de se contentar com esta resposta. Assim, embora distinguindo as representações inconscientes dos afetos inconscientes, Freud se inclina a justificar os usos lingüísticos que se referem a sentimentos inconscientes. As representações inconscientes, diz, existem no sistema inconsciente como formações reais, enquanto nesse mesmo sistema aos afetos corresponde apenas uma possibilidade de desenvolvimento. Entretanto, acrescenta, podem existir no interior do inconsciente formações de afeto⁽⁴¹⁾. Freud é certamente consciente da precariedade destas elucidações, cujo caráter confuso ele atribui ao nível de conhecimentos sobre afetos e sentimentos⁽⁴²⁾. Na verdade, no contexto metapsicológico desse período, a questão era insolúvel. A habitual lucidez de Freud o levou, então, a questionar, atendendo à sua experiência clínica, as conclusões a que o conduziam o instrumental teórico disponível. Este impasse, que em última instância é o mesmo que encontrara na sua teoria do recalque, só poderia ser superado modificando-se a concepção da angústia e retirando-se da consciência o monopólio da capacidade de sentir. Este é precisamente o caminho seguido por Freud.

3.5. A SEGUNDA TEORIA DA ANGÚSTIA

A reflexão desenvolvida por Freud no seu artigo *Inibição, sintoma e angústia*, de 1926, situa-se inicialmente em dois contextos diferentes. Com relação à concepção do aparelho psíquico, o quadro de referência é o da segunda tópica, enquanto a maneira de pensar o recalque corresponde ainda às idéias contidas nos textos da segunda síntese metapsicológica. Assim, o recalque é apresentado como sendo uma atividade do ego⁽⁴³⁾ enquanto a angústia é, reiteremos, inicialmente concebida como derivada do recalque.

Na discussão dos processos de inibição e de formação de sintomas, Freud atribui ao ego a capacidade de interceptar o desenvolvimento das pulsões ativadas no isso. Este poder do ego, Freud o explica pelos vínculos que mantêm com o sistema de percepção, ou seja, pelos vínculos que constituem sua essência e o fundamento de sua diferenciação a respeito do isso⁽⁴⁴⁾. Duas afirmações importantes estão contidas nesta concepção. A primeira, à qual ainda voltaremos, refere-se ao vínculo com a percepção como constitutivo da essência do ego. Ela deverá ser discutida articulando-a com a concepção de uma parte inconsciente do ego, o que significa afirmar a existência de percepções inconscientes. Esta articulação, no entanto, não será feita por Freud no início deste artigo, onde continua identificando a percepção com a consciência. Entretanto, como se verá, esta articulação é central para a formulação da segunda teoria da angústia.

A segunda afirmação não constitui, na verdade, uma novidade na reflexão freudiana. A concepção evolutiva do aparelho psíquico

atravessa o conjunto da obra freudiana, tendo sido reiterada nos escritos do período da segunda síntese metapsicológica ⁽⁴⁵⁾ e, já no contexto da terceira síntese, longamente exposta em *O Ego e o Id*. A questão não resolvida sobre esta concepção evolutiva continuava, entretanto, sendo sua articulação com a teoria do recalque, ainda pensada no contexto da segunda síntese metapsicológica.

Os vínculos que mantêm com o sistema perceptivo, pensa Freud, permitem ao ego receber excitações provenientes de fora e de dentro do organismo, experimentando sensações de prazer e desprazer. Assim, confrontado com uma moção pulsional inaceitável para ele, o ego emite um sinal de desprazer, convocando em seu apoio o quase onipotente princípio do prazer ⁽⁴⁶⁾. Neste ponto de seu raciocínio, Freud atinge o impasse no qual incidira sua teoria do recalque, de 1915. Com efeito, no mesmo parágrafo, descreve o processo do recalque de acordo com a fórmula já conhecida: o ego retira a investidura pré-consciente da agência representante da pulsão que é preciso recalcar e a emprega no desprendimento de angústia, rejeitando imediatamente esta concepção, passando a sustentar que o ego é o genuíno reservatório da angústia. A primeira teoria, acrescenta, fornecia uma descrição fenomenológica, não uma exposição metapsicológica ⁽⁴⁷⁾.

Este movimento teórico é fundamental, já que supõe a mudança do papel atribuído por Freud, desde o início de sua obra, ao fator econômico. A origem da angústia no ego, diz Freud, não requer explicação econômica. Ela não é produzida como algo novo, como consequência do recalque, mas reproduzida como estado afetivo, seguindo traços mnêmicos pré-existentes ⁽⁴⁸⁾. Como veremos depois, a mudança do papel atribuído ao fator econômico não significa diminuir sua significação no processo constitutivo do psiquismo. O que Freud diz é que, no processo do recalque, não é preciso nem possível explicar a emergência da angústia pela transformação da investidura da moção recalçada. E isso não apenas porque ela precede e torna possível o recalque, mas porque, conforme as opiniões gerais de Freud, o desprazer resultaria de um acréscimo de investidura e não da retirada da investidura egóica pré-consciente.

Entretanto, se na explicação das causas do recalque o fator econômico não pode nem precisa ser postulado, ele continua sendo indispensável para a compreensão da origem dos traços mnêmicos que se reproduzem como estados afetivos e explicam o recalque. Como se verá, se a primeira experiência de angústia é a do nascimento ⁽⁴⁹⁾, não é possível nela postular qualquer conteúdo psíquico, mas apenas uma enorme perturbação na economia da libido narcisista do neonato ⁽⁵⁰⁾. Na sequência deste processo, o aumento da tensão provocada pela necessidade – portanto ainda o fator econômico – passa a ser associado à ausência da pessoa que, segundo ensina a experiência, satisfaz essas necessidades. No passo seguinte, a ausência dessa pessoa,

independentemente da atualidade da necessidade, é percebida pelo lactente como um perigo, face ao qual produz-se o sinal de angústia. Esta mudança, diz Freud, significa um grande progresso, caracterizado pela passagem da neoprodução automática da angústia à sua reprodução deliberada como sinal de perigo. Voltaremos a este tema, que é essencial para a nova concepção freudiana.

Antes de retomar o fio do raciocínio freudiano, contudo, salientemos que a passagem assinalada por Freud da neoprodução automática da angústia à sua reprodução deliberada como sinal supõe, de um lado, uma inseparável vinculação dos processos psíquicos com os corporais e, de outro, a postulação, na criança, de formas rudimentares de pensamentos inconscientes portadores de sentido – perigo – também inconsciente, assim como da capacidade alucinatória. Ambas explicam a transformação de um processo puramente quantitativo, sentido apenas através de sensações tácteis e de caráter geral ⁽⁵¹⁾, noutro de caráter qualitativo.

3.6. O PENSAR, O AFETO E O SENTIDO INCONSCIENTES

É difícil exagerar a profundidade das mudanças que o texto de 1926 produz na teoria freudiana. Com efeito, como mostramos acima, na perspectiva metapsicológica da segunda síntese, a teorização do afeto colidia abertamente com o saber produzido por Freud em outros registros de sua teoria. Partindo da premissa que fazia do sentir uma faculdade exclusiva da consciência, a reflexão metapsicológica concluía pela inexistência de afetos inconscientes.

A segunda teoria da angústia traz uma radical inversão desta perspectiva. Nela, não apenas o afeto de angústia é inconsciente, mas ele se constitui no fator essencial para a constituição do psiquismo. Nesta perspectiva, quem registra o afeto não é mais necessariamente a consciência, mas o ego ⁽⁵²⁾, sendo inquestionável que, na reflexão freudiana, isto inclui também a parte inconsciente do ego. Porém, se o ego inconsciente é capaz de registrar afetos, diz Freud, é porque, diferentemente do isso, ele constitui uma organização que pode apreciar situações de perigo ⁽⁵³⁾. Esta afirmação também é importante. Com efeito, a idéia de organização no pensamento freudiano está vinculada, desde o *Projeto de psicologia para neurologistas*, à existência de processos de pensamento. A idéia de apreciar situações de perigo supõe obviamente a de outorgar um sentido a essas situações. Portanto, a partir da segunda teoria da angústia, Freud postula a existência de afetos, sentido e pensamentos inconscientes, atribuindo a eles a dinâmica do processo de constituição do psiquismo e encarando-os como condição necessária para o processo de recalque.

Esta nova concepção permite a Freud articular, na superestrutura metapsicológica, hipóteses anteriormente formuladas, algumas

delas de longa data. É o caso dos pensamentos inconscientes. Desde *A interpretação dos sonhos*, sua existência era postulada, não apenas como resultado da atividade de representações recalçadas, mas como uma etapa prévia ao pensar consciente. Assim, ao analisar o trabalho do sonho, Freud apresenta o processo de regressão como um retorno dos pensamentos oníricos a seu material bruto⁽⁵⁴⁾. Com este material, constituído por traços mnêmicos de impressões de objeto, processavam-se formas rudimentares de pensamento, capazes de estabelecer relações lógicas elementares⁽⁵⁵⁾. É sugestivo que, no texto citado na última nota, inserido no capítulo VI de *A interpretação dos sonhos*, Freud corrija uma afirmação sua em sentido contrário, expressa em páginas anteriores do mesmo capítulo⁽⁵⁶⁾. A existência de pensamentos procedentes de imagens sensoriais é reiterada por Freud na *XI Conferência de introdução à psicanálise*, dedicada ao trabalho do sonho. Nela, Freud afirma que o material básico e as etapas prévias do pensamento foram montados sobre as imagens mnêmicas das impressões sensoriais, e que só mais tarde essas formas embrionárias se ligaram às palavras⁽⁵⁷⁾.

Entretanto, será no artigo de 1912, dedicado ao estudo dos dois princípios do funcionamento psíquico, que Freud se aprofundará na concepção dos pensamentos inconscientes, elaborados a partir dos traços mnêmicos de representações de objeto. Analisando a emergência do processo secundário, Freud a atribui ao processo do pensar, constituído a partir do representar. Inconsciente na sua origem, este pensar superaria depois o mero representar, para dirigir-se às relações entre impressões de objeto. Sua percepção pela consciência teria se tornado posteriormente possível unicamente pela ligação com os restos de palavras⁽⁵⁸⁾. Repare-se que, neste texto, a emergência do processo secundário é anterior à ligação dos pensamentos com os restos de palavras e, em consequência, anterior também à emergência do pensamento consciente. Assim, a assimilação apresentada em *A interpretação dos sonhos* entre processo secundário e consciência, de um lado, e processo primário e inconsciente de outro, é mais uma vez relativizada por Freud. Com efeito, ao afirmar a existência de processos de pensamento constituídos sobre impressões de objeto, Freud confirma a existência de pensamentos inconscientes regidos pelo processo secundário, que descobrira estudando os “derivados” do inconsciente.

3.7. ANGÚSTIA E RECALQUE

Retomemos, porém, o fio do raciocínio freudiano. Ele volta à questão do recalque afirmando que, embora a maior parte dos recalques que é preciso enfrentar na prática clínica constituam “esforços de dar caça”, eles supõem os recalques originários (o plural utilizado por Freud é sugestivo) produzidos anteriormente e que exercem atração sobre o recalco no “esforço de dar caça.” Assim sendo, adverte

Freud, não se deve superestimar o papel do superego no recalque⁽⁵⁹⁾. Embora declarando não ser possível decidir se é a emergência do superego que cria a separação entre o recalque originário e “o esforço de dar caça”, Freud não duvida de que os primeiros e intensíssimos estalidos de angústia se produzem antes da diferenciação daquele. Com esta afirmação, Freud corrige a idéia contida no capítulo IV de *O inconsciente*, de 1915, segundo a qual a contra-investidura pré-consciente seria o único mecanismo do recalque originário⁽⁶⁰⁾. No texto de 1926, os recalques originários precederiam a diferenciação do aparelho psíquico, tendo como “ocasião imediata” fatores quantitativos caracterizados pela intensidade hipertrófica da excitação⁽⁶¹⁾. Repare-se que Freud utiliza a expressão “ocasião imediata” e não “causa”, dando assim a entender que, no processo, intervêm outros fatores, que reagem a essa hipertrófica intensidade da excitação. Esses fatores, a nosso ver, são a capacidade humana de pensar (inconsciente), imaginar e outorgar sentido ao percebido e ao alucinado. Insistamos, todavia, para evitar o risco de sermos mal interpretados, que na primeira experiência de angústia, por ocasião do nascimento, apenas o fator quantitativo pode ser postulado.

A pesquisa freudiana continua analisando os processos de recalque, nos casos clínicos do “pequeno Hans” e do “Homem dos lobos”. Não é necessário que acompanhem detalhadamente o fio de sua reflexão. Convém, entretanto, registrar sua conclusão, segundo a qual o motor do recalque, nos dois casos, é o mesmo, a saber, a angústia face à ameaça de castração⁽⁶²⁾. Isto significa, para Freud, que a angústia cria o recalque, e não o contrário, como opinara antes, e que o primário, neste processo, é a atitude angustiada do ego⁽⁶³⁾. Esta atitude do ego passa a ser, em consequência, a questão fundamental na explicação do processo de recalque e, na medida em que o drama edípico supõe a atividade do superego, do processo de diferenciação do aparelho psíquico. Dado que o ponto de partida é a atitude angustiada do ego, Freud se interroga sobre a angústia. Suas considerações a este respeito são significativas já que, caracterizando a angústia como algo sentido, como estado afetivo, ultrapassa os limites estreitos de suas anteriores sínteses metapsicológicas, nas quais a angústia era definida apenas como uma quantidade. Afirmando não saber o que é um afeto⁽⁶⁴⁾, Freud torna evidente a insuficiência de suas anteriores definições.

A angústia, diz Freud, se originou como uma reação face a um estado de perigo⁽⁶⁵⁾. Uma primeira situação desse tipo é configurada, objetivamente, pelo nascimento. Entretanto, não é possível atribuir qualquer conteúdo psíquico ao neonato, ou qualquer saber sobre esse perigo objetivo⁽⁶⁶⁾. Ele não pode notar, no ato de nascimento, nada além de uma enorme perturbação na economia de sua libido narcisista. Mas, dado que Freud considera que a angústia sentida no ato de

nascimento se constitui no arquétipo das posteriores manifestações de angústia, é preciso saber como se estabelece a vinculação entre aquela angústia e as que a ela se seguem. Utilizando as palavras de Freud, "é preciso averiguar, por intermédio de que, e devido a que, aquela angústia é lembrada" (67).

O que estabelece um ponto comum entre a angústia do nascimento e as provocadas pela emergência das necessidades vitais, diz Freud, é a perturbação econômica produzida pelo incremento das magnitudes de excitação, que são sentidas pelo lactente como desprazerosas. No ato de nascimento este fator, como vimos, era o único.

A partir daí, entretanto, à medida em que a experiência ensina ao lactente que um objeto exterior pode cancelar o incremento das magnitudes de excitação, a ausência desse objeto passa a provocar estalidos de angústia. Assim, esta não é mais provocada apenas pela emergência efetiva da necessidade, mas pelo perigo de que a necessidade potencial não seja cancelada pelo objeto.

Como assinalamos acima, esta mudança constitui, na opinião de Freud, o relevo da neoprodução automática da angústia, pela reprodução deliberada dela como sinal. Esse relevo supõe uma incipiente atividade de pensamento e uma primeira atribuição de sentido, isto é, supõe a emergência do ego organizado (68). Portanto, a perda do objeto e, depois, a ameaça de perda, constituem-se em condição para a angústia. Daí em diante, diz Freud, cada vez que se apresenta o perigo de uma perda de objeto, a angústia será reproduzida (69). Essas oportunidades se mostram regularmente vinculadas a processos vitais, fazendo com que a perda do peito materno e das fezes se constituam em outras tantas experiências de angústia (70). É precisamente este conjunto de experiências, caracterizadas pela angústia provocada pela ameaça de perda, que torna possível a ameaça de castração ser representável, isto é, ter um sentido para o sujeito (71).

Portanto, os traços mnêmicos das sucessivas vivências de angústia se constituem na condição do recalque, que se insere assim num processo. No ponto de partida deste processo, situa-se, com exclusividade, um fator econômico, e a capacidade de percepção do neonato, inicialmente limitada a sensações tácteis e de caráter geral. A passagem ao momento seguinte supõe um pensar rudimentar inconsciente, construído sobre impressões de objeto, pela qual o perigo caracterizado pela emergência da necessidade é deslocado à ausência do objeto que, como o sujeito aprendeu por experiência, cancela essa necessidade. A perda de objeto, inicialmente, e a ameaça de perda, depois, se constituem assim em experiências de angústia dotadas de sentido, capacitando o sujeito para representar-se a ameaça de castração, motor do recalque. Todo este processo se torna possível por uma característica biológica do ser humano, constituída por seu prolongado desvalimento

e dependência. Esta incrementa enormemente o valor do objeto externo, que é percebido pelo sujeito como capaz de protegê-lo (72). Esta percepção, como foi assinalado, supõe no sujeito a capacidade de associar a ausência do objeto com a ameaça da emergência da necessidade, e de outorgar um sentido ao perigo que essa ameaça representa. Esta forma rudimentar de pensamento inconsciente marcaria, assim, o início do processo de diferenciação do ego em relação ao isso. Retomaremos este último tema quando considerarmos a significação do Édipo na estrutura teórica freudiana.

Como lembramos no começo de nossas considerações sobre a segunda teoria da angústia, Freud afirmara que, ao fazer derivar a angústia do recalque, estava proporcionando uma descrição fenomenológica, e não uma exposição metapsicológica (73). Entretanto, pouco depois escreve o contrário, afirmando que, com a primeira teoria da angústia, supunha ter discernido o processo metapsicológico de uma transposição direta da libido em angústia (74). A contradição é óbvia, e não valeria a pena registrá-la, não fosse ela nos parecer derivar da existência de duas vertentes diferentes do pensamento freudiano, finalmente harmonizadas no texto de 1926. Pertence à primeira vertente o conjunto de saberes mais diretamente vinculados à experiência clínica de Freud, como é o caso da concepção evolutiva do aparelho psíquico, a questão dos afetos inconscientes e a dos mecanismos de defesa diferentes e anteriores ao recalque. Na segunda vertente insere-se o conjunto de construções teóricas mais diretamente subordinadas, de um lado, ao instrumental teórico utilizado por Freud nas suas construções metapsicológicas e, de outro, às teorias formuladas antes da descoberta do inconsciente. A concepção do recalque nos textos metapsicológicos de 1915 pertence, a nosso ver, a esta segunda vertente. De fato, como já foi assinalado, se o modelo utilizado na elaboração da teoria do recalque foi inspirado pelas teorias construídas por Freud no período dos *Estudos sobre a histeria*, o arcabouço teórico usado na elaboração da questão da angústia foi inspirado, como Freud o reconhece explicitamente, por suas teorias sobre as neuroses atuais. O primeiro modelo traz, para a teoria do recalque, a idéia da emergência do inconsciente (de representações impedidas de acesso à consciência, no período dos *Estudos sobre a histeria*), a partir do recalque de uma representação-palavra; o segundo modelo origina a concepção da angústia como uma quantidade e como um afeto derivado. Se estes modelos inspiram o arcabouço teórico no qual é pensada metapsicológicamente a problemática do recalque, de suas limitações se origina o impasse em que deriva a reflexão freudiana nos textos metapsicológicos de 1915. Afirmando a emergência de percepções, pensamentos, afetos e significados inconscientes, a segunda teoria da angústia se constitui num substancial aprofundamento da descoberta freudiana.

3.8. DEFESA E RECALQUE

Como se viu, a segunda teoria da angústia permite a Freud integrar no registro metapsicológico uma série de hipóteses que formulara em momentos anteriores de sua obra. Nesse contexto, o recalque, pensado como mecanismo de defesa atuante no cenário do drama edípico, passa a ser explicitamente apresentado como um caso particular entre diversos mecanismos de defesa ⁽⁷⁵⁾. Na nova concepção freudiana, o recalque continua vinculado ao drama edípico e aos destinos da libido. Entretanto, precisamente porque o recalque não constitui senão uma forma particular dos processos defensivos, Freud desautoriza explicitamente a sexualização dos motivos desses processos ⁽⁷⁶⁾. No texto citado, que precede em sete anos a formulação da segunda teoria da angústia, esta desautorização encontra seu fundamento na afirmação de um núcleo inconsciente, constituído pela herança arcaica do ser humano. A nosso ver, se é verdade que antes de formular a segunda teoria da angústia, Freud não podia explicar de outro modo a existência de conteúdos inconscientes anteriores ao recalque, esta teoria permite atribuir esses conteúdos à ação dos mecanismos defensivos anteriores ao recalque, tornando desnecessária a hipótese de sua transmissão por via filogenética. Todavia, como se verá, Freud não articula sua nova concepção dos processos defensivos com a segunda tópica, sustentando assim, até o fim de sua obra, a hipótese de transmissão filogenética.

Entretanto, interessa-nos sublinhar aqui que, embora implicitamente, os escritos freudianos do período da segunda síntese metapsicológica substituíram a noção de processos defensivos pelo conceito de recalque ⁽⁷⁷⁾. Já antes de formular o conceito de defesa como uma categoria geral da qual o recalque constituía uma forma específica, Freud sustentava a existência, no inconsciente, de conteúdos não produzidos pelo processo de recalque.

Acompanhamos até aqui o desenvolvimento das doutrinas freudianas sobre o inconsciente e sobre o recalque, mostrando sua articulação. Para concluir, consideraremos as transformações operadas por Freud na sua concepção do que, desde o começo de sua obra, denominara “fator orgânico”. Nesse contexto, diretamente relacionado ao “valor etiológico da vida sexual” e à “importância das vivências infantis” – os outros dois componentes centrais da teoria psicanalítica – abordaremos sumariamente a articulação, nessa teoria, do complexo de Édipo e a difícil questão das fantasias originárias, transmitidas por via filogenética.

3.9. A QUESTÃO DOS “FATORES ORGÂNICOS”

Como já vimos, os primeiros trabalhos de Freud dedicados à etiologia das psiconeuroses sublinhavam a significação que nela devia

ser atribuída aos fatores que, por oposição aos orgânicos ou hereditários, denominara adquiridos. Aqueles não eram certamente desconsiderados na equação etiológica, mas sua incidência era vista como auxiliar. Com relação aos fatores adquiridos, a experiência clínica ensinou progressivamente a Freud que eles eram de natureza sexual e se vinculavam regularmente a vivências infantis. Como a existência da sexualidade infantil não era ainda postulada, a introdução desse fator “externo” ou adquirido no psiquismo foi teorizada por Freud na perspectiva das duas cenas e da significação da primeira (situada na infância) a partir da segunda. Portanto, na teorização freudiana, a diminuição dos fatores hereditários na etiologia das psiconeuroses estava logicamente ligada à significação atribuída à sedução real. Como mostramos no primeiro capítulo, o conhecimento de Freud sobre a participação da fantasia no processo psíquico foi sempre, neste período, entendido com base no episódio real da sedução. Assim, o abandono da teoria do trauma devia determinar a reabilitação da importância dos fatores hereditários, como escreve Freud na sua correspondência para Fliess ⁽⁷⁸⁾.

Entretanto, nem o abandono da teoria do trauma nem a reabilitação dos fatores hereditários foram tornados públicos por Freud, nesse momento. Seu interesse era, então, absorvido cada vez mais pela problemática da fantasia, abordada através do trabalho de elaboração do *Livro sobre os sonhos* e na sua própria auto-análise ⁽⁷⁹⁾. Assim, a questão dos “fatores orgânicos” foi, de certa forma, posta entre parênteses, sem que isto significasse que Freud desconsiderava seu papel na articulação teórica dos fenômenos psíquicos. “Não tenho a menor inclinação a deixar a psicologia suspensa no ar, sem uma base orgânica”, escreve ainda a Fliess. “No entanto, continua, à parte esta convicção, não sei como prosseguir, teórica ou terapêuticamente, de maneira que preciso comportar-me como se apenas o psicológico estivesse em exame. Por que não consigo encaixá-los (o orgânico e o psicológico) é algo que sequer comecei a imaginar” ⁽⁸⁰⁾. Portanto, se no capítulo VII de *A interpretação dos sonhos*, a questão dos fatores orgânicos não foi abordada, essa omissão não pode ser entendida como sua expulsão do quadro da reflexão freudiana. Por outro lado, a grande descoberta exposta no *Livro dos sonhos*, ou seja, a da realidade psíquica, deslocava a questão do âmbito da etiologia das psiconeuroses para o da constituição do aparelho psíquico. Assim, a questão da gênese deste aparelho como sistema tampouco foi teorizada por Freud na sua primeira síntese metapsicológica, empreendendo ele esta tarefa apenas nas obras de 1915. No intervalo, como se sabe, Freud descobrira a sexualidade infantil, teorizara o Édipo e se aprofundara no conhecimento do mundo da fantasia. Formulara, assim, suas teses sobre as teorias sexuais infantis e, vinculando estas à teoria da sexualidade, desenvolvera suas idéias sobre as fases de evolução da libido.

Ao publicar *Três ensaios de teoria sexual*, Freud estabelece a articulação entre o orgânico e o psicológico, que escapava à sua compreensão, no período de elaboração de *A interpretação dos sonhos*. Num texto contemporâneo dessa obra, no qual expõe suas teses sobre o papel da sexualidade na etiologia das neuroses, Freud explicita o abandono da teoria do trauma e a revalorização dos fatores orgânicos, sublinhando entretanto que, com esses fatores, não se refere à disposição neuropática geral, mas à constituição sexual. No parágrafo seguinte, citando *Três ensaios de uma teoria sexual*, Freud precisa a noção de constituição sexual, referente à composição interna da pulsão sexual e às diversas fontes orgânicas, que contribuem para sua origem⁽⁸¹⁾. Esta nova perspectiva, mais rica, na qual a vida psíquica se centra no corpo libidinal, incorpora uma dimensão fundamental na teorização freudiana. Com efeito, o conceito de corpo libidinal supõe a diferenciação entre o instinto e a pulsão. Nesta, o objeto não é determinado pelo automatismo da natureza, mas pelas peculiaridades do processo de erotização do corpo infantil, atribuído por Freud aos cuidados maternos⁽⁸²⁾. Mas, ao mesmo tempo, ao afirmar que a pulsão se apóia no instinto, Freud outorga ao corpo e a suas funções o papel de sustentação para a emergência das pulsões. Assim, o pensamento freudiano sobre esta problemática é rico e complexo. Como em tantos outros aspectos de sua teoria, Freud redefine, neste ponto, suas intuições iniciais, com referência à incidência dos fatores orgânicos e acidentais na etiologia das psicose neuroses. Ao formular a teoria da sexualidade infantil, Freud dá outra significação a ambos os fatores, através do conceito de pulsão (vinculado ao de sedução materna) e do conceito de apoio, que caracteriza a relação da pulsão com o corpo.

Esta última relação é estudada por Freud em diversos textos, nos quais teoriza sua experiência clínica. Neles, postula a existência de nexos orgânicos entre determinadas qualidades de caráter, funções corporais e órgãos que delas participam⁽⁸³⁾. Atribuindo à constituição sexual congênita a hipererogênização de determinados órgãos⁽⁸⁴⁾, Freud teoriza a questão da “eleição da neurose”, afirmando que só a conjugação de causas “constitucionais” e “acidentais” é capaz de produzir o quadro patológico⁽⁸⁵⁾. Na perspectiva freudiana, ambos os fatores se conjugam na inibição dos processos de desenvolvimento da libido, determinando a fixação desta em determinadas fases, caracterizando assim as diversas psicose neuroses⁽⁸⁶⁾.

Escapa às possibilidades deste último capítulo analisar detalhadamente o desenvolvimento das idéias freudianas sobre a incidência dos “fatores orgânicos”. Mencionamo-las aqui apenas no intuito de indicar uma dimensão do pensamento freudiano que, a nosso ver, não pode ser ignorado nem minimizado. Entretanto, convém frisar que, na teoria freudiana, os fatores orgânicos constituem, junto aos “fatores acidentais”, uma “equação” cuja significação sofre os impactos

derivados dos novos conhecimentos produzidos por Freud em torno do “fator acidental”, ou seja, da centralidade adquirida no pensamento freudiano pela teorização do Édipo. Todavia, a significação adquirida pelo drama edípico na diferenciação do psiquismo e na etiologia das neuroses, não pode ser desarticulada dos fatores orgânicos. É indubitável, todavia, que na reflexão freudiana o papel atribuído a estes fatores diminui progressivamente, em prol de fatores externos incorporados ao sujeito, nas etapas anteriores de sua organização sexual. Assim, a fixação libidinal do adulto, introduzida na equação etiológica das neuroses como representante do fator constitucional, é dividida por Freud em dois fatores: a predisposição herdada e aquela adquirida na primeira infância⁽⁸⁷⁾. O exame dos textos freudianos, porém, inclusive dos mais tardios, desautoriza a interpretação que quer transformar aquela diminuição numa exclusão. No texto citado na última nota, por exemplo, posterior à segunda síntese metapsicológica, Freud se pergunta se, em última instância, a predisposição adquirida na primeira infância não estaria condicionada, predominantemente, pelo fator hereditário. Voltaremos ainda a este ponto.

A análise deste tema é difícil, porque nele convergem duas problemáticas diferentes. A primeira, já discutida neste trabalho, refere-se ao desenvolvimento do psiquismo antes do momento do recalque, enquanto a segunda aponta para os fatores herdados. Na escrita freudiana, ambas as problemáticas aparecem, não raro, misturadas na perspectiva do que é “interno” ao sujeito. São assim definidas na análise da etiologia das psicose neuroses, em oposição ao impacto do drama edípico, ou seja, às consequências do recalque. Portanto, embora Freud continue sustentando a incidência dos fatores constitucionais, em diversos textos ele o faz sob nova perspectiva, atribuindo a “constituição inata” das orientações pulsionais à herança das vivências dos antepassados. Deste modo, o fator constitucional se confunde com a predisposição conservada por via filogenética, compondo o patrimônio do sujeito, originário da história ancestral⁽⁸⁸⁾. Todavia, embora aceitando explicitamente a hipótese da herança filogenética, Freud considera metodologicamente incorreto recorrer a uma explicação que se sustente sobre essa herança, antes de ter esgotado as possibilidades da pré-história infantil⁽⁸⁹⁾. Entre esses “precipitados” da história da cultura humana, o mais conhecido, afirma Freud, é o complexo de Édipo, que abrange o vínculo da criança com seus progenitores⁽⁹⁰⁾. Na concepção freudiana, a via de transmissão filogenética é, indiscutivelmente, biológica. O conteúdo transmitido, porém, pertence ao registro psíquico. Trata-se, diz Freud, de esquemas herdados que – como categorias filosóficas – permitem ao sujeito outorgar significado a suas impressões vitais⁽⁹¹⁾. Voltaremos a este tema, considerado por Freud o mais espinhoso de toda a doutrina psicanalítica⁽⁹²⁾. O que agora nos interessa sublinhar é a relação dessa hipótese com a concepção sobre

a constituição do psiquismo, na qual Freud retoma a problemática da relação entre o externo e o interno.

Correndo o risco de sermos repetitivos, convém lembrar aqui que, ao formular a teoria do trauma sem ainda haver elaborado a teoria da sexualidade infantil, Freud resolve a questão da introdução da sexualidade no sujeito através do acontecimento real da sedução. Ao mesmo tempo, confrontado com a necessidade de explicar a eficácia traumática de um acontecimento vivido pelo sujeito nos seus primeiros anos de vida, Freud elabora a teoria das duas cenas. Duas questões centrais emergem assim no pensamento freudiano. De um lado, a exigência de um fator externo na produção do trauma. De outro, a necessidade de uma inscrição que, significada posteriormente, torna possível a eficiência do trauma no psiquismo do sujeito.

Na seqüência da obra freudiana, no contexto da teoria sobre o inconsciente e sobre a sexualidade infantil, estas duas questões continuam ocupando um lugar central, já não apenas com referência à etiologia das psiconeuroses, mas vinculadas à própria constituição do aparelho psíquico. Abandonado, junto à teoria do trauma, o “fator externo” é recuperado por Freud, de um lado através do conceito de sedução materna e, de outro, em relação ao processo de recalque, exigindo a existência de uma percepção, mesmo que esta se limite à observação pelo sujeito de uma cópula de cães ⁽⁹³⁾. A inscrição deste “vivido” no psiquismo resolveria a questão do externo internalizado, pensado agora como recalque primário. Como explicar, entretanto, que algumas experiências provocassem inscrições e outras não?

Como se viu, Freud resolve esta questão postulando a existência de fantasias originárias que, chegando até o sujeito pela via filogenética, fornecem-lhe categorias para outorgar significação àquelas experiências. Assim, o “fator interno” seria, na realidade, “externo” ao sujeito, no sentido de constituir uma categoria pré-subjetiva, portadora de sentido. Entretanto, postulando a vida de transmissão hereditária dessas categorias, Freud assinala que, na sua concepção, esse fator está presente no sujeito anteriormente à sua inserção na cultura. A adoção desta “concepção difícil e inverossímil”, diz Freud, obedeceu à necessidade de explicar as vivências infantis originadas em uma idade inverossimilmente tenra, encontradas nas psicanálises ⁽⁹⁴⁾. Poder-se-ia pensar que os progressos teóricos realizados por Freud em *Inibição, sintoma e angústia*, tornariam desnecessária esta hipótese. Com efeito, a concepção de um pensamento inconsciente, articulado ao sentido da ameaça de castração pelo sentido comum de perda, permitiria explicar a inscrição no psiquismo de traços mnêmicos capazes de causar atração sobre as representações vinculadas ao complexo edípico. De fato, ainda antes de centrar no afeto de angústia o momento inaugural do psiquismo, Freud considerara a hipótese de existirem, neste, “raízes” do complexo de castração, configuradas pelas experiências prévias do

nascimento, pelo desmame e pela excreção das fezes ⁽⁹⁵⁾. Entretanto, na opinião de Freud, a complexidade das fantasias originárias que, como se viu, ele compara aos “esquemas filosóficos”, tornava necessária outra explicação. O desenvolvimento libidinal, interrompido no ser humano no período de latência, exigia, na sua perspectiva, que se postulasse a influência de uma herança ancestral ⁽⁹⁶⁾.

Numa leitura da obra de Freud que objetive compreender as linhas básicas da articulação de sua teoria, esta problemática não pode ser ignorada. Assim, a hipótese das fantasias originárias transmitidas por via filogenética significa algo mais que a postulação de uma estrutura pré-subjetiva. Além de seu caráter inverossímil e inaceitável, a hipótese de transmissão filogenética representa, na obra de Freud, uma articulação que este considera indispensável. Ela nos leva ao “fator interno”, essencial na teorização freudiana para a compreensão da constituição do psiquismo. Como mostramos acima, Freud estava consciente da inverossimilhança dessa hipótese ⁽⁹⁷⁾. Se, apesar disso, a manteve, é porque ela ocupava um lugar indispensável na articulação de sua teoria. Ao se propor a “não calar nem simplificar nada”, não podendo ver com clareza, o autor dispôs-se, pelo menos, a ver melhor na escuridão ⁽⁹⁸⁾. É nesta perspectiva, a nosso ver, que convém analisar a significação do Édipo na teoria freudiana.

3.10. O ÉDIPLO COMO COMPLEXO

A importância fundamental do complexo de Édipo na teoria psicanalítica é, como se viu, fruto de um prolongado processo de intelecção. No período da descoberta da realidade psíquica e da exposição da primeira síntese metapsicológica, embora já conhecido por Freud, o complexo de Édipo não foi articulado teoricamente. Em *A interpretação dos sonhos*, convém lembrar, aparecia apenas como um exemplo dos sonhos típicos, referentes à morte das pessoas queridas. Tampouco foi articulado no texto fundamental sobre sexualidade infantil. Em *Três ensaios de uma teoria sexual*, com efeito, o Édipo sequer é mencionado na primeira edição, tendo sido posteriormente referido numa nota acrescentada em 1920. Entretanto, a experiência clínica cada vez mais ampla ensinara a Freud que o complexo de Édipo constituía, como ponto culminante da vida sexual infantil, o complexo nuclear das neuroses, influenciando assim decisivamente a sexualidade do adulto ⁽⁹⁹⁾. Por outra parte, como se viu, o complexo de castração no registro metapsicológico se constituiu no centro articulador da tentativa freudiana de teorização do recalque. O impasse desta teoria, todavia, obrigou Freud a inserir aquele complexo numa série de experiências de perda que, constituindo vivências anteriores do sujeito, tornavam possível outorgar sentido à ameaça de castração. Assim, na terceira síntese metapsicológica, exposta nos textos da chamada

“virada dos anos vinte”, o complexo de Édipo não constitui o sujeito, mas constitui para o sujeito um momento central de sua integração na cultura. A todo homem que nasce, diz Freud, coloca-se-lhe a tarefa de dominar o Édipo e, quem não pode fazê-lo, cai na neurose⁽¹⁰⁰⁾. O texto citado na última nota data de 1920 e expressa o pensamento freudiano do período da terceira síntese metapsicológica. Nesta, como se viu, o aparelho psíquico é pensado como resultante de um processo de diferenciação do ego e do superego a partir do isso. Nesta perspectiva, como se viu, o recalque constitui uma espécie particular de processo defensivo, antecedido e tornado possível por outros meios de defesa, utilizados pelo ego. Portanto, para Freud, a organização do psiquismo não emerge da resolução do drama edípico. O sujeito enfrenta esse drama num momento de seu processo de diferenciação, momento esse determinante da diferenciação do superego⁽¹⁰¹⁾. Assim, o Édipo é entendido por Freud como um complexo, isto é, como um conjunto de idéias e emoções existentes no sujeito, e não como uma estrutura pré-subjetiva que o constitui.

Como mencionamos acima, data das primeiras considerações de Freud sobre o tema a idéia de que as emoções e representações – que constituem o complexo de Édipo – são “encontradas” pelo sujeito. No capítulo V de *A interpretação dos sonhos*, ao analisar a inclinação infantil por um dos progenitores, Freud a atribui à própria pulsão sexual da criança, incitada pela atitude parental, por sua vez atribuída a um impulso natural⁽¹⁰²⁾. Trata-se, pois, de um enfoque intersubjetivo. Sem dúvida pode-se afirmar que, em *A interpretação dos sonhos*, o Édipo não é ainda teorizado, estando em consequência longe de atingir a importância que ganhará mais tarde na obra freudiana. Esta consideração é pertinente, sobretudo no que se refere à constituição da sexualidade. Assim, se no texto antes citado não se coloca a questão da constituição da sexualidade nem do papel que, nesta constituição, cabe aos pais, a perspectiva freudiana muda quando, muito mais tarde, introduz o conceito de identificação articulado ao complexo de Édipo. Com efeito, no capítulo VII da *Psicologia das massas e análise do ego*, Freud apresenta o que denomina o “caráter sexual” como sendo constituído pelas características específicas adotadas pela relação edípica. Referindo-se, especificamente, à homossexualidade masculina, o autor a explica no quadro das identificações produzidas nessa relação, enfatizando que o processo independe de qualquer hipótese sobre a força pulsional orgânica. Assim, conclui, aquela relação modifica o ego em um componente extremamente importante, o caráter sexual⁽¹⁰³⁾. Entretanto, ao retomar pouco depois, em *O ego e o id*, a análise do processo de identificação, afirma a existência de aspectos constitucionais do indivíduo, subordinando as modalidades de desenlace da situação edípica à intensidade relativa das disposições sexuais. Neste enfoque, considera provável que a ambivalência corroborada na

relação da criança com os pais, deva se referir, “por inteiro”, à bissexualidade, em vez de se desenvolver pela atitude de rivalidade, a partir da identificação⁽¹⁰⁴⁾.

As breves considerações que antecedem, inseridas no contexto do processo de produção da teoria freudiana, que acompanhamos neste trabalho, permitem avaliar a significação do Édipo nessa teoria. Como ponto culminante da vida sexual infantil, ele se constitui, inquestionavelmente, no núcleo do que Freud denominara, desde suas primeiras tentativas de elaboração teórica, “fatores adquiridos”. Esta perspectiva, ao mesmo tempo em que assinala sua enorme significação, torna evidente os limites desta. Na dialética do interno e do externo, em que se organiza a reflexão de Freud ao longo de toda a sua obra, o Édipo deve se articular com o que vem do sujeito, incessantemente procurado por Freud, seja no registro biológico, seja no da transmissão de conteúdos psíquicos por via filogenética. A significação deste segundo fator, que para efeito de compreensão denominamos de “interno”, cresce inquestionavelmente em importância no percurso da elaboração teórica de Freud, até se concluir, na segunda tópica, na concepção do processo de diferenciação do aparelho psíquico, a partir do isso.

NOTAS

- ¹ FREUD, S. “Presentación autobiográfica”, ed. cit., vol. XX, p. 38.
- ² FREUD, S. “Inhibición, sintoma y angustia”, ed. cit., vol. XX, p. 152.
- ³ Idem, “Presentación autobiográfica”, ed. cit., vol. XX, p. 31.
- ⁴ FREUD, S. “Inhibición, sintoma y angustia”, ed. cit., vol. XX, p. 153.
- ⁵ FREUD, S. “Presentación autobiográfica”, ed. cit., vol. XX, p. 53.
- ⁶ Id., “Más allá del principio del placer”, ed. cit., vol. XVIII, pp. 57 e seg; e “Presentación autobiográfica”, ed. cit., vol. XX, p. 53.
- ⁷ FREUD, S. “La interpretación de los sueños”, ed. cit., vol. V, pp. 598-599.
- ⁸ FREUD, S. “Lo inconsciente”, ed. cit., vol. XIV, pp. 183-185.
- ⁹ Id., pp. 185-186.
- ¹⁰ Id., p. 186.
- ¹¹ FREUD, S. “Lo inconsciente”, ed. cit., vol. XIV, p. 187.
- ¹² Idem. O texto freudiano diz “sistema consciente”. Porém, como emerge do contexto, Freud refere-se, na verdade, ao sistema pré-consciente.
- ¹³ FREUD, S. “Lo inconsciente”, ed. cit., vol. XIV, p. 188.
- ¹⁴ FREUD, S. “Lo inconsciente”, ed. cit., vol. XIV, p. 190.
- ¹⁵ Id., “Nota sobre el concepto de lo inconsciente en psicoanálisis”, ed. cit., vol. XII, p. 277.
- ¹⁶ FREUD, S. “Psicopatología da vida cotidiana”, ed. cit., vol. VI, pp. 14 e 34. No mesmo sentido, entre outras, as pp. 32, 33, 36 e 45. Ver ainda “El chiste y su relación con lo inconsciente”, ed. cit., vol. VIII, p. 157.
- ¹⁷ FREUD, S. “La interpretación de los sueños”, ed. cit., vol. V, p. 537.
- ¹⁸ Id., pp. 541-542.

- 19 Ib. "Nota sobre el concepto de inconsciente en psicoanálisis", ed. cit., vol. XII, p. 275.
- 20 Ib. "La interpretación de los sueños", ed. cit., vol. V, p. 607.
- 21 FREUD, S. "Lo inconsciente", ed. cit., vol. XIV, p. 193.
- 22 FREUD, S. "Lo inconsciente", pp. 195-196.
- 23 FREUD, S. "Lo inconsciente", ed. cit., vol. XIV, pp. 197-198.
- 24 FREUD, S. "Lo inconsciente", ed. cit., vol. XIV, p. 198.
- 25 FREUD, S. "Inhibición, sintoma y angustia", ed. cit., vol. XX, p. 152.
- 26 Id. "La represión", ed. cit., vol. XIV, p. 142.
- 27 Ib. "Análisis terminable e interminable", ed. cit., vol. XXIII, p. 238.
- 28 FREUD, S. "Inhibición, sintoma y angustia", ed. cit., vol. XX, p. 152.
- 29 Id. "Notas sobre el concepto de lo inconsciente en psicoanálisis", ed. cit., vol. XII, p. 275.
- 30 FREUD, S. "La represión", ed. cit., vol. XIV, p. 142.
- 31 Id. "Lo inconsciente", ed. cit., vol. XIV, p. 192.
- 32 Ib. "De la historia de una neurosis infantil (el hombre de los lobos)", ed. cit., vol. XVII.
- 33 FREUD, S. "La represión", ed. cit., vol. XIV, pp. 142-143.
- 34 Id. "Lo inconsciente", ed. cit., vol. XIV, pp. 178-179 e "La represión", p. 143.
- 35 Ib. "Lo inconsciente", ed. cit., vol. XIV, p. 178.
- 36 Ib. "Inhibición, sintoma y angustia", ed. cit., vol. XX, p. 153.
- 37 FREUD, S. "Lo inconsciente", ed. cit., vol. XIV, p. 174.
- 38 FREUD, S. "La represión", ed. cit., vol. XIV, p. 148.
- 39 Id. "Contribución a la historia del movimiento psicoanalítico", ed. cit., vol. XIV, p. 15.
- 40 FREUD, S. "Lo inconsciente", ed. cit., vol. XIV, p. 173.
- 41 Id., p. 174.
- 42 Ib., pp. 174-175.
- 43 FREUD, S. "Inhibición, sintoma y angustia", ed. cit., vol. XX, p. 87.
- 44 FREUD, S., p. 88.
- 45 Id., "Lo inconsciente", ed. cit., vol. XIV, p. 192.
- 46 FREUD, S. "Inhibición, sintoma y angustia", ed. cit., vol. XX, p. 88.
- 47 Id., pp. 88-89.
- 48 Ibidem.
- 49 FREUD, S. p. 123.
- 50 Id., p. 128.
- 51 FREUD, S. "Inhibición, sintoma y angustia", ed. cit., vol. XX, p. 128.
- 52 FREUD, S. "Inhibición, sintoma y angustia", ed. cit., vol. XX, pp. 132-133.
- 53 Id., p. 133.
- 54 FREUD, S. "La interpretación de los sueños", ed. cit., vol. V, p. 537.
- 55 Id., p. 449.
- 56 Ib., pp. 318-319.
- 57 Ib. "Conferencias de introducción al psicoanálisis", ed. cit., vol. XV, p. 165.
- 58 FREUD, S. "Formulaciones sobre los dos principios del acaecer psíquico", ed. cit., vol. XII, p. 226.
- 59 Id. "Inhibición, sintoma y angustia", ed. cit., vol. XX, p. 90.
- 60 FREUD, S. "Lo inconsciente", ed. cit., vol. XIV, p. 178.
- 61 Id. "Inhibición, sintoma y angustia", ed. cit., vol. XX, p. 90.
- 62 FREUD, S. "Inhibición, sintoma y angustia", ed. cit., vol. XX, p. 103.
- 63 Id., p. 104.

- 64 Ib., p. 125.
- 65 Ib., p. 127.
- 66 Ib., p. 128.
- 67 FREUD, S. "Inhibición, sintoma y angustia", ed. cit., vol. XX, p. 128.
- 68 FREUD, S. "Inhibición, sintoma y angustia", ed. cit., vol. XX, p. 133.
- 69 Idem, p. 127.
- 70 Ibidem, p. 123.
- 71 Ibidem.
- 72 FREUD, S. "Inhibición, sintoma y angustia", ed. cit., vol. XX, p. 145.
- 73 Id., p. 89.
- 74 Ib., p. 104.
- 75 FREUD, S. "Inhibición, sintoma y angustia", ed. cit., vol. XX, p. 152.
- 76 FREUD, S. "Pegan a un niño (contribución al conocimiento de la génesis de las perversiones sexuales)", ed. cit., vol. XVII, p. 199.
- 77 FREUD, S. "Inhibición, sintoma y angustia", ed. cit., vol. XX, p. 152.
- 78 FREUD, S. "A correspondência completa de S. Freud para W. Fliess - 1887/1904", carta de 21 de setembro de 1897, ed. cit., p. 266.
- 79 Id., p. 267.
- 80 Carta de 22 de setembro de 1898, ibidem, p. 327.
- 81 FREUD, S. "Mis tesis sobre el papel de la sexualidad en la etiología de las neurosis", ed. cit., vol. VII, p. 267.
- 82 FREUD, S. "Tres ensayos de teoría sexual", ed. cit., vol. VII, p. 203.
- 83 Id. "Carácter e erotismo anal", ed. cit., vol. IX, p. 153.
- 84 Ib., pp. 154-158.
- 85 FREUD, S. "La predisposición a la neurosis obsesiva", ed. cit., vol. XII, p. 337.
- 86 Id. "Puntualizaciones psicoanalíticas sobre un caso de paranoia descrito autobiográficamente", ed. cit., vol. XII, p. 63; e ainda "La predisposición a la neurosis obsesiva", ed. cit., vol. XII, p. 338 e "Formulaciones sobre los dos principios del acaecer psíquico", ed. cit., vol. XII, p. 229.
- 87 FREUD, S. "Los caminos de formación del sintoma", "Conferencias de introducción al psicoanálisis", ed. cit., vol. XVI, pp. 329-331.
- 88 FREUD, S. "De la historia de una neurosis infantil (el hombre de los lobos)", ed. cit., vol. XVII, pp. 89 e 94, nota 15.
- 89 Id., p. 110.
- 90 Ib., p. 108.
- 91 Ibidem.
- 92 Ib., p. 94.
- 93 FREUD, S. "De la historia de una neurosis infantil (el hombre de los lobos)", ed. cit., vol. XVII, pp. 55-57. Ver ainda FREUD, "Análisis de la fobia de un niño de cinco años (el pequeño Hans)", ed. cit., vol. X, p. 9, nota 15 (acrescentada em 1923).
- 94 FREUD, S. "De la historia de una neurosis infantil (el hombre de los lobos)", ed. cit., vol. XVII, p. 94, nota 15.
- 95 Id. "Análisis de la fobia de un niño de cinco años (el pequeño Hans)", ed. cit., vol. X, p. 9, nota 15.
- 96 FREUD, S. "Inhibición, sintoma y angustia", ed. cit., vol. XX, pp. 145-146.
- 97 Id. "De la historia de una neurosis infantil (el hombre de los lobos)", ed. cit., vol. XVII, p. 94, nota 15.
- 98 Ib. "Inhibición, sintoma y angustia", ed. cit., vol. XX, p. 118.

- ⁹⁹ FREUD, S. "Presentación autobiográfica", ed. cit., vol. XX, p. 52 e "Tres ensayos de teoría sexual", ed. cit., vol. VII, p. 206, nota 28.
- ¹⁰⁰ FREUD, S. "Tres ensayos de teoría sexual", ed. cit., vol. VII, p. 206, nota 28.
- ¹⁰¹ Id. "El yo y el ello", ed. cit., vol. XIX, p. 37.
- ¹⁰² FREUD, S. "La interpretación de los sueños", ed. cit., vol. IV, p. 267.
- ¹⁰³ Id. "Psicología de las masas y análisis del yo", ed. cit., vol. XVIII, p. 102.
- ¹⁰⁴ FREUD, S. "El yo y el ello", ed. cit., vol. XIX, pp. 32-35.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos dois primeiros capítulos deste trabalho, acompanhamos o processo de elaboração teórica seguido por Freud na construção de sua teoria. Salientamos assim a emergência das noções em torno das quais se organizara o novo saber, formuladas a partir da reiterada constatação clínica da existência de representações inconscientes, de mecanismos de defesa, da incidência dos fatores sexuais e da significação das vivências infantis. A transformação dessas noções em conceitos, como vimos, foi operada por Freud pela elaboração teórica dos fenômenos observados e, em nível de maior abrangência, pela formulação de sínteses metapsicológicas. Estas substituem, no modelo teórico de Freud, os fundamentos científicos inexistentes em um novo saber, correspondente a um novo objeto. As duas primeiras sínteses metapsicológicas foram elaboradas a partir da utilização de um instrumental forjado em outras áreas do conhecimento. No contexto de um paradigma para o qual a linguagem da física era, de direito, a linguagem da ciência, esse instrumental tornou possível a estruturação da reflexão freudiana, ao mesmo tempo em que se constituiu num limite para seu desenvolvimento. Os aspectos econômico, tópico e dinâmico dos processos psíquicos se erigiram assim no eixo da metapsicologia freudiana, fornecendo ao novo saber uma superestrutura teórica marcada, como enfatiza Freud incansavelmente, pelo caráter provisório. A descoberta do inconsciente, entretanto, não foi o produto da aplicação desse quadro teórico. Ela resultou, como assinalamos no primeiro capítulo, da convergência de conhecimentos adquiridos na clínica e da intuição freudiana em torno da qual esses conhecimentos foram articulados e ressignificados.

Apesar de sua enorme significação, a primeira síntese metapsicológica oferecia uma concepção do inconsciente extremamente limitada com relação aos posteriores desenvolvimentos operados por Freud. O ganho do nosso saber, assinala ele no capítulo VII de *A interpretação dos sonhos* – mínimo, porém plenamente assegurado – reside em que o sonho nos prova que o sufocado persiste também nas pessoas normais, mantendo sua capacidade de realizar operações psíquicas ⁽¹⁾. Por outro lado, como vimos no terceiro capítulo, Freud privilegia, em 1899, a concepção do inconsciente como processo e não

como sistema, declarando, em consequência, não saber se devia reconhecer realidade aos desejos inconscientes ⁽²⁾. Assim, a primeira síntese metapsicológica constitui o ponto inicial de um percurso de progressiva compreensão do inconsciente e de seus processos. Entendido inicialmente apenas como o caráter enigmático de um processo psíquico singular, o inconsciente se transformou, progressivamente, na compreensão freudiana, num sistema do qual aqueles processos constituíam um índice. O valor do inconsciente como índice, escreve Freud em 1912, supera em muito sua significação como propriedade, tornando a aceção sistêmica a mais importante do conceito, na teoria psicanalítica ⁽³⁾. Este movimento da reflexão freudiana, que assinala a passagem da compreensão do inconsciente como constituindo apenas um processo singular, para a sua intelecção como uma realidade específica, marca uma transformação qualitativa de enorme significação. A afirmação do inconsciente como real, porém, não constitui, nesse momento da obra freudiana, um ponto de chegada, mas apenas um passo a mais, embora decisivo, para a nova e revolucionária compreensão do que Freud denominará a alma humana. A indagação do inconsciente, diz ele no texto citado, está apenas em sua fase inicial.

Abordado através de uma metodologia que atende ao mesmo tempo à história da emergência e transformação dos conceitos e à evolução de sua articulação teórica, o saber freudiano se caracteriza pelo seu dinamismo. Na base deste, como pudemos constatar, situam-se regularmente novas descobertas clínicas que, conceitualizadas e integradas à estrutura teórica, produzem seu rearranjo. Tudo isto já foi suficientemente discutido neste trabalho, e não voltaríamos a mencioná-lo não fosse para assinalar o que nos parece constituir um elemento de importância central para a compreensão do processo de construção do saber freudiano. Referimo-nos à singularidade que, a nosso ver, é necessário reconhecer no movimento teórico, do qual emergem os textos dos anos vinte, particularmente *Além do princípio do prazer* e *O ego e o id*. Como se verá a seguir, embora articulados com novas e antigas descobertas clínicas, a concepção básica destes textos se sustenta no que Freud denomina uma intuição, caracterizando assim importante modificação do processo seguido por Freud na construção de seu saber.

UM SABER NOVO E UM NOVO MODO DE SABER

A descoberta freudiana consiste não apenas em revelar um mundo novo – o inconsciente – mas um novo modo de saber, produto da atividade desse inconsciente. Entretanto, se com relação ao mundo novo Freud articula progressivamente um novo saber, o mesmo não acontece com relação ao novo modo de saber. É verdade que o conjunto da obra freudiana é atravessado pela afirmação do poder do

inconsciente, mas, como se verá, esta afirmação não é articulada no que poderíamos denominar a concepção epistemológica “oficial” de Freud.

A afirmação da existência de conhecimentos inconscientes, não mediados pela razão conceitual, constitui uma constante na obra de Freud. Antes mesmo de experimentar o *insight* que lhe permitira descobrir o inconsciente, Freud manifestara reiteradamente sua admiração pelo “saber dos poetas”. Em *A interpretação dos sonhos*, como se recorda, referindo-se à concepção dos fenômenos oníricos, sublinha a superioridade do conhecimento popular sobre o conhecimento da ciência oficial. Mais tarde, no artigo de 1915 sobre *O inconsciente*, afirma ser inquestionável a existência de comunicação entre inconscientes ⁽⁴⁾. E, finalmente, no período denominado de “virada dos anos vinte”, concede à intuição um papel central na formulação da segunda teoria pulsional e da segunda tópica. Coerentemente, apresenta uma segunda aceção da metapsicologia, definida agora como um especular, um teorizar, um fantasiar metapsicológicos ⁽⁵⁾.

Assim, a denominada “virada dos anos vinte” constitui uma profunda transformação do pensamento freudiano. Com efeito, caracterizando um aspecto comum aos textos desse período, Freud assinala o papel que na sua elaboração coube à especulação ⁽⁶⁾. Esta atitude freudiana, cuja importância para a compreensão de sua teoria é inegável, parece-nos ser produto de um processo que interessa acompanhar. Na primeira apresentação de suas novas idéias sobre a questão pulsional, Freud atribui à natureza especulativa dessas idéias a diferença qualitativa que as distingue de suas hipóteses anteriores, formuladas por uma transposição direta da observação para a teoria ⁽⁷⁾.

Inicialmente apresentada como um legítimo exercício de arguição motivado pela curiosidade científica, a especulação freudiana se impõe progressivamente, a ponto de levar Freud a declarar que já não pode pensar de outra maneira. Convém se interrogar sobre o significado desta mudança. A especulação freudiana não está certamente desvinculada da experiência clínica. Seu ponto de partida, afirma o próprio Freud, foi o mesmo que o levou a reformular sua teoria tópica, isto é, a impressão derivada do trabalho analítico de que o paciente, que oferece resistência, muitíssimas vezes dela nada sabe ⁽⁸⁾. Entretanto, mesmo tendo sido inspiradas pelo objetivo de fixar algumas das representações teóricas mais importantes da psicanálise, essas hipóteses especulativas vão muito além ⁽⁹⁾. Quais são, pois, seus fundamentos?

Freud afasta explicitamente a possibilidade de que esses fundamentos possam ser encontrados na adscrição de seu pensamento a determinada escola filosófica. “Mesmo quando meu pensamento se distancia da observação”, escreve, “tenho evitado aproximar-me da filosofia propriamente dita. Assim, a ampla coincidência existente entre a psicanálise e a filosofia de Schopenhauer e Nietzsche”, continua,

“não pode ser entendida no sentido de uma inspiração da teoria psicanalítica nessas filosofias”⁽¹⁰⁾. Suas próprias doutrinas, insiste Freud, foram produzidas com independência das idéias daqueles e de outros filósofos⁽¹¹⁾. Convém, entretanto, salientar que, entre as amplas coincidências entre seu pensamento e o de Schopenhauer, Freud cita, em primeiro lugar, o primado da afetividade⁽¹²⁾.

O “fator afetivo do convencimento”, sumariamente excluído por Freud no momento em que apresenta sua especulação como exercício de curiosidade científica⁽¹³⁾, nos parece, no entanto, constituir um elemento central de sua evolução, aquilo que o leva a não poder pensar de outra maneira. Entretanto, mesmo que esta consideração não fosse pertinente, parece-nos indiscutível, no movimento que estamos acompanhando, que a reflexão freudiana se afasta da concepção na qual é atribuído o monopólio do processo do conhecimento à razão conceitual. Quando se trata das coisas últimas, dos grandes problemas da ciência e da vida, observa Freud, cada qual é dominado por preferências profundamente arraigadas no seu íntimo que, inadvertidamente, são as que atuam quando se especula⁽¹⁴⁾.

O convencimento freudiano sobre os poderes do inconsciente parece-nos constituir o resultado de um longo processo, marcado pela progressiva aceitação, por Freud, das implicações de suas próprias descobertas. Assim, por exemplo, em 1901, na *Psicopatologia da vida cotidiana*, ao afirmar que os mitos são uma projeção do inconsciente, negava que a percepção endopsíquica se constituísse em verdadeiro discernimento⁽¹⁵⁾. Neste texto, o acento é colocado no fenômeno da projeção e os conteúdos de mitos e religiões apresentados como criações inconscientes dos homens. Em conseqüência, a realidade suprasensível que eles pretendem apreender, pode ser negada pela reapropriação operada pela ciência, no caso pela psicologia do inconsciente.

A significação do mito, entretanto, pode ser analisada de outra perspectiva. Com efeito, na medida que este expressa um conhecimento que eventualmente pode ser confirmado por procedimentos vinculados à ciência, o saber contido no mito demonstraria a existência de uma forma de conhecimento não mediada pela razão conceitual. Um exemplo disto é o do mito de Édipo, que, nas palavras de Freud, tinha apreendido uma lei universal do acontecer anímico, em todo o seu significado emocional⁽¹⁶⁾. Esta perspectiva, na qual o acento é colocado na existência de uma forma de conhecer não mediada pela razão e a consciência, tinha sido, por outra parte, explicitamente defendida por Freud no seu artigo metapsicológico de 1915, *O inconsciente*.

Esta questão vincula-se à da comunicação telepática, que também ocupara Freud desde o início de seu trabalho. Neste ponto é possível igualmente discernir a evolução do pensamento freudiano. Assim, se em 1901 ele manifestara uma prudente reserva face aos

fenômenos telepáticos⁽¹⁷⁾, em um acréscimo posterior ao mesmo trabalho reconhece ter realizado algumas experiências surpreendentes, que seriam, no entanto, facilmente explicáveis se se admitisse uma transferência telepática de pensamento⁽¹⁸⁾. Este acréscimo data de 1924, período no qual Freud escreve alguns trabalhos sobre o tema, cuja postura é significativa não apenas da evolução de seu pensamento sobre esta questão. Outro fator importante intervém neste aspecto da formulação da teoria freudiana, aspecto este vinculado à estratégia de consolidação da psicanálise no mundo da ciência. Assim, o trabalho *Psicanálise e telepatia*, escrito por Freud em 1921, só foi publicado em 1941, após a morte de Freud. Outro trabalho um pouco posterior, denominado *Notas adicionais à interpretação dos sonhos*, inicialmente destinado a ser incorporado a *A interpretação dos sonhos*, não o foi devido à forte oposição de Ernest Jones, temeroso de que seu conteúdo prejudicasse a causa da psicanálise nos círculos científicos⁽¹⁹⁾. Nestes dois textos, assim como em outros dois dedicados por Freud ao tema da comunicação telepática do pensamento⁽²⁰⁾, a atitude de Freud é de prudente expectativa, mas também de progressiva aceitação da existência do fenômeno. Declarando-se não completamente convencido, porém pronto para o convencimento⁽²¹⁾, Freud assinala que a psicanálise preparou o caminho para a hipótese de processos telepáticos, acrescentando que, no caso de existir, a comunicação telepática deveria constituir um fenômeno muito freqüente⁽²²⁾.

Estas observações requerem, a nosso ver, uma cuidadosa reflexão. Com efeito, estando inseridas num contexto no qual o discurso de Freud é particularmente prudente, é razoável supor que elas expressem um aspecto importante da compreensão freudiana do inconsciente. Freud diz que, tendo intercalado o inconsciente entre o físico e o até então denominado “psíquico”, a psicanálise tinha nos preparado para a hipótese de processos do tipo telepático. Dado que sabemos que o denominado “psíquico”, antes da descoberta do inconsciente, eram os fenômenos vinculados à consciência e mediados pela razão conceitual, o que Freud está dizendo é que a psicanálise, tendo demonstrado a existência de processos inconscientes, tornou crível a existência de outras manifestações desse inconsciente. Com efeito, a nova realidade descoberta por Freud supõe afirmar não apenas a existência de processos psíquicos não mediados pela razão conceitual, mas também a existência de formas de transmissão de conteúdos inconscientes igualmente não mediadas por ela. Como já assinalamos, Freud o sustenta explicitamente no artigo de 1915 sobre o inconsciente. Acrescentemos agora que essas idéias também estão presentes, noutro contexto, numa publicação bastante anterior. Trata-se dos *Três ensaios de uma teoria sexual*, nos quais afirma que o desenvolvimento dos sentimentos amorosos da criança segue o modelo dos vínculos estabelecidos com sua mãe ou substituta, no período de lactação. Nessa fase inicial da vida

infantil, diz Freud, a mãe dirige à criança sentimentos que brotam de sua vida sexual e que se tornam um modelo que o lactente seguirá durante todo o período de latência⁽²³⁾. Se a comunicação entre inconscientes é, segundo Freud, um fato inquestionável, e se ela deve constituir um fenômeno muito freqüente, é difícil imaginar que não se manifeste regularmente no relacionamento mãe-filho.

A nosso ver, a interpretação do processo de produção da teoria freudiana não pode minimizar a significação do movimento sumariamente assinalado nos parágrafos que antecedem, caracterizado pela afirmação da existência de poderes psíquicos não mediados pela razão. Com efeito, na elaboração da terceira síntese metapsicológica, processos desse tipo constituem o cerne da reflexão freudiana, a ponto de Freud atribuir a elaboração de sua segunda teoria pulsional a uma "intuição", "uma visão"⁽²⁴⁾. É importante interrogarmo-nos sobre o significado deste movimento teórico. Como sabemos, na segunda síntese metapsicológica, Freud organizou seu conhecimento dos processos anímicos seguindo as três coordenadas constitutivas da metapsicologia, isto é, a dinâmica, a tópica e a econômica, acreditando que a articulação destes três aspectos constituía a meta máxima atingível pela psicologia⁽²⁵⁾. Freud considerou insatisfatórios os resultados obtidos com esta síntese, avaliada posteriormente por ele como prematura. Não é difícil concordar com esta opinião. Com efeito, o impasse a que chegara, no problema central do recalque, tornara evidente a insuficiência do instrumental teórico disponível para apreender a riqueza do material que esse instrumental devia articular. É neste ponto de seu percurso teórico que Freud, visando apreender os fatos observados na clínica, faz intervir a especulação, produzindo assim uma segunda acepção da metapsicologia. É também neste ponto, como o demonstra o texto freudiano, que o primado da afetividade é reconhecido como um eixo fundamental, não apenas nos processos psíquicos, mas também em sua concepção teórica⁽²⁶⁾.

A "virada dos anos vinte" constitui, assim, a nosso ver, não apenas uma profunda reformulação do saber freudiano. Ela assinala uma não menos significativa mudança na concepção freudiana do processo de conhecimento. Todavia, embora tendo marcado fortemente a prática teórica de Freud, esta mudança da concepção freudiana não foi articulada no que denominamos acima a epistemologia "oficial" de Freud. Assim, em um de seus últimos textos, a 35a. das *Novas conferências de introdução à psicanálise*, Freud afirma enfaticamente que, na perspectiva da psicanálise, não existe outra fonte de conhecimento que a elaboração intelectual de observações cuidadosamente controladas, excluindo a existência de outras fontes de saber, explicitamente a intuição⁽²⁷⁾. Curiosa declaração na pena de quem afirmara ter descoberto o inconsciente através de um *insight*; de quem

fundamentara a reformulação de toda a sua teoria numa "visão", numa "intuição" e de quem reformulara sua concepção da metapsicologia definindo-a como um "fantasiar".

Como interpretar esta flagrante contradição? A nosso ver, a preocupação com a estratégia político-institucional do movimento psicanalítico não está ausente na inspiração desta afirmação de fé positivista. Nos textos dedicados à discussão da telepatia, esta preocupação é evidente. Todavia, é possível que a razão seja mais profunda e que o peso do paradigma científico em que se formara tenha incidido sobre sua atitude. O acompanhamento da evolução de seu pensamento, com efeito, demonstra em Freud uma postura de resistência frente às conseqüências de suas próprias descobertas e, ao mesmo tempo, um intransigente respeito pelo seu objeto, uma firme decisão de não ocultar nem simplificar nada. A isto se deve atribuir, acreditamos, a capacidade de Freud em superar essas resistências, aprofundando-se na suas descobertas. Foi assim, inicialmente, com relação à própria existência do inconsciente, vislumbrada e, no entanto, rejeitada por Freud, na época dos *Estudos sobre a histeria*. Foi assim depois, com o próprio inconsciente, inicialmente pensado por Freud apenas como um processo especial e só mais tarde afirmado na sua realidade ontológica. Em todo este processo, a experiência clínica foi demonstrando a Freud a insuficiência de seus quadros teóricos, impondo sua reformulação. Assim, no registro da reflexão clínica, o pensamento freudiano atingia progressivamente saberes inapreensíveis, no quadro metapsicológico do mesmo período. No caso por nós abordado, todavia, no qual a experiência freudiana sinaliza que o poder do inconsciente se manifesta também no terreno do saber, esta descoberta, embora tendo inspirado o texto fundamental sobre *Inibição, sintoma e angústia*, não é transferida à concepção epistemológica freudiana.

As conseqüências desta insuficiência nos parecem evidentes. Com efeito, Freud não pode negar a existência de conteúdos psíquicos originados à margem do processo de comunicação mediado pela razão. Vale lembrar que neste ponto residia o impasse da teoria do recalque. Porém, não articulando na sua concepção metapsicológica as descobertas contidas na segunda teoria da angústia, Freud é obrigado a atribuir a existência daqueles conteúdos psíquicos à transmissão por via filogenética. Como conseqüência, a teoria freudiana se organiza em torno de duas concepções diferentes, não articuladas entre si. Uma, referente ao ego e ao superego, segue de perto as análises desenvolvidas na segunda síntese metapsicológica, nas quais como se viu, se atribui um papel central à atividade racional do pré-consciente. A segunda, referente ao id, o explica pela herança de conteúdos psíquicos, herança na qual se inserem as fantasias originárias.

O EGO E O ID

A formulação da segunda tópica, como se sabe, insere-se na obra freudiana com o intuito de superar as insuficiências da primeira. Justificando esta mudança, Freud enumera dois tipos de considerações. A primeira, denominada dinâmica ⁽²⁸⁾, integra, na concepção metapsicológica, a existência de pensamentos inconscientes organizados conforme o processo secundário, por Freud identificados neste texto nas resistências dos pacientes verificadas nas análises. Como se viu, a existência de pensamentos inconscientes organizados não constituía, na verdade, uma descoberta nova de Freud, tendo sido por ele explicitada no registro metapsicológico, desde o artigo "O inconsciente", de 1915. A segunda consideração, de ordem estrutural, impede de continuar assimilando o inconsciente ao recalque. Todo o recalque é inconsciente, afirma Freud, porém nem todo o inconsciente é recalcado. Isto constitui uma nova descoberta, já que Freud o afirmará, de forma muito similar, nas primeiras linhas do citado artigo de 1915. A novidade reside, então, na inserção desses saberes na teoria tópica, inserção esta tornada possível, segundo Freud, por uma nova inteligência das constelações estruturais da vida anímica ⁽²⁹⁾.

Portanto, Freud afirma a existência de conteúdos inconscientes não recalcados, cuja forma de emergência, todavia, não é articulada com a dos conteúdos recalcados. Acompanhemos seu raciocínio: o ego é uma organização coerente dos processos anímicos, responsável pelo recalque ⁽³⁰⁾. A seguir, ele analisa a atividade recalcante, agora atribuída ao ego, de maneira muito semelhante à utilizada nos textos de 1915, para explicar a participação do pré-consciente no recalque. Afirma, assim, que todas as percepções, independentemente delas provirem de fora do organismo (percepções sensoriais) ou de seu interior (sensações e sentimentos), são conscientes. Por outro lado, considerando-se que os pensamentos pré-conscientes são diferenciados dos inconscientes pela conexão dos primeiros com as representações-palavra, e que estas são restos mnêmicos – isto é, alguma vez foram percepções – conclui Freud que todo saber é mediado pela consciência. Ele reitera, assim, os pontos de vista defendidos nos artigos *O inconsciente* e *O recalque*. É verdade que duas considerações inseridas neste texto parecem apontar algo novo. A primeira refere-se aos sentimentos que, segundo Freud, podem atingir a consciência diretamente, isto é, sem enlaçar-se com traços mnêmicos. A segunda consideração diz respeito à significação, sublinhada por Freud, dos traços mnêmicos de origem visual (as coisas do mundo). Todavia, mesmo com relação a estes, Freud fala de um imperfeito devir consciente do pensamento, processado com traços mnêmicos de imagens. Repare-se que esta concepção, segundo a qual o ego se organiza a partir do sistema perceptivo, constituindo-se inicialmente como pré-consciente ⁽³¹⁾, é incapaz de superar o impasse

colocado pela questão do recalque. Com efeito, Freud nos diz que o ego é o autor do recalque, que ele emerge como pré-consciente, e que isto supõe o enlace com as representações-palavra, enlace esse que, por sua vez, constitui uma consequência do recalque.

Porém, lembra Freud, o ego é também inconsciente. Neste ponto, abandonando a linha argumental precedente, Freud introduz o conceito do "isso", denominando-o "o outro psíquico" ⁽³²⁾. Haveria, assim, conteúdos psíquicos inconscientes, derivados do recalque, e outros, também inconscientes, adquiridos por via hereditária. Estes últimos, entre os quais se contam as fantasias originárias, exerceriam a força de atração inconsciente exigida por Freud, na sua explicação do processo de recalque. Portanto, Freud postula uma parte do psiquismo originário transmitido por via filogenética e anterior à inserção do indivíduo na cultura, e outra, emergente dessa inserção e mediada pela percepção e pela consciência. Esta última parte representaria a razão, enquanto a primeira conteria as paixões ⁽³³⁾.

Assinalamos, no terceiro capítulo deste trabalho, que, ao formular sua segunda teoria da angústia, Freud postula a existência de percepções, juízo e sentido inconscientes, produzindo, assim, elementos teóricos que tornariam possível prescindir da hipótese de conteúdos psíquicos hereditários. Nesta perspectiva, as percepções de processos corporais – posteriormente articuladas através de formas elementares de pensamento com percepções externas – gerariam conteúdos psíquicos dotados de sentido. O sentido de perigo, que caracteriza tanto esses conteúdos quanto a ameaça de castração, explicaria a atração inconsciente, sempre exigida por Freud para explicar o processo do recalque.

Entretanto, Freud não articula sua segunda teoria da angústia com sua segunda tópica, apesar da concepção defendida em *Inibição, sintoma e angústia* possuir antecedentes em *O ego e o id*. Nesta obra, além da já referida afirmação de que os sentimentos não requerem a mediação do pré-consciente para se tornarem conscientes, Freud sustenta que, além do sistema de percepção, o próprio corpo exerce uma ação eficaz na gênese do ego, através de sua capacidade de registrar percepções internas e externas ⁽³⁴⁾. Em uma nota incorporada à tradução inglesa de 1927, Freud afirma que o ego deriva de sensações corporais, de acordo com o que afirmara em *Inibição, sintoma e angústia*, mas em franca contradição com o sustentado em *O ego e o id*, segundo o qual o ego se organiza inicialmente como pré-consciente. Enfim, apesar deste e de outros antecedentes da segunda teoria da angústia, Freud não reformula sua concepção da segunda tópica, conforme pode ser constatado nos textos posteriores a 1926. Assim, por exemplo, no *Esboço da psicanálise* o "isso" é definido como a mais antiga das instâncias psíquicas e seu conteúdo como todo o herdado, o estabelecido constitucionalmente ⁽³⁵⁾.

Assinalamos diversas vezes neste trabalho que o pensamento freudiano sobre a constituição do psiquismo articula-se em torno da contribuição dos fatores externos e internos. Originada no período anterior à descoberta do inconsciente, esta perspectiva foi transferida posteriormente à problemática do recalque. Assim, na concepção freudiana, é “interno” ao sujeito tudo o que, nele, é psiquicamente eficaz, antes e independentemente do recalque. As descobertas freudianas sobre a significação dos afetos na constituição do ego, e sobre a comunicação entre inconscientes, apesar de sua importância, não foram articuladas com essa problemática. Se o tivessem sido, elas teriam permitido pensar “os fatores internos” – presentes e ativos no sujeito antes do recalque – como fatores adquiridos, embora não através da atividade pré-consciente. Entretanto, não foi este o caminho seguido por Freud. Com efeito, centralizando a emergência dos “fatores externos” no processo de recalque, isto é, supondo que a inserção do sujeito na cultura é sempre mediada pela atividade pré-consciente, Freud continua considerando os “fatores internos” como algo presente no sujeito antes de sua inserção na cultura, ou seja, que chega a ele como uma herança de conteúdos psíquicos. Assim, ao não articular metapsicologicamente a significação dos afetos na gênese da racionalidade, nem a comunicação inconsciente na constituição do psiquismo, não restou a Freud outro caminho senão explicar pela hipótese hereditária o que não podia ser atribuído ao pré-consciente.

A concepção freudiana sobre a participação dos fatores orgânicos na constituição do psiquismo deve ser analisada, a nosso ver, na perspectiva acima assinalada. Com efeito, em diversos momentos de sua obra, Freud trata esses fatores orgânicos como equivalentes a conteúdos psíquicos herdados. Entretanto, interessa-nos sublinhar aqui que, nesta perspectiva, Freud assinala tanto a existência de conteúdos psíquicos que não podem ser atribuídos à experiência do sujeito, quanto as limitações do conhecimento para apreender todos os fatores que constituem o sujeito. A articulação entre estas duas considerações é implicitamente estabelecida, parece-nos, pela caracterização da experiência – no contexto da teoria do recalque – como mediada pela atividade pré-consciente. É assim que interpretamos a afirmação de Freud, inspirada em Leonardo da Vinci, segundo a qual a natureza está cheia de infinitas causas (*ragioni*) que não estão na experiência, afirmação esta significativamente entendida por Freud como outra forma de exprimir as conhecidas palavras com as quais Hamlet assinala os limites do conhecimento racional⁽³⁶⁾. Se, no entendimento freudiano – afirmar que há mais coisas no céu e na terra do que pode ser sonhado pela filosofia, equivale a dizer que a natureza está cheia de infinitas causas que não estão na experiência – tanto é possível entender que essas causas se originam fora da experiência, quanto que elas derivam de experiências não apreensíveis pela razão.

A segunda teoria da angústia, para nós, permite compreender a gênese dessas causas que, não sendo apreensíveis pela experiência pré-consciente, constituem, entretanto, o psiquismo do sujeito. Nessa perspectiva, o orgânico não é certamente expulso da teoria freudiana, porém, por assim dizer, é “desnaturalizado”, porque marcado pelas fantasias inconscientes. Com efeito, Freud afirma, em *Inibição, sintoma e angústia*, que o afeto de angústia, inicialmente produzido por um fator econômico, é depois deliberadamente reproduzido pela mediação de um rudimentar pensar inconsciente, sustentado sobre impressões de objeto. Como esse afeto, segundo a tese freudiana, emerge pela primeira vez no ato de nascimento, esta inseparável junção entre o psiquismo rudimentar e o corpo faz com que o corpo humano vivo seja, em sentido estrito, um corpo não natural. É esta, a nosso ver, a perspectiva freudiana que vincula, em processos únicos, os estágios de evolução da libido com as fantasias produzidas pelo sujeito, em particular com as que Freud denomina teorias sexuais infantis. A incidência das fantasias sobre o corpo é, por outro lado, explicitamente afirmada por Freud. Com efeito, numa carta para Groddeck, de junho de 1917, ele se refere a um notável privilégio do inconsciente, caracterizado por sua intensa influência plástica sobre os processos somáticos⁽³⁷⁾.

É obvio, entretanto, que a articulação que sugerimos não foi realizada por Freud no registro metapsicológico. Na sua terceira síntese, o orgânico e o “psíquico”, herdados pelo sujeito, são assimilados como “fatores internos”. Assim, a segunda teoria pulsional concebe as pulsões como sendo organicamente qualificadas, compostas pela mistura de duas forças primordiais (Eros e destruição), em percentagens variáveis e diferenciadas entre si, pela referência a órgãos ou sistemas de órgãos⁽³⁸⁾. É evidente, a nosso ver, que a relação postulada por Freud entre as pulsões e o orgânico – no caso do dualismo “pulsão de morte-pulsão de vida” – é diferente do caso do primeiro dualismo pulsional. Neste último, a relação se estabelece através do apoio das pulsões nas funções instintivas, mas o próprio conceito de apoio indica que a pulsão é algo mais que emerge no processo de inserção do sujeito na cultura. No caso do segundo dualismo pulsional, o conceito de apoio é inaplicável e as pulsões são apresentadas por Freud não como apoiadas no orgânico mas como sendo orgânicas.

Para concluir, acreditamos que a leitura da obra de Freud, que aqui apresentamos, justifica plenamente o título que demos a este trabalho. Ela nos mostra o longo percurso percorrido por um pensamento que, na descrição do próprio Freud, caracteriza-se pela curiosidade e tenacidade com que persegue a explicação dos fenômenos que observa, e pela ousadia com que se aventura na exploração de hipóteses radicalmente novas. A obra de Freud nos parece, nesta leitura, como produto do empenho de um descobridor que, lançado à conquista do mundo novo, enfrenta, ao mesmo tempo, o desafio de construir o

instrumental teórico necessário à realização dessa tarefa. As dificuldades encontradas nesse empreendimento, assim como os impasses e contradições não superados, ilustram, a nosso ver, a radicalidade da novidade apreendida por Freud. Mas ilustram, sobretudo, os desafios que teve de enfrentar seu gênio criador.

NOTAS

- ¹ FREUD, S., "La interpretación de los sueños", ed. cit., vol. V, p. 596.
- ² Id., p. 607.
- ³ FREUD, S., "Notas sobre el concepto de lo inconsciente en psicoanálisis", ed. cit., vol. XII, p. 277.
- ⁴ FREUD, S., "Lo inconsciente", ed. cit., vol. XIV, p. 191.
- ⁵ Id., "Análisis terminable e interminable", ed. cit., vol. XXIII, p. 228.
- ⁶ Ib., "Presentación autobiográfica", ed. cit., vol. XX, p. 53.
- ⁷ Ib., "Más allá del principio de placer", ed. cit., vol. XVIII, p. 57.
- ⁸ FREUD, S., "Nuevas conferencias de introducción al psicoanálisis", ed. cit., vol. XXII, p. 100.
- ⁹ Id., "Presentación autobiográfica", ed. cit., vol. XX, p. 53.
- ¹⁰ Ib., p. 55.
- ¹¹ Ib., p. 56.
- ¹² Ib., p. 53.
- ¹³ FREUD, S., "Más allá del principio de placer", ed. cit., vol. XVIII, p. 57.
- ¹⁴ Ib., p. 58.
- ¹⁵ Ib., "Psicopatología de la vida cotidiana", ed. cit., vol. VI, p. 251 e nota 31.
- ¹⁶ FREUD, S., "Presentación autobiográfica", ed. cit., vol. XX, p. 59.
- ¹⁷ Id., "Psicopatología da vida cotidiana", ed. cit., vol. VI, p. 253.
- ¹⁸ FREUD, S., "Psicopatología da vida cotidiana", ed. cit., vol. VI, p. 254.
- ¹⁹ Id., "Algunas notas adicionales a la interpretación de los sueños en su conjunto", ed. cit., vol. XIX, pp. 126-127.
- ²⁰ Ib., "Sueño y telepatía", ed. cit., vol. XVIII, pp. 189 e seg. e "Sueño y ocultismo". In: **Nuevas conferencias de introducción al psicoanálisis**. Ed. cit., vol. XXII, pp. 29 e seg.
- ²¹ Ib., "Sueño y ocultismo", ed. cit., vol. XXII, p. 50.
- ²² FREUD, S., "Sueño y ocultismo", ed. cit., vol. XXII, p. 51.
- ²³ FREUD, S., "Tres ensayos de teoría sexual", ed. cit., vol. VII, p. 203.
- ²⁴ Id., "El yo y el ello", ed. cit., vol. XIX, p. 41.
- ²⁵ FREUD, S., "Presentación autobiográfica", ed. cit., vol. XX, p. 55.
- ²⁶ Idem.
- ²⁷ FREUD, S., "En torno de una cosmovisión". In: **Nuevas conferencias de introducción al psicoanálisis**, ed. cit., vol. XXII, pp. 146-147.
- ²⁸ FREUD, S., "El yo y el ello", ed. cit., vol. XIX, p. 19.
- ²⁹ FREUD, S., "El yo y el ello", ed. cit., vol. XIX, p. 30. Convém registrar que a tradução da *standard* brasileira fala aqui não em *intelecção*, mas em *insight*.
- ³⁰ Id. pp. 18-19.
- ³¹ FREUD, S., "El yo y el ello", ed. cit., vol. XIX, pp. 21-23.

- ³² Id. p. 25.
- ³³ FREUD, S., "El yo y el ello", ed. cit., vol. XIX, p. 27.
- ³⁴ Id. pp. 27-28.
- ³⁵ FREUD, S., "Esquema del psicoanálisis", ed. cit., vol. XXIII, p. 143.
- ³⁶ FREUD, S., "Un recuerdo infantil de Leonardo da Vinci", ed. cit., vol. XI, p. 127.
- ³⁷ FREUD, S., "Lo inconsciente", ed. cit., vol. XIV, p. 184, nota 6.
- ³⁸ Id., "Esquema del psicoanálisis", ed. cit., vol. XXIII, p. 199.

BIBLIOGRAFIA CITADA

- BIRMAN, Joel. Fantasma, verdade e realidade. In **Psicanálise, ofício impossível?**. Rio de Janeiro, Editora Campus, 1991.
- FREUD, Sigmund. Informe sobre mis estudios en París y Berlín (1886). In **Obras Completas**, vol. I. Buenos Aires, Amorrortu Editores, 1976. Vol. I.
- _____. Prólogo a la traducción de J. M. Charcot. Leçons sur les maladies du système nerveux (1886). In **Obras Completas**, vol. I. Buenos Aires, Amorrortu Editores, 1976.
- _____. Histerí (1888). IN: **Obras Completas**, vol. I. Buenos Aires, Amorrortu Editores, 1976.
- _____. Tratamiento psíquico (tratamiento del alma) (1890), In **Obras Completas**, vol. I. Buenos Aires, Amorrortu Editores, 1976.
- _____. Hipnosis (1891). In **Obras Completas**, vol. I. Buenos Aires, Amorrortu Editores, 1976.
- _____. Prólogo y notas de la traducción de J. M. Charcot. Leçons du mardi de la Salpêtrière (1887-1888). In: **Obras Completas**, vol. I. Buenos Aires, Amorrortu Editores, 1976.
- FREUD, S. Proyecto de Psicología (1895). In: **Obras Completas**, vol. I. Buenos Aires, Amorrortu Editores, 1976.
- FREUD, S. e BREUER, J. Estudios sobre la histería (1893-95). In: **Obras Completas**, vol. II. Buenos Aires, Amorrortu Editores, 1978.
- FREUD, S. e CHARCOT, J. M. (1893). In: **Obras Completas**, vol. III. Buenos Aires, Amorrortu Editores, 1981.
- _____. Sobre el mecanismo psíquico de fenómenos histéricos (1893). In: **Obras Completas**. Buenos Aires, Amorrortu Editores, 1981.
- _____. Las neuropsicosis de defensa (Ensayo de una teoría psicológica de la histería adquirida, de muchas fobias y representaciones obsesivas y de ciertas psicosis alucinatorias.) (1894). In: **Obras Completas**. Buenos Aires, Amorrortu Editores, 1981.

- _____. Obsesiones y fobias. Su mecanismo psíquico y su etiología (1895). In: **Obras Completas**. Buenos Aires, Amorrortu Editores, 1981.
- FREUD, S. Sobre la justificación de separar de la neurastenia un determinado síndrome en calidad de "neurosis de angustia" (1895). In: **Obras Completas**. Buenos Aires, Amorrortu Editores, 1981.
- _____. A propósito de las críticas a la "neurosis de angustia" (1895). In: **Obras Completas**. Buenos Aires, Amorrortu Editores, 1981.
- _____. La herencia y la etiología de las neurosis. (1896). In: **Obras Completas**. Buenos Aires, Amorrortu Editores, 1981.
- _____. Nuevas puntualizaciones sobre las neuropsicosis de defensa (1896). In: **Obras Completas**. Buenos Aires, Amorrortu Editores, 1981.
- _____. La etiología de la histeria (1896). In: **Obras Completas**. Buenos Aires, Amorrortu Editores, 1981.
- _____. La sexualidad en la etiología de las neurosis (1898). In: **Obras Completas**. Buenos Aires, Amorrortu Editores, 1981.
- _____. Sobre el mecanismo psíquico de la desmemoria (1898). In: **Obras Completas**. Buenos Aires, Amorrortu Editores, 1981.
- _____. Sobre los recuerdos encubridores (1899). In: **Obras Completas**. Buenos Aires, Amorrortu Editores, 1981.
- _____. La interpretación de los sueños (1900). In: **Obras Completas**, vols. IV e V. Buenos Aires, Amorrortu Editores, 1979.
- _____. Psicopatología de la vida cotidiana (1901). In: **Obras Completas**, vol. VI. Buenos Aires, Amorrortu Editores, 1980.
- _____. Tres ensayos de teoría sexual (1905). In: **Obras Completas**, vol. VII. Buenos Aires, Amorrortu Editores, 1978.
- _____. Mis tesis sobre el papel de la sexualidad en la etiología de las neurosis (1905). In: **Obras Completas**. Buenos Aires, Amorrortu Editores, 1978.
- _____. El chiste y su relación con lo inconsciente (1905). In: **Obras Completas**, vol. VIII. Buenos Aires, Amorrortu Editores, 1979.
- _____. Análisis de la fobia de un niño de cinco años (1909). In: **Obras Completas**, vol. X. Buenos Aires, Amorrortu Editores, 1976.
- _____. A propósito de un caso de neurosis obsesiva (1909). In: **Obras Completas**. Buenos Aires, Amorrortu Editores, 1976.
- _____. Cinco conferencias sobre el psicoanálisis (1910). In: **Obras Completas**, vol. XI. Buenos Aires, Amorrortu Editores, 1979.
- _____. Un recuerdo infantil de Leonardo da Vinci (1910). In: **Obras Completas**. Buenos Aires, Amorrortu Editores, 1979.

- _____. Puntualizaciones psicoanalíticas sobre un caso de paranoia (dementia paranoides) descrito autobiográficamente (1910). In: **Obras Completas**, vol. XII. Buenos Aires, Amorrortu Editores, 1980.
- _____. El uso de la interpretación de los sueños en el psicoanálisis (1911). In: **Obras Completas**. Buenos Aires, Amorrortu Editores, 1980.
- _____. Sobre el psicoanálisis (1913). In: **Obras Completas**. Buenos Aires, Amorrortu Editores, 1980.
- _____. Formulaciones sobre los dos principios del acaecer psíquico (1911). In: **Obras Completas**. Buenos Aires, Amorrortu Editores, 1980.
- _____. Contribuciones a un debate sobre el onanismo (1919). In: **Obras Completas**. Buenos Aires, Amorrortu Editores, 1980.
- _____. Notas sobre el concepto de inconsciente en psicoanálisis (1912). In: **Obras Completas**. Buenos Aires, Amorrortu Editores, 1980.
- _____. Un sueño como pieza probatoria (1913). In: **Obras Completas**. Buenos Aires, Amorrortu Editores, 1980.
- _____. La predisposición a la neurosis obsesiva. Contribución al problema de la elección de neurosis (1913). In: **Obras Completas**. Buenos Aires, Amorrortu Editores, 1980.
- _____. Totem y tabú. Algunas concordancias en la vida anímica de los salvajes y de los neuróticos (1912). In: **Obras Completas**, vol. XIII. Buenos Aires, Amorrortu Editores, 1980.
- _____. El interés por el psicoanálisis. (1913). In: **Obras Completas**. Buenos Aires, Amorrortu Editores, 1980.
- _____. Contribución a la historia del movimiento psicoanalítico (1914). In: **Obras Completas**, vol. XIV. Buenos Aires, Amorrortu Editores, 1980. id. 1919.
- _____. Pulsiones y destinos de pulsión (1915). id. id.
- _____. La represión (1915). id. id.
- _____. Lo inconsciente (1915). id. id.
- _____. Complemento metapsicológico a la doctrina de los sueños (1915). id. id.
- _____. Algunos tipos de carácter dilucidados por el trabajo psicoanalítico (1916). id. id.
- _____. Conferencias de introducción al psicoanálisis (1916-1917). In: **Obras Completas**, vols. XV e XVI. Buenos Aires, Amorrortu Editores, 1978.

- _____. De la historia de una neurosis infantil (1918). In: **Obras Completas**, vol. XVII. Buenos Aires, Amorrortu Editores, 1979.
- _____. Una dificultad del psicoanálisis (1917). In: **Obras Completas**. Buenos Aires, Amorrortu Editores, 1979.
- _____. Pegan a un niño. Contribución al conocimiento de la génesis de las perversiones sexuales (1919). In: **Obras Completas**. Buenos Aires, Amorrortu Editores, 1979.
- _____. Más allá del principio de placer (1920). In: **Obras Completas**, vol. XVIII. Buenos Aires, Amorrortu Editores, 1979.
- _____. Psicología de las masas y análisis del yo. In: **Obras Completas**. Buenos Aires, Amorrortu Editores, 1979.
- _____. Psicoanálisis y telepatía (1941 [1921]). In: **Obras Completas**. Buenos Aires, Amorrortu Editores, 1979.
- _____. Sueño y telepatía (1922). In: **Obras Completas**. Buenos Aires, Amorrortu Editores, 1979.
- _____. Dos artículos de enciclopedia: "Psicoanálisis" y "Teoría de la libido". In: **Obras Completas**. Buenos Aires, Amorrortu Editores, 1979.
- _____. El yo y el ello (1923). In: **Obras Completas**, vol. XIX. Buenos Aires, Amorrortu Editores, 1979.
- _____. Observaciones sobre la teoría y la práctica de la interpretación de los sueños (1923). In: **Obras Completas**. Buenos Aires, Amorrortu Editores, 1979.
- _____. Algunas notas adicionales a la interpretación de los sueños en su conjunto (1925). In: **Obras Completas**. Buenos Aires, Amorrortu Editores, 1979.
- _____. Presentación autobiográfica (1925). In: **Obras Completas**, vol. XX. Buenos Aires, Amorrortu Editores, 1979.
- _____. Inhibición, sintoma y angustia (1926). In: **Obras Completas**. Buenos Aires, Amorrortu Editores, 1979.
- _____. Psicoanálisis (1926). In: **Obras Completas**. Buenos Aires, Amorrortu Editores, 1979.
- _____. El malestar en la cultura. In: **Obras Completas**, vol. XXI. Buenos Aires, Amorrortu Editores, 1979.
- _____. Nuevas conferencias de introducción al psicoanálisis (1933). In: **Obras Completas**, vol. XXII. Buenos Aires, Amorrortu Editores, 1979.
- _____. Mi contacto con Josef Popper-Lynkeus (1932). In: **Obras Completas**. Buenos Aires, Amorrortu Editores, 1979.
- _____. Esquema del psicoanálisis (1940). In: **Obras Completas**, vol. XXIII. Buenos Aires, Amorrortu Editores, 1980.

- _____. Análisis terminable e interminable (1937). In: **Obras Completas**. Buenos Aires, Amorrortu Editores, 1980.
- _____. Algunas lecciones elementales sobre psicoanálisis (1938). In: **Obras Completas**. Buenos Aires, Amorrortu Editores, 1980.
- FREUD, S. e JUNG. Correspondencia completa. Rio de Janeiro, Imago, 1974.
- GAY, Peter. **Freud, uma vida para o nosso tempo**. São Paulo, Companhia das Letras, 1989.
- JONES, Ernest. **Vida e obra de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1979.
- LEVIN, Kennet. **Freud y su primera psicología de las neurosis. Una perspectiva histórica**. México, F.C.E., 1985.
- MASSON, M. Jeffrey. **A correspondência completa de S. Freud para W. Fliess (1887-1904)**. Rio de Janeiro, Imago, 1986.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- ABRAHAM, Karl. **Estudios sobre psicoanálisis y pediatria**. Buenos Aires, Hormé, 1961.
- _____. **Psicoanálisis clínico**. Buenos Aires, Ediciones Hormé, 1980.
- ALBERNAZ de MELO BASTOS, Liana. O corpo pulsional em psicanálise. In: **Boletim do Mestrado em Teoria Psicanalítica**, vol. 1, nº 1. Rio de Janeiro, UFRJ, Instituto de Psicologia, 1988.
- BETTELHEIM, Bruno. **Freud e a alma humana**. São Paulo, Cultrix, 1982.
- BIRMAN, Joel. Alquimia no sexual. In: **A ordem do sexual**. Rio de Janeiro, Editora Campus, 1988.
- _____. A palavra entre atos. In: **Freud cinquenta anos depois**. Rio de Janeiro, Relumê Dumará, 1989.
- _____. **Freud e a experiência psicanalítica**. Rio de Janeiro, Taurus-Timbre Editores, 1989.
- _____. **Desatar com atos: percursos na história da psicanálise**. Rio de Janeiro, Taurus Editora.
- _____. Confusão de língua na psicanálise. Uma leitura introdutória aos escritos de Ferenczi. In: **Escritos Psicanalíticos 1909-1933**. Rio de Janeiro, Taurus Editora, 1990.
- _____. Sobre a paixão. Comentários sobre o discurso freudiano. In: **Revista de Psicologia e Psicanálise**, nº 1. Rio de Janeiro, UFRJ, Instituto de Psicologia, 1989.
- _____. A ética da psicanálise e a moral nas instituições psicanalíticas. In: **Revista de Psicologia e Psicanálise**, Nº 3. Rio de Janeiro, Instituto de Psicologia da UFRJ, 1991.
- _____. Fantasma, verdade e crueldade. In: BIRMAN, J. (coord.) **Psicanálise. Ofício impossível?** Rio de Janeiro, Editora Campus, 1991.
- _____. Freud e os destinos da psicanálise. In: BIRMAN, J. (coord.) **Psicanálise. Ofício impossível?** Rio de Janeiro, Editora Campus, 1991.

- _____. O sujeito na diferença e o poder impossível. IN: **Revista de psicanálise do Rio de Janeiro**, VOL. i. Rio de Janeiro, Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro. 1991.
- BLEICHMAR, Hugo. **Angustia y fantasma**. Madri, Editora Adotraf, 1986.
- _____. **El narcisismo**. Buenos Aires, Ediciones Nueva Visión, 1983.
- _____. **Introducción al estudio de las perversiones**. Buenos Aires, Ediciones Nueva visión, 1984.
- DELEUZE, Giles. **Apresentação de Sade-Masoch**. Rio de Janeiro, Editora Taurus, 1983.
- COSTA, Jurandir Freire. **Psicanálise e contexto cultural**. Rio de Janeiro, Editora Campus, 1989.
- _____. Narcisismo em tempos sombrios. IN: **Percursos na história da Psicanálise**. Rio de Janeiro, Taurus Editora, 1988.
- _____. Por uma psicanálise humanamente útil. IN: **Anuário Brasileiro de Psicanálise**. Rio de Janeiro, Dumará, 1991.
- DOLTO, Françoise. **Sexualité Féminine**. Paris, Editora Scarabée et Compagnie, 1982.
- DONN, Linda. **Freud y Jung**. Buenos Aires, Javier Bergara Editor, 1990.
- DOR, Joel. **Introduction à la lecture de Lacan**. Paris, Éditions Denoël, 1985.
- FERENCZI, Sándor. *Psychanalyse*. IN: **Oeuvres Complètes**, vol. I. Paris, Payot, 1982.
- _____. **Escritos Psicanalíticos 1909-1933**. Rio de Janeiro, Taurus Editora, 1990.
- FREUD, Sigmund. Fragmento de análisis de un caso de histeria. IN: **Obras Completas**, vol. VII. (1901 [1905]). Buenos Aires, Amorrortu Editores, 1978.
- _____. El método psicanalítico de Freud. IN: **Obras Completas**, vol. VII. Buenos Aires, Amorrortu Editores, 1978.
- _____. Sobre psicoterapia. IN: **Obras Completas**, vol. VII. Buenos Aires, Amorrortu Editores, 1978.
- _____. El delirio y los sueños de la "Gradiva" de W. Jansen (1907). IN: **Obras Completas**, vol. IX. Buenos Aires, Amorrortu Editores, 1979.
- _____. La indagatoria forense y el psicoanálisis. IN: **Obras Completas**, vol. IX. Buenos Aires, Amorrortu Editores, 1979.
- _____. El creador literario y el fantaseo (1908). IN: **Obras Completas**, vol. IX. Buenos Aires, Amorrortu Editores, 1979.

- _____. Carácter y erotismo anal. IN: **Obras Completas**, vol. IX. Buenos Aires, Amorrortu Editores, 1979.
- _____. La moral sexual cultural y la nerviosidad moderna (1908). IN: **Obras Completas**, vol. IX. Buenos Aires, Amorrortu Editores, 1979.
- _____. Sobre las teorías sexuales infantiles. (1908). IN: **Obras Completas**, vol. IX. Buenos Aires, Amorrortu Editores, 1979.
- _____. La novela familiar de los neuróticos (1909). IN: **Obras Completas**, vol. IX. Buenos Aires, Amorrortu Editores, 1979.
- _____. Las perspectivas futuras de la terapia psicoanalítica. (1910). IN: **Obras Completas**, vol. XI. Buenos Aires, Amorrortu Editores, 1979.
- _____. Sobre el sentido antitético de las palabras primitivas (1910). IN: **Obras Completas**, vol. XI. Buenos Aires, Amorrortu Editores, 1979.
- _____. La perturbación psicógena de la visión según el psicoanálisis (1910). IN: **Obras Completas**, vol. XI. Buenos Aires, Amorrortu Editores, 1979.
- _____. Sobre el psicoanálisis "silvestre". (1910). IN: **Obras Completas**, vol. IX. Buenos Aires, Amorrortu Editores, 1979.
- _____. Sobre la dinámica de la transferencia (1912). IN: **Obras Completas**, vol. XII. Buenos Aires, Amorrortu Editores, 1980.
- _____. Consejos al médico sobre el tratamiento psicoanalítico. IN: **Obras Completas**, vol. XII. Buenos Aires, Amorrortu Editores, 1980.
- _____. Sobre la iniciación del tratamiento (nuevos consejos sobre la técnica del psicoanálisis I.) (1913). IN: **Obras Completas**, vol. XII. Buenos Aires, Amorrortu Editores, 1980.
- _____. Recordar, repetir y reelaborar (nuevos consejos sobre la técnica del psicoanálisis, II) (1914). IN: **Obras Completas**, vol. XII. Buenos Aires, Amorrortu Editores, 1980.
- _____. Puntualizaciones sobre el amor de transferencia (nuevos consejos sobre la técnica del psicoanálisis, III) (1915). IN: **Obras Completas**, vol. XII. Buenos Aires, Amorrortu Editores, 1980.
- _____. Sobre los tipos de contracción de neurosis (1912). IN: **Obras Completas**, vol. XII. Buenos Aires, Amorrortu Editores, 1980.
- _____. Materiales del cuento tradicional en los sueños. (1913). IN: **Obras Completas**, vol. XII. Buenos Aires, Amorrortu Editores, 1980.
- _____. El motivo de la elección del cofre (1913). IN: **Obras Completas**, vol. XII. Buenos Aires, Amorrortu Editores, 1980.

- _____. Introducción al narcisismo (1914). In: **Obras Completas**, vol. XIV. Buenos Aires, Amorrortu Editores, 1979.
- _____. Duelo y melancolía. In: **Obras Completas**, vol. XIV. Buenos Aires, Amorrortu Editores, 1979.
- _____. De la guerra y muerte. Temas de actualidad (1915). In: **Obras Completas**, vol. XIV. Buenos Aires, Amorrortu Editores, 1979.
- _____. Nuevos caminos de la terapia psicanalítica (1919). In: **Obras Completas**, vol. XVII. Buenos Aires, Amorrortu Editores, 1979.
- _____. Lo omnioso. (1919). In: **Obras Completas**, vol. XVII. Buenos Aires, Amorrortu Editores, 1979.
- _____. La organización genital infantil. (Una interpolación en la teoría de la sexualidad) (1923). In: **Obras Completas**, vol. XIX. Buenos Aires, Amorrortu Editores, 1979.
- _____. Neurosis y psicosis (1924). In: **Obras Completas**, vol. XIX. Buenos Aires, Amorrortu Editores, 1979.
- _____. Nota sobre la "pizarra mágica". In: **Obras Completas**, vol. XIX. Buenos Aires, Amorrortu Editores, 1979.
- _____. La negación. In: **Obras Completas**, vol. XIX. Buenos Aires, Amorrortu Editores, 1979.
- _____. Algunas consecuencias psíquicas de la diferencia anatómica entre los sexos (1925). In: **Obras Completas**, vol. XIX. Buenos Aires, Amorrortu Editores, 1979.
- _____. El porvenir de una ilusión (1927). In: **Obras Completas**, vol. XXI. Buenos Aires, Amorrortu Editores, 1979.
- _____. Sobre la sexualidad femenina (1931). In: **Obras Completas**, vol. XXI. Buenos Aires, Amorrortu Editores, 1979.
- _____. Sobre la conquista del fuego (1932). In: **Obras Completas**, vol. XXII. Buenos Aires, Amorrortu Editores, 1979.
- _____. Por qué la guerra? (1933). In: **Obras Completas**, vol. XXII. Buenos Aires, Amorrortu Editores, 1979.
- _____. Moisés y la religión monoteísta. In: **Obras Completas**, vol. XXIII. Buenos Aires, Amorrortu Editores, 1980.
- _____. Construcciones en el análisis (1937). In: **Obras Completas**, vol. XXIII. Buenos Aires, Amorrortu Editores, 1980.
- _____. Conclusiones, ideas, problemas. (1941). In: **Obras Completas**, vol. XXIII. Buenos Aires, Amorrortu Editores, 1980.
- GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. **Freud e o inconsciente**. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1983.
- _____. **Acaso e repetição em psicanálise**. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1987.

- _____. O conceito de Trieb em Fichte. In: **Revista de Psicologia e Psicanálise**, nº 1. Rio de Janeiro, 1989.
- _____. A desnaturalização da psicanálise. In: **Revista de Psicologia e Psicanálise**, nº 3. Rio de Janeiro, UFRJ, Instituto de Psicologia, 1991.
- _____. O vazio e a falta. A questão do sujeito na psicanálise. In: **Anuário Brasileiro de Psicanálise**. Rio de Janeiro, Dumará, 1991.
- GREEN, André. **Conferências Brasileiras de André Green**. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1990.
- GRINGBERG, León. **Culpa y depresión**. Madrid, Alianza Editorial, 1988.
- GRODDECK, George. **O livro Disso**. São Paulo, Editora Perspectiva, 1984.
- ISAACS, Susan. **A natureza e a função da fantasia**. (mimeo)
- JEN Wilhelm. **Gradiva**. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1987.
- JUNG, C. G. **Memórias, sonhos e reflexões**. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1987.
- KATZ, Chaim S. **Ética e psicanálise: uma introdução**. Rio de Janeiro, Editora Graal, 1984.
- _____. **Psicanálise e instituição**. Rio de Janeiro, Editora Documentário, 1977.
- LACAN, Jacques. **Écrits**. Paris, Éditions du Seuil, 1966.
- _____. **Da psicose paranóica em suas relações com a personalidade**. Rio de Janeiro, Editora Forense, 1987.
- LAPLANCHE, Jean. **Problemáticas I. A Angústia**. São Paulo, Editora Martins Fonte, 1987.
- _____. **Problemáticas II. Castração. Simbolizações**. Buenos Aires, Amorrortu, 1988.
- _____. **Problemáticas III. La sublimación**. Buenos Aires, Amorrortu, 1987.
- _____. **Problemáticas IV. El inconsciente y el ello**. Buenos Aires, Amorrortu, 1987.
- LAPLANCHE e PONTALIS. **Fantasia originária, fantasia dos origens, origens da fantasia**. Rio de Janeiro, Zahar Editor, 1988.
- _____. **Vocabulaire de la Psychanalyse**. Paris, Presse Universitaire de France, 1984.
- LECLAIRE, Serge. **Para una teoría del complejo de Edipo**. Buenos Aires, Ediciones Nueva Visión, 1986.
- MANNONI, Octave. **Ça n'empêche pas d'exister**. Paris, Éditions du Seuil, 1982.

- _____. **Freud: el descubrimiento del inconsciente.** Buenos Aires, Ediciones Nueva Visión, 1987.
- PLASTINO, Carlos. Notas sobre a elaboração do conceito de pulsão em Freud. In: **Freud cinquenta anos depois.** Rio de Janeiro, Relume Dumará, 1989
- SEGAL, H. Introducción a la obra de Melanie Klein. In: **Obras Completas de Melanie Klein**, vol. I. Buenos Aires, Paidós, 1980.
- SOFOCLES. **A trilogia tebana.** Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1989.

GRAFIT GRÁFICA E EDITORA LTDA.
Rua Castro Tavares, 142 - Manguinhos
Rio de Janeiro - RJ - Brasil - CEP 21041-170
Tel.: (021) 290-1799, Fax (021) 590-6136
CGC: 30.274.062/0001-52